

# Escolma de Poesía Galega I

ESCOLA MEDIEVAL  
GALEGO-PORTUGUESA  
(1198-1346)

## II

A POESÍA  
DOS SÉCULOS XIV A XIX  
(1354-1830)

GALAXIA

Escollma  
de Poesia  
Galega  
I



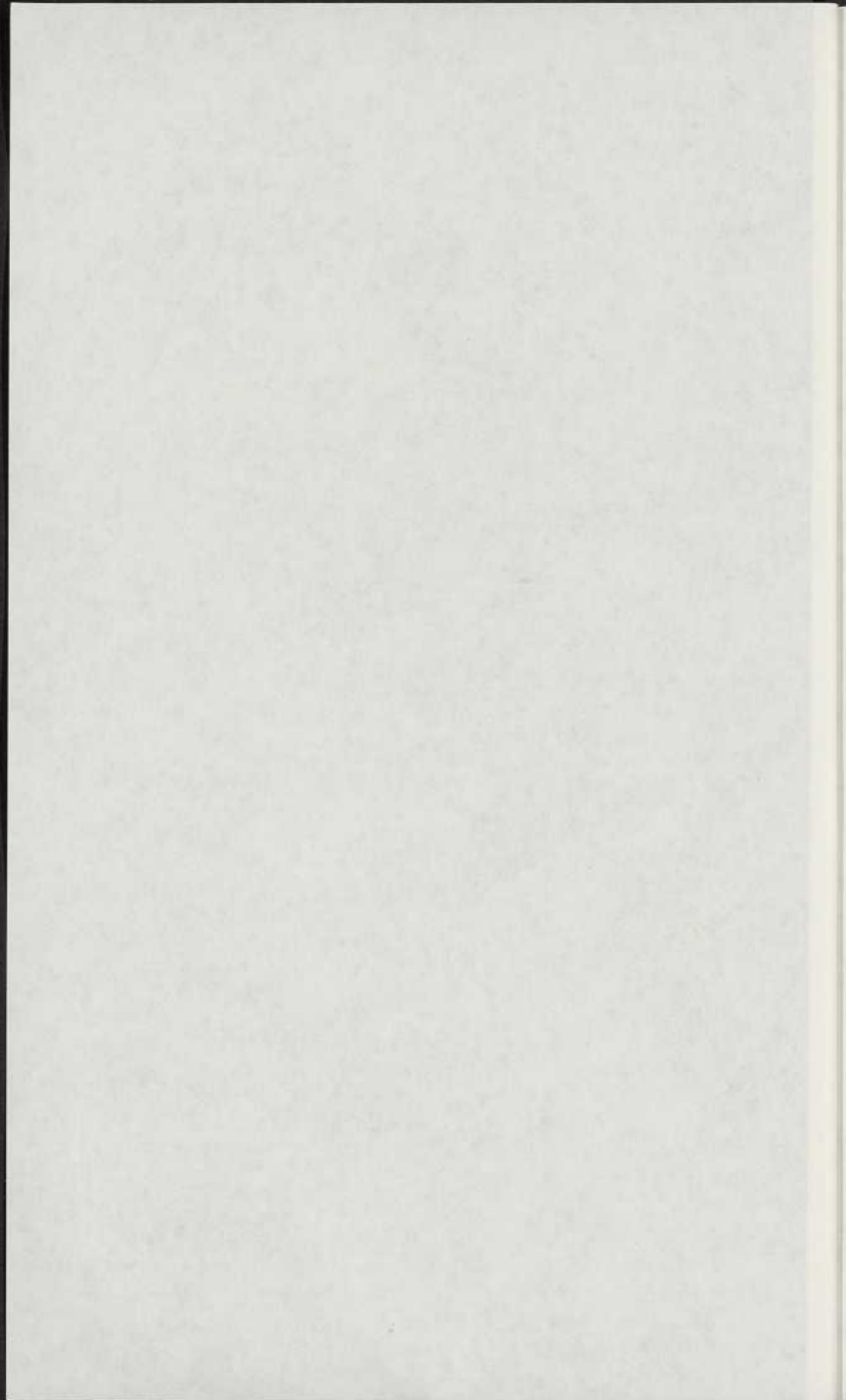
GALAXIA



87 12059-5



ESCOLMA  
DE POESIA GALEGA





**ESCOLMA  
DE POESIA GALEGA**



240588

Galaxia  
traca 20/05/08

*Desta edición facsimilar coeditada por Editorial Galaxia  
e a Real Academia Galega, conmemorativa do Día das Letras Galegas  
do ano 2008, dedicado a Xosé María Álvarez Blázquez,  
imprimíronse 750 exemplares.*

1ª edición, 1952

2ª edición, 2008

© HERDEIROS DE XOSÉ MARÍA ÁLVAREZ BLÁZQUEZ

© EDITORIAL GALAXIA, S. A. 1952

Avenida de Madrid, 44 - baixo. 36204 Vigo

[www.editorialgalaxia.com](http://www.editorialgalaxia.com)

ISBN 978-84-9865-097-6

Depósito legal VG-577-2008

IMPRIME GRÁFICAS VARONA, S.A.

# ESCOLMA DE POESIA GALEGA

LIM I

ESCOLA MEDIEVAL  
GALEGO-PORTUGUESA  
(1198-1346)

EDICION, NOTAS CRITICO-BIOGRAFICAS E GLOSARIO

DE XOSE M.<sup>a</sup> ALVAREZ BLAZQUEZ

LIMIAR DO PROF. M. RODRIGUES LAPA







ESCOLA

DE POESIA GALEGA

ESCOLA MEDIEVAL  
GALGO-PORTUGUESA  
(1198-1318)

EDICION, NOTAS CRITICO-HISTORICAS E GLOSARIO  
DE XOSÉ M.ª ALVARES BRANQUEL

LIMAR DO PROF. M. RODRIGUES LAPA



LIMAR DO PROF. M. RODRIGUES LAPA

## LIMIAR

*Esta Antologia do Sr. Alvarez Blázquez é uma homenagem, algo tardia, prestada em terras da Galiza à esplêndida cultura galego-portuguesa do século XIII. Esse florescimento poético já tinha sido objecto de estudo por parte de eruditos e historiadores como Murguía, López Ferreiro, Oviedo y Arce e outros; mas fazia falta um trabalho de selecção, feito por um escritor galego para o gosto galego dos nossos dias. Esse trabalho aparece agora.*

*Caso curioso: os poetas, que têm uma intuição divinatória do fenómeno de arte, não esperaram pela crestomatia para se deixarem largamente influenciar por esse lirismo. Alguns, e dos mais notáveis, um Bouza-Brey, um Alvaro Cunqueiro, já tinham ido aos velhos Cancioneiros chupar o mel dessas flores silvestres, criando uma corrente que poderíamos chamar neotrovadoresca, e se caracteriza pela adaptação das antigas formas, sobretudo a paralelística, à sensibilidade poética moderna. Por aí se vê como são estreitos os laços que prendem as gerações actuais à tradição do século XIII. A mensagem do trovado-*

rismo não se perdeu, e é talvez esse o seu maior elogio; mas para que essa revelação surta seu pleno efeito é necessário que se realize em todos os domínios do espírito e que tenha o carácter de uma incoercível libertação.

Na verdade, por muito contraditória que se nos afigure hoje a cultura trovadoresca, síntese de elementos bem dispares, ela é soberanamente um movimento de libertação das tutelas que pesavam sobre a cultura e, por isso mesmo, a primeira afirmação categórica do homem moderno. E essa primeira renascença foi ainda mais generosa e mais completa do que a segunda, por ter interessado nela todas as classes sociais desde o rico-homem ao humilde peão, e por ter alargado o conceito de arte à música e ao baile. O artista do século XIII criou uma obra mais genuína, embora menos perfeita, que o seu distante confrade do século XVI. Também imitou, mas sente-se menos a imitação, porque a ditadura dos autores clássicos não exercia ainda o feitiço avassalador que exerceu depois. A multiplicidade das influências e o seu carácter não livresco contrarrestou o domínio duma influência única e imprimiu à obra de arte um cunho de maior sinceridade; mas o que decididamente eleva a cultura trovadoresca na Península à altura dum símbolo é a combinação do culto e do popular, o gosto inveterado pela poesia colectiva e suas formas tradicionais. Sob este aspecto, o lirismo dos nossos jograis e trovadores não tem paralelo em nenhuma das literaturas modernas. E é este—note-se bem—o lado mais importante da sua mensagem: em arte como em tudo o mais, só junto ao povo, em estreita comunhão com ele, poderemos sentir a verdadeira inspiração e a verdadeira força.

Por coincidência feliz, o autor desta ESCOLMA

é também poeta, familiarizado com o velho lirismo trovadoresco e também influenciado por ele. Daí, o carácter especial que tem a colecção: a erudição pesada foi felizmente substituída pelo juízo estético da obra de cada artista; e, não há dúvida, que a este respeito o autor realizou obra acertada e útil, caracterizando o estilo e as tendências dos vários trovadores. Donde se pode concluir que só um poeta, ou um erudito que o seja, está em condições de compreender certas coisas delicadas dos nossos artistas medievais. Foi esse conhecimento que faltou a alguns romanistas interessados no nosso lirismo arcaico. Não basta a ferramenta do ofício, que aliás se quer ajeitada e moderna; simpatia, frescura de alma, viveza de imaginação também são indispensáveis para tornar presente, pleno e redivivo esse mundo encantado de outrora.

Uma das grandes dificuldades para quem se ocupa dos trovadores é e continua a ser a determinação dos seus lugares de origem, da sua pátria, digamos, no fraseado de hoje, que não correspondia ao de então. É, em muitos casos, uma tarefa vã; e isso mesmo tem um significado lisonjeiro, porque revalida a ideia de uma perfeita identidade entre as duas Galizas, a de além e a daquém Minho. Não importa que João Garcia de Guilhade fosse galego ou português. Não podemos tirar conclusões seguras do topónimo, que tanto aparece na Galiza como em Portugal, ao contrário do que pensava D. Carolina Michaëlis, que só encontrou lugares de Guilhade na Galiza, quando há pelo menos dois no norte de Portugal. O que interessa nesse prestigioso segrel, de tão marcada personalidade, é que ele encarna como poucos o sentido fundamental do génio galego-português, ora virado para as delicadas efusões do lirismo, ora dado à galhofa irreverente e des-

bragada. A faixa de território que ia, pelo menos, do Douro ao Cantábrico deitava, não há dúvida, homens parecidos física e mentalmente, que traziam consigo um velho substrato de cultura que a todos irmanava. É essa irmandade que convém acentuar, se quisermos entender algumas das essenciais modalidades do nosso temperamento. Obras como esta ESCOLMA são para isso contributos preciosos. Oxalá que o exemplo frutifique, e vejamos daqui por diante galegos e portugueses empenhados na tarefa comum de cultivarem o seu próprio jardim, criando nele flores de bom aroma, para admiração e regalo de todos, voltando assim à modelar competição e solidariedade do século XIII.

M. RODRIGUES LAPA

## PROLOQUIO DO COLECTOR

Unha escolma da lírica medieval galego-portuguesa, onde xogan mais de dúas mil composicións e perto de douscentos troveiros, por forza ten de resultar laboura dificultosa e arriscada, na que por voltas o colector deixa-ráse levar do gosto persoal, das simpatías e incrinacións íntimas, cando non das concesións aos valores anecdóticos, aos acenos da orixinalidade e do atrevimento.

Ao pór o noso pe nos carreiros frocidos dos vellos Cancioeiros, ñen sabíamos xa que o recendo da vexetación e a cor do conxunto, embazarían a cada intre aquela nidia ollada que era preciso manter pra atopar, antre tanta fermosura, as froles mais puras e de ulido mais virxinal, ascondidas, se cadra, baixo un verdegaio follaxe, de belezas soio aparentes. No coidado verxeu trunfan arreo as prantas ventureiras, que a man do pobo sementou e alí agromaron silandeiramente deica abrochar en acios de farturentos froitos. Non podemos negar que foi nista seara do frolecer popular onde nós quixemos facer o millor da colleita, pois é cousa sabida que alí están as esenzas líricas da terra, cuia seiva preciosa asómase ao mundo da poesía nos beizos da «amiga» que canta, atal que si fosen pétalos bermellos da vella roseira tradicional.

Quer isto decir que a meirande femenza prestada nista escolma ás cantigas de amigo é o resultado de unha conscente preferencia. Non refusamos, por ela, levar os nosos pasos polos sendeiros ben recortados da cantiga de amor—tema universal e perene da poesía—e, aínda, polo mato fragoso do escárneo e o maldicer, onde xurden ceito as toxeias de bravía raigaña racial, nas que o firente aguillón enrístrase cobexado na marela frol da ironía. Por alleos que semellen certos modos e decires da lírica medieval galego-portuguesa, o xenio da raza soubo aprel-xalos e facelos seus, do xeito levían con que a abella zuga os seus doces meles nos eidos foráneos.

Considerando que os Cancioeiros foron xa xuntados no seu tempo cun sinalado senso antolóxico, espigar agora neles resulta, cabalmente, un enredado traballo de escoller antre o escolleito. Con dor, téñense de desbotar

moitas auténticas alfoias líricas, cuio abandono somentes compre xustificar pola reiteración de pensamento e formas de escola que aportarían, anque tales pezas isoladas cobran todo o seu abuído valor. Outro impeitizo grave de salvar é o que trai aparelado o contido chocalleiro e malsoante do cancioeiro de bulras, inzado, por outra banda, de ditosos logros, gráficas espresións e finas tonalidás psicolóxicas, nun conxunto poético de rexo vigor espresivo, dino da millor literatura realista. O léxico rico de iste xénero, a axilidade temática, o fondo valor social que encerra, non teñen parellas na poesía medieval galego-portuguesa. Por tales razóns, ben se comprenderá a pena con que o colector ten de leixar fora a meirante parte dos escárneos e maldiceres, nun libro, coma o presente, destiñado ao gran público.

Outra non cativa dificultade radica na lectura e interpretación das cantigas. Sendo os apógrafos conecidos da Vaticana, de Colocci-Brancutti e da Ajuda, copias feitas de trasmán dos perdidos Cancioeiros orixinaes, non estranará res que neles abonden os erros, as omisións e os troques. Por riba de todo isto, as edicións modernas, aínda aquelas feitas coa mais esquisita preocupación diplomática, non poden menos de pecar de vicios semellantes, maiormente na dificultosa lectura dos textos mancados ou borrosos. Os eruditos, aplicados a resolver os varios problemas da nosa poesía medieval, teñen feito en moitos casos certas restituicións, que nas edicións críticas adoitan salvar, pofendo as verbas ou frases supostas antre paréntesis. Hora é xa de dar por boas istas salvedades, necesarias nos libros docentes, prescindindo da súa indicación gráfica nas edicións que non persiguen fins educativos. Tomamos, pois, coma valedoiras as restituicións feitas polos especialistas, procurando de iste xeito unha maior craridade e beleza gráfica do testo, e somentes en contados casos facemos nós uso dos claudatos, por tratarse de reconstruccións propias, cuia responsabilidade nos compete.

A forzada xuntanza de verbas, imposta pola conta silábica a que arrastraba a música con que eran entoadas as cantigas, entorpece tamén, coa supresión de letras ao comenzo e final das verbas, a nidia comprensión de moitas de elas, dando lugar a diversas interpretacións, sobre todo nas formas verbaes, que é comenente acrarar ao lector. A anarquía ortográfica, en fin, axuda a facer pouco doado o intento de una versión enteiramente crara pra o público non afeito. Nalgúns casos a escuridade formal, cando non seña propia do troveiro, será coasique imposible de desvear, aínda que non embace a esenza conceptual,

que será sempre o permanente valor da poesía. Unha certa vaguedade neboenta é consustancial coa nosa lírica do medioevo. Non, de certo, por inmátureza da fala, senón por forza dos mandatos do espírito.

Todas istas razóns aconselláronnos deleixar as innecesarias ligazóns das verbas, respetando apenas aquelas formas hoxe consagradas, e, de outra parte, a verquer os textos dos apógrafos na moderna ortografía galega. Non podía ser de outro xeito, tratándose de un libro que, coma enriba dixemos, vai destinaído á ávida grea de lectores non familiarizados cos vellos textos galego-portugueses, e que ten por fin principal a vulgarización dos mesmos, dando a conecer ás xentes de dentro e fora unha parte escolleita, anque mínima, do noso tesouro lírico medieval. Mais nista comprometida tarefa temos posto o maior coidado, mantendo un respecto total ao fonema; é decir, que a adaptación ás formas ortográficas do día non atenta pra nada á integridade do son, deica o punto en que hoxe énos dado conecer o cabal valor fonético dos síñios gráficos no medioevo. Iste respecto obrígounos a manter a ç, cuio valor non ten parellas no galego moderno, e, do mesmo xeito, os grupos *qu* e *gu* dediante das vocaes fortes, por considerarnos que o respectivo troque por *e* e *g* eliminaría o matiz diptongal que eles representaban. Endebén, non topamos dificultades na incorporación da *x*—cóasique unanimemente usada xa antre nós—, coma tampouco na adaptación as modernas grafías *ñ* e *ll* dos grupos *nh* e *lh*, vixentes en Portugal. Por razóns etimolóxicas, mantemos a forma anterga “trobar”, “trobador”, etc.

Un segundo aspecto do noso traballo, no que algunha cousa temos posto da nosa parte, é o relativo ás notas biográficas e críticas encol dos troveiros. Coidamos que era mester informar ao lector da persoalidade humán e artística de cada poeta, mais tamén eiquí decatámonos das imperfeccións e lagoas que por forza levaría o intento consigo. Afastados sete séculos de aquela sociedade boligante, na que tivo desenrolo o intre mais grorioso da nosa poesía; fallos, na meirande parte dos casos, de notizas certas e dinas de creto encol de unhas vidas escurecidas polo paso do tempo; envoltos nós nunha civilización tan alonxada espritoalmente de aquela outra que, aínda sendo nosa, nos fuxe das mans, coma cousa lendaria; enredados apenas nos tépedos veos do conxetural, o conecemento e interpretación dos feitos e andanzas dos trovadores aporta, nalgúns intres, o apouvigante desespero de quen tentase deschoer coa soia ollada as sete proverbiaes pechaduras do segredo. E, non embargantes, ningunha cousa hai tan atrafinte e suxestiva coma o intento de refacer,



pouquiño a pouco, xuntando cavilosamente os cativos retaes que aínda restan, o grande tapiz onde se representa o inerme exército de trovadores, xograres e soldadeiras, empeñados á unha en dar ao mundo os sons ben acordados das suas liras, adufes e pandeiros.

Foi mercede ao esforzo de dous grandes mestres da investigación literaria da Península, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ramón Menéndez Pidal, que istas pesquisas arredor das vidas dos troveiros gañaron un día entidade e valor; os vellos ferrapos íñan enchendo o cadro denantes valdeiro, e ali onde a paisaxe perdiase no vacío sen fondo do desconecido, a cultura ou o talento intuitivo de ambos especialistas tecía con fios sotís un inxenioso entramado de posibles solucións. Trais de eles, viñeron logo as novas xeracións de investigadores de aquí e alén Miño, aportando cada un o froito dos seus traballos e vixias, nun labourar sen folgo polo escrarecemento da vida e da obra dos troveiros galego-portugueses da Edade Media. Hoxe o campo está aberto aínda a novas pescudas, que cicaves nunca teñan comprido remate; mais no tapiz véñse xa ducias de retratos ben acabados, cos seus rexos perfís humanos, acenando con longa ollada e sorridente espresión a nosa curiosidade. Son as figuras ben talladas dos reis e dos fidalgos, dos cregos, dos guerreiros, e tamén as dos cativos segreles, que, por voltas, agrándanse de súpeto no seu rincón de homildanza e enchen o van coa apostura xigantesca que lles presta o seu arte supremo.

Fican aínda por definir as cores dos adovios, están esvaídas algunhas figuras, pérdense ao lonxe grupos anónimos. Mais todo isto prende de novos encantamentos a pintura, que amósase eisi envolveita nunha luz neboenta de empardecer. Grato é á ollada perdérese no país encantado, onde restan aínda, pra ledicia da ialma, segredos que descubrir.

O paseníño estudo da obra dos trovadores será sempre o guieiro millor pra ir acertando na liña dos seus degaros e andanzas. As edicións dos cancioeiros parciaes, que apenas se teñen intentado con algunhas figuras senlleiras—Alfonso X, D. Denis, Xohán García de Guillade, Martín Codax, Gómez Charifio—darán o rumbo pra o conecimento difinitivo de cada poeta; as esculcas demoradas nos arquivos aínda virxes, teñen de aportar asemade novos datos arredor das suas vidas. No entanto, a nosa tarefa ñabiase de cinguir á suma e confronto dos datos isolados, aos que, nalgún caso, cóuponos a sorte de engadir algo novo, pra brindar ao lector unha síntese biográfica e crítica dos troveiros, que fose capaz de lle axudar á comprensión da obra de cadaquén. Estamos certos que en moitos casos

será mester unha revisión, e de bo grado aceptamos de antemán calisquer xuízosa rectificación. A seguir do nome do troveiro pomos as datas do seu nacemento e morte ou as aproximadas, cando aquilas non son coñecidas, nun cálculo de cincuenta anos, que abranguerá o probabel tempo da creación artística do poeta.

As cantigas que enchen a presente ESCOLMA figuran no Cancioeiro da Biblioteca Apostólica Vaticana (C. V.), Cancioeiro Colocci-Brancutti, hoxe na Biblioteca Nacional de Lisboa (C. B.), Cancioeiro da Ajuda (C. A.) e nos varios Códices do Libro de Cantigas de Santa María, de Alfonso X, isto é, no Códice Escorialense b. I. 2 (E.), Códice Escorialense D. I. 1 (T.), Códice Toledano, que se garda na Biblioteca Nacional de Madrid (Tol.) e Códice Florentino, da Biblioteca Nacional de Florencia (F.).

O presente volume acolle, baixo un criterio puramente persoal, o mais granado da obra poética dos trovadores pertescentes á chamada escola medieval galego-portuguesa, cuio comén certo dáse no ano 1198, por corresponder á primeira cantiga de data coñecida, e cuio final acada coa morte do Conde de Barcelos, acaescida no ano 1354. Non remata nesta data, de tan súpeto modo, o frolecer lírico medieval de Galicia; a roseira aínda tería vida por un século mais, pero xa as súas froles abrocharían coa tristeira cor da caducidade, coma privadas do vidual orballo mañanceiro da inspiración. É o tempo do trasprante á terra cha das Castelas, onde o feitizo coorista dos mences do noso chán é suprantado polo devalante e largacío empardecer dos longos solpores, a turrar das sombras nunha infinda anguria de nunca morrer. Alá foi a nosa lírica topar seu longo lusco e fusco, dando lugar á escola galego-castelán, que non tería remate deica o intre mesmo en que, coa tráxica morte do grande amador Macías, morría no mundo occidental a voz aluarada das coitas de amor.

Iste momento final, nunzo da escuridade que seguiría dempois, será obxeto de un novo volume, que matinamos animar cunha escolla ilusioada da feiticeira poesía popular, se Deus nos dá azos, cara ás inquedanzas da vida, pra manter iste resto de ilusión.

...a maneira de pensar e de agir da sociedade brasileira, e de se libertar das amarras do passado colonialista e autoritário. A revolução social e política é o resultado de um movimento de libertação da sociedade brasileira, e não de uma revolução de classe.

...o movimento de libertação da sociedade brasileira, e não de uma revolução de classe. A revolução social e política é o resultado de um movimento de libertação da sociedade brasileira, e não de uma revolução de classe.

...o movimento de libertação da sociedade brasileira, e não de uma revolução de classe. A revolução social e política é o resultado de um movimento de libertação da sociedade brasileira, e não de uma revolução de classe.

## SANCHO I, O VELLO

(1159-1211)

Foi fillo de D. Alfonso Enríquez, a quen sucedeu no trono de Portugal en 1185. Denantes de herdar a coroa, o futuro rei fixérase notar nas loitas cos mouros, que levou con ánimo arriscado e boa fortuna. Logo, a sorte non sempre sería a súa compañeira, no longo batallar a que se viu forzado.

Sancho I tivo de soste unha contina liorta cos poderosos e co crero, que ancelaban somentes o seu medro persoal, namentras o rei topábase fallo de pecunia pra soste o país e a guerra cos mouros. A probeza enfeñóbase da terra, que ía ficando sin xente; de tal xeito, unha das mais fondas inqedanzas do monarca foi a de poupar a fuxida dos seus vasalos. O acerto con que levou a cabo o seu empeño valeulle o sobrenome de o Poboador.

Debemos a Don Sancho a primeira composición galego-portuguesa de data conecida, mostra senlleira do seu estro, aínda que é de supor se teñan perdido outras cantigas suas.

Trátase de unha «obra arcaica de distribución paralelística e metrificación irregular, sobre un tema de muifeira» (Filgueira Valverde), coa que, malia o seu pouco valer, encertamos con gosto a presente escolma, en homaxe de aquila secular irmandade da fala galego-portuguesa.

A cantiga está posta en beizos de Dona Maria Pais Ribeiro, alcuñada «A Ribeiriña», amante do rei. Iste teríaa escrito no ano 1198, co gallo da súa ausencia, seguindo o costume de que a namorada referise as andanzas do amigo.

¡Ai, eu, coitada, cómo vivo  
en gran coidado  
por meu amigo,  
que hei alongado!  
¡Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

¡Ai, eu, coitada, cómo vivo  
en gran desexo  
por meu amigo,  
que tarda e non vexo!  
¡Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

(C. B. 456.)

## BERNAL DE BONAVAL

(Fins do s. XII — 1.<sup>a</sup> metade do XIII)

Cóidase que foi nado nos arredores de Sant-Yago, nise sáudoso lugar de Bonaval, que xa leva a poesía no son, ao que o troveiro gusta de lembrar acotío nas suas cantigas, cicáís levado tanto da eufonia do nome coma da querencia nativa.

Temos da sua vida algúns rastros. Nunha das suas cantigas (C. V. 731) fala da «sagrazón de Bonaval», isto é, do mosteiro que fundara Santo Domingos baixo a advocación de Santa María, no ano de 1219, na emposta da vinda do santo a Compostela, e que foi consagrado en 1230.

Temos, polo tanto, a sospeita de que Bonaval viu ao mundo nos derradeiros anos do século XII, sendo un dos mais antergos trovadores conecidos.

Figuróu na corte do Rei Santo; levaba na sua compañía unha barragá, que lle custóu non poucas bulras de Abril Pérez, Airas Pérez e Pero da Ponte. É moi posibre que a causa dos seus estragos e vicios fose aquil outro amor turdio e inapreixabel, ao que alude nas suas cantigas; amor a unha outa dona da corte, cuio nome non pode o poeta descubrir. Anque, coma sempre, cómprenos pescudar deica onde o mortal amor trovadoreiro é reflexo de unha realidade ou sinxelo espellismo da maxinanza poética.

Por contra, a muller que lle facía compañía non tiña res de espritoal, no decir pouco dubidoso de Pero da Ponte:

«Don Bernaldo, pois traguedes  
convosco unha tal muller,  
a peor que vós sabedes,  
se o alguazil souber  
açoutárvola querrá...»

(C. V. 1175.)

Estivo Bonaval na campaña de Xaén, polos anos 1245 e 1246. Roto, famento, probe, Bernal de Bonaval cantaba dende lonxe as lembranzas da sua aldea, das romaxes e troulas. Nos seus versos sintense tremulecer as follas dos álbes vizosos, as augas das fontes e ríos que il enxergara na mocidade. Bo tipo de troveiro radío, xamáís esquen-céu a terra, e o nome de Bonaval andaba adoito nos seus beizos.

Da vellice e do probe adovio de Bonaval búlrase da-quela Xohan Baveca (C. V. 1063 e 1069), quén lle dá consellos pra lidar cos mouros e fai moca do seu balandrao, que non serve pra a choiva. A tempá mais fecunda do poeta decorre antre os anos 1224 e 1246.

Vós non trobades como proençal,  
mais como Bernaldo de Bonaval,  
por ende non é trobar natural  
pois que o dél e do demo aprendestes;

(C. V. 70.)

Isto decíallo nada menos que Alfonso X a Pero da Ponte, botándolle en cara que non ía pola corrente cortesán. Pra nós, a rexia censura ten hoxe o valor de unha loubanza, á par que nos pon perante os ollos a figura de Bonaval, coma mestre e guieiro, coma adiantado capitán das hostes da tradición poética galega.

O seu orixe vilao mantíñao entoadado no cerne vivo do lirismo popular, que xermolaba aínda nas cantigas de amor, onde os outros poetas percuraban seguir as iformas proenzaes. A poética de Bernal de Bonaval fica resumida, pois, nos versos do Rei Sabio: il non trovaba coma proenzal, trovaba coma galego. Era o mestre do «leixa-pren», que nos seus beizos garda toda a fresqueira seiva popular.

Dazanove son as composicións de Bonaval que recollen os Cancioeiros: oito son cantigas de amigo; o resto, dez de amor e unha tensón con Abril Pérez. En todos os xéneros o troveiro era mestre. O propio colector reconece a súa superioridade, cando di: «En esta ffolha adeiante sse começan cantigas d'amor do primeyro trobador Bernal de Bonaval.» É o mais doado que a primacia refírase, non ao tempo, senón ao valer. Unha boa proba témola, asemade, na curiosa tensón con Abril Pérez (C. V. 663), na que iste fidalgo troveiro honra a Bonaval co tratamento de Don, que en xustiza non lle cadraba, dada a súa condición social. Era, en troques, o reconecimento de unha outa categoría artística, que enlevóu a Bonaval por riba do común dos xograres e trovadores vilaios, e dinificóu a súa persoa diante da sociedade.

«O encanto das suas cantigas radica na siceiridade con que traduz a linguaxe afeitiva» (Filgueira Valverde).

A dona que eu amo e teño por señor  
amostrádema, Deus, se vos én pracer for  
senón dádema morte.

A que teño eu por lume destes ollos meus  
e por qué choran sempre, amostrádema, Deus,  
senón dádema morte.

Esa que Vós fecestes mellor parecer  
de quantas sei, ¡ai Deus!, facédema veer  
senón dádema morte.

¡Ai, Deus!, que ma fecestes mais ca mín amar,  
mostrádema ú posa con ela falar  
senón dádema morte!

(C. V. 657 = C. B. 1066.)

A Bonaval quero eu, mia señor, ir;  
e, des quando eu ora de vós partir,  
os meus ollos non dormirán.

Irme hei, pero me é grave de facer,  
e, des quando eu ora de vós toller,  
os meus ollos non dormirán.

Todavía ben será de provar  
de me ir, mais, des quando eu de vós quitar  
os meus ollos non dormirán.

(C. V. 660=C. B. 1069.)

¡Fremosas a Deus grado tan bon día comigo,  
ca novas mi disseron ca ven o meu amigo!  
¡ca ven o meu amigo,  
tan bon día comigo!

¡Tan bon día comigo, fremosas, a Deus grado,  
ca novas mi disseron ca ven o meu amado!  
¡ca ven o meu amado,  
fremosas, a Deus grado!

Ca novas mi disseron ca ven o meu amigo,  
e ando ende eu mui leda, pois tal mandado hei migo;  
pois tal mandado hei migo,  
ca ven o meu amigo.

Ca novas mi disseron ca ven o meu amado,  
e ando ende eu mui leda, pois migo hei tal mandado;  
¡pois migo hei tal mandado,  
ca ven o meu amado!

(C. V. 726=C. B. 1135.)

—Ai, fremosiña, se ben haxades,  
¿lonxi da vila quén asperades?  
—Vin atender meu amigo.

—Ai, fremosiña, se gradoedes,  
¿lonxi da vila quén atendedes?  
—Vin atender meu amigo.

—¿Lonxi da vila quén asperades?  
—Diréivolo eu, pois me preguntades:  
Vin atender meu amigo.

—¿Lonxi da vila quén atendedes?  
—Diréivolo eu, poilo non sabedes:  
Vin atender meu amigo.

(C. V. 728=C. B. 1137.)

Se veese o meu amigo a Bonaval e me vise,  
vedes como lle eu diría ante que me eu dél partise:  
se vos fordes, non tardedes  
tan muito como soedes.  
Diríalle eu: non tardedes,  
amigo, como soedes.

Diríalle eu: meu amigo, se vós a min muito amades,  
facede por mi atanto que boa ventura haxades:  
se vos fordes, non tardedes  
tan muito como soedes.  
Diríalle eu: non tardedes,  
amigo, como soedes.

¡Qué leda que eu sería se veese él falar migo!  
e, ao partir da fala, diríalle eu: meu amigo,  
se vos fordes, non tardedes  
tan muito como soedes.  
Diríalle eu: non tardedes,  
amigo, como soedes.

(C. V. 730=C. B. 1139.)

Dise a fremosa en Bonaval así:

—¡Ai, Deus! ¿ú é meu amigo daqui,  
de Bonaval?

Cuido eu coitado é seu corazón  
por que non foi migo na sagraçón  
de Bonaval.

Pois eu migo seu mandado non hei,  
xa me eu leda partir non poderéi  
de Bonaval.

Pois me aquí seu mandado non chegou,  
muito vin eu mais leda ca me vou  
de Bonaval.

(C. V. 731=C. B. 1140.)

Rogarvos quero eu, mia madre e mia señor,  
que mi non digades hoxe mal,  
se eu for

a Bonaval,  
pois meu amigo í ven.

Se vos non pesar, mia madre, rogarvos hei  
por Deus que mi non digades mal,  
e iréi

a Bonaval,  
pois meu amigo í ven.

(C. V. 732=C. B. 1141.)



## AIRAS NUNES

(Fins do século XII — 1.<sup>a</sup> metade do XIII)

Foi crego en Compostela. Ao longo da súa obra poética pódense tirar algunhas neboentas notas da vida de Airas Nunes. Na cantiga 1133 do C. V. refire o alcontro de un Bispo co Eleito; o profesor Filgueira Valverde interpreta o feito coma acaecido no tempo en que o «Arcebispo Don Bernardo II retirase a Sar (1237) e o seu sucesor, Don Xohan Airas, «eleito» polo cabido, rexía, aínda sin se consagrar, a eirexa compostelán».

Outra cantiga (C. V. 468) conta un paso escuro de outro certo Arcebispo en Redondela, que La Iglesia coida ser Don Pedro III Suarez de Deza, da familia pontevedresa dos Churruchaos, quen gobernou a sela compostelán dende 1173 a 1206, e Filgueira Valverde supón se trate do mesmo Arcebispo Airas. O estrano feito rimado polo trovador sería o rauto da sobriña de aquí, Dona Sancha Rodríguez de Segamondi, a mans de Gonzalo Fernández Gallinato, seu parente.

Outra cantiga de Airas Nunes (C. V. 458) refírenos, por beizos da namorada, a próisima romaxe do Rei a Sant-Yago, onde seu amigo ven. Asegún La Iglesia, matinando nunha data mais lonxana pra o nacemento do troveiro, o Rei sería Don Fernando II de León, mais Filgueira conta que a pelerinaxe é a que fixo Don Fernando III o Santo, no ano 1232.

Semella, pois, que Airas Nunes viveu antre 1175 e 1250; cando refire o acontecemento de Redondela, arredor de 1249, confésase vello:

e non houberon vergoña dos meus cabelos canos.

(C. V. 468.)

Crego en Sant-Yago, e crego distinto, pois vémolos andar á roda do Arcebispo, falagado sen dúbida polos trunfos poéticos, parez que nos derradeiros tempos da súa vida foi acenado pola sona da corte literaria do mozo Alfonso X, onde de seguro brillaría il con lumes non empréstados, xa que Airas Nunes era poeta cabal, capaz de termar coa mesma mestría nas cordas todas da lira. E, en efecto, o seu nome figura ao par da cantiga CCXXIII no códice «princeps» do Cancioeiro Marial, por cuia razón se ven considerando a Airas Nunes coma colaborador directo do Rei Sabio.

e fazo cantares en mil maneiras.

(C. V. 496.)

Il mesmo nolo dí; Airas Nunes cultivou todos os véneros que enchen os Cancioeiros. A sátira política e moral eralle doada; mais non llo eran menos a cantiga de amigo —pastorela bailada, cantar—, a cantiga de amor e, aínda, a bulra épica. Se engadimos agora que tamén tería com-

posto algún «miragre» pra o Cancioeiro de Santa Maria, conviremos que Airas Nunes non mentíu ao decir que trouvara en mil maneiras. Por tentalo todo, fixo imitacións do proenzal, empregando verbas de aquela fala (C. V. 460 e 461).

Mais iste polifacetismo do troveiro non míngo a calidade da súa poesía. Por contra, Airas Nunes é un prodixio de inspiración; pra Aubrey Bell, o maior xenio poético dos Cancioeiros. Non é il un troveiro de escola, afinado teimosamente ao bando de acá ou de acolá; ten a súa sensibilidade aberta aos ares todos do arte lírico e sabe, coma ninguén, apreixalos na súa caracola.

Unha soia das súas composicións, o sonado e mal chamado «Romance de Don Vela», abondaría pra lle dar un posto senlleiro na lírica galega. Encol de tan orixinal cantiga téfiense acordado as mais autorizadas voces. Xa o mestre Menéndez y Pelayo coida que non é propriamente un romance, “posto que a asonanza trócase cada tres versos, senón un anaco de cantar de xesta, relativo, ao parecer, ao reinado de Don Fernando o Magno, e que, se non é trasunto de orixinal castelán, coma semella doado, probará que Galicia non foi do todo estrana á elaboración épica”. A realidade é que se trata de unha xesta bulreira, de senso paródico, que algúns outros troveiros galego-portugueses (Xohan Soares de Pávia, Afonso López de Bayam), cultivaron tamén.

O donoso sirventés da percura da verdade, con longa proxenie na poesía peninsular, constitúe xurdia amostra do espírito galego de Airas Nunes. Mais nin iste sirventés, cheo de sán ironía, nin as fermosas bailladas (C. V. 462 e 464), co seu son de muíneira e a súa abuída líña popular, nin outra calesquer composición do poeta compostelán teñen aquí engado sin nome da pastorela, amparada na amante ledicia das cantigas do pobo, das que ven ser atal que unha solprendente caixa de música, facendo resoancia á melodía inxoi de escondidos cantares. O Marqués de Santillana, fino catador de esenzas líricas, viría logo a botar man da cantiga en que remata a pastorela de Airas Nunes pra enfeitar un dos seus vilancicos.

Poeta de toda pureza e de toda verdade, Airas Nunes pon nas cordas da súa lira unha ledicia xogoral e fresqueira, que il mesmo manifesta cando di:

Amor faz a mi amar tal señor,  
... ..  
e fazme alegre e fazme trobador.

(C. V. 457.)

De Airas Nunes gárdanse dazacoito cantigas no C. V. (454 a 469, e 1133), repetidas as mais de elas no C. B. (869 a 885).

Bailemos nós xa todas tres, ai amigas,  
so aquestas avelaneiras frolicas,  
e quén for belida como nós, belidas,  
se amigo amar,  
so aquestas avelaneiras frolicas  
verrá bailar.

Bailemos nós xa todas tres, ai irmanas,  
so aqueste ramo destas avelanas  
e quén for louçana como nós, louçanas,  
se amigo amar,  
so aqueste ramo destas avelanas  
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentre al non facemos,  
so aqueste ramo frolico bailemos.  
e quén parecer, como nós parecemos,  
se amigo amar,  
so aqueste ramo sol que nós bailemos  
verrá bailar

(C. V. 462=C. B. 879.)

—Bailade hoxe, ai filla, que pracer vexades,  
ante o voso amigo, que vós moito amades.  
—Bailarei eu, madre, pois me vós mandades,  
mais pero entendo de vós unha ren:  
de viver él pouco muito vos pagades,  
pois me vós mandades que baile ante él ben.

—Rógovos, ai filla, por Deus, que bailedes  
ante o voso amigo, que ben pareceades.  
—Bailarei eu, madre, pois mo vós dicesdes,  
mais pero entendo de vós unha ren:  
de viver él pouco gran sabor habedes,  
pois me vós mandades que baile ante él ben.

—Por Deus, ai mia filla, facede a bailada  
ante o voso amigo, de so a milgranada.  
—Bailarei eu, madre, daquesta vegada,  
mais pero entendo de vós unha ren:  
de viver él pouco sodes mui pagada,  
pois me vós mandades que baile ante él ben.

—Bailade hoxe, ai filla, por santa María,  
ante o voso amigo que vos ben quería.  
—Bailarei eu, madre, por vós todavía,  
mais pero entendo de vós unha ren:  
de viver él pouco tomades perfía,  
pois me vós mandades que baile ante él ben.

(C. V. 464=C. B. 881.)

Oi hoxe eu unha pastor cantar  
de ú cabalgaba per unha ribeira,  
e a pastor estaba í senlleira  
e ascondíme, pola ascuitar,  
e dicía mui ben este cantar:

«So lo ramo verde frofido  
bodas facen a meu amigo,  
je choran ollos de amor!»

E a pastor parecía mui ben,  
e choraba e estaba cantando;  
e eu mui paso fuime achegando  
pola oir, e sol non falei ren,  
e dicía este cantar muy ben:

«¡Ai, estornioño do avelanedo,  
cantades vós e moiro eu e peno:  
de amores hei mall!»

E eu oíaa sospirar entón,  
e queixábase estando con amores,  
e facía guirlanda de flores;  
des í choraba mui de corazón  
e dicía este cantar entón:

«¡Qué coita hei tan grande de sofrer:  
amar amigo e non o ousar veer!  
je pousarei so lo avelanall!»

Pois que a guirlanda fez a pastor,  
foise cantando, indose en manseliño,  
e torneime eu logo a meu camiño,  
ca de a noxar non hoube sabor,  
e dicía este cantar ben a pastor:

«Pela ribeira do rio  
cantando ía la virgo  
de amor: —¿Quién amores ha  
cómo dormirá,  
ai, bela frol?»

(C. V. 454 = C. B. 869.)

Porque no mundo mengóu a verdade  
puñei un día de a ir buscar,  
e ú por ela fuí preguntar  
dizeron todos: —Allur la buscade,  
ca de tal guisa se foi a perder  
que non podemos én novas haber,  
nen xa non anda na irmaidade.

Nos moesteiros dos frades regrados  
a demandeí, e diséronme así:  
—Non busquedes vós a verdade aquí  
ca muitos anos habemos pasados

que non morou nosco, per boa fe,  
nen sabemos onde ela agora esté,  
e de al habemos maiores cuidados.

E en Cistel, ú verdade soía  
sempre morar, diséronme que non  
moraba í había gran sazón  
nen frade de í xa a non coñocía;  
nen o abade, outrosí no estar  
sol non quería que fose í pousar,  
e anda xa fora da abadía.

En Santiago, sendo albergado  
en mía pousada, chegaron romeus,  
preguntéios e disseron: —Par Deus,  
muito levádelo camiño errado,  
ca se verdade quiserdes hachar  
outro camiño convén a buscar,  
ca non saben aquí dela mandado.

(C. V. 455.)

Desfiar enviaron ora de Tudela  
fillos de Don Fernando a El Rei de Castela,  
e dise El Rei logo: —Ide alá, Don Vela,  
desfiade e mostrade por mi esta razón:  
se quiseren per tallo do reino de León,  
fillen por én Navarra ou o reino de Aragón.

Aínda lles faredes outra preitesía:  
darlles hei per tallo quanto hei en Lombardía,  
e aquesto lles faço por partir perfía.  
E faço gran dereito, ca meus sobriños son:  
se quiseren per tallo do reino de León,  
fillen por én Navarra ou o reino de Aragón.

E veede ora, amigos se prendo eu engano:  
e facede de guisa que xa, sen meu dano,  
se quiseren trégoa dádella por un ano.  
Outórgoa por mi e por eles Don Gastón:  
se quiseren per tallo do reino de León,  
fillen por én Navarra ou o reino de Aragón.

(C. V. 466.)

A Santiago en romaría ven  
El Rei, madre, e prázme de corazón  
por duas cousas, se Deus me perdón,  
en que teño que me faz Deus gran ben:  
ca verei El Rei, que nunca vi,  
e meu amigo, que ven con él í.

(C. V. 458=C. B. 874.)

## XOHAN AIRAS

(Fins do s. XII — Derradeiro coarto do s. XIII)

«Burgués de Santiago», asegún informa o rubro do C. V. Por saberse que morou nas cortes de Castela e Portugal, a nota do Cancioeiro hai que tomala no senso da súa nacementa, aínda que tamén viveu en Galicia demostradamente. En dúas das súas cantigas demostra que escribe dende a terra, pois di nunha (C. V. 547) que iría a Portugal

por camiño de Lampai  
pasar Miño e Doiro e Gaia.

Lampai, e non Sampai, coma se ten lido con erro, está nos arredores de Compostela, ao par de Crecente, tamén citado polo autor. Noutra cantiga escribe (C. V. 536):

Andei, señor, León e Castela  
depois que me eu desta terra quitei.

«Como troveiro cortesán—di Filgueira Valverde—debeu residir longamente na corte de Alfonso X e tamén, cicais, na portuguesa, nos fins do reinado de Alfonso III e nos comezos do tempo de Don Denis.» Se consideramos, coma é adoitado, autobiográfica a mención de unha das súas cantigas, teremos por ela a noticia da súa volta de Portugal, cando unha amiga di á namorada:

Dixéronme ora, se Deus mi perdón,  
que vos traxe doas de Portugal.

C. V. 631.)

Tornaría daquela á súa santa cidade nadal, onde se debeu finar arredor do ano 1275.

Era Xohan Airas «trovador doado e fecundo, cuia muesa leda facíao agradabre na corte» (Carré Aldao). Il encarna o tipo de troveiro burgués, de vivir sinxelo e asosegado, de amores mainos, fondas amizades e faladurias cortesáns. Non hai notas discordantes nas súas poesías, crasificadas por J. J. Nunes en cincoenta cantigas de amigo, vintecinco de amor e dez de escárneo e maldicer.

En toda esta longa obra poética latexa un quente lirismo, ledizoso nas cantigas de amor, e un sereó “esprit”, moi galego e moi universal, nas cantiga de humor. As veces semella que, a traveso dos séculos, Xohan Airas está a falar conosco de cousas do seu tempo, facendo comentarios das vidas dos seus veciños, dos seus amigos e paren-

tes, coa sorna e picardía do que non quer cair na malicia profasadora. Il conece a nota bulreira do vivir alleo; seu fino espírito de burgués desatafegado apreixaa nuns versos zumosos e picantes, coma pequenos bocetos caricatureiros. Canta vez incide Xohan Airas no maldicer, sábese ceibar da difamación. Pasan polos puntos da sua pruma os tipos chocalleiros da Compostela de aquil tempo: Pero García e Dona María, Don Bieito, Mór da Cava, Don Pero Nunes..., e todos leixan un sorriso ao pasar.

Pois coma queira que Xohan Airas era poeta de verdade, tiña por forza que refusar as espresións prebeias, en que tantos troveiros foron cair. Pra mostra de que il era poeta de nidia vocación, abondará con alamiar a miudos grolos, coma quen caça un viño antergo, os versos ricaces da pastorela de Crecente, unha das mais bellidas composicións da lírica galega de todos os tempos.

Vi eu donas, señor, en cas de El Rei,  
fremosas e que parecían ben,  
e vi doncelas muitas ú andei  
e, mia señor, direivos unha ren:  
a mais fremosa de quantas eu vi  
lonxe estaba de parecer así

come vós; e muitas veces provei  
se veería de tal parecer  
algunha dona, señor, ú andei,  
e, mia señor, quérovos al dicer:  
a mais fremosa de quantas eu vi  
lonxe estaba de parecer así

come vós; e, mia señor, preguntei  
por donas muitas que oí loar  
de parecer nas terras ú andei,  
e, mia señor, pois mas foron mostrar,  
a mais fremosa de quantas eu vi  
lonxe estaba de parecer así.

(C. V. 534=C, B. 946.)

Meu señor rei de Castela,  
vénome vos querelar:  
eu ameí unha doncela  
por quén me ouvistes trobar,  
e con quen se foi casar,  
por quanto eu dela ben dixi,  
querme ora por én matar.

Fiador pera direito  
í quis perante vós dar;  
él hoube de mi despeito  
e mandoume desafiar.

Non lle ousei alá morar,  
veño a vós que me emparedes  
ca non hei quen me emparar.

Señor, por santa María,  
mandade ante vós chamar  
ela e min algún día.

Mandádenos razoar:  
se se ela de mi queixar,  
de nulla ren que disese  
en sa prisión quero entrar.

Se mí xustiça non val  
ante rei tan xusticeiro,  
irme hei ao de Portugal.

(C. V. 553.)

Pelo souto de Crecente  
unha pastor vi andar  
muito alongada da xente,  
alçando a voz a cantar,  
apertándose na saia  
quando saía la raía  
do sol nas ribas do Sar.

E as aves que voaban  
quando saía la albor,  
todas de amores cantaban  
pelos ramos de arredor,  
mais non sei tal que estevese  
que en al cuidar podese  
senón todo en amor.

Alí estivi eu mui quedo  
quis falar e non ousei;  
empero, dixei a gran medo:  
—Mia señor, falarvos hei  
un pouco, se me ascuitardes,  
e irme hei, quando mandardes,  
mais aquí non estarei.

—Señor, por santa María,  
non estedes mais aquí,  
mais ídevos vosa vía;  
faredes mesura í,  
ca os que aquí chegaren,  
pois que vos hacharen  
ben dirán que mais houbo í.

(C. V. 554 = C. B. 967.)



¡Qué de ben me ora podía facer  
Deus, se quítese, e non lli custa ren! :  
contarme os días que non pasei ben  
e dar-me outros tantos a meu pracer  
con mia señor, ca, se Deus mi perdon,  
os días que vive home a seu pracer  
debe a contar que vive, e outros non.

E mia vida non a debo chamar  
vida, mais morte a que eu xa pasei  
sen mia señor, ca nunca ledó andei  
e non foi vida, mais foi gran pesar;  
por én saben quantos no mundo son,  
os días que vive home sen pesar  
debe a contar que vive e outros non.

E os días que sen mia señor  
Deus fez viver, paseios eu tan mal  
que nunca vi pracer de min nen de al;  
e esta vida foi tan sen sabor  
que quen a xulgar quíser con razón,  
os días que vive home a seu sabor  
debe a contar que vive e outros non.

(C. V. 544=C. B. 957.)

A por quén perço o dormir  
e quedo mui namorado,  
véxoa aquí partir  
e fico eu deseparado;  
a mui gran pracer se vai  
daquende en sa mua baía;  
vestida dun pres de Cambrai,  
¡Deus, qué ben lle está manto e saia!

A morrer hoube í por én,  
tanto a vi ben tallada  
que parecía mui ben  
en sua sela dourada;  
as sueiras son de ensai  
e os arços de faia;  
vestida dun pres de Cambrai,  
¡Deus, qué ben lle está manto e saia!

Se a podese eu fillar  
terriame por ben andante,  
en os braços a levar  
na coma do rocín deante;  
por camiño de Lampai  
pasar Miño e Doiro e Gaia;  
vestida dun pres de Cambrai,  
¡Deus, qué ben lle está manto e saia!

Se a podese eu alongar  
quatro leguas de Crecente,  
e nos braços a fillar,  
apertala fortemente;  
non lli valría dicer ai,  
chamar Deus nen santa Ovaia;  
vestida dun pres de Cambrai,  
¡Deus, qué ben lle está manto e saia!

(C. V. 547.)

O meu amigo novas sabe xa  
daquestas cortes que se ora farán;  
ricas e nobres dicen que serán  
e meu amigo ben sei que fará  
un cantar en que dirá de mi ben,  
ou o fará ou xa o feito ten.

Loarmi ha muito e chamarmi ha señor,  
ca muito ha gran sabor de me loar;  
a muitas donas fará gran pesar,  
mais él fará, como é mui trobador,  
un cantar en que dirá de mi ben,  
ou o fará ou xa o feito ten.

En aquestas cortes que faz El Rei  
loarmi ha e meu bon parecer,  
e dirá quanto ben poder dicer  
de min, amigas, e fará ben sei,  
un cantar en que dirá de mi ben,  
ou o fará ou xa o feito ten.

Ca o viron cuidar, e sei eu ben  
que non cuidaba xa en outra ren.

(C. V. 597.)

Amigo, quando me levou  
mía madre, a meu pesar, daqui  
non soubestes novas de mi;  
e por maravilla teño  
por non saberdes quando vou  
nen saberdes quando veño.

Pero que vos chamastes meu  
amigo, non soubestes ren  
quando me levaron daquén;  
e maravillome por ende,  
por non saberdes quando me eu  
veño ou quando vou daquende.

Catei por vós, quando a partir  
me hoube daquí, e pero non  
vos vi nen veestes entón,  
e mui queixosa vos ando,  
por non saberdes quando me ir  
quero ou se verréi xa quando.

E por amigo non teño  
o que non sabe quando vou  
nen sabe quando me veño.

(C. V. 598.)

O meu amigo non pode haber ben  
de mi, amigas, vedes por que non:  
él non mo diz, así Deus mi perdon,  
nen llo digo eu, e así nos avén:  
él con pavor non mo ousa a mentar;  
eu, amiga, non o poso rogar.

E gran sazón ha xa, per boa fe,  
que él o meu ben podera haber,  
e xamais nunca mo ousou dicer  
e o preito diréivos eu como é:  
él con pavor non mo ousa a mentar;  
eu, amiga, non o poso rogar.

E gran tempo ha xa que lle eu entendí  
que mo disseron, mais hoube í pavor  
de mi pesar e, par Nostro Señor,  
prouguérame ende, e estamos así:  
él con pavor non mo ousa a mentar;  
eu, amiga, non o poso rogar.

E o preito guisado en se chegar  
era, mais non o quiso começar.

(C. V. 600.)

Par Deus, mia madre, houbestes gran pracer  
quando se foi meu amigo daquí,  
e ora ven, e praz én muito a mi,  
mais unhas novas vos quero dicer\*.  
se vos pesar, sofrédeo mui ben,  
ca así fixe eu, quando se foi daquén.

Ca fostes vós mui leda do meu mal,  
quando se él foi, e querreivos eu xa  
mal por ende; e dicenmi que verrá  
mui cedo, e quérovos eu dicer al:  
se vos pesar, sofrédeo mui ben,  
ca así fixe eu quando se foi daquén.

(C. V. 608=C. B. 1018.)

Pero García me dise  
que mia señor con él vise,  
e diselle eu, que non oíse:

Ai, Pero García,  
gran medo hei  
de dona María  
que nos mataría.

Díseme él: —Aventuremos  
os corpos, e alá entremos.

E diselle eu: —Non o faremos;

ai Pero García,  
gran medo hei  
de dona María  
que nos mataría.

Díseme él: —Entremos ante  
que dona María xante.

E dixeu eu: —Ide vós deante;

ai, Pero García,  
gran medo hei  
de dona María  
que nos mataría.

¡Mal coñocedes dona María,  
ai, Pero García!

(C. V. 1071.)

Os que dicen que veen ben e mal  
nas aves, e de agoirar preito han,  
queren corvo seestro quando van  
allur entrar, e dígollos eu al:  
que Xesu Christo non me perdon  
se ante eu non quería un capón  
que un gran corvo carñaçal.

E o que diz que é mui sabedor  
de agoiro e de aves, quando algun quer ir  
quer corvo seestro sempre ao partir,  
e por én digo eu a Nostro Señor  
que El me dé cada ú eu chegar  
capón cebado pera meu xantar,  
e dé o corvo ao agoirador.

Ca eu ben sei as aves coñocer,  
e con patela gorda mais me praz  
que con bullafre contra e nen viaraz,  
que me non pode ben nen mal facer;  
e o agoirador torpe que diz  
que mais val o corvo que a perdiz,  
nunca o Deus leixe mellor escoller.

(C. V. 601.)

Foise o meu amigo a cas de El Rei  
e, amigas, con grande amor que lle hei,  
quando él veer, xa eu morta serei;  
mais non lle digan que morrí así,  
ca se souber como eu por él morrí,  
será mui pouca sa vida des í.

Por nulla ren non me poso guardar  
que non moira cedo e con gran pesar,  
e, amigas, quando él aquí chegar  
non sábia per vós qual morte eu prendí,  
ca se souber como eu por él morrí,  
será mui pouca sa vida des í.

E morrerei cedo, se Deus quiser,  
e, amigas, quando él aquí veer,  
desmesura fará quen lli diser  
qual morte eu fillei desque o non vi,  
ca se souber como eu por él morrí,  
será mui pouca sa vida des í.

Xa non poso de morte guarecer,  
mais, quando se él tornar por me veer  
non lli digan como me él fez morrer  
ante tempo, porque se foi daquí,  
ca se souber como eu por él morrí,  
será mui pouca sa vida des í.

(C. V. 634 e 638=C. B. 1044 e 1048.)

Ameivos sempre amigo,  
e fizvos lealdade;  
se preguntar quiserdes  
en vosa puridade  
saberedes, amigo,  
que vos digo verdade;  
ou se falar houberdes  
con algún maldicente  
e vos quiser, amigo,  
facer al entendente,  
¡dicédelli que mente,  
dicédelli que mente!

(C. V. 635=C. B. 1045.)

## AFONSO EANES DO COTON

(Fins do s. XII—Primeira metade do XIII)

Nasceu en San Xohan de Negreira (A Cruña), sendo contemporáneo dos grandes mestres da escola compostelán. O pazo de Cotón, verdadeiro castelo brasoado, érguese aínda onde o río Barcala axúntase co Tambre.

Era Afonso do Coton—asegún mais comunmente figura na nómina dos Cancioeiros—un cabaleiro de nobre funduxe. Acotío gabábase nas suas composicións de gañar a vida no exercicio das armas. Non embargantes, a sua condición social non foi sempre a mesma. Carré Aldao considéranlo “de ilustre familia..., protector e amigo dos troveiros do seu tempo”; mais pra Rodrigues Lapa, Cotón sería apenas un «cabaleiro-vilao».

O mais doado é que Cotón houbera tido na sua vida dous intres ben distintos: un de enlevamento e dinidade social, no servico do Rei e das armas; outro de envilecemento e probeza, ao que sería empurrado pola sua vida desgarrada e tola de tafur e bebedor, entrampado no xogo e en toda sorte de aventuras. Cóntase que nunha distas veu morrer a mans do seu propio amigo e discipre Pero da Ponte, cando xuntos bebían nunha taberna de Cibdá Real.

Cotón andivo na corte de Fernando III. Entón aínda mantiña un resto da sua dinidade. Ali tensonou con Pero da Ponte (C. V. 556); da intresante tensión dedúcense dous datos dinos de notar: a patria común de ambos troveiros, Galicia, e a superioridade social de Cotón sobre o Da Ponte. Dí aquíl:

En nosa terra, se Deus me perdon,  
a todo escudeiro que pede don  
as mais das xentes lle chaman segrer.

Pero da Ponte, levado do afago servil, chega a facer comparanza antre o seu mestre opositor e Corazón de León.

Depois Eanes do Coton andivo outras terras de Castela—León, Castro, Burgos, Palenza, Carrión... No seu escurriado andar facíalle compañía unha muller de dubidosa condición, cícais viuva, cícais solteira, cícais monxa renegada, mais, en verdade, non a sua dona lexitima. Debe ser por entón cando o cabaleiro portugués Martín Soares lle adica un forte maldicer baixo a seguinte rúbrica: «Esta outra cantiga fez a Affons'Eanes de Coton, foy de mal-dizer, aposto en que mostrava dizendo mal de ssey as manhas que o outro avya, e diz assi.» (C. V. 966.) Mágoa de non poder nós copiar eiquí as malsantes verbas do cabaleiro portugués; no seu pensamento, Cotón sabe que

aínda está a tempo «se fose anvexoso, caer en bon prez e honrado ser», mais o vizo alástrao polos camifios do mal:

e págome muito dos dados xogar,  
... ..  
e destas tabernas e deste beber.

Aínda non eran ístes, mais os que se calan, os estra-  
gos en que caira o trovador; coma xa vai vello, non  
é quen de mostralos todos:

Aínda eu outras mafias había  
porque eu non poso xa muito valer;  
nunca vos entro na tafularía  
que ill non haxa algún preito a volver.

Iso si; o xenio alporizado de Cotón farialle compañía  
deica a morte. Xa dixemos enriba coma foi nunha destas  
que atopóu o fin, na rifa que tivo con Pero da Ponte.  
A noticia dánola Don Alfonso X, en aceiradas estrofas de  
escárneo (C. V. 68 e 70). O feito, anque dubidoso, cheo  
de verosimilitude, aconteceria arredor do 1250.

Afonso do Coton ten vinte cantigas nos Cancioeiros,  
as mais de escárneo e maldicer (C. V. 1111 a 1123; 1149-50  
e 555), agás tres cantigas de amigo (C. V. 411-13=C. B.  
825-27), de celmoso feitozo lírico, e a devandita tensón  
con Pero da Ponte (C. V. 556).

Cotón foi, por riba de todo, poeta satírico; a sua fe-  
bra humorística non cede nin diante das maliaxes pro-  
prias. Rifa, tensoa, búlrase das xentes e cuásique fai es-  
cárneo da sua tristura cando, andurifiando a fame e o  
frío, di aos seus amigos: «...pero vos ledo semello, muito  
anda triste meu corazón». Ollamos ao poeta mocarse do  
mundo, semellar ledicia, botar as mágoas ao lombo, e,  
non embargantes, morrer na anguria do seu derrubamen-  
to. Il era o que denantes vestía bos panos, gafiados coas  
armas, e afeiáballe ao Da Ponte que pidese don, chamán-  
dose trovador; agora él debía andar tamén a cantar coma  
segrer, vivendo coma quen diz, da esmola. Eanes do Co-  
tón, se aínda tía un chisco de nobreza no sangue, acor-  
rería por forza ao achego da sátira. Isa foi, de certo,  
a sua perene liña poética; cicais ao comén a seguise por  
orgulo de sangue e imperativo de raza; dempois, os im-  
peitizos da vida fixéronlla acadar coma escudo.

«O seu espírito fundamento humorístico, fuxiu dos sa-  
loucos sentimentaes e dos cantos heroicos, e foi sentir  
nas verdades de dobre fondo a ironía e a compaixón que  
nas almas comprensivas inspiran. A sua pruma, áxil  
coma o seu pensamento, escribellou nos temas onde  
hachou humorismo. Non reparóu na crás deles. Foi un ar-  
tista que despreciou as comenencias sociaes» (Magarinos  
Negreira).

Tan forte era, en verdade, ise seu desprezo do fondo

e das formas, que hoxe resulta pra nós moi dificultoso escolmar da sua obra algunha cousa que resista o xuízo da decencia.

—Ai, meu amigo e meu lume e meu ben véxovos ora mui triste; por én quería saber de vós ou de alguén qué est aquesto, ou porque o facedes.

—Par Deus, señor, diréivos unha ren:  
mal estou eu, se o vós non sabedes.

—Mui triste andades ha mui gran sazón, e non sei eu por qué nen por que non; dicédemi ora, se Deus vos perdon, qué est aquesto, ou porque o facedes.

—Par Deus, ai, coita do meu corazón, mal estou eu, se o vós non sabedes.

—Vós triste andades e eu sen sabor ando, porque non son sabedor se volo faz facer coita de amor ou qué est aquesto, ou porque o facedes.

—Par Deus, ai mui fremosa mia señor, mal estou eu, se o vós non sabedes.

—Mui triste andades e non sei eu o por qué é, poilo non vexo eu; dicédemio, e non vos sexa greu, qué est aquesto ou porque o facedes.

—Par Deus, señor, a mia coita e [ben] meu, mal estou eu, se o vós non sabedes.

(C. V. 411=C. B. 825.)

—Pero da Ponte, nun voso cantar que vós hogano fecestes de amor fôstevos í escudeiro chamar; e dicede ora tanto, ai, trobador: pois vos escudeiro chamastes í, ¿por qué vos queixades ora de mi, por meus panos que vos non quero dar?

«Afonso Eanes, se vos en pesar tornádevos a voso fiador e de me eu í escudeiro chamar, e porque non, pois escudeiro for; e se peço algo, vedes quanto ha í: non podemos todos guarir así como vós, que guarides por lidar.»



—Pero da Ponte, quen a mi veer  
desta razón ou doutra cometer  
querrévolo eu responder se souber,  
como trobador debe responder:  
en nosa terra, se Deus me perdon,  
a todo escudeiro que pede don  
as mais das xentes lle chaman segler.

«Afonso Eanes, este é meu mester,  
e per esto debo eu a guarecer  
e per servir donas quanto poder;  
mais unha ren vos quero dicer:  
en pedir algo non digo eu de non  
a quen entendo que faço razón,  
e alá lide quen lidar souber.»

—Pero da Ponte, se Deus vos perdon,  
non faledes mais en armas, ca non  
vos está ben, esto sabe quen quier.

«Afonso Eanes, fillarei eu don;  
verdade é de vós, ai Cor de León,  
e faça, pois, cadaquén seu mester.»

(C. V. 556.)

Se gradoedes, amigo,  
de mí, que gran ben queredes,  
falade agora comigo,  
por Deus, e non mi o neguedes:  
amigo, ¿por qué andades  
tan triste ou por qué chorades?

Pois eu non sei como entenda  
por qué andades coitado;  
se Deus me de mal defenda,  
quería saber de grado,  
amigo, ¿por qué andades  
tan triste ou por qué chorades?

Todos andan trebellando,  
estes con que vós soedes  
trebellar, e vós chorando;  
por Deus, ¿e qué demo habedes?;  
amigo, ¿por qué andades  
tan triste ou por qué chorades?

(C. V. 412 = C. B. 826.)

A unha vella quis eu trobar  
quando en Toledo fiquei desta vez,  
é veo mi cá Orraca Lopes rogar  
e díseme así: —Por Deus, que vos fez,  
non trobedes a nulla vella aquí,  
ca cuidarán que trobades a mí.

(C. V. 1122.)

## PERO DA PONTE

(Fins do século XII — Derradeiro coarto do XIII)

Pra Murguía, Carré e Antonio de la Iglesia, o Ponte que serve de apelido ao trovador sería Pontevedra, mais isto non pasa de unha sospeita, afirmada na opinión de López Ferreiro, quen coída que o troveiro era Pedro Fernández da Ponte, de documentada vida.

Que foi galego non ten dúbida, antre outras razóns polas suas adoitadas alusións a feitos e persoaxes vencellados a Galicia. Lembremos a paisanaxe con Afonso do Cotón, asegún a tensión que ambos sostiveron.

Don Alfonso X, nunha das sátiras que lle botou (C. V. 70) chámalle Pedro Vila-Real, coma querendo darlle unha segunda nacementa a seguir da morte que alí diz deus a Cotón, cando xuntos bebían «viño de Villarreal», e traís o soposto roubo do caderno de trovas do que fora seu mestre.

Agás do Rei Sabio, adicaron escárneos a Pero da Ponte, Fernán Rodríguez Redondo e o devantito Cotón. Aquil, nunha truncada cantiga (C. V. 1148), semella dar a entender que as calzas que leva son roubadas; iste (C. V. 1149) fala do corpo disforme, mal tallado, de Pero da Ponte.

Escudeiro na corte de Don Fernando III, deuse maña Pero da Ponte pra conquistar o resolto favor real, no que medrou arreo. Viaxou polas dúas Castelas, Andalucía, Navarra e Aragón, cantando eiquí na corte de Don Xaime I, a quen adica os seus loubores. Falagado pola nobreza, gabábase do seu outo estado, da sua vida aseogada coma troveiro de fidalgas donas: «este é meu mester... e per servir donas quanto poder».

No ano 1224 acompañou a Don Fernando III nas primeiras campañas andaluzas. No 1253 Don Alfonso X conteriulle a encomenda de facer unha certa enquisa en Astorga. O trovador non perdeu endexamais a estima rexía, aínda dempois do que acontecera en Vila Real. Ben é verdade que os críticos modernos dubidan da realidade do feito; antre nós, Filgueira Valverde coída que o crime e o roubo «non pasarán de ser unha de tantas facecias «escarniñas», a que tan dado era Alfonso X».

Dempois de percorrer a España, Pero da Ponte achegouse algún tempo ás cortes de Lemosin.

Longa foi a vida de iste encumiado troveiro cortesán pois sábese que aínda versificaba polo ano 1267.

Pero da Ponte é un dos mais fecundos trovadores galegos, con cincoenta e catro composicións nos Cancioeiros.

E por én foi Cotón mal día nado,  
pois Pero da Ponte herda seu trobar.

Isto diz Alfonso X (C. V. 68), e se desbotamos o senso real do roubo, a frase do rei refirirase a unha herdanza espritoal, ou de escola. Mais é ben certo que o xenio poético de Pero da Ponte foi moito meirande que o de Cotón.

Tíña Da Ponte un inxenio vizoso e condicións de grande versificador. No cultivo de todos os xéneros, puxo sempre algunha cousa nova de seu; foi il quén encertou o tema da doncela e o escudeiro, anovou as formas métricas e compuxo un pranto bulreiro en alexandrinos, que lembran o monorrímo épico, senlleira amosa do xénero na nosa lírica medieval (C. V. 1189).

Depois de uns comenzos pola vía popular, con cantigas de amigo, e obrigadas estrenas nas modas proenzas da cantiga de amor, Pero da Ponte diu na bulra e na loubanza cortesáns, chegando a ser algo eisi coma o troveiro oficial da corte. A il débense os poucos prantos que a escola galego-portuguesa produxo: en tons cuásique místicos chorou a morte de Dona Beatriz de Suavia, acontecida en Toro o 5 de Santos de 1235; en 1236 adica tamén un sentido pranto á morte de Don Lope Díaz de Haro, alférez do Rei; en 1238 compón outra elexía pola perda de Don Tello Alfonso de Meneses, e, de resto, chorou nun sirventés de fondo sentimento o fin de Don Fernando III, o Santo, «amigo dos troveiros do seu tempo», que tanto o emparara a il. Ista orixinal faceta de Pero da Ponte que axuda a fixar a súa personalidade, foi cavilosamente estudada polo profesor Filgueira Valverde, no seu erudito traballo encol do pranto na literatura galega.

A lira polifónica de Pero da Ponte vibrou asemade co gallo de soados feitos de armas, coma a toma de Sevilla e a conquista da fronteira dos mouros, ou en loubor dos reis alleos, como no canto a Don Xaime I de Aragón, “o que Valença conquistou” (C. V. 578). No escárneo e maldicer e, aínda, na tensión puxo de manifesto a raigafía racial do seu espírito. En calisquer xénero que termase, Pero da Ponte mantíñase sempre na mesma tensa e outa líria poética.

«Pero da Ponte, seguidor de Bonaval, e por elo deostado nos escarneos de Alfonso X, representa o trunfo da escola galega, a rifar coa proenzal, cuia técnica e fala non embargantes dominaba. A historia das letras hispánicas débelle un posto de honra, pola raiz tradicional do seu arte e a firme independenza do seu espírito» (Filgueira Valverde).

—¿Vistes, madre, o escudeiro  
que me houbera a levar sigo?

Mentille, vaime safudo

mia madre, ben volo digo:

madre, namorada me leixou,

madre, namorada mi ha leixada,

madre, namorada me leixou.

Madre, vós que me mandastes  
que mentise a meu amigo,  
¿qué consello mi daredes  
ora, pollo non hei migo?;

madre, namorada me leixou,  
madre, namorada mi ha leixada,  
madre, namorada me leixou.

—Filla, dóuvos por consello  
que, tanto que vos él vexa,  
que toda ren lli façades  
que voso pagado sexa.

—Madre, namorada me leixou,  
madre, namorada mi ha leixada,  
madre, namorada me leixou.

—Pois escusar non podedes,  
mía filla, seu gasallado,  
des oimáis eu vos castigo  
que lle andedes a mandado.

—Madre, namorada me leixou,  
madre, namorada mi ha leixada,  
madre, namorada me leixou.

(C. V. 417=C. B. 831.)

—Ai, madre, o que me namorou  
foise noutro dia daquí  
e, por Deus, ¿qué faremos í,  
ca namorada me leixou?

—Filla, facede ende o mellor:  
pois vos seu amor enganou,  
que o engane voso amor.

—Ca me non sei consellar,  
mía madre, se Deus mi perdon.

—Dicede, ai filla, ¿por qué non?;  
quérome volo eu mostrar:  
filla, facede ende o mellor:

pois vos seu amor enganou,  
que o engane voso amor.

Que o recebades mui ben,  
filla, quando ante vós veer,  
e todo quanto vos fiser  
outorgádello, e, por én,  
filla, facede ende o mellor:

pois vos seu amor enganou,  
que o engane voso amor.

(C. V. 423=C. B. 837.)

Señor do corpo delgado,  
en forte ponto eu fui nado,  
que nunca perdi cuidado  
nen afán, desde vos vi;  
en forte ponto eu fui nado,  
señor, por vós e por mi.

Con este afán tan longado,  
en forte ponto eu fui nado,  
que vos amo sen meu grado  
e faço a vós pesar i;  
en forte ponto eu fui nado,  
señor, por vós e por mi.

¡Ai! eu, cativo e coitado,  
en forte ponto eu fui nado,  
que serví sempre endoado  
onde un ben nunca prendí;  
en forte ponto eu fui nado,  
señor, por vós e por mi.

(C. V. 570 = C. A. 292.)

Pois de mía morte gran sabor habedes,  
señor fremosa, mais que doutra ren,  
nunca vos Deus mostre o que vós queredes;  
pois vós queredes mía morte; por én,  
rogo a Deus que nunca vós vexades,  
señor fremosa, o que desexades.

Non vos ando eu por outras gallardías,  
mais sempre aquesto rogarei a Deus  
en tal que tolla El dos vosos días,  
señor fremosa, e enada nos meus;  
rogo eu a Deus que nunca vós vexades,  
señor fremosa, o que desexades.

E Deus sabe que vos amo eu muito  
e amarei en quanto eu vivo for;  
El me leixe ante por vós trager luito  
ca vós por mi; por én, mía señor,  
rogo eu a Deus que nunca vós vexades,  
señor fremosa, o que desexades.

(C. V. 571.)

O mui bon rei que conquis a fronteira  
se acabou quanto quis acabar,  
e que se fez, con razón verdadeira,  
en todo o mundo temer e amar;  
este bon rei de prez, valente e fis,  
rei don Fernando, bon rei que conquis  
terra de mouros ben de mar a mar.

A quén Deus mostrou tan gran maravilla  
que xa no mundo sempre han qué dicer  
de quán ben soube conquerer Sevilla  
per prez, per esforço e per valer;  
e da conquista mais vos contarei:  
non foi no mundo emperador nen rei  
que tal conquista podese facer.

Non sei hoxe home tan ben razoado  
que podese contar todo o ben  
de Sevilla, e por ende, a Deus grado,  
xa o bon rei en seu podela ten;  
a mais vos digo: en todas tres las leis,  
quantas conquistas foron doutros reis,  
após Sevilla todo non foi ren.

Maillo bon rei que Deus mantén e guía  
e quer que sempre faça o mellor,  
este conquis ben a Andalucía  
e non catou í custa nen pavor;  
e diréivos ú a per conquereu:  
ú Sevilla a Mafomede tolleu  
e herdou í Deus e Santa María.

E des aquel día que Deus naceu  
nunca tan bel presente recebeu  
como dél recebeu aquel día  
de San Clemente, en que se conquereu,  
e en outro tal día se perdeu,  
quatro centos e nove anos había.

(C. V. 572.)

Maríña Crespa, sabedes fillar  
en o paaço sempre un tal lugar,  
en que han todos mui ben a pensar  
de vós; e por én diz o verbo antigo:  
a boi vello non lli busques abrigo.

En o inverno sabedes prender  
logar cabo do fogo ao comer,  
ca non sabedes que xi ha de seer  
de vós; e por én diz o verbo antigo:  
a boi vello non lli busques abrigo.

E no abril, quando gran vento faz,  
o abrigo est o voso solaz,  
ú facedes come boi quando xaz  
en o bon prado; e diz o verbo antigo:  
a boi vello non lli busques abrigo.

(C. V. 1162.)

¡Qué ben se soube acompañar  
Nostro Señor esta sazón!,  
que fillou tan bon compañía  
de qual vos eu quero contar:  
rei don Fernando, tan de prez,  
que tanto ben no mundo fez  
e que conquís de mar a mar.

Tal compañía foi Deus fillar  
no bon rei a que Deus perdon,  
que xamáis non dise de non  
a nullo homen por lle algo dar,  
e que sempre fez o mellor:  
por én, xe o quis Nostro Señor  
poer consigo par a par.

E quanto home en él mais falar,  
tanto hachará mellor razón;  
ca dos reis que foron nen son  
no mundo, por bon prez guaañiar,  
este rei foi o mellor rei,  
que soube eixalçar nosa lei  
e a dos mouros abaixar.

Mais ú Deus pera sí levar  
quis o bon rei, í logo entón  
se nembrou de nós, poilo bon  
rei don Afonso nos foi dar  
por señor; e ben nos cobrou,  
ca se nos bon señor levou,  
mui bon señor nos foi leixar.

¡E Deus bon señor nos levou,  
mais, pois nos tan bon rei leixou,  
non nos debemos a queixar!

¡Mais façamos tal oraçón  
que Deus, que pres morte e paixón,  
o mande muito ben reinar!

¡Amén! ¡aleluia!

(C. V. 574.)

Quen a sesta quiser dormir  
consellalo hei a razón:  
tanto que xante, pense de ir  
á cocíña do infançón,  
e tal cocíña lle hachará,  
que tan fría casa non ha  
na hoste, de quantas í son.

Aínda vos eu mais direi:  
eu que un día í dormi  
tan boa sesta non levei  
des aquel día en que nací,  
como dormir en tal lugar,  
ú nunca Deus quis mosca dar  
en a mais-fria ren que vi.

E vedes que ben se guisou  
de fria cocíña teer  
o infançón, ca non mandou,  
des hogano, í fogo acender;  
e se viño gafiarse de alguén  
alí llo esfriará ben,  
se o frío quiser beber.

(C. V. 1168.)

¡Morto é Don Martín Marcos! ¡Ai, Deus, se é verdade?  
Seica, se ele é morto, morta é torpidade,  
morta é bavequia e morta neiscidade,  
morta é cobardía e morta é maldade!

Se Don Martiño é morto, sen prez e sen bondade,  
olmáis, maos costumes, outro señor catade;  
mais non o hacharedes de Roma atá a cidade.  
¡Se tal señor queredes, allur lo demandade!

Pero un cabaleiro sei eu, par caridade,  
que vos axudaría toller dél soidade;  
¿mais [queredes] que vós diga ende ben a verdade?:  
non est rei nen conde, mais é outra potestade,  
que non direi, que non direi, que non direi...

(C. V. 1189.)



## ROI PAES DE RIBELA

(Fins do s. XII — 1.<sup>a</sup> metade do XIII)

Era ourensán. Foi chamado a Vizcaia polo señor de Haro, Don Lope Díaz, gran trovador e amigo dos poetas, a quén chorou Pero da Ponte na sua morte, acaescida o 15 de Santos de 1236:

...don Lopo Díaz morto é,  
o mellor don Lopo, a la fe,  
que foi, nen xamais non será!

(C. V. 575 = C. A. 463.)

A casa de Don Lope, a quen o pobo alcuñou «Cabeza Brava» cicais polas suas fazañas nas Navas de Tolosa, era van aberto aos sons acordados de troveiros e xogares. Alí trovaba o propio señor, xunta co seu cuñado Don Rodrigo Díaz dos Cameros; alí acorrera Pero da Ponte, gañoso dos dons señoriaes, e alí foi tamén Roi Paes de Ribela, pra levar un chisco do seu céltico humor ao pazo boligante dos «mil cabaleiros».

En cas de Don Lope viveu demoradamente o de Ribela. Cicais tornase a Galicia, camiño de Portugal, dempois da morte do seu protector. Eiquí ou na corte portuguesa fixo amizade con Fernando Esquíu.

Roi Paes de Ribela foi un grande humorista. De ser verdade o que refire en duas das suas cantigas (C. V. 1048 e 1050), facía moca da sua propia fortuna amorosa: a muller que leixara encomendada a un certo comendador foi «pagada» de iste, e Paes de Ribela propónlle trocrala por outra de Alanquer.

O saboroso tema da fame antre os fidalgos, non raro nos Cancioeiros, co que poderíase encher un ledo capítulo da picaresca medieval, é tratado polo de Ribela cun donairo singular. Outras das suas cantigas veñen sendo a xeito de parodias de amor, feitas en catro riscos fortes. Tiña Paes de Ribela o don da espresiva brevedade.

Fidel ao perfil humorístico do xenio galego, non escribiu mais que cantigas de escárneo e maldicer (C. V. 1026-27 e 1045-50).

Mala ventura me veña,  
se eu pola de Beleña  
de amores hei mal.

E confóndame San Marcos,  
se pola doncela de Arcos  
de amores hei mal.

Mal mi veña cada día,  
se eu por dona María  
de amores hei mal.

Fernando Escallo me pique,  
se eu pola de Vila Anrique  
de amores hei mal.

(C. V. 1026.)

Ven un ricohome das truitas  
que compra duas por muitas,  
je coce ende a unha!

Por quanto xi quer apenas  
compra én duas pequenas,  
je coce ende a unha!

Venden cen truitas vivas,  
e compra én duas cativas,  
je coce ende a unha!

E ú as venden bolindo  
vaise én con duas riíndo,  
je coce ende a unha!

(C. V. 1027.)

A doncela de Vizcaia  
aínda mi a preito saía  
de noite ao luar.

Pois me agora asi desdeña,  
aínda mi a preito veña  
de noite ao luar.

Pois dela soo maltreito,  
aínda mi veña a preito  
de noite ao luar.

(C. V. 1045.)

Perguntade un ricohome,  
mui rico, que mal come,  
¿por qué o faz?

Él de fame e de sede  
mata home, ben o sabede,  
¿por qué o faz?

Mal come, e faz nemiga;  
dicédelli que diga,  
¿por qué o faz?

(C. V. 1046.)

Comendador, ú me eu quitei  
de vós e vos encomendei  
a mia moller, per quanto eu sei  
que lli vós fecestes de amor,  
teñades vós, comendador,  
comendado o demo maior.

Ca muito a fostes servir  
non volo poso eu gracir,  
mais poila vós fostes comprir  
de quanto ela hoube sabor,  
teñades vós, comendador,  
comendado o demo maior.

E dicervos quero unha ren:  
ela por servida se ten  
de vós, e pois vos quer ben,  
como quer a min ou mellor,  
teñades vós, comendador,  
comendado o demo maior.

(C. V. 1048.)

María Genta, María Genta da saia çintada,  
¿ú masestes esta noite, ou quén pos cebada?  
¡Alba, abríadesme alá!

Albergamos eu e outro na carreira  
e rapaces con amores furtan cebeira.  
¡Alba, abríadesme alá!

Ū eu masí aquesta noite houbi gran cea,  
e rapaces con amor furtan a vea.  
¡Alba, abríadesme alá!

(C. V. 1049.)

## PEDRO DE VER

(Fins do s. XII - 1.<sup>a</sup> metade do XIII)

Alcanzou os derradeiros anos do século XII e viveu a sua madurez na primeira metade do XIII. Cóidase que pasaría a meirande parte da vida no país vasco, pois se considera coma dato da súa estadia ali a cita que por dúas vegadas fai (C. V. 720 e 723) da localidade de Xuilan. Por iste feito e, mais aínda, por ser sido trabucado a seu apelido en Bearne, consideróuselle bearnés. Nos Cancioeiros, non embargantes, somentes figura escrito Veer ou Bear. A mesma lectura de Xuilan doadamente podería levarnos a calisquer logar galego de nome semellante, onde o poeta facía a romaxe de Santa María.

O erudito Amor Meilán defende con serias razóns a natureza luguesa de Pero de Ver.

A millor razón pra considerar galego a iste troveiro é o total vencellamento da súa poesía ao esencial lirismo da terra; il sinteu coma poucos a chamada das sinxelas formas populares, o aceno do espírito poético racial, o feitizo doado do cosante. Na curta labouira de iste troveiro, non hai logar pra a fuxida a eidos alleos; na súa seara somentes medra a herba verdegaia e lanzal das melodías do pobo.

As catro pezas que damos nista escolma son a xeito de pequenas xoias, brillantes e graciosas coma doas de ourive, en cuíos refráns apousa unha inmensa forza lírica. Hai nelas un son familiar, coloquial, millor dito, cun senso das verbas doce e mimoso, que valen por toda unha queixa sen fin, por un longo salouco, e son, na súa cativeza, espresión cabal do estado de espírito da namorada.

Pedro de Ver leixounos dúas cantigas de amor (C. V. 650-52=C. B. 1060-61) mais seis de amigo (C. V. 720-25=C. B. 1128-34).

—Véxovos, filla, tan de corazón  
chorar tan muito, que hei én pesar,  
e véñovos por esto preguntar  
que me digades, se Deus vos perdon,

¿por qué mi andades tan triste chorando?

—Non poso eu, madre, sempre andar cantando.

—Non vos vexo eu, filla, sempre cantar  
mais chorar muito, e teño que por én  
algún amigo queredes gran ben,  
e dícede ora, se Deus vos ampar,

¿por qué mi andades tan triste chorando?

—Non poso eu, madre, sempre andar cantando

(C. V. 725=C. B. 1134.)

¡Ai, Deus!, qué dóo que eu de mi hei,  
porque se foi meu amigo, e fiqueí  
pequena e dél namorada.

Quando se él hoube de Xullán a ir,  
fiqueí fremosa, por vos non mentir,  
pequena e dél namorada.

Alí hoube eu de mía morte pavor  
ú eu fiqueí mui coitada pastor,  
pequena e dél namorada.

(C. V. 720=C. B. 1128.)

A Santa María fiz ir meu amigo  
e non lle atendi o que pós conmigo;  
con él me perdi,  
porque lli mentí.

Fiz ir meu amigo a Santa María  
e non foi eu í con él aquel día;  
con él me perdi,  
porque lli mentí.

(C. V. 722=C. B. 1130.)

Asañéimevos, amigo,  
per boa fe, con sandece,  
como se moller asañá  
a quen llo nunca merece;  
mais se mi vos asañei,  
desasañármivos hei.

(C. V. 724=C. H. 1132.)

## MARTIN MOXA

(Fins do s. XII - Derradeiro terzo do XIII)

Era aragonés. Foi a Portugal na compañía do seu paisano D. Miguel Vivas, Bispo de Viseu e privado de Don Alfonso III.

Tiña a condición de crego, asegún se deduz de unha das suas cantigas, interesante por nos dar certos rasgos da sua vida:

De Martín Moxa profaçon as xentes  
e dícenlle por mal que é casado;  
non llo dicen senón os maldicentes,  
ca o vexo eu asás home ordinado  
e mui gran capa de coro trager,  
... ..  
ca o vexo eu no coro cada dia  
vestir capa e sobrepeliça  
e a feito fala él e mui mellor...

(C. V. 504.)

Que falaba «mui mellor», ou que tiña sona de bo troveiro, testifícao tamén Xohan de Gaia:

Comede migo, e diránvos  
cantares de Martín Moxa.

(C. V. 1062.)

Moxa alcanzóu longa vida. A sua vellice serve de adaxe a Alvaro Gómes, o xograr de Sarria, pra endereitarlle unha bulra na que lle di que pode lembrar “muy ben quando naceu Adan et Eva”, engadindo logo: “¿de que tempo podíades ser?—¿quando estragou alí o Almançor?”, e, aínda, que nascera «ante a sazón—que encarnou Deus en Santa María» (C. V. 470).

Martín Moxa foi un dos tres xograres privados que Alfonso III instituíu no seu “Regimiento da Casa Real”, no tempo da rubida ao trono (1245).

Afincado á escola proenzal, cuios ares traguía da sua terra, Martín Moxa non escribeu mais que cantigas de escárneo e maldicer (C. V. 472-73; 481 e 502-504) e de amor (C. V. 474-79 e 482-83=C. B. 890-94 e 897-98).

É mestre no arte sentencioso do sirventés; os seus escárneos tefien un senso moral, repousado, sereo, sen o amarguexo da sátira rexumeira. É un falar de vedraio esprimentado que, á cencia dos anos, axunta o seu conecer de crego, sabido en letras e ialmas. Ninguén mais comedido que Martín Moxa; il fai un descordo ao xeito proenzal, mais non co adoitado gallo dos desacougos amo-

rosos, senón dos sociaes; il non rifa con nadia persoal-  
mentes, mais amoesta a todos; il vive na corte, e seme-  
lla que non andivera na roda dos validos. A súa poesía  
pódese pór coma exemplo de sereidade moralizante, den-  
tro do lixgado cancioeiro de bulras.

¡Qué grave coita que me é dicer  
as graves coitas que sofro en cantar!  
Vexo mia morte que me ha de matar  
en vós, e non vos ousó én ren dicer;  
pero hei dicerlo cantando e en son,  
que me semella cousa sen razón  
de homen con coita de morte cantar.

E, pois mia coita por tal guisa é  
que a non poso per ren encobrir,  
en atal terra cuido eu de guarir  
que ben entendan meu mal a la fe,  
e a tal xente cuido eu de cantar  
e dicer son, ú con ela falar,  
que ben entenda o meu mal onde é.

(C. V. 483 = C. B. 898.)

Amigos, cuido eu que Nostro Señor  
non quer no mundo xa mentes parar,  
ca o vexo cada día tornar  
de ben en mal e de mal en peor;  
ca vexo os bóos cada día decer  
e vexo os maos sobre eles poder,  
por én non hei da mia morte pavor.

O mundo todo a avesas vexo ir,  
e quantas almas eno mundo son  
a avesas andan, si Deus mi perdon;  
por én non debe ante a morte fuxir  
quen sabe o ben que soía teer  
e ve de oi o mundo outra guisa correr,  
e non se pode de morte partir.

Os que morreron mentre era mellor  
han muito a Deus que agradecer,  
ca saben xa que non han de morrer  
nen ar atenden que vexan peor,  
como hoxe atenden os que vivos son;  
e por én teño eu que faz senrazón  
quen deste mundo ha mui gran sabor

E por én teño eu que é mui mellor  
de morrer homen mentre lli ben for.

(C. V. 473 )

Por quanto eu vexo  
perço meu desexo;  
hei coita e pesar  
se ando ou sexo,  
o cor me est antexo  
que me faz cuidar;  
ca pois franqueza  
proeza  
venceu escaseza,  
non sei que pensar;  
vexo avoleza,  
maleza,  
per sa soteleza  
o mundo tornar.

Xa de verdade  
nen de lealdade  
non ousó falar,  
ca falsidade  
mentira e maldade  
non llis dan logar;  
estas son nadas  
e criadas  
e aventuradas  
e queren reinar;  
as nosas fadas  
iradas  
foron chegadas  
por esto fadar.

Louvamiantes  
e pracenteantes  
han prez e poder,  
e nos logares  
ú nobres falares  
soían dicer,  
vexo alongados,  
deitados,  
do mundo exerdados  
e vánse a perder;  
vexo achegados,  
loados,  
de muitos amados,  
os de maldicer.

Pela crericía  
por qué se soía  
todo ben rexer,  
paz, cortesía,  
solaz que había



fremoso poder,  
quando alegría  
que vivía  
no mundo, e facía  
muito algo e pracer;  
foise sa via  
e dicía:  
cada día  
hei de falecer.

Dar, que valía,  
compríu  
seu tempo; foxíu  
por se ir asconder.

(C. V. 481.)

Amor, de vós ben me poso loar  
de qual señor me facedes amar;  
mais dunha cousa me debo queixar,  
quanto é meu sen,  
ú mesura nen outro ben  
nen mercé non val, nen outra ren.

Gradéscovos que mi destes señor  
fremosa e de todo ben sabedor,  
mais, pois ma destes, pécovos, amor,  
do que me avén,  
ú mesura nen outro ben  
nen mercé non val, nen outra ren.

Amo eu e trobo e servo a mais poder  
aquesta dona, por seu ben haber;  
mais quando lla coita veño dicer  
en que me ten  
ú mesura nen outro ben  
nen mercé non val, nen outra ren.

(C. V. 476 = C. B. 892.)

## PERO ANES SOLAZ

(Primeira metade do s. XIII)

Algúns autores coidan que Anes Solaz tería nacido na Vasconia, basando o suposto naquíl estrano refrán de unha das suas cantigas—«lelia doura; eloi lelia doura»—, que pra Teófilo Braga é o eterno «leloa», tan característico dos vascos como o “alalá” galego. A razón sería, en verdade, boa, sempre que as raras verbas non tivesen un fin sinxelamente eufónico, musical, diríamos, sen algún senso concreto, a capricho luminoso do poeta.

En troques é moi posibre que tivese nacido en Pontevedra, asegún sospeita fundada de Ferreira da Cunha, que fai sua Filgueira Valverde.

De creelo sinceiro, temos de admitir que Anes Solaz viveu namorado de unha fermosa dona, mais fermosa aínda que certa beleza que fora engaiolar os seus encantos no mosteiro de Nogueira (Pontevedra), e cuia fuxida do mundo debeu leixar fonda tristura nos namorados galáns da belida. Poucas vegadas, non embargantes, hénos hoxe doado afuizar cando o amor servil que os troveiros nos pintan nos seus versos foi verdadeiro sentimento—dramático as mais veces—de aquilas vidas ou, sinxelamente, motivo obrigado de poética enfinta. Calesqueira dos dous casos pode ser o de Solaz.

Coida Menéndez Pidal que, «a xulgar polo seu sobrenome alusivo ao oficio de solazar, debía tamén ser xograr ou segrel», mais isto non rebaixa res a outa categoría artística de Pero Anes Solaz coma troveiro.

Anes Solaz é poeta de vea popular, non afastado por inteiro de un certo enlevamento social, que o forza, probe segrel, a adourar dende o mísero chan que o pobo tripa á xentil dona que anda alá enriba, nas almeas. É un pulo nobre, humán, cicais estudado; mais, aínda que o sentimento non seña auténtico, o troveiro desdena a forma mañeira e falsa do arte proenzal.

No tocante á fala, compre matinar nistas verbas de Menéndez Pidal: «...son notabres os castellanismos que Pedro Solaz mistura no seu galego, taes coma «venia» por «viña», «arena» por «area», os caes amosan o esforzo de acomodación que istos xograres facian na sua língoaxe, pra seren comprendidos doadamente en Castela». Non embargantes, na autorizada opinión de Rodríguez Lapa os supostos castellanismos, de que tamén outros troveiros dan mostra, non son mais que vestixios arcaicos de temas primitivos.

O seu cativo espolio poético conecido—tres cantigas de amigo (C. V. 414-16=C. B. 828-30) e duas de amor

(C. V. 824-25)—compénsase dabondo coa pura calidade artística, na que hai por voltas preludios ledizosos da voz de Don Denis.

Dicía la ben tallada:  
agora vise eu, penada,  
onde eu amor hei.

A ben tallada dicía:  
penada, vise eu un día  
onde eu amor hei.

Ca se o vise eu, penada,  
non sería tan coitada,  
onde eu amor hei.

Penada, se eu o vise,  
non ha mal que eu sentise,  
onde eu amor hei.

¡Quén lle hoxe por mi disese  
que non tardase, e viesse  
onde eu amor hei!

¡Quén lle hoxe por mi rogase  
que non tardase, e chegase  
onde eu amor hei!

(C. V. 414=C. B. 828.)

Eu belida non dormía,  
lelia doura,  
e meu amigo venía,  
edoi lelia doura.

Non dormía e cuidaba,  
lelia doura,  
e meu amigo chegaba,  
edoi lelia doura.

E meu amigo venía,  
lelia doura,  
e de amor tan ben dicía,  
edoi lelia doura.

E meu amigo chegaba,  
lelia doura,  
e de amor tan ben cantaba,  
edoi lelia doura.

Muito desexei, amigo,  
lelia doura,  
que vos tevese comigo,  
edoi lelia doura.

Muito desexei, amado,  
lelia doura,  
que vos tevese a meu lado,  
edoi lelia doura.

Léli, léli, par Deus, léli,  
lelia doura,  
ben sei eu quen non diz léli,  
edoi lelia doura.

Ben sei eu quen non diz léli,  
lelia doura,  
demo xe quen non diz lelia,  
edoi lelia doura.

(C. V. 415 = C. B. 829.)

E non est a de Nogueira  
a freira que eu quero ben,  
mais é outra mais fremosa  
a que a min en poder ten;  
e móirome eu pola freira,  
mais non pola de Nogueira.

Non est a de Nogueira  
a freira onde eu hei amor,  
mais é outra mais fremosa  
que a mi quero eu mui mellor;  
e móirome eu pola freira,  
mais non pola de Nogueira.

E se eu aquela freira  
un dia veer podese,  
non ha coita no mundo  
nen pesar que eu houbese;  
e móirome eu pola freira,  
mais non pola de Nogueira.

E se eu aquela freira  
veer podese un dia,  
nen unha coita do mundo  
nen pesar non habería;  
e móirome eu pola freira,  
mais non pola de Nogueira.

(C. V. 824.)

A que vi antre as amenas,  
¡Deus, cómo parece ben!;  
eu mirella das arenas,  
des í penado me ten;  
eu das arenas la mirei,  
e des entón sempre penei.

A que vi antre as amenas,  
¡Deus, como ha bon semellar!;  
eu mirella das arenas,  
des entón me faz penar;  
eu das arenas la mirei,  
e des entón sempre penei.

Se a non vise aquel dia  
muito me fora mellor,  
mais quis Deus entonce, e ví a  
mui fremosa, mia señor;  
eu das arenas la mirei,  
e des entón sempre penei.

Se a non vise aquel dia,  
¿qué se fecera de mi?  
mais quis Deus entonce, e ví a:  
¡nunca tan fremosa vi!;  
eu das arenas la mirei,  
e des entón sempre penei.

(C. V. 825.)

## NUNO FERNANDES TORNEOL

(Primeira metade do s. XIII)

Polo espírito e a fala pertesce iste troveiro á primeira metade do século XIII. No xuízo de J. Regio é "contemporáneo e conterráneo de Airas Nunes"; forma, dende logo, nas mestas fileiras da escola compostelán.

Era, con seguranza, un cabaleiro-vilao ao servicio de algún podente señor, cuia facenda e señorío non abundaban pra pagarlle a soldada ao troveiro. Torneol adica ao seu amo unha frente cantiga de escárneo, onde di que o tal señor

«dálles mentiras en paz e en guerra  
a seus cabaleiros por sa soldada.»

(C. V. 979.)

Fernandes Torneol era, pois, un de estes cabaleiros a quen o fidalgo orixe non permitía outra carreira que a das armas e, non podendo tomalas pola sua conta, íanse a pór baixo o padroado de un mais outo señor. Alí emparellaría os oficios de soldado e troveiro, sendo hoxe mol pouco o que con seguranza se sabe da sua vida. De certas andanzas, ao servicio do seu señor, leixou breve nota:

«Indo de Veladolide pera Toledo,  
hachei sas mentiras entrando ao Olmedo.»

Torneol leva unha corda no coro dos que cantan coa voz do pobo. «Autor de varias cantigas de amor e amigo, abondaría a «alba» que segue pra o consagrar como dos mais verdadeiros poetas dos nosos Cancioeiros» (J. Regio). Pra Filgueira Valverde é Torneol «o mais saudoso dos poetas» do C. V.

Na famosa alba canta a namorada e cantan as aves nun fondo de paisaxe levián, con ramos e fontes no frescor vidual da mañán leda. O esbozo paisaxístico da composición lévanos de man por unha campia ideal, coma engaiolados no lírico transporte de un ritmo de muiñeira inxel.

A mais da cantiga de escárneo da que falamos enriba (C. V. 979), ten Fernandes Torneol oito fermosas cantigas de amigo (C. V. 242-49=C. B. 641-48).

Levade, amigo, que dormides as mañanas frías;  
totalas aves do mundo de amor dicían:  
leda me ando eu.

Levade, amigo, que dormidelas frias mañanas;  
todalas aves do mundo de amor cantaban:  
leda me ando eu.

Todalas aves do mundo de amor dicían;  
do meu amor e do voso en mente habían:  
leda me ando eu.

Todalas aves do mundo de amor cantaban;  
do meu amor e do voso í enmentaban:  
leda me ando eu.

Do meu amor e do voso en mente habían;  
vós lli tollestes os ramos en que sían:  
leda me ando eu.

Do meu amor e do voso í enmentaban;  
vós lli tollestes os ramos en que pousaban:  
leda me ando eu.

Vós lli tollestes os ramos en que sían  
e lli secastes as fontes en que bebían:  
leda me ando eu.

Vós lli tollestes os ramos en que pousaban  
e lli secastes as fontes ú se bafiaban:  
leda me ando eu.

(C. V. 242=C. B. 641.)

¡Qué coita tamaña hei a sofrer,  
por amar amigo e non o veer!,  
e pousarei so lo avelanal.

¡Qué coita tamaña hei endurar,  
por amar amigo e non lli falar!,  
e pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non o veer,  
nen lle ousar a coita que hei dicer,  
e pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non lli falar,  
nen lle ousar a coita que hei mostrar,  
e pousarei so lo avelanal.

Nen lle ousar a coita que hei dicer  
e non mi dan seus amores lecer,  
e pousarei so lo avelanal.

Nen lle ousar a coita que hei mostrar  
e non mi dan seus amores vagar,  
e pousarei so lo avelanal.

(C. V. 245=C. B. 644.)

Aquí vexo eu, filla, o voso amigo,  
o por que vós barallades migo,  
delgada.

Aquí vexo, filla, o que amades,  
o por que vós migo barallades,  
delgada.

O por que vós barallades migo  
quérolle eu ben, pois é voso amigo,  
delgada.

O por que vós migo barallades  
quérolle eu ben, poilo vós amades,  
delgada.

(C. V. 243 = C. B. 642.)

Vi eu, mia madre, andar  
as barcas eno mar,  
e móirome de amor.

Foi eu, madre, veer  
as barcas eno ler,  
e móirome de amor.

As barcas eno mar  
e foilas aguardar,  
e móirome de amor.

As barcas eno ler  
e foilas atender,  
e móirome de amor.

E foilas aguardar  
e non o pudi hachar,  
e móirome de amor.

E foilas atender  
e non o pudi veer,  
e móirome de amor.

E non o hachei í,  
o que por meu mal vi,  
e móirome de amor.

(C. V. 246 = C. B. 645.)

Triste anda, mia madre, o meu amigo  
e eu triste por él, ben volo digo;  
e, se me él morrer, morrervos hei eu.

E morrerá por mi, tanto é coitado,  
e vós perderedes meu gasallado;  
e, se me él morrer, morrervos hei eu.

(C. V. 247 = C. B. 646.)



MARTIN DE PADROCELOS  
(¿Primeira metade do s. XIII?)

Non sabemos res da súa vida, nin do tempo en que viveu, nin onde tería morado. O seu apego ás fontes líricas galegas, o seu afastamento do mundo cortesán, a pureza da súa fala, a fidelidade ás enxebres formas espresivas, todo nos indica que o poeta apenas se tería alongado da terra natal que canta a cotío: San Salvador de Valongo. Non sabemos se iste Valongo sería o de Cortegada (Ourense), ou, mais posibelmente, o que existe no Norde de Portugal, non lonxe da localidade de Padrocelos.

Semella ligado no tempo e no xeito de facer á escola compostelán, da primeira metade do século XIII. Cicaves morase en Compostela, ou teña alí camiñado, polo menos, a facer a romaxe relixiosa e artística que todo bo troveiro non leixou de andar. El fala de unha súa andanza a algures: «cando me eu da terra quitei» (C. V. 852), e a ocasión podería ter sido a pelerinaxe ao sepulcro de Sant-Yago.

Nove cantigas de amigo (C. V. 843-51=C. B. 1238-46) escribiu Martín de Padrocelos. Son todas elas alfofas líricas da nosa fala, que parez conquistar os máis diviños sons de musicalidade nas cordas ben temperadas de iste poeta. Hai un concerto de ritmos saudosos no trasfundo dos versos, como se a paisaxe bulise ao lonxe nun son de gaitas e pandeiradas. Son estampas de romaxe, que levan nos gaíos córes da pintura a leda música do adro. Mais o poeta non fica contente co simple xogo das rimas; pon tamén nelas o espírito, e xurden daquela as tenras queixas da namorada, que, na vella roseira do tema eterno, amosan anovados pétalos de ulido virxinal.

Eu, louçana, en quanto eu viva for,  
nunca xa mais creerei per amor;  
pois que me mentíu o que namorei,  
nunca xa mais per amor creerei,  
pois que me mentíu o que namorei.

E pois me él foi a seu grado mentir,  
des oimáis me quero eu de amor partir;  
pois que me mentíu o que namorei,  
nunca xa mais per amor creerei,  
pois que me mentíu o que namorei.

E diréivos que lli farei por én:  
de amor non quero seu mal nen seu ben;  
pois que me mentíu o que namorei,  
nunca xa mais per amor creerei,  
pois que me mentíu o que namorei.

(C. V. 843=C. B. 1238.)

Gran sazón ha, meu amigo,  
que vos vós de mi partistes  
en Valongo e non me ar vistes,  
nen ar hoube eu depois migo  
de nulla ren gasallado,  
mais nunca tan desexado  
de amiga fostes, amigo.

Nen vos dirá nunca moller  
que verdade queira dicer,  
nen vós non podeades saber  
nunca per outren, se Deus quer  
ou se eu verdade hei migo,  
que nunca vistes amigo  
tan desexado de moller.

Pero houbestes amiga  
a que quisestes mui gran ben,  
a min vos tornade por én,  
se hachardes quen vos diga  
senón así como eu digo,  
que nunca visen amigo  
tan desexado de amiga.

(C. V. 844=C. B. 1239.)

Ai, meu amigo, coitada  
vivo, porque vos non vexo  
e, pois vos tanto desexo,  
en grave día foi nada,  
se vos cedo, meu amigo,  
non faço pracer e digo:

Pois que o cendal vencí  
de parecer en Valongo,  
se me ora de vós alongo  
en grave día nací,  
se vos cedo, meu amigo,  
non faço pracer e digo:

Por quantas veces pesar  
vos fiz, desque vos amei,  
algunha vez vos farei  
pracer, e Deus non me ampar,  
se vos cedo, meu amigo,  
non faço pracer e digo.

(C. V. 847=C. B. 1242.)

Ide hoxe, ai meu amigo, ledo a San Salvador  
eu vosco irei leda, e, pois eu vosco for,  
mui leda irei, amigo,  
e vós ledo comigo.

Pero son guardada, todavía quero ir  
con vosco, ai meu amigo, se mia guarda non vir;  
mui leda irei, amigo,  
e vós ledo comigo.

Pero son guardada, todavía irei  
con vosco, ai meu amigo, se a guarda non hei;  
mui leda irei, amigo,  
e vós ledo comigo.

(C. V. 851=C. B. 1246.)

Por Deus, que vos non pês,  
mia madre e mia señor,  
de ir a San Salvador,  
ca, se hoxe í van tres  
fremosas, eu serei  
a unha, ben o sei.

Por facer oraçón  
quero hoxe eu alá ir,  
e, por vos non mentir,  
se hoxe í duas son  
fremosas, eu serei  
a unha, ben o sei.

Í é meu amigo, ¡ai  
madre!, e ilo hei ver,  
por lli facer pracer;  
se hoxe í unha vai  
fremosa, eu serei  
a unha, ben o sei.

(C. V. 848=C. B. 1243.)

## ESTEBAN FERNANDES DE ELVAS

(Primeira metade do s. XIII)

Ningunha outra notiza temos da sua vida que a derivada do apelido, polo que supomos a sua nacemento na localidade portuguesa de Elvas.

O seu «esprito» sitúao na primeira metade do século XIII.

Conécense en total sete composicións de Fernánides de Elvas: tres de amor (C. V. 217-19=C. B. 616-18) e catro de amigo (C. V. 216 e 682-84=C. B. 615 e 1091-93).

Sobresáen as dúas que damos aquí, polo fresqueiro engado do diálogo e o vivo corte dramático.

—Farei eu, filla, que vos non vexa  
voso amigo. —¿Por qué, madre e señor?  
—Ca me dicen que é entendedor  
voso. —¡Ai, mia madre, por Deus non sexa!  
Eu o debo a lacerar, que o fiz  
sandeu, e él con sandiçe o diz.

—De vós e dél, filla, hei queixume.  
—¿Por qué, madre, ca non é guisado?  
—Lacerarmi ha ese perxurado.  
—¿Por qué, madre, meu ben e meu lume?  
Eu o debo a lacerar, que o fiz  
sandeu, e él con sandiçe o diz.

—Matarme hei, filla, se mi o diserdes.  
—¿Por qué vos habedes, madre, a matar?  
—Ante que me eu do falso non vengar.  
—Madre, se vos vós vengar quiserdes,  
eu o debo a lacerar, que o fiz  
sandeu, e él con sandiçe o diz.

(C. V. 683=C. B. 1092.)

—Madre, chegou meu amigo hoxe aquí.  
—Novas son, filla, con que me non praz.  
—Por Deus, mia madre, gran torto perfaz.  
—Non faz, mia filla, ca perdedes í.  
—¡Mais perderei, madre, se él perder!  
—¡Ben lle sabedes, mia filla, querer!

(C. V. 684=C. B. 1093.)

## LOPO

(Primeira metade do s. XIII)

Era xograr. Nos Cancioeiros, ao par do espido nome, dáse razón do seu mester.

Da nacencia de Lopo non temos datos certos. Filgueira Valverde atopou no arquivo da Catedral de Lugo documentos nos que, antre os anos 1191 e 1251, aparece un «Lupus Cantor». Fai pensar no seu orixe lucense o feito de ter Lopo cantado a romaxe de Santo Eutelo, que debe ser o San Leuter de Mirad, no concello de Friol.

Lopo morou na corte do Rei Santo e estivo presente na conquista de Xaén. Sofreu as bulras do facendado cabaleiro portugués D. Martín Soares, que lle adicou catro cantigas de maldicer, polo mal que tanguía e cantaba. Decíalle que rescibía dons pra que non citolase, e logo, ao encertar o canto, outros novos dons pra que leixase de cantar. Chámalle «xograr gargantón», e informa que certo infanzón mandoulle dar tres couces na gorxa; a Martín Soares aínda lle semellaban poucos.

Istas chatas do irónico portugués en nada rebaixan a valía de Lopo. Refírense a seu mester de xograría, que cicais realmente non dominase; sería mal músico e agredoso cantor; asegúñ unha rúbrica «citolaba mal e cantaba pelor». Isto mesmo, demostra que se a necesidade da vida empurrara a Lopo a entoar as cantigas alleas, o pulo vocacioal era nil trovar por conta sua.

Nisas coleccións cortesáns de poesía que son os Cancioeiros, raramente dáselles cabida aos cativos xograres, de orixe vilao e vida radia. Non embargantes, cando istes xograres-troveiros, que cantan de seu, emparellan co arte dos enlevados, istes non teñen a menos pedirles os seus cadernos de cantigas, pra gardalos xunta os dos mestres. Os colectores botan man de eles dempois e, de tal xeito, chegan tamén a nós as voces limpas de algúns homildosos xograres.

Tal é o caso de Lopo, de quen conecemos hoxe catro cantigas de amor (C. V. 703-705; 852=C. B. 112-14; 1247) e oito de amigo (C. V. 853-60=C. B. 1248-55). Nunhas e outras o tema do apartamento é un señardoso «leit-motiv», onde a dór da lonxanía ten toda a forza expresiva de unha vivenza íntima do poeta, trasladada por voltas aos beizos da amiga.

—Filla, se gradoedes,  
dicede, ¿qué habedes?

—Non mi dan amores vagar.

—Filla, se ben haxades,  
dicede, non mençades.  
—Non mi dan amores vagar.

—Dicede, pois vos mando,  
¿por qué ides chorando?  
—Non mi dan amores vagar.

Por San Leuter vos digo,  
cuidando en meu amigo:  
¡non mi dan amores vagar!

(C. V. 857=C. B. 1252.)

Par Deus, señor, muito aguisado hei,  
des quando me ora eu de vós quitar,  
de vos veer mui tarde, a meu cuidar,  
por unha ren, que vos ora direi:  
ca non será tan pequena sazón  
que sen vós more, se Deus mi perdon,  
que mi non sexa mui grande, eu o sei.

E, mia señor, nunca ledo verrei  
ú vos vexa, desque me ora partir  
de vós, mia señor, se vos eu non vir,  
¿mais con tal coita cómo vivirei?  
Ca se un día tardar ú eu for  
e ú vos non vir, ben terrei, mia señor,  
que ha un ano ou mais que alá tardei.

E, mia señor, ¿por qué me coitarei  
de viir cedo, pois mi prol non ha?  
Ca se veer logo, tardi será,  
e por esto nunca cedo hacharei,  
ca, se un día en menos meter  
que vos non vexa, logo hei de teer  
que ha mil días que sen vós morei.

(C. V. 704=C. B. 1113.)

Diséronme agora do meu namorado  
que se foi sañudo e sen o meu mandado:  
¿e por qué se asañou agora o meu amigo?

Sábeo San Leuter, a que eu muito roguei,  
que non merecí por que o sañudo hei:  
¿e por qué se asañou agora o meu amigo?

Non llo merecí eu nunca, pois foi nada,  
madre, e fui un día por él mal xulgada:  
¿e por qué se asañou agora o meu amigo?

(C. V. 859=C. B. 1254.)

## PERO DE AMBROA

(Mediados do s. XIII)

Pra nós non ten dúbida que o apelido diste troveiro dá conta do lugar do seu nascimento: a freiguesía de San Tirso de Ambroa, no concello de Irixoa (partido de Betanzos). A lectura demorada das cantigas de escárneo que mutuamente se dirixen o de Ambroa e Pedro Amigo de Sevilla, nado tamén na bisbarra betanceira, e crego por algún tempo na propia freiguesía de Ambroa, demóstranos que unha fonda amizade os cinguía. Mais novo Pero de Ambroa que Pedro Amigo, ben se adevirte nas relacións poéticas de ambos, aquí falar de vedraio que emprega o segundo nas amoestacións que fai ao primeiro. Nada menos que catro escárneos dirixe o crego ao seu freigués (C. V. 1195-96-98-99), que en certo modo contesta iste con dous da súa parte (C. V. 1128 e 1130), dando lugar a unha especie de regueifa, que forma un caso único nos Cancioeiros, pola amplitude e polo son mesurado e cordial con que ambos troveiros se tratan.

A vida de Pero de Ambroa estivo inzada de aventuras, algunhas conecidas polas cantigas que lle adican os troveiros daquela e polas súas mesmas composicións. Non embargantes, foi ben considerado na corte de Castela, pois, a coidar no que di Xohan Baveca (C. V. 1067), tivo alí o emprego de maiordomo dos xograres.

Correu a Andalucía, partillando da gloria e dos traballos da hoste que seguiu ao señor galego Don Rodrigo Gómez de Trastámara, na cruzada de 1248, e por tanto assistiu ás tomas de Córdoba e Sevilla. Ademais da amizade que o ligou a Pedro Amigo, tratou a Esquilo, Armea, Baveca, Guillade, Mirapeixe, e cantos segreles e troveiros formaban no esgrevio cortexo do poderoso señor. Con íl íña tamén aquila famosísima muller, símbolo de unha tempán, a Balteira, a millor de todas as soldadeiras que cantaron en galego, a mais afoutada, a mais fermosa, pero cicais tamén a mais aldraxada.

Pero de Ambroa, canso do inqueda vivir por pazos e vilas, tomou un día o camiño de Terra Santa. De paso, demorouse en Montpellier e, ao que parez, no santuario lemosin de Rocamador, de onde viñan as «boas cintas» que servían de doas pra as namoradas. María Balteira, a súa compañeira de outrora, faría, vella e cansa, a mesma penitente pelerinaxe. Non embargantes, Pedro Amigo (C. V. 1195 e 1199), Eanes do Viñal (C. V. 1004), Pero Barroso (C. V. 1057) e Xohan Baveca (C. V. 1066) tomaron teima da pretendida romaxe, motivando cos seus escárneos un movido ciclo de bulras, cuio engado humorístico resúmese nista estrofa do primeiro:

Quen se ora quisesse cruzar,  
ben así podería ir  
ben como fol a Ultramar  
Pedro de Ambroa Deus servir:  
morar tanto como él morou  
na mellor rua que hachou  
e dicir: —¡Veño de Ultramar!

Era o de Ambroa de nobre orixe, mais abandoou a cabaleiría, según coida D.<sup>a</sup> Carolina Michaëlis, «por algún desdouro no brasón dos seus pais e mais por certo xenio truhaneiro». Pénsase que a nai era vilá, cousa que lle botaron en cara algúns troveiros.

Pero de Ambroa acertou maiormente no tema satírico, que il manexou coa fina ironía dos espritos rexos. Esta maneira súa de ferir, afiada e sutil, conquiriulle a nemiga de algúns compañeiros, que o rebaixaban inxustamente chamándolle xograr e vilao e acusándoo de que non era quen de soste unha tensión. Pero Mafaldo denunciouno por isto a Alfonso X, quen, en ponto a verba mais ou menos, ben sabería con qué xente trataba. A mais descarada das composicións suas é a que endereita ao de Armea (C. V. 1135), en resposta a outra de iste (C. V. 1134), na que deosta a unha doncela. No coro chocalleiro dos que ridiculizan á Balteira, é Pero de Ambroa quen da a nota menos desentoada (C. V. 1129).

Leixóunos unha cantiga de amor (C. V. 840=C. B. 1235), que ven sendo realmente un cantar de amigo de maestría, cinco de escárneo e maldicer (C. V. 1128-31; 1135) e unha tensión (C. B. 437). Ista foi a que provocou o comentario de Pedro Amigo de Sevilla (C. V. 1198) porque a non souperon rematar a modo os contentendes; Pero de Ambroa retrucoulle con sorna, facendo comparanza antre o seu viaxe a Ultramar e a penitencia de Pedro Amigo nunha ermida vella, que non son, dende logo, tal penitencia nin tal ermida, senón xogos anfibolóxicos de verbas encol a uns amores serodios, probabelmentes coa tan asañada Balteira.

—Xohan Baveca, fé que vós debedes,  
que me digades ora unha ren  
que eu non sei, e, segundo meu sen,  
teño eu de pran de vós que o sabedes,  
e por aquesto vos vin preguntar:  
¿Cantar de amor de quen non sabe amar,  
que me digades, por qué llo dicesdes?

«Pero de Ambroa, vós non mi oiredes  
dicir cantar, esto creede ben,  
se non ben feito e igual, e por én  
non digo estes bóos que vós facedes,  
ante digo dos que faz trobador  
que troba ben e ha coita de amor,  
e vós por esto non me vos queixedes.



—Xohan Baveca, se vós non queredes  
os meus cantares dicir ante alguén,  
diréivos ora, como vos avén,  
nunca por én contra mín per dicesdes:  
¿maillo que sabe muller ben querer  
ben quanto sabe o asno de leer,  
por namorado por qué o metedes?

«Pero de Ambroa, vós mais non podeades  
saber de mín do que vos xa dixes én;  
os cantares que eu digo fez quén  
ha grande amor; mais, pois saña prendedes,  
aquí ante todos leixo eu a tenzón,  
e se quisedes saber a razón  
digo eu verdade, esto non dubidedes.

(C. B. 437.)

Ora vexo eu que est aventurado  
xa Pedro Amigo e que lli fez Deus ben,  
ca non desexou do mundo outra ren  
senón aquesto que ha xa cobrado:  
unha ermida vella que hachou,  
e entrou dentro, e pois que í entrou  
de sair dela sol non é pensado.

E pois hachou logar tan aguisado  
en que morase, per dereito ten  
de morar í, e vedes que lle avén:  
con a ermida é mui cordado;  
e diz que sempre querrá í morar  
e que quer í as carnes marteirar,  
ca deste mundo muito ha xa burlado.

E non sei eu no mundo outro home nado  
que se alí fose meter, e mal sen  
faz se o ende quer quitar alguén,  
ca da ermida tanto é él pagado  
que ha xurado que non saia de í  
morto nen vivo, e sepultura í  
ten en que xasca quando for pasado.

(C. V. 1128.)

## ROI FERNANDES

(Comenzos do s. XIII — 1277)

Foi nado en Compostela; eisi figura no C. B. (899) como «Roi Fernandes de Santiago». Na rúbrica do C. V. consíñase ademais a súa condición de crego. Carré Aldao informa que foi «coengo de Sant-Yago e capelán de Alfonso X, e mais tarde profesor de Salamanca».

Unha das suas cantigas refire a marcha dos galegos, baixo o caudilaxe do Arcebispo compostelán Don Xohan Airas, á conquista de Sevilla. Ben poidera acontecer que no fato dos guerreiros, trovadores, cregos e cortesáns que alá foron, figurase o propio Roi Fernádes. A continua reiteración do tema do alongamento na súa obra, da forza á sospeita.

Finóuse en Salamanca, onde fixo testamento a 16 de setembro de 1277.

Está representado nos Cancioeiros con dazaioito cantigas de amor (C. V. 484-501=C. B. 899-914) e sete de amigo (C. V. 514-20=C. B. 926-32), «antre as que sobresaí, pola súa fermosura, a barcarola que leva o núm. 488 do C. da V.» (Carré).

A tal barcarola, a mais do seu belido fondo poético, ten o feitizo de un inxenioso xogo de verbas, na compañía das ondas do mar e as do corazón, ondas ístas do sangue atropelado pola emoción amorosa. Logo, o refran remata a idea cunha maldición, que leva o selo das frases inmorredoiras.

A lírica de Roi Fernádes non terma mais que en asuntos de amor, se ben aprotéitase do longo campo expresivo que vai da cantiga de amor mariñán á cantiga de amigo de contido bélico. Pódese decir do troveiro que está no xusto medio antre a poesía cortesá e a lírica popular.

Nota orixinal súa é a de dar entrada a un novo amor mais forte, que desbota ao devanceiro. Tipo de infidelidade pouco común na lira apaixonada dos troveiros, na que se ímpuña o concepto da morte por amor.

Se vos non pesar ende,  
madre, irei ú me atende  
meu amigo no monte.

Irei, se Deus vos valla,  
por non meter en falla  
meu amigo no monte.

E filléxivos dóo,  
como me atende sóo  
meu amigo no monte.

(C. V. 515=C. B. 927.)

Quando eu vexo las ondas  
e las mui altas ribas,  
logo me veen ondas  
al cor pola belida:  
¡maldito sexa el mare,  
que mi faz tanto male!

Nunca vexo las ondas  
nen as mui altas rocas,  
que mi non veñan ondas  
al cor pola fremosa:  
¡maldito sexa el mare,  
que mi faz tanto male!

Se eu vexo las ondas  
e vexo las costeirás,  
logo mi veen ondas  
al cor pola ben feita:  
¡maldito sexa el mare,  
que mi faz tanto male!

(C. V. 488=C. B. 903.)

—Madre, quero hoxe eu ir veer  
meu amigo, que se quer ir  
a Sevilla El Rei servir;  
ai madre, irlo hei veer.

—Filla, ide; eu vosco irei.

—¡Madre, farédesme pracer!;  
ca non sei quando mi o verei.

—Ben o sabe Nostro Señor  
que me pesa, pois que se ir quer,  
e veerlo hei, se vos prouguer,  
por Deus, mia madre e mia señor.

—Filla, ide; eu vosco irei.

—Madre, farédesmi amor,  
ca non sei quando mi o verei.

—A Sevilla se vai daqui  
meu amigo, por facer ben,  
e ilo hei veer por én,  
madre, se vos prouguer de ir í.

—Filla, ide; eu vosco irei.

—Madre, farédesme ben í,  
ca non sei quando mi o verei.

(C. V. 520=C. B. 932.)

Ora começa o meu mal,  
de que xa non tiña ren  
e cuidaba que me ía ben,  
e todo se tornou en mal,  
ca o demo agora do amor  
me fez fillar outra señor.

E xa dormía todo o meu  
sono, e non era fol,  
e podía facer mia prol;  
maillo poder xa non é meu,  
ca o demo agora do amor  
me fez fillar outra señor.

¡Qué ledo me fecera xa,  
quando se amor de mi quitou  
un pouco que mi a mi leixou!  
Mais de outra guisa me vai xa,  
ca o demo agora do amor  
me fez fillar outra señor.

E non se debe home alegrar  
muito de ren que posa haber,  
ca eu, que o quixi facer,  
non hei xa de qué me alegrar,  
ca o demo agora do amor  
me fez fillar outra señor.

¡Ao demo acomendo eu amor,  
e beneiga Deus a señor  
de que non será sabedor  
nullo home, en quanto eu vivo for!

(C. V. 486 = C. B. 901)

## MARTIN SOARES

(Mediados do s. XIII)

Era un cabaleiro portugués nado en Riba de Lima, fillo de Don Soeiro Pires e de unha súa barragá, da que fixo escárneo o troveiro Don Lopo Lias (C. V. 958 e 959).

Estivo na corte de Don Fernando III, o Santo, onde empregou a súa maledicente inspiración en aldraxar a Afonso do Cotón e ao xograr Lopo, a quen adica nada menos que catro escárneos. No xuízo de Rodrigues Lapa, era Martín Soares un troveiro botado pra diante, «burgués facendado, amigo dos señores de Tabeirós, que non se lembraba de abondo do seu orixe vilao».

Conqueriu certa sona, cicais por ise natural alporizado do seu xenio, de sorte que no Cancioeiro da Vaticana o seu irmán, Xohan Soares de Gaia, tamén troveiro, é apelidado e conecido coma «o irmao de Martín Soares» (C. V. 435).

Pagado do culto á escola proenzal, Martín Soares sentía fondo desapego polas formas líricas populares. Niste senso, endereita un escárneo ao compostelán Sueiro Eanes Mariño, afervoadado cultor da vella poesía, en cuías cantigas poderíanse estudar os gostos do pobo (M. Pidal). Bótalle en cara que, cos seus cantares, envileceu aos trovadores, e fai donosa, anque torta, sátira do seu trovar.

As cantigas de escárneo e maldicer de Martín Soares teñen o valor de presentarnos, en fortes pinceladas escarniñas, o cadro de unha sociedade, de unhas xentes e de un intre, por mais intresantes. Catorce son as súas composicións do xénero que gardan os Cancioeiros, algunhas delas de moi rubida cór.

Cabaleiro, con vosos cantares  
mal avilastes os trovadores,  
e, pois así per vós son vençudos,  
busquen per al servir sas señores;  
ca vos vexo eu mais das xentes gañar  
do voso bando por voso trovar,  
ca non eles, que son trobadores.

Os aldeiaos e os concellos  
todolos habedes por pagados;  
tamén se chaman per vosos quites  
como se fosen vosos comprados,  
por estes cantares que facedes de amor  
en que llís hachan os fillos sabor  
e os mancebos que teen soldados.

Benquisto sodes dos alfaiates,  
dos peliteiros e dos moedores;  
do voso bando son os trompeiros  
e os xograes dos atambores;  
porque llis cabe nas trombas voso son,  
pera atambores, ar dicen que non  
hachan no mundo outros soes mellores.

Os trobadores e as mulleres  
de vosos cantares son noxados  
á unha, porque eu pouco daría  
pois mi dos outros fosen loados;  
ca eles non saben que xi van facer,  
queren bon son e bóo de dicer  
e os cantares fremosos e rimados.

E todo aquesto é mao de facer  
a quén os sol facer desiguados.

(C. V. 965.)

Foi un dia Lopo xograr  
a cas de un infanzón cantar,  
e mandóulle ele por don  
dar tres couces na garganta,  
e fúille escaso, a meu cuidar,  
segundo como él canta.

Escaso foi o infanzón  
en seus couces partir entón,  
ca non deu a Lopo entón  
mais de tres ena garganta;  
e mais merece o xograrón,  
segundo como él canta.

(C. V. 974.)

## PEDRO GARCIA BURGALÉS

(Mediados do s. XIII)

Do seu apelido infírese fose natural ou oriundo de Burgos.

Tratouse co mais frolido das cortes literarias de Don Fernando III e Don Alfonso X, de Castela, e Don Alfonso III, de Portugal. Nos seus escárneos fai mentes da Balteira, de Lourenzo, de Fernán Esquíu, de Roi Queimado...

Nunha tensón antre Lourenzo e Pedro Amigo de Sevilla fóille confiado o fallo a García Burgalés, que o emiteu a prol do segundo, decindo a Lourenzo o mais acedo que podía agardar un trovador:

nen rimades nen sabedes iguar.

Non embargantes, o mesmo Lourenzo tornaría a requerilo coma xuíz:

Quero que xulguedes, Pero García,  
de antre min e todoos trobadores.

(C. V. 1034.)

Demóstranos o repetido feito a autoridade de García Burgalés en lides literarias, amparada cicais nun recto e ponderado criterio.

Andivo toda a Península; nas suas trovas fican os nomes de moitos logares por onde il pasou. Leéndoas semella que asistimos ás viaxatas de iste troveiro anduriñante, de esprito multiforme, moldeado no cosmopolitismo.

Tiña unha xurdia mentalidade, en certo xeito adiantada ao seu tempo. Mais da piedade do Burgalés compre dubidar. É «un troveiro que dá á sua actitude escandalosamente herética, un aspecto mais serio: aldraxa a Deus, por lle ter feito morrer a sua amiga... Hai ardidez e sinceridade nas suas cantigas; a tortura do amor desfeito faille dicer improprios moi graves» (Rodríguez Lapa).

Isto non tira pra que o Rei Sabio o tivese na sua estima, da que é proba a áxil tensón que os dous sostiveron, co gallo dos tormentos do amor (C. V. 991). Polo ton xuvenil da plática, ben semella obra dos tempos mozos de Don Alfonso; por contra, o Burgalés fala co siso do home esperimentado.

Pero García Burgalés é «un dos mais fecundos e sotís líricos amorosos do noso medioevo e deica agora un dos menos estudados... Con xustiza podíasele escoller no seu tempo coma álibito en refertas literarias; ¡no século XV un lector serodio anotaría marxinalmente coma «cantigas boas» as suas do Ajuda!» (Filgueira Valverde).

Pra o especialista luso Rodríguez Lapa, García Burgalés é «o maior talento parodístico dos nosos Cancioeiros».

Dito está, con istas dúas autorizadas opinións, que Burgalés sostivo nos xéneros que cultivou unha esgrevia outura artística. E compre lembrar que foi, por riba, un dos troveiros que mais longa obra deixou: cincuenta e tres cantigas, contidas nos tres Cancioeiros profanos. As mais delas, cantigas de escárneo e maldicer e, aínda, orixinaes parodias de amor e amigo. Antre tan longa laboura, escollemos tres composicións, representativas da súa varía persoalidade.

¿Non vos nembra, meu amigo,  
o torto que mi fecestes?  
Posestes de falar migo,  
fui eu e vós non veestes:  
    ¿e queredes falar migo?;  
    e non querrei eu, amigo.

Xurastes que todavía  
verriades de bon grado,  
ante que saíse o día;  
¡mentistesmi, aí perxurado!  
    ¿e queredes falar migo?;  
    e non querrei eu, amigo.

¿E aínda me rogades  
que fale eu algun con vosco?  
E por quanto mi facedes  
darei que vos non cofosco:  
    ¿e queredes falar migo?;  
    e non querrei eu, amigo.

(C. V. 251=C. B. 650.)

Roi Queimado morreu con amor  
en seus cantares, par Santa María,  
por unha dona que gran ben quería  
e por se meter por mais trobador;  
porque lle ela non quis ben facer,  
fécese él en seus cantares morrer,  
mais resurxiu depois ao tercer día.

Esto fez él per unha sa señor  
que quer gran ben, e mais vos én diría:  
porque cuida que faz í maestría,  
en os cantares que fez ha sabor  
de morrer í, e, des í, de ar viver;  
esto faz él, que xi o pode facer,  
mais outro homen per ren non o faría.



E non ha xa de sa morte pavor,  
senon sa morte mais la temería,  
mais sabe ben, per sa sabedoría,  
que viverá des quanto morto for;  
e faz en seu cantar morte prender,  
des í ar vive, e vedes qué poder  
que lli Deus deu, mais que non cuidaría.

E se mi Deus a min dese poder  
qual hoxe él ha, pois morrer, de viver,  
xa mais morte nunca temería.

(C. V. 988.)

—Señor, eu quero ora de vós saber,  
pois que vos vexo tan coitado andar  
con amor que vos non leixa, nen ar  
vos leixa dormir nen [tan sol] comer  
¿qué farei [eu] a qué faz mal amor,  
de tal guisa que non dórmio, señor,  
nen poso contra él consello haber?

«Pero García, non poso eu saber  
como vos vós posades emparar  
de amor, segundo quanto é meu cuidar,  
que vos non faz muito mal sofrer;  
ca tanto mal mi faz a mi amor  
que, se eu fose do mundo señor,  
dálo ía, por amor non haber.

—Señor, direivos qué oí dicir  
a quen dél foi cuitado gran sazón:  
ese me dise que per oraçón,  
per xaxuar, per esmola facer,  
ca per aquesto se partiu dél amor;  
facendo esto, quicá Nostro Señor,  
volo fará per esto perder.

«Pero García, sempre oí dicir  
que os consellos bóos, bóos son;  
farei eso, se Deus mi perdon,  
pois lli per al non poso guarecer;  
pois que mi tanto de mal faz amor,  
rogarei muito a Nostro Señor,  
que mi dé morte, ou mo faça perder.

(C. V. 991.)

## PERO DE ARMEA

(Mediados do s. XIII)

Debeu nacer na parroquia de San Pedro de Armea, concello de Láncara (Lugo), probabelmentes no comén do século XIII. Frei Gumersindo Placer aporta datos encol da natureza do troveiro—xa apuntada por Murguía—, baseado non somentes no dato certo da toponimia, que fai acadar con San Pedro de Armea nome e patronímico do poeta, senón tamén pola curiosa referencia que fai Pero de Ambroa, quen, supondo que o de Armea se tiña escarriado, diz

que o non posan en toda a terra hachar  
desde San Fagundo até San Felices.

(C. V. 1135.)

«Trátase—di o P. Placer—de duas ermidas que aínda hoxe, e supomos que dende a Edade Media, estremaban o val de Sarria no seu maior comprimento.» Pero de Ambroa aconsellaba, pois, que o fosen buscar na súa terra natal.

Supón o biógrafo de Pero de Armea que foi o atraínte engado do camiño francés, que pasaba a traveso dos vales da súa nacencia, o que termou de él mundo adiante nas asas de un arte, cuíos acenos chegaranlle tamén por aquilo viro de poesía e de lénda.

Pero de Armea foi xograr, mais algúns dos troveiros coetáneos dánlle o títido de Don, o que nos deixa a sospeita de que tivese, co seu fino arte, conquistado a superior categoría de segrel.

Parez certo que tomou parte na cruzada a Terra Santa de 1249, na que irían tamén os trovadores galegos Ambroa, Guillade, Baveca e Fernádes de Mirapeixe.

Pero de Armea leixou nos Cancioeiros dazaioito composicións: trece de amor (C. V. 669-81=C. B. 1077-90), catro de amigo (C. V. 809-12=C. B. 1204-1207), e unha de escárneo (C. V. 1134), á que respondeu o de Ambroa (C. V. 1135).

A súa poesía é tenra, de fonda raigaña humán; os amores que il canta, sereos, sen choromiqueiras lamentacións nen saídas de tono; a súa amada é «a mellor dona do mundo e a de mellor sen»; se morre por ela, ten por certo que non morrerá. Todo verte sereidade nas cantigas de Pero de Armea. O retoricismo proenzal non lle cadra, e aínda que vaia pola corrente da moda occitánica, procura manter sempre vivas as esenzas de un sentimento lírico racial.

«Vel eiquí a carga psicolóxica de Pedro de Armea...; psicoloxía sen abusos de refinamento, nin complicacións técnicas, mais sí fonda e moi axeitada á realidade. Duas ideas acenan a vida dos nosos namorados: a paixón erótica e a morte.

«Dous feitos axudan tamén a que istas paixóns entren ou non en vigor, a sabere, que a persoa amada tópose presente ou garde longo afastamento.

«Coma compañía, virán dempois as infidelidades, as dúbidas, a morriña, a paixón de amar, as lembranzas da paisaxe nativa, da montana, do mar. É a visión de Galicia entoadada na ialma; un amor enrolado nas brétemas do verde val ou aberto a lonxanías mariñáns. É o culto á morte, coma liberación e coma apouso, o que informa o Cancioeiro e leixa na poesía de Pero de Armea un guieiro de romantismo» (Fr. G. Placer).

¡Ora vos podese eu dicer  
a coita do meu corazón,  
e non chorase logo entón!  
Pero non hei ende o poder,  
se vos eu mia coita contar,  
que pois non haxa de chorar.

Hei eu mui gran coita a endurar,  
pero se vos dicer quiser  
mia coita, e vola diser,  
non hei poder de me eu guardar,  
se vos eu mia coita contar,  
que pois non haxa de chorar.

Mui gran coita vos contarei  
de amor, que eu sofro e sofrí  
des quando eu, mia señor, vos vi,  
e pero non me guardarei,  
se vos eu mia coita contar.  
que pois non haxa de chorar.

(C. V. 670 = C. B. 1078.)

Con gran coita sol non poso dormir  
nen vexo ren de que haxa sabor,  
e das coitas do mundo e a maior  
sofro de pran e non poso guarir;  
vedes por qué: porque non vexo aquí  
a mia señor, que eu por meu mal vi.

Queréndolli ben, sufrí muito mal  
e muito afán, desque foi mia señor,  
e muitas coitas polo seu amor  
e ora vivo en gran coita mortal;  
vedes por qué: porque non vexo aquí  
a mia señor, que eu por meu mal vi.

Quando me eu dela partí, logo entón  
houbi tal coita que perdí meu sen  
ben tres días que non coñoci ren,  
e ora moiro e faço gran razón;  
vedes por qué: porque non vexo aquí  
a mia señor, que eu por meu mal vi.

(C. V. 674=C. B. 1082.)

Sexo eu, fremosa, con mui gran pesar  
e mui coitada no meu corazón,  
e choro muito e faço gran razón,  
par Deus, mia madre, de muito chorar  
por meu amigo e meu lume e meu ben,  
que se foi daquí, ai madre, e non ven.

E ben sei eu de pran que por meu mal  
me fez Deus atan fremosa nacer,  
pois me ora faz, como moiro, morrer,  
ca moiro, madre, se Deus mi non val,  
por meu amigo e meu lume e meu ben,  
que se foi daquí, ai madre, e non ven.

E fezmi Deus nacer, per boa fé,  
polo meu mal e ar fezmi logo í  
mais fremosa de quantas donas vi,  
e moiro, madre; vedes por qué é,  
por meu amigo e meu lume e meu ben,  
que se foi daquí, ai madre, e non ven.

E, pois Deus quer que eu moira por én,  
sábían que moiro queréndolli ben.

(C. V. 809=C. B. 1204.)

## XOHAN SERVANDO

(¿Mediados do século XIII?)

É doado que fose nascido en terras de Toledo, cu, de outro modo, que alá residira o poeta longamente, acarón da corte. Aló atópase o santuario de San Servando, que o troveiro lembra decote. Da veciñanza de Xohan Servando á cidade imperial hai asemade nota nun seu escárneo (C. V. 1030).

Don Domingo, a Deus loado,  
daquí atá en Toledo  
non ha clérigo prelado  
que non teña o Degredo.

O mesmo raro patronímico poido moi ben tiralo o trovador do lugar de nacementa. Non embargantes, todo canto se poida hoxe dicir da súa vida, non irá mais alén que a sinxela sospeita.

Abondosa é a labourea de Xohan Servando: dúas cantigas de amor, cinco de escárneo e maldicer e dazasete de amigo. Non polo número, senón polo denso cerne poético, son istas derradeiras as que, formando un todo sistemático e ordeado, enchen o mais belido do seu espolio. Con as cantigas de amigo de Servando pódese, do mesmo xeito que coas de Codax, Meogo e demais mestres do xénero cultivadores do tema da romaxe, formar un soio poema, onde cobran vida e senso global as isoladas angurias da namorada e as incidencias do seu amor.

Tentamos nista escolla refacer a liña argumental, botando man apenas de unhas poucas cantigas. Redúcese o poema ás coitas da moza, que morre por facer a romaxe de San Servando, onde seu amado está, pronto a abandonala, se ela alá non vai; os rogos da namorada vencen ao cabo a nemiga da nai; e cando torna felís, non pode menos de confesar que xa non sanará do seu amor.

Se meu amigo a San Servando for  
e llo Deus aguisa, polo seu amor  
ílo quero eu, madre, veer.

E, se él for, como me demandou,  
a San Servando, ú me outra vez buscou,  
ílo quero eu, madre, veer.

O meu amigo, que mi vós tolledes,  
pero me agora por él mal dicesdes,  
ílo quero eu, madre, veer.

(C. V. 740=C. B. 1148.)

Mia madre belida, e non me guardedes  
de ir a San Servando, ca, se o facedes,  
morrerei de amores.

E non me guardedes, se vós ben haxades,  
de ir a San Servando, ca, se me guardades,  
morrerei de amores.

E, se me vós guardades de atal perfia  
de ir a San Servando facer romaría,  
morrerei de amores.

E, se me vós guardades, eu ben volo digo,  
de ir a San Servando veer meu amigo,  
morrerei de amores.

(C. V. 741 = C. B. 1149.)

Triste ando eu, belida, e ben volo digo  
porque mi non leixan veer meu amigo;  
pódenme agora guardar,  
mais non me partirán de o amar.

Pero me feriron por él noutro día,  
fui a San Servando veer se o vería;  
pódenme agora guardar,  
mais non me partirán de o amar.

E, pero me guardan que o non vexa,  
esto non pode seer per ren que sexa;  
pódenme agora guardar,  
mais non me partirán de o amar.

E muito me poden guardar,  
e non me partirán de o amar.

(C. V. 742 = C. B. 1149.)

A San Servando en oraçón  
foi meu amigo, e por que non  
foi eu, choraron des entón  
estes meus ollos con pesar,  
e non os poso ende eu quitar  
estes meus ollos de chorar.

Pois que se agora foi daqui  
o meu amigo, e o non vi,  
filláronse a chorar des í  
estes meus ollos con pesar,  
e non os poso ende eu quitar  
estes meus ollos de chorar.

(C. V. 736 = C. B. 1144.)

A San Servando foi meu amigo  
e porque non veo falar migo  
direio a Deus  
e chorarei dos ollos meus.

Se o í vir, madre, serei cobrada;  
e, ¿por qué me teendes guardada?;  
direio a Deus  
e chorarei dos ollos meus.

E se me él non vir será por mi morto;  
mais porque me él fez tan gran torto  
direio a Deus  
e chorarei dos ollos meus.

(C. V. 373 = C. B. 1145.)

Fuí eu a San Servando por veer meu amigo  
e non o vi na ermida, nen falou él comigo  
¡namorada!

Diséronmi mandado de que muito desexo  
ca verría a San Servando, e pois eu non o vexo,  
¡namorada!

(C. V. 744 = C. B. 1151.)

Ora van a San Servando  
donas facer romaría  
e non me leixan con elas  
ir, ca logo alá iría,  
porque ven í meu amigo.

Se eu fose en tal compañía  
de donas, fora guarida,  
mais non quis hoxe mia madre  
que fecese ende eu a ida,  
porque ven í meu amigo.

Tal romaría de donas  
vai alá, que non ha par,  
e fora hoxe eu con elas,  
mais non me queren leixar,  
porque ven í meu amigo.

Nunca mia madre vexa,  
se dela non for vingada,  
porque hoxe a San Servando  
non vou, e me ten guardada  
porque ven í meu amigo.

(C. V. 738 = C. B. 1146.)

Filla, o que queredes ben  
partíuse agora daquén  
e non vos quiso veer;  
¿e ides vós ben querer  
a quen vos non quer veer?

Filla, ¡que mal baratades  
que o sen meu grado amades,  
pois que vos non quer veer!  
¿e ides vós ben querer  
a quen vos non quer veer?

Por esto lli quero eu mal,  
mia filla, e non por al,  
porque vos non quis veer;  
¿e ides vós ben querer  
a quen vos non quer veer?

Andades por él chorando,  
e foi ora a San Servando  
e non vos quiso veer;  
¿e ides vós ben querer  
a quen vos non quer veer?

(C. V. 746=C. B. 1143.)

Irse quer o meu amigo;  
non me sei eu dél vingar  
e pero mal está migo,  
se me lle eu ante asañar,  
quando me él sañuda vir,  
non se ousará daquende ir.

Irse quer él daquí cedo  
por mi non facer compañía,  
mais, pero que non ha medo  
de lli mal facer mia saña,  
quando me él sañuda vir,  
non se ousará daquende ir.

Foi él facer noutro dia  
Oraçón a San Servando,  
por se ir xa daquí sa via,  
mais, se me eu for asañando,  
quando me él sañuda vir,  
non se ousará daquende ir.

(C. V. 735=C. B. 1143.)



Quando eu a San Servando  
fui un dia daqui  
facela romaría  
e meu amigo í vi,  
direivos con verdade  
quanto eu dél entendí;  
muito veño pagada  
por quanto lli falei,  
mais háme él namorada,  
que nunca lli guarrei.

¡Qué boa romaría  
con meu amigo fiz!,  
ca lli dixे, a Deus grado,  
quanto lle eu dicer quix  
e dixillo gran torto  
que sempre dele prix;  
muito veño pagada  
por quanto lli falei,  
mais háme él namorada,  
que nunca lli guarrei.

Ú él falou comigo  
díseme esta razón:  
¿por Deus, qué lli faría?  
E dixille eu entón:  
—Haberei de vós dóo  
eno meu corazón;  
muito veño pagada  
por quanto lli falei,  
mais háme él namorada,  
que nunca lli guarrei.

Nunca me eu desta vida  
hacharei senón ben,  
ca dixi a meu amigo  
a coita en que me ten  
o seu amor, e cuido  
que vai ledó por én;  
muito veño pagada  
por quanto lli falei,  
mais háme él namorada,  
que nunca lli guarrei.

(C. V. 734 = C. B. 1142.)

## FERNANDO ESQUIO

(Mediados do século XIII)

Leandro Saralegui, na sua obra «San Martín de Jubia», demostra a natureza ferrolán de iste troveiro de nobre familia, cuos sartegos consérvanse aínda en Xubia e na eirexa de Neda.

Viveu pormedias do século XIII, pois é contemporáneo de Pero García Buralés, Pero de Ambroa e Roi Páes de Ribela. O primeiro adicalle tres cantigas de escárneo e maldicer (C. V. 984-86) e os outros dous citano de pasada (C. V. 1135 e 1026). Na lectura feita por T. Braga figura nestas alusións coma Fernando Escalho, mais coidamos que seña a mesma persoa que Esquio, ou Esguío.

Seguramentes era Esquio un cabaleiro de unha soia lanza, que non tiña a menos cantar as suas propias cantigas, formando de tal xeito antre os segreles. García Buralés louba o bo arte de Esquio:

Fernando Escallo vi eu cantar ben,  
que poucos outros vi cantar mellor,

mais dóese a seguir de que a mala vida que o troveiro facía lle estragase a voz:

e ficou ora, se Deus mi perdon,  
con a peor voz que nunca vi.

(C. V. 985.)

Da sua moradía en Galicia leixounos Fernando Esquio lírica razón nunha cantiga, que chamaremos mista de amor e de amigo, onde refire as inqedanzas de un namorío que o trai e o leva de Sant-Yago a Lugo.

É de coidar que tivese vivido algún tempo na corte de Castela.

Esquio é autor de duas cantigas de amor (C. V. 900=C. B. 1296; C. B. 1294), catro de amigo (C. V. 899 e 901-3=C. B. 1295 e 1297-99) e duas de escárneo e maldicer (C. V. 1136-37). Iestas derradeiras son do mais brutal que se atopa nos Cancioeiros.

En troques, se non pode pedir maior delicadeza da que Esquio esprime nas suas cantigas de amigo e de amor. Sen retoricismos nen enganos, o poeta di o que sinte, de un xeito sangal. Non hai saloucos nen desgarros na sua poesía; apenas a tristura, o queixume do sofredor, ou a inqedanza camiñante do que leva un amor consigo.

Na fermosa cantiga das ribas do lago—unha das escasas pezas de tema laquista da nosa lírica medieval—descóbrese unha feiticeira emoción paisaxística, animada coa

escea viva da caza das aves ,e rematada cunha nota de subrima delicadeza:

a las que cantaban léixalas guarir;  
... a las que cantaban non as quer matar...

Solprendemos no acento persoal no troveiro—"¿qué me queres, Amor?"—, no "esprit" que enleva os versos, un acento novedoso, que non acada de cheo co xeito de facer e sentir daquil intre. Semella por voltas coma se Fernando Esquio viñese nun brinco deica nós.

Amor, a ti me veño ora queixar  
da mía señor, que te faz enviar  
cada ú dórmio sempre a me espertar,  
e fazme de gran coita sofredor;  
pois me ela non quer veer nen falar,  
¿qué me queres, Amor?

Esta queixume te veño ora dicer,  
que me non queiras meu sono toller  
pola fremosa de bon parecer,  
que de matar home sempre ha sabor;  
pois me ela nen un ben non quis facer,  
¿qué me queres, Amor?

Amor, castigatete desto por én,  
que me non tollas meu sono por quén  
me quis matar e me teve en desden  
e de mía morte será peccador;  
pois me ela nunca quisu facer ben,  
¿qué me queres, Amor?

Amor, castigatete desto por tal  
que me non tollas meu sono por cuál  
que me non faz ben e sol quer meu mal  
e mo fará, desto son xulgador;  
poilo seu ben cedo coita mi val,  
¿qué me queres, Amor?

(C. B. 1294.)

Vaiamos, irmana, vaiamos dormir  
nas ribas do lago, ú eu andar vi  
a las aves meu amigo.

Vaiamos, irmana, vaiamos folgar  
nas ribas do lago, ú eu vi andar  
a las aves meu amigo.

En nas ribas do lago, ú eu andar vi,  
seu arco na mao, ás aves ferir,  
a las aves meu amigo.

En nas ribas do lago, ú eu vi andar,  
seu arco na mao, a las aves tirar,  
a las aves meu amigo.

Seu arco na mao, ás aves ferir;  
a las que cantaban léixalas guarir,  
a las aves meu amigo.

Seu arco na mao, ás aves tirar;  
a las que cantaban non nas quer matar,  
a las aves meu amigo.

(C. V. 902 = C. B. 1298.)

—¿Qué adubastes, amigo,  
alá en Lugo, ú andastes,  
ou cuál é esa fremosa  
de que vós vos namorastes?

—Diréivolo eu, señora,  
pois me tan ben preguntastes:  
o amor que eu levei  
de Santiago a Lugo,  
ese me aduse e ese mi adugo.

—¿Qué adubastes, amigo,  
ú tardastes noutro día,  
ou cuál é esa fremosa  
que vos tan ben parecía?

—Diréivolo eu, señora,  
pois í tomastes perfía:  
o amor que eu levei  
de Santiago a Lugo,  
ese me aduse e ese mi adugo.

—¿Qué adubastes, amigo,  
lá ú habedes tardado,  
ou cuál é esa fremosa  
de que sodes namorado?

—Diréivolo eu, señora,  
pois me habedes preguntado:  
o amor que eu levei  
de Santiago a Lugo,  
ese me aduse e ese mi adugo.

(C. V. 903 = C. B. 1299.)

## LOURENZO

(Primeiro a derradeiro coarto do s. XIII)

Ainda que nos Cancioeiros somentes figura coma «Lourenzo, xograr», nunha tensón con Rodrigo Eanes iste apelidao Lourenso Eanes (C. V. 1032), mentres, de outra parte, Pero Barroso nunha cantiga de escárneo (C. V. 1051) e Xohan Soares Coello tamén nunha tensón (C. V. 1022) noméanno Pero Lourenzo. Teríamos, pois, o seu nome cabal en Pero Lourenzo Eanes, se ben isto non tira pra que o simple apelativo de Lourenzo abonde pra cifrar a forte e soada persoalidade de iste xograr.

Nado en terras de Cornelhá (Portugal), fixo en Sant-Yago as primeiras armas do seu mester de xograría, pois foi orgaista da Catedral compostelán polo ano 1245. Da sua estadia eiquí arrinca o fondo vencellamento de Lourenzo á tradición lírica galega.

Da vida do xograr hai rastos e liñas ao longo dos Cancioeiros; con isas espalladas notas de cór pódese tencioar unha síntese do cadro biográfico. Lourenzo foi o xenio do maldicer, o mestre da intuición poética, o adiantado da improvisación. Cantando os versos dos alleos, chegou un día á corte de Alfonso X; non mais chegar, encirrouse en liortas literarias con todos os que ali ben ou mal rimbaban, e a todos vencía. Il mesmo diría dempois repetidamente que ninguén lle endexamais poidera nunha tensón. Tal chegou a ser a sua sona de bo tensoador, que os millores troveiros tiñan a gala cruzar con il as armas poéticas, e o cabaleiro Don Xohan de Aboim sentía coma un aldraxe porque o xograr aínda non o desafiara; tanto teimou, que rematou por consegulo (C. V. 1010).

Don Xohan García de Guillade fixo bulra dos vivos anceios de Lourenzo porque os demais o tivesen na estima de troveiro (C. V. 1106 e 1107); logo ameazóuno con lle partir o citolón na testa (C. V. 1104), mais, ao cabo, rematou por tomalo pra o seu servizo. Dáballe a soldada en cebada e viño, pero o xograr dóese de que o patrón non lla pagaba (C. V. 1105).

De Castela tornóu Lourenzo a Portugal, onde foi, á par de Martín Moxa e Diogo Pecello, un dos tres xogrades privados que instituíu Alfonso III. Co seu arte de bo xograr, Lourenzo fixo fortuna, se damos creto aos que lle botaban en cara seu afán de aforrar cartos pra mercar casas en Castela. O troveiro non o desminte e, xustamente orguloso dos seus trunfos de poeta, reclama outravolta o tíduo de trovador, que en boa lei merescía.

A figura de Lourenzo, argalleiro, enredador, esguío, de xenio súpeto e firente, enche por si soia un cicro do cancioeiro de bulras, que foi estudado con gran tino polo profesor Rodrigues Lapa.

Xa fica dito o mais importante da sua poética, que, sen dúbida, foi en Lourenzo gurgullante brochar do cáustico xenio racial. Compre engadir que tampouco desconecía o troveiro os sons sinxelos do lirismo amoroso. Cantigas de amor e de amigo leixounos il que ben emperellan coas mais fermosas dos Cancioeiros. Eis a sua obra: duas cantigas de amor (C. V. 693 e 706=C. B. 1102 e 1115), sete de amigo (C. V. 865-871=C. B. 1260-65), duas de maldicer (C. V. 1033 e 1036) e seis tensóns, no C. V.: con D. Xohan de Aboim (1010), con Rodrigo Eanes (1032), con Fero García (1034), con Xohan Vázquez (1035) e con D. Xohan García de Guillade (1104 e 1105).

Lourenzo fixo, por beizos da amiga, a sua propia apo-  
loxía de tensoador:

Asaz é meu amigo trobador,  
ca nunca se home defendeu mellor,  
quando se torna en trobar,  
do que se él defende por meu amor  
dos que van con él entença  
.....  
que nunca o trobadores vencer  
poderon, tan trobador é.

(C. V. 868.)

Tres moças cantaban de amor,  
mui fremosiñas pastores,  
mui coitadas dos amores,  
e dise ende unha, mia señor:

—Dicede, amigas, comigo  
o cantar do meu amigo.

Todas tres cantaban mui ben,  
come moças namoradas  
e dos amores coitadas,  
e dise a por qué perço o sen:

—Dicede, amigas, comigo  
o cantar do meu amigo.

¡Qué gran sabor eu había  
das oír cantar entón!,  
e prúguemi de corazón  
quando mia señor decía:

—Dicede, amigas, comigo  
o cantar do meu amigo.

E, se as eu mais oíse,  
a que gran sabor estaba,  
e que muito me pagaba,  
de como mia señor dise:

—Dicede, amigas, comigo  
o cantar do meu amigo.

(C. V. 867=C. B. 1262.)

Unha moça namorada  
diciá un cantar de amor,  
e dise ela: —Nostro Señor,  
hoxe eu fose aventurada  
que oíse o meu amigo  
como eu este cantar digo.

A moça ben parecía  
e en sa voz manselíña  
cantou, e dise a meniña:  
—Prouguese a Santa María  
que oíse o meu amigo  
como eu este cantar digo.

Cantaba mui de corazón  
e mui fremosa estaba  
e dise, quando cantaba:  
—Peço eu a Deus por peidición  
que oíse o meu amigo  
como eu este cantar digo.

(C. V. 866 = C. B. 1261.)

Amiga, desque meu amigo vi,  
él por mi morre e eu ando des í  
namorada.

Desque o ví, primeiro lli falei,  
él por mi morre e eu dél fiquei  
namorada.

Desque nos vimos, así nos aven:  
él por mi morre e eu ando por én  
namorada.

Desque nos vimos, védelo que faz:  
él por mi morre e eu ando asaz  
namorada.

(C. V. 869 = C. B. 1264.)

Señor fremosa, oí eu dicer  
que vos levaron de ú vos eu leixei  
e de ú os meus ollos de vós quitei;  
aquei día fora ben de morrer  
eu, e non xuro atan gran pesar  
qual mi Deos quis de vós mostrar.

Porque vos foron, mía señor, casar  
e non ousastes vós dicer ca non,  
por én, señor, así Deus mi perdón,  
mais me valera xa de me matar  
eu, e non xuro atan gran pesar  
qual mi Deos quis de vós mostrar.

(C. V. 693 = C. B. 1102.)

—Muito te vexo, Lourenço, queixar  
pola cebada e polo beber,  
que te o non mando dar a teu pracer.  
mais eu te o quero facer mellorar;  
pois que te agora citolar oi  
e cantar, mando que te o den así  
ben como o tu sabes merecer.

«Xohan García, se vos eu pesar  
de que me queixe en voso poder,  
o mellor que podedes i facer  
non mi mandedes a cebada dar  
mal, nen o viño, que mi non dan i  
tan ben como eu sempre merecí,  
ca vos sería grave de facer.»

—Lourenço, a min grave non será  
de te pagar tanto que mi quiser,  
pois ante mi feceste teu mester,  
mui ben entendo e ben vexo xa  
como te pague: logo o mandarei  
pagar a gran vilao que hei,  
se un bon pao na mao tiver.!

«Xohan García, tal paga hachará  
en vós o xograr quando a vós veer,  
mais outro que mester fecer  
que me eu entenda mui ben fará;  
que panos ou algo merecerei,  
e vosa paga ben a leixarei,  
e pagade outro xograr qualquer.»

—Pois, Lourenço, cálate e calarme hei,  
e todavía tigo mi o haberei,  
e do meu filla quanto chi me eu der.

«Xohan García, non vos fillarei  
algo e mui ben vos citolarei,  
e cofosco mui ben trobar.»

—Amo faz don e Lourenço ha chufar.

(C. V. 1105.)



## XOHAN GARCIA DE GUILLADE

(Primeiro a derradeiro coarto do s. XIII)

Debeu nacer no primeiro coarto do s. XIII, quer en Galicia (bisbarra da Cañiza e Pontearreas, onde hai dous lugares nomeados Guillade), quer en Portugal, que tamén rexistra o nome na súa toponimia.

Era un cabaleiro da pequena nobreza ou, coma supón Rodríguez Lapa, un cabaleiro-vilao, probabelmentes ao servicio de outro mais poderoso.

Andivo moitos anos por terras de Portugal, onde o acompañou unha grande fortuna amorosa, pois varias mulleres dóense dos seus enganos, chamándolle unha delas «cabeza de can perdido», asegún graciosamente conta o mesmo interesado. Non quería Guillade morrer de amor, coma outros troveiros degoiraban, nas arroútas do amor servil, senón que, menos idealista ou mais sincero, procrumaba as ventaxes de un vivir maino e longo, pois o mundo iste é mais cobizadeiro que o paradiso. Era Guillade un epicúreo, que se non furtaba de loubar os encantamentos da vida e do amor.

Xohan Soares Coello refire que García de Guillade gabábase de dar doas a «donas mui boas» (C. V. 1024), mais, por seren finximentos e drolas suas, o meiriño irialle pedir contas. Isto parez indicar que o troveiro non tifa, en verdade, a fidalga condición daquilas que il supuña as suas «pagadas», mais, de outra parte é certo que Guillade permitiuse ter ao seu servicio ao millor xograr do seu tempo: Lourenzo. Cicais as voltas da vida o teñan rebaixado nalgúns intres da herdada fidalguía.

Coma cabaleiro, vémolos á roda de feitos de armas. Tomou parte na cruzada a Terra Santa que en 1248 ordeou San Lois de Francia, onde ifian en fato varios troveiros galegos; a todos a malfadada xeira tornaría axifia pra os seus lares. Alistouse asemade nas hostes do magnate galego Don Rodrigo Gómez e, en resume, a vida de Guillade seméllase á de moitos outros troveiros-soldados de seu século.

Nos tres cancioeiros galego-portugueses ten García de Guillade dazaseis cantigas de amor, vinteunha de amigo e quince de escárneo e maldicer. É un dos troveiros de quen mais abondosa obra se conece.

Rodríguez Lapa califica a Guillade de «esprito cheo de individualismo creador», xuízo no que insiste Hernani Cidade, resaltando a laracha orixinal de «iste trovador galego, que animou coa súa vivacidade a primeira metade do século XIII».

Nas cantigas de amigo de Guillade asistimos ao trunfo do modo popular sobre a moda cortesán, no ambiente na-

tural dista. É a voz da xente do campo, que chega e adéntrase nos salóns e nos estrados, fáise polida e fala con desenfado de Brancafrol e Frores, do Paradiso, dos torneos cabaleirescos, das doas dos namorados que se mostran en cas do Rei, de todo o que arrodea ao poeta, en fin. O grande mérito seu é a mestría con que irmandou as maneiras populares e cortesáns, o feitizo da súa limpa inspiración, a lanzal soltura dos seus versos. Abonda, por exemplo, lembrar iste refrán:

Os ollos verdes que eu vi  
me facen ora andar así,

inspirado na cantiga de vilao

Vós habedelos ollos verdes,  
matarme edes con eles,

pra catalo celme puro da millor parte da súa obra. Guíllade deu á cantiga de amigo un ar de fino humorismo, no que xogan verbas e decires populares, de grande forza espresiva (C. V. 369, 371, 1102).

Amigo, non poso eu negar  
a gran coita que de amor hei,  
ca me vexo sandeu andar  
e con sandice o direi:

os ollos verdes que eu vi  
me facen ora andar así.

Pero quen quer xa entenderá  
aquestes ollos quáes son,  
e desto alguén se queixará,  
mais eu xa, quer moira quer non,

os ollos verdes que eu vi  
me facen ora andar así

Pero non debían a perder  
homen que xa o sen non ha,  
de con sandice ren dicer,  
e con sandice digo eu xa:

os ollos verdes que eu vi  
me facen ora andar así.

(C. V. 30.)

Sañudo andades, amigo,  
porque non faço meu dano  
vosco e, per fe, sen engano  
ora vos xuro e vos digo  
ca nunca xa ese preito  
migo, amigo, será feito.

De pran, non son tan louca  
que xa ese preito faça,  
mais dóuvos esta baraça,  
guardade a cinta e a touca,

ca nunca xa ese preito  
migo, amigo, será feito.

¡Ai, don Xohan de Guillade!,  
sempre vos eu fui amiga;  
¿e queredes que vos diga?,  
en outro preito falade,  
ca nunca xa ese preito  
migo, amigo, será feito.

(C. V. 346=C. B. 744.)

Un cabalo non comeu  
ha sex meses nen se ergueu,  
mais prougue a Deus que choveu  
e creceu a herba,  
e per cabo sí pagueu,  
e xa se leva.

Seu dono non lli buscou  
cebada nen o ferrou,  
maillo bon tempo tornou  
e creceu a herba,  
e pagueu e arriçou  
e xa se leva.

Seu dono non lli quis dar  
cebada nen o ferrar,  
mais cabo de un lamaçal  
i creceu a herba,  
e pagueu e arriçou,  
e xa se leva.

(C. V. 1098.)

¡Ai, dona fea!, fóstevos queixar  
que vos nunca loubos en meu cantar,  
mais ora quero facer un cantar  
en que vos loarei todavía;  
e vedes como vos quero loar,  
dona fea, vella e sandía.

Dona fea, se Deus me perdon,  
pois habedes tan gran corazón  
que vos eu loe en esta razón,  
vos quero xa loar todavía;  
e vedes qual será a loazón:  
dona fea, vella e sandía.

Dona fea, nunca vos eu loei  
en meu trobar, pero muito trobei,  
mais ora xa un bon cantar farei  
en que vos loarei todavía;  
e direivos como vos loarei:  
¡dona fea, vella e sandía!

(C. V. 1097.)

Per boa fé, meu amigo,  
mui ben sei eu que me houbestes  
grande amor e estevestes  
mui gran sazón ben comigo,  
mais védelo que vos digo:  
xa çafou.

Os grandes nosos amores  
que mí e vós sempre houbemos,  
nunca lli cima fecemos  
coma Brancafrol e Flores;  
mais tempo de xogadores  
xa çafou.

Xa eu falei en folía  
con vosco, e en gran cordura,  
e en sen e en loucura  
quanto duraba o día,  
mais esto, ¡ai, don Xan García!,  
xa çafou.

E desa folia toda  
xa çafou;  
xa çafou do pan da boda,  
¡xa çafou!

(C. V. 358=C .B. 755.)

Quero eu, amigas, o mundo loar  
por quanto ben mí Nostro Señor fez:  
fezme fremosa e de mui bon prez,  
ar fezmi meu amigo muito amar:  
aqueste mundo xe est a mellor ren  
das que Deus fez a quen El í faz ben.

O paraíso bóo xe é de pran,  
ca o fez Deus e non digo eu de non,  
maillos amigos que no mundo son  
e amigas, muito ambos lecer han:  
aqueste mundo xe est a mellor ren  
das que Deus fez a quen El í faz ben.

Querriame eu o paraíso haber  
desque morrese, ben come quen quer,  
mais, poila dona seu amigo oer  
e con él pode no mundo viver,  
aqueste mundo xe est a mellor ren  
das que Deus fez a quen El í faz ben.

E quen aquesto non tiver por ben  
xa nunca lli Deus dé en ele ren.  
(C. V. 345=C, B. 743.)

## MARTIN DE XINZO

(Pormediados do s. XIII)

A vida diste troveiro está pra nós envolta en brétemas. De non ser a sua patria o Xinzo da Limia, coidamos doado poda selo Santa Maria de Xinzo, en Cuntis, pois aínda que hai en Galicia outras localidades co mesmo nome, dáse o feito de existir nista freiguesia o lugar de Sobral, que cicais sería o Soberal (bosque de sobreiras) das cantigas de romaxe do trovador.

Martín de Xinzo era xograr; coneceu a Martín Codax, con cuia inspiración ten fondas semellanzas, e a quen cita nunha incompreta cantiga (C. V. 882). Coidamos, pois, que debeu vivir pormediado o século XIII.

Escribeu oito cantigas de amigo (C. V. 876-83=C. B. 1270-77). Nunha delas, que é coma un a modo de preludio das máis, parez adiviñarse un paso autobiográfico: a fermosa dona, cicais nobre señora do pazo, manda ao xograr tanguer o adufe e, namentres il morre de amores por ela, a belida non lle da vagar, pedíndolle novos cantares que a deleiten e axuden a ensonar as súas propias inquedanzas amorosas.

Coma na meirande parte dos casos semellantes, o grupo das cantigas de romaría de Martín de Xinzo forma un todo acabado, encol de uns amores emparados baixo o favor da ermida venerada. O mozo vai na guerra; a namorada prega á súa nai pra que a leixe ir orar na ermida, coa segreda espranza de topalo alí. Hai un intermedio en loubor da santa miragreira e, ao cabo, a moza «afróntase a ir soia, en percura de «sen verdade» e «traedor», que está no Soberal.

A do mui bon parecer  
mandou lo adufe tanxer;  
louçana, de amores moiro eu.

A do mui bon semellar  
mandou lo adufe soar;  
louçana, de amores moiro eu.

Mandou lo adufe tanxer  
e non lli daban lecer;  
louçana, de amores moiro eu.

Mandou lo adufe soar  
e non lli daban vagar;  
louçana, de amores moiro eu.

(C. V. 883=C. B. 1277.)

¡Cómo vivo coitada, madre, por meu amigo,  
ca me enviou mandado que se vai no ferido!,  
e por él vivo coitada.

¡Cómo vivo coitada, madre, por meu amado,  
ca me enviou mandado que se vai no fosado!,  
e por él vivo coitada.

Ca me enviou mandado que se vai no ferido,  
eu a Santa Cecilia de corazón o digo,  
e por él vivo coitada.

Ca me enviou mandado que se vai no fosado,  
eu a Santa Cecilia de corazón o falo,  
e por él vivo coitada.

(C. V. 876 = C. B. 1270.)

¡Ai, virtudes de Santa Cecilia!,  
qué sañudo que se foi un día  
o meu amigo, e tense por morto;  
e, se se asaña, non faz í torto  
o meu amigo, e tense por morto.

¡Ai, virtudes de santa ermida!,  
con gran pesar, fez aquesta ida  
o meu amigo, e tense por morto;  
e, se se asaña, non faz í torto  
o meu amigo, e tense por morto.

(C. V. 880 = C. B. 1274.)

Non poso eu, madre, ir a Santa Cecilia  
ca me guardades a noite e o día  
do meu amigo.

Non poso eu, madre, haber gasallado,  
ca me non leixades facer mandado  
do meu amigo.

Ca me guardades a noite e o día;  
morrervos hei con aquesta perfia  
por meu amigo.

Ca me non leixades facer mandado;  
morrervos hei con aqueste cuidado  
por meu amigo.

Morrervos hei con aquesta perfia,  
e, se me leixades ir, guarría  
con meu amigo.

Morrervos hei con aqueste cuidado,  
e, se quiserdes, irei mui de grado  
con meu amigo.

(C. V. 879 = C. B. 1273.)

Non mi digades, madre, mal, e ir hei  
veelo sen verdade que namorei  
na ermida do Soberal,  
ú me él fez muitas veces coitada estar,  
na ermida do Soberal.

Non mi digades, madre, mal, se eu for  
veelo sen verdade e o mentidor  
na ermida do Soberal,  
ú me él fez muitas veces coitada estar,  
na ermida do Soberal.

Se él non ven í, madre, sei qué farei:  
él será sen verdade e eu morrerei  
na ermida do Soberal,  
ú me él fez muitas veces coitada estar  
na ermida do Soberal.

Rogo eu Santa Cecilia e Nostro Señor  
que hache hoxe eu í, madre, o traedor  
na ermida do Soberal,  
ú me él fez muitas veces coitada estar  
na ermida do Soberal.

(C. V. 881 = C. B. 1275.)

## XOHAN SOARES COELLO

(Primeiro a derradeiro coarto do s. XIII)

Ricohome portugués, descendente de Egas Moniz. Tomou parte na conquista do Algarve e logo asentouse na corte de Castela, onde promoveu un famoso preito literario, de que depois falaremos, baixo a sorridente ollada de Alfonso X. Estivo tamén nos pazos do Limosin.

Torna a Portugal, e alí destaca polos anos 1250 a 1279, ao emparo de Don Alfonso III, aquí outro monarca protector da poesía. Tratouse cos millores troveiros e xogres do seu tempo; con moitos de eles rifou nas bulras e veras da tensión e do escárneo.

No Cancioeiro da Ajuda (núm. 166) figura unha famosa cantiga de Soares Coello, na que o trovador galanteía a unha ama de cria. O feito motivou un verdadeiro escándalo na corte do Rei Sabio; enriba do fidalgo portugués caíu unha manchea de cantigas de maldicer e faladurias cortesáns. García Esgarabuña ergueu a súa voz a prol do lusitano, facendo a apoloxía da ama cortexada, e logo acorreron a partillar na soada regueifa, con bulras e comentos de totalas córes, Airas Pérez Vuituron, Martín Alvelo, Lourenzo, Xulián Bolseiro e García de Guillede. Con todo isto, aquela teima amorosa do troveiro portugués viu promover un animado e boligante ciclo de poesía maldicente, aguda e festeira, que hoxe é pra nós aporte documental da meirande valía, encol da vida social de aqueles tempos.

Soares Coello tensonou ademais co xograr proenzal Picandón—que andivo por Castela arredor do ano 1230—e a quén o cabaleiro portugués retrata, coma tafur, pelexante e bebedor, nistes catro vigorosos versos:

Picandón, por vos vós muito loardes  
non volo cataron por cortesia,  
nen por entrardes na tafularía,  
nen por beberdes, nen por pelexardes.

(C. V. 1021.)

A mais das composicións satíricas, Soares Coello compuxo boas cantigas de amigo, sendo de notar o engado rebuldeiro do seu arte, coma na cantiga onde a namorada, «por barallar» engana ao seu amigo, falando con outro diante dil; orixinal creación do trovador, que cicais non teña parella nos Cancioeiros, nos que é nota obrigada do sentimento amoroso a fidelidade a ultranza. Hai tamén na poesía de Coello un ritmo lanzal de bailada, a que ben se presta o endecasílabo anapéstico, que o trovador terma por voltas.

Gárdanse catorce cantigas de amigo suas, tres ten-



sóns e mais de unha ducia de cantigas de maldicer, que sobrepasan os mais rexos acentos do xénero. Pena é que o cancioeiro de Bulras non poda ser dado ao público na súa maior parte, porque coidamos nós que nil péchanse tesouros da fala medieval galego-portuguesa e documentos vivos da historia; no aspecto social, dos que non adoitán ser mostra de tan marcadas tintas os cancioeiros de Amor e de Donas.

Falei un día, por me barallar  
con meu amigo, con outro ú me él vise,  
e diréivos que lli dixe, ú me él dise  
por qué lli fecera tan gran pesar:

—Se vos í, meu amigo, pesar fiz,  
non foi por al, senón porque me quix.

Por barallar con él, e por al non,  
falei con outro, en tal que o probase,  
e pesoulli mais que se o matase  
e preguntóume, e dixille eu entón:

—Se vos í, meu amigo, pesar fiz,  
non foi por al, senón porque me quix.

Alí ú eu con outro ante él falei,  
preguntóume ele por qué lli facía  
tan gran pesar, ou se o entendía,  
e diréivos como me lli salvei:

—Se vos í, meu amigo, pesar fiz,  
non foi por al, senón porque me quix.

(C. V. 285 = C. B. 683.)

Xohan Fernández, o mundo é tornado  
e de pran cuidamos que quer fiir:  
vémolos emperador levantado  
contra Roma e tártaros viir;  
e ar veemos aquí don pedir  
Xohan Fernández, o mouro cruzado.

E sempre esto foi profetizado  
por dous e cinco sinaes da fin,  
seer o mundo así como é miscrado,  
e ar tornarse o mouro pelegrín;  
Xoan Fernández, creede esto a min,  
que soo home ben leterado.

E se non fose o Ante-Cristo nado  
non averría esto que avén,  
nen fiar o señor no malado  
nen o malado no señor ren,  
nen ar iría a Xerusalén  
Xohan Fernández, non bautizado.

(C. V. 1013)

Per boa fé, mui fremosa, sañuda  
sexo eu e triste e coitada por én,  
por meu amigo e meu lume e meu ben,  
que hei perdido e él mi ha perdida,  
porque se foi sen meu grado daquí.

Cuidouse él que mi facía mui forte  
pesar de se ir, porque lli non falei,  
pero ben sabe Deus ca non ousei,  
mais seríalle hoxe mellor a morte,  
porque se foi sen meu grado daquí.

Tan cruamente llo cuido a vedar,  
que ben mil veces no seu corazón  
roga él a Deus que lli dé meu perdón  
ou sa morte, se lle eu non perdoar,  
porque se foi sen meu grado daquí.

(C. V. 280=C. B. 678.)

Fui eu, madre, lavar meus cabelos  
a la fonte e pagueime eu delos  
e de mí, louçana.

Fui eu, madre, lavar mias garcetas  
a la fonte e pagueime eu delas  
e de mi, louçana.

A la fonte e pagueime eu delas,  
aló hachei, madre, o señor delas  
e de mi, louçana.

Ante que me eu dali partise,  
fui pagada do que me él dise  
e de mi, louçana.

(C. V. 291=C. B. 639.)

¡Ai, Deus, a Vói-o digo!:  
foise ora o meu amigo,  
¿e se o verei, belida?

Quén me ende ora soubese  
verdade e mi disese,  
¿e se o verei, belida?

Foise él mui sen meu grado  
e non sei eu mandado,  
¿e se o verei, belida?

¡Qué fremosa que sexo,  
morrendo con desexo!,  
¿e se o verei, belida?

(C. V. 292=C. B. 630.)

## XOHAN BAVECA

(Primeiro coarto a fins do s. XIII)

Era leonés. Partillou coma escudeiro na cruzada de 1248 e tamén, según o autorizado parecer de López Ferreiro, estivo na conquista de Córdoba e de Sevilla, coa xente de armas do señor galego D. Rodrigo Gómez. Por esta razón estima o devandito autor que Baveca sería galego, mais é doado que o fose somentes de veciñanza.

Morou na corte de Fernando III e Alfonso X. Alí co-neceu ao fato algareiro de trovadores, xograres e solda-deiras que bulia encol do favor real, gañoso de honras e doas. Cicais a Baveca lle cadrasen xa os tempos duros das limitacións, impostos polas Cortes, coma aquilas de Valadolide de 1258, nas que se dispón «que a los joglares e a las soldaderas que les faga el Rey algo una vez al año e que no anden en su casa sinon aquellos que el touier por bien».

Baveca tensonou con Pero de Ambroa (C. V. 826), de quen il tamén se moxa co gallo do suposto viaxe a Terra Santa (C. V. 1066 e 1067). En outros dous escárneos (C. V. 1063 e 1069) dirixese a un Don Bernaldo, que su-pomos Bernal de Bonaval, xa vello daquela, do que Bave-ca fai bulra, aconsellándolle coma ten de lidar cos mou-ros. Non podería fallar a súa sátira contra a Balteira (C. V. 1070), anque nela non pase o troveiro de un co-mento sorridente, tamén co refugioiro da súa vellice.

Os compañeiros de Baveca atácano dediante Don Al-fonso X, «tencionan tirarlle o trovar («vos cuidan o tro-bar toller») e sométeno a grandes bulras porque il e o de Ambroa non saben seguir unha tensón sen se despenar en tolemias» (Menéndez Pidal).

Consérvanse sete cantigas de amor de Xohan Bave-ca (C. V. 694-700=C. B. 1103-1109), trece de amigo (C. V. 827-39=C. B. 1222-34), oito de escárneo e maldicer (C. V. 1063-70) e unha tensón con Pero de Ambroa (C. V. 826).

Iste polifacetismo do troveiro vai en míngoa da cali-dade da súa obra. A lectura corrida das cantigas de Ba-veca enfasta, e somentes xurden ás vegadas relanzos de certo encanto poético, cando se esquence das esixencias formaes do proenzalismo.

Das cantigas de amor destacan a que refire as vacilla-cións do amador por confesar a súa paixón e a que esprime o noxo contra os falsos namorados. Nos escárneos amósase Baveca con un certo lanzal comedimento, mais, cicais por iso mesmo, sen arroutos satíricos.

Meus amigos, non poso eu mais negar  
o mui gran ben que quero a mia señor  
que llo non diga, pois ante ela for,

e des oimáis me quero aventurar  
a llo dicer e, pois que llo dicer,  
máteme ela, se me matar quiser.

Ca, per boa fé, sempre me eu gardei  
quanto eu pudi de lli pesar facer,  
mais, como que unha morte hei de haber,  
e con gran pavor aventurarme hei  
a llo dicer e, pois que llo dicer,  
máteme ela, se me matar quiser.

Ca nunca eu tamafía coita vi  
levar a outro home, per boa fé,  
como eu levo, mais, pois que así é,  
aventurarme quero des aquí  
a llo dicer e, pois que llo dicer,  
máteme ela, se me matar quiser.

(C. V. 694 = C. B. 1103.)

—Ai, amiga, hoxe falou comigo  
o voso amigo, e ví o tan coitado  
por vós, que nunca vi tanto nome nado,  
ca morrerá se lli vos non valedes.

—Amiga, quando eu vir que é guisado,  
valerlle hei, mais non vos maravilledes  
de andar por mi coitado meu amigo.

—Per boa fé, amiga, ben vos digo  
que, ú estaba migo en vós falando,  
esmoreceu, e ben, así andando,  
morrerá, se vos dél dóo non filla.

—Si, fillará, ai amiga, xa quando,  
mais non tefiades vós por maravilla  
de andar por mi coitado meu amigo.

—Amiga, tal coita de amor ha sigo  
que xa nunca dorme noite nen día,  
coidando en vós e, par Santa María,  
sen voso ben non o guarirá nada.

—Guarireio eu, amiga, todavía,  
mais non vos façades maravillada  
de andar por mi coitado meu amigo.

(C. V. 829 = C. B. 1224.)

Pero de Ambroa prometeu de pran  
que fose romeu de Santa María,  
e acabou así sa romaría  
como acabou a do frume Xordán;  
ca entonce atá Mompiller chegou,  
e ora per Ronçavales pasou  
e tornóuse do poio de Roldán.

(C. V. 1066.)

## ALFONSO LOPES DE BAYAM

(Dos comenzos ao derradeiro coarto do s. XIII)

Era iste troveiro un fidalgo portugués, fillo de D. Lopo Afonso, señor de Bayam, perto do Porto, e de Doña Aldara Veegas. Debeu nacer nos primeiros anos do s. XIII.

Casou con Dona Mór Gonsalves. Foi privado de Afonso III e gobernador das terras de Sousa. Ista encomenda foille dada no ano 1253, e aínda a tiña en 1278, cando asina coma testemuña a doación da Louríñan ao infante Don Afonso, en cuio documento figura o troveiro con título de «Tenente de Sousa». A familia Bayam tomou parte nos atafegos políticos daquela; o irmán de D. Afonso, Diogo, foi árbitro do deslinde fronteirizo de 1264.

Lópes de Bayam estivo ao servizo da coroa de Castela. Acompañou ao infante Don Afonso, irmán de Fernando III, na conquista de Xaen (1246), asegún refire o primeira «Crónica General»; un ano mais tarde estivo en Sevilla, na emposta da súa toma polas hostes de Fernando III; alí trataría a Don Paio Gómez Charriño. Da amizade de ambos da razón a cantiga de maldicer diste (C. V. 1159) en resposta a outra de aquí (C. V. 1081), na que Don Afonso confesa que tiña «gran sabor» de facer unha casa en Arouca. Mais quéixase de non dispor de «madeira nova» e, co gallo anfibolístico da espresión, ambos troveiros fan comentos intencionados.

Interésanos outamentes a persoalidade literaria de Don Afonso Lópes de Bayam pola autoría dunha «Gesta de maldicer», asegún desina tan orixinal composición o Cancioeiro da Vaticana. Raro espécimen de parodia bélica, foi endereitada a «Gesta» contra Don Men Rodríguez de Briteiros, vindizo emparado pola familia do Boloñés. Demuestra a tal cantiga que as formas épicas non eran desconocidas nos centros literarios galego-portugueses, mais proba tamén que, «en face ao sentido heroico da poesía castelán, Galicia presenta unha vocación lírica, aínda a traveso do seu humorismo, que creba todo intento narrativo de carácter histórico» (Filgueira Valverde).

Eis as axeitadas verbas que adica á composición o devandito autor: «O troveiro percura o modelo nun trecho da «Chanson de Roland» (v. 96 ss., a xuntanza dos franceses diante Carlos Magno), usa o metro épico, con verificación irregular de dez a doce sílabas, en tiradas monorrimas afastadas pola escramación «Eoi» (¿o Aoi do poema trocado por un brado de traballo do «verbo dos arginas»?). Don Velpello (Raposo), sentado en cas da Orden de Longos, recibe aos seus vasallos pra apresentalos logo a El Rei; chega Martín de Farazón, descrito por-

miudo no seo adovío, escudo e armas, que entra pescudando polo compañeiro do señor don Xohan Araña, e polo alférez que ten o seu pendón, Xohan de Froyán, que ven en catadura de saión, aconsellando que o señor faga escarmentos nos axuntados en Basto; cando entra Pedro Ferreira, que porta en troques de lanza un ramo de cerdeira..., don Velpello rescíbeo na eira e escomenza a pescudar por outra serie de persoaxes fantásticos dotados de apelativos bulreiros: Pachacho, don Cabreira, Mensapo, Lopo Gato... Unha copra "esparsa", non sempre citada ao mentar iste trecho épico-bulreiro, reafirma o contido satírico da «gesta», e péchase cunha sentenza popular:

qual ricohome tal vasalo,  
qual concello tal campana.»

Coidamos non embargantes, que a «esparsa», millor que de remate, ben podería servir a modo de introito da «gesta», pois nela espónse a razón da xuntanza. Niste orde damos nós ambas composicións.

Lópes de Bayam escribeu, asemade, dúas cantigas de amor (C. V. 5 e 6), catro de amigo (C. V. 339-42=C. B. 738-40) e outras dúas de maldicer (C. V. 1079 e 1081). Non é inferior no tema amoroso do que se nos amosa no satírico, e as súas cantigas todas léense con lecer.

Deu ora El Rei seus diñeiros  
a Velpello, que mostrase  
en alardo cabaleiros  
e por ricohomen ficase,  
e pareceu a cabalo  
con sa sela de badana:  
qual ricohomen tal vasalo,  
qual concello tal campana.

(C. V. 1082.)

Sedia xí don Velpello en unha sa maisón  
que chaman Longos, onde eles todos son.  
Per porta lle entra Martín de Farazón,  
escudo a colo en que seve un capón  
que foi xa poleiro en outra sazón;  
cabalo agudo que semella forón,  
en cima dél un vello selegón,  
sen estrebeiras e con roto bardón;  
nen porta loriga nen porta lorigón,  
nen xoelleiras quaes de ferro son,  
mais trax perponto roto sen algodón  
e coberturas dun vello zarellón,  
lança de piño e de bragal o pendón  
e chapel de ferro que xí lli mui mal pon,  
e sobraçado un vello espadarrón;  
cuitelo a cachas, cintas sen farcillón,

duas esporas destras, ca sêstras non son,  
maça de fusto que lli pende do arçón.

A don Velpello moveu esta razón:

—Ai, meu señor, así Deus vos perdon,  
¿ú é Xohan Araña, o voso compañón  
e voso alférez, que vos ten o pendón?  
Se é aquí, sáia de esta maisón,  
ca xa os outros todos en Basto son.  
¡Eoí!

Estas oras chega Xohan de Froián,  
cabalo vello, caçurro e alazán,  
sinaes porta en o arçón de avan:  
campo verde ú inquire o can;  
en o escudo ataes lle hacharán  
çerame e cinta e calças de Roan,  
sa catadura semella de un saíam.  
Ante don Velpello se vai aparelan  
e diz: —Señor, non valredes un pan  
se os que son en Basto se xi vos así van;  
mais ide a eles ca xe vos non irán,  
hachalos edes, [e] escarmentarán,  
vingade a casa en que vos mesa dan,  
que digan todos quantos pós vós verrán  
que tal consello deu Xohan de Froián.  
¡Eoí!

Esto per dito, chegou Pero Ferreira,  
cabalo branco, bermello na peteira,  
escudo a colo, que foi dunha maseira,  
e a lança torta dun ramo de cerdeira,  
capelo de ferro, o anasal na trincheira,  
e furado encima da moleira,  
trax grande osa e unha xeolleira;  
estrebeirando vai de mui gran maneira  
e hachou Velpello estando en unha eira,  
e diz: —¡Aquí estades, ai, vello de matreira!  
Veña Pachacho e o dono de Cabreira  
pera dar a min a deanteira,  
ca xa vos tarda esa xente da Beira,  
o Moordomo e o sobriño de Cheira,  
e Meen Sapo e don Martín de Meira,  
e Lopo Gato, ese fillo da freira,  
que non ha antre nós mellor lança ponteira.  
¡Eoí!

(C. V. 1080.)

## GONZALO EANES DO VIÑAL

(Primeiro a derradeiro coarto do s. XIII)

Debeu ter nado arredor do 1225. Existen en Galicia lugares chamados do Viñal na Puebla de Brollón (Lugo), Bande (Ourense) e Pontearreas (Pontevedra). Cicais de algún deles seña orixinario o troveiro.

Viñal era de orixe nobre. No «Nobiliario» de Don Pedro figura un fidalgo do mesmo nome, fillo de D. Xohan Gomez do Viñal e de Dona Maria Pires, que casou en Aragón con Dona Bringuela de Cardoña. O troveiro Viñal morou algún tempo naquel reino, asegún se deduz das súas composicións; ben pode ser, pois, o mesmo persoaxe de que fala o «Nobiliario».

Téñense datos de que estivo no cerco e na conquista de Sevilla, polo que foi recompensado co señorío da vila de Aguilar. Da súa estadia nas xeiras de armas leixou viva estampa na cantiga 1001 do C. V. Mais tarde conqueriu a prirvanza de D. Alfonso X; o troveiro gradescceu o favor do Rei facendo escandaloso escárneo do maquiavélico infante Don Enrique, chamado O Senador, co gallo de uns supostos amores ca madrastra de ambos, Dona Xoana (C. V. 999 e 1008).

Eanes do Viñal dirixiu un escárneo a Pero de Ambroa, mocándose da súa suposta romaxe a Terra Santa. Do seu contacto na corte aragonesa coas correntes líricas foráneas da razón a cita que fai dos cantares ou «lais» de Cornualla (C. V. 1007).

Calculamos que debeuse finir iste troveiro no derradeiro coartel do século XIII.

Consérvanse dél nove cantigas de amigo (C. V. 307-13; 999=C. B. 706-12; 1390; C. V. 1008), incruídas as dúas que fixo en bulras dos amores da viuva do Rei Santo, mais oito de escárneo e maldicer (C. V. 1000-1007).

Eanes do Viñal foi un grande poeta. Tíña axilidade pra describer un esceario (C. V. 309, 1001), fondura dramática pra espresalo noxo (C. V. 311), delicadeza pra dicir a leda coita amorosa (C. V. 307), frente mordacidade pra botar sátiras (C. V. 1002). En troques, non estaba afeito ás fórmulas mañeiras da cantiga de amor, cicaves porque non topaba nelas campo aberto á súa fresqueira inspiración.

As dúas paródicas cantigas de amigo, en xuntanza coas rúbricas que as ilustran, téñen pra nós o rubido valor de cadros sociaes, onde se pintan os costumes, coma a entrega de doas polos namorados—cintas, toucas, cordóns, etcétera—, nun escuro fondo de enredos e treidorias. É nota común da súa poesía ista presenza do ambiente e do intre que o poeta vive, coma na realista visión do xogo



das canas dende as «torres sobre lo mar» ou na gráfica descripción da xuntanza dos infanzóns. Iste verismo confire á poesía de Eanes do Viñal unha nota de zumosa e sinceira espontaneidade.

Quando eu sobi nas torres sóbelo mar  
e vi onde soía a bafordar  
o meu amigo, amigas, tan gran pesar  
hoube entón por ele no corazón,  
quando eu vi estes outros por í andar,  
que a morrer houbera por él entón.

Quando eu catei das torres derredor  
e non vi meu amigo e meu señor,  
que hoxe él por mi vive tan sen sabor,  
hoube eu entón tal coita no corazón,  
quando me nembrei dél e do seu amor,  
que a morrer houbera por él entón.

Quando eu vi esta cinta que me él leixou  
chorando con gran coita, e me nembrou  
a corda da camisa que me él fillou,  
houbi por él tal coita no corazón,  
pois me nembra fremosa ú me enmentou,  
que a morrer houbera por él entón.

Nunca moller tal coita houbo a sofrer  
como eu, quando me nembra o gran pracer  
que lle eu fiz ú mí a cinta veo a cinxer;  
creceumi tal coita eno corazón,  
quando eu sobi nas torres polo veer,  
que a morrer houbera por él entón.

(C. V. 309 = C. B. 708.)

Amigas, eu oí dicer  
que lidaron os de Mourón  
con aquestes de El Rei, e non  
poso ende a verdade saber:  
se é vivo o meu amigo,  
que trouxo a mia touca sigo.

Se me mal non estevese  
ou non fose por enfinta,  
daría esta mia cinta  
a quen me as novas disese:  
se é vivo o meu amigo,  
que trouxo a mia touca sigo.

(C. V. 999 = C. B. 1390.)

Sei eu, donas, que deitado é daqui  
do reino xa meu amigo, e non sei  
como lli vai, mais quero ir a El Rei,  
chorarlle hei muito e direille así:

¡par Deus, señor, que vos tan bon Rei fez  
perdoade a meu amigo esta vez!

Porque o amo tan de corazón,  
como nunca amou amigo moller,  
irei alí ú El Rei estiver

chorando dos ollos, e direille entón:

¡par Deus, señor, que vos tan bon Rei fez,  
perdoade a meu amigo esta vez!

E, pois que me non val rogar a Deus,  
nen os santos non me queren oir,

irei a El Rei merceee pedir

e direi, chorando dos ollos meus:

¡par Deus, señor, que vos tan bon Rei fez,  
perdoade a meu amigo esta vez!

¡E por Deus, que vos deu honra e bondade,  
a don Anrique esta vez perdoade!

(C. V. 1008.)

## PERO DE VIVIAEZ

(¿Século XIII?)

Tan pouca cousa sabemos da vida de iste trovador, que o mesmo apelido ténse trabucado por alguén na interpretación de Veoyaéz, postulando a súa posíbre formación dos toponímicos Veo-y-Aez. Veo é un cabo da costa ourental cruñesa; Aez, unha aldeña non lonxe de Veo, na freiguesía de San Esteban de Camoira (Lugo). Cabe a sospeita de que o troveiro compuxese o seu apelido emparellando os nomes xeográficos dos logares da súa ascendenza. Mais pra iso teríamos que dar por boa a lectura devandita.

A cita da romaxe de San Simón de Valdeprados, que o troveiro fai, podería indicar a súa nacencia, mais tampouco isto é cralo, xa que o toponímico repítese en Tras-os-Montes, Macedo dos Cabaleiros e aínda na terra castelán de Segovia.

Coidamos, pola traza da súa poesía, que Vivíaez debeu ter vivido pormediado o século XIII.

Pero de Vivíaez é unha distas figuras que pasan á posteridades por unha soa obra maestra. A súa é ista fermosísima bailada que damos eiquí, brincadeira amosa do ritmo e da armonía dunha fala musical por natureza. Nesta cantiga de romaría, coa súa abuída tradición popular, trunfan de seu, ritmo, expresión, forma e paisaxe. É unha verdadeira xoia da lírica galega.

A outra cantiga de amigo que damos ten o raro feitizo de dar solta a un sentimento de despeito amoroso, nunha expresión chea de orixinalidade. En troques, Vivíaez pérdese no vulgarismo en dúas cantigas de escárnio e maldicer (C. V. 1151 e 1153), que non engaden nimigalla ao seu valer. Unha terceira (C. V. 1152), retrato caricatureiro de certa laida doncela, ten a forza cómica da intencionada pintura realista.

Pois nosas madres van a San Simón  
de Val de Prados candeas queimar,  
nós, as meniñas, puñemos de andar  
con nosas madres, e elas entón  
queimen candeas por nós e por sí  
e nós, meniñas, ballaremos í.

Nosos amigos todos lá irán  
por nos veer, e andaremos nós  
ballando ante eles, fremosas, en cós,  
e nosas madres, pois que alá van,  
queimen candeas por nós e por sí  
e nós, meniñas, ballaremos í.

Nosos amigos irán por cousir  
como ballamos, e poden veer  
bailar moças de bon parecer,  
e nosas madres, pois lá queren ir,  
queimen candeas por nós e por si  
e nós, meniñas, bailaremos í.

(C. V. 336 = C. B. 735.)

—Por Deus, amiga, puñade en partir  
o meu amigo de mi querer ben.

—Non mi o digades, ca vos non val ren,  
nen mi mandedes a eso alá ir,  
ca tanta prol mi ten de lli falar,  
per boa fé, come de me calar.

—Dicédelle ora que se parta xa  
do meu amor, onde sempre hoube mal.

—Leixemos eso e falemos en al;  
muito confonda Deus quen llo dirá,  
ca tanta prol mi ten de lli falar,  
per boa fé, come de me calar.

—Dicédelle ora que non pode haber  
nunca meu ben e que non cuido í sol.

—Non mi o digades, ca vos non ten prol;  
confonda Deus a quen llo vai dicer,  
ca tanta prol mi ten de lli falar,  
per boa fé, come de me calar.

(C. V. 337 = C. B. 736.)

XOHAN DE REQUEIXO

(¿Século XIII?)

Nasceu na freiguesía de Requeixo, concello de Chantada (Lugo), onde hoxe aínda ten lugar cada ano a romaxe do Monte Faro, da que o troveiro fala nas suas cantigas.

Non temos datos certos de iste poeta, que cicais fose xograr. Posiblemente a súa vida percorrera entre o comén e o derradeiro coarto do século XIII.

Requeixo non compuxo mais que cantigas de romaría. É a súa unha poesía sinxela, leda, de liña doada, sen grandes arroutos, mais penetradora e grata, ben merecente de figurar eiquí, coma enxebre proba do xénero. O poeta lembra a romaxe do Faro,

alí ú sempre quería  
falar migo e non podía,

e, ao escoitalo, non será arriscado maxinar que na lembranza bulen as vivenzas ledas da súa propia mocidade. Cinco son os seus cantares de romaxe que se gardan nos Cancioeiros; trasladámoslos eiquí nun probabel orde poemático.

Amiga, ¡quén hoxe houbese  
mandado do meu amigo!,  
e lli ben dicer podese  
que veese falar migo  
alí ú sempre quería  
falar migo e non podía.

Se de mi houber mandado  
non sei ren que o deteña,  
amiga, polo seu grado,  
que él mui cedo non veña  
alí ú sempre quería  
falar migo e non podía.

Ú foi migo outra vegada  
atendelo hei, belida,  
fremosa e ben tallada,  
en Faro, ena ermida,  
alí ú sempre quería  
falar migo e non podía.

(C. V. 898 = C. B. 1293.)

Atender quero eu mandado  
que me enviou meu amigo,  
que verrá en romaría  
a Faro e veerse ha migo,  
e por én teño eu que veña;  
como quer que outren teña,  
non temo eu dél que non veña

Atendelo quero eu, madre,  
pois me enviou seu mandado,  
ca mi dise o mandadeiro  
que é por mi mui coitado,  
e por én teño eu que veña;  
como quer que outren teña,  
non temo eu dél que non veña.

Atendelo quero eu, madre,  
pois me él mandado envía  
que se verría ver migo  
en Faro, en Santa María,  
e por én teño eu que veña;  
como quer que outren teña,  
non temo eu dél que non veña.

Que él logo a mi non veña  
non teño eu per ren que sexa,  
nen que muito viver posa  
en logar ú me non vexa,  
e por én teño eu que veña;  
como quer que outren teña,  
non temo eu dél que non veña.

(C. V. 897 = C. B. 1292.)

A Faro un día irei,  
mía madre, se vos prouguer,  
rogar se veerei  
meu amigo, que mi ben quer,  
e direille eu entón  
a coita do meu corazón.

Muito per desexo eu  
que veese meu amigo  
que me estas penas deu  
e que falase comigo,  
e direille eu entón  
a coita do meu corazón.

Se se él nembrar quiser  
como fiquei namorada  
e se cedo veer

e o vir eu, ben tallada,  
e direille eu entón  
a coita do meu corazón.

(C. V. 895 = C. B. 1290.)

Pois vós, filla, queredes mui gran ben  
voso amigo, mándovolo ir veer;  
pero facede por mi unha ren  
que haxa sempre que vos agradecer:  
non vos entendan, per ren que sexa,  
que vos eu mando ir ú vos él vexa.

Mándovos eu ir a Faro un día,  
filla fremosa, facer oraçón,  
ú fale vosco como soía  
o voso amigo e, se Deus vos perdon,  
non vos entendan, per ren que sexa,  
que vos eu mando ir ú vos él vexa.

E, pois lli vós gran ben queredes,  
dixeivos, filla, como façades:  
irei convosco e veelo edes,  
mais, por quanto vós comigo andades,  
non vos entendan, per ren que sexa,  
que vos eu mando ir ú vos él vexa.

(C. V. 896 = C. B. 1291.)

Fuí eu, madre, en romaría  
a Faro con meu amigo  
e veño dél namorada  
por quanto falou comigo,  
¡ca mi xurou que morría  
por mi, tal ben mi quería!

Leda veño da ermida  
e desta vez leda serei,  
ca falei con meu amigo,  
o que sempre desexei,  
¡ca mi xurou que morría  
por mi, tal ben mi quería!

De ú me eu vi con meu amigo  
vin leda, se Deus mi perdon,  
ca nunca lli cuido a mentir,  
por quanto me él dise entón,  
¡ca mi xurou que morría  
por mi, tal ben mi quería!

(C. V. 894 = C. B. 1289.)

## MENDIÑO

(¿Século XIII?)

Cóidase que tería nascido nalgún ponto da ría de Vigo. Cicais, matinamos nós, nun recuncho encantado da beiramar, sen nome, coma o mesmo trovador.

Veleiqué unha vida que fuxe por enteiro aos nosos inqueritos e pescudas. Somentes un apelativo e unha cantiga senlleira réstannos dela. Mendiño era un probe xograr que andaría polo mundo adiante, aufegado e radio, co citolón ao lombo, anduriñando polos árdidos camiños aldeáns, por congostras e vales, en percura do pazo cohexento, da favor señorial ou do inxel aprauso do pobo, sempre arelando a quentura dos lares alleos. Tiña de levar a frol dos beizos a cantiga axeitada a cada caso, o escárneo socarrón e firente, o cantar de amor, a pastorela ou a bailada preñadas de saudades, a cantiga de romaxe, que puña ledicia no corazón sinxelo das xentes.

II, coma Lourenzo, coma Lopo e coma tantos outros recitadores, apenas nos leixou, por carta de identidade, mais que o seu nome ispidido. E, porque a proba de homildanza fose meirande, aínda se engade neste caso a cativeza do diminutivo: Mendiño, Men ou Mendo en pequeno, que ten, por riba, un troque de valor anfibolóxico, referido á mendicidade.

Pequeno de corpo maxinamos ao xograr. Vémola sua figura de pelerifio do arte anenada, cativeira, enxoita, pandeada baixo o peso da viola, levando por todolos vieiros da terra a ledicia e a saudade das trovas alleas, de eido en eido e de festa en festa. Ao que semella, Mendiño non andivo nas cortes dos reis; gorentaría mais de cantar cobexado nas carballeiras vizosas e nas solainas dos pazos labregos, tendo por coroa o dourado trunfo dos acios a madurecer.

Somentes unha cantiga de Mendiño chegou deica nós (C. V. 438=C. B. 852). É sabido que os xograres non tiñan doado asento nisas coleccións cortesáns de poesía que son os Cancioeiros, e menos aínda se o xograr non mantivera relacións cos circos poéticos de acolá enriba. Por iso, contados son os xograres-troveiros alí representados. Mendiño estáo cunha sola cantiga de amigo, mais ela abonda pra a sua inmortalidade. A «Cantiga de San Simón» é un dos mais belidos froitos da nosa lírica medieval.

Cicais Mendiño, atal que Lourenzo, tería rescibido algunha vegada a soberbosa ameaza de calquer alporizado troveiro, de lle partir o citolón na testa, se seguía a cantar desaxeitadamente os versos que il compuxera. Se Mendiño non tiña o varil arrouto de retrucar cunha sá-tira, leixaría amo e logar e tornaría á sua pelerinaxe en



percura de millor sorte. Namentres, ben podería il vingarse na soedade dos aldraxes dos encumiados, das bulras dos troveiros, das mocas populares, e, aínda, das pancadas da fame e da miseria. Voaria co pensamento ao seu chan nadal, aos prados verdegalos da nenés, ás brancas areosas da sua ría de Vigo, e, lembrando a loura beleza da namorada que leixara alí, cantaría, polos beizos dela, a anguria da espera amante, coas ondas a crescer e bruar arredor.

A namorada está na ermida da illa de San Simón, agardando polo amigo. Namentras agarda, a maré vai rubindo, cun son alastrado de crescente preamar. A moza non ten barqueiro nen remador que vaia tirala do seu triste isolamento. O amigo non ven, e ela sinte a morte chegar pe da ermida, onde ha finir, fermosa e noviña. O refrán da cantiga é coma tráxica chamada á espranza que fuxe; o ritmo do poema alastra a ideia de un «de profundis» fadal nunha paisaxe que, de lírica e maina, trocóuse supetamente en dramática, pra rematar leixándonos a aceda pesadume de non sabermos o fin da loita. É coma un pesadelo que non se afasta de nós, co feitizo doente das tráxicas lendas antergas.

Sedíame eu na ermida de San Simón  
e cercáronmi as ondas, que grandes son;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

Estando na ermida ante o altar,  
e cercáronmi as ondas grandes do mar;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

E cercáronmi as ondas, que grandes son;  
non hei barqueiro nen remador;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

E cercáronmi as ondas do alto mar;  
non hei barqueiro nen sei remar;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

Non hei barqueiro nen remador;  
morrerei fremosa no mar maior;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

Non hei barqueirô nen sei remar;  
morrerei fremosa no alto mar;  
    ;eu atendendo o meu amigo,  
    eu atendendo o meu amigo!

(C. V. 438 = C. B. 852.)

## NUNO EANES CERCEO

(¿Século XIII?)

Pouco ou nada sabemos da vida de iste rexo trovador. O primeiro apelido fálanos de unha fidalga estirpe; o segundo semella indicar a súa condición de "circinu", tonsurado, dando conta eisi da súa profesión eclesiástica. Adivíñase nél o nobre segundón que abrazou a vida relixiosa, non tanto por mandado do esprito coma polo fidalgo costume de dar algún fillo á eirexa. Dempois verqueíase a trovar e, cicaves, leixase o chan nativo pra laiarse mundo adiante do torto destiño.

Cerceo é o troveiro da tristura e da saudade, que se manifesta no seu «descordo», o mais logrado dos cinco que gardan os Cancioeiros. A paixón anímica manifestase nas discordantes formas estróficas, asegún o felís modelo occitánico. Nos beizos do poeta, a saudade ten por primeira vegada na lírica galaico-portuguesa un fondo contido humán, motivado no afastamento da terra. As bágoas e os saloucos ruben coma torrenteiras do fondal do seu esprito; hai nos versos diste troveiro un senso tráxico da vida, que se fai pranto no desamor da amada, no desapego da terra, na renovada anguria de sí mesmo.

Semella que ningún outro poeta daquil tempo cantou con tal senciñidade as devalantes doenzas da ialma, agás o Rei Sabio na «Cantiga de dór» de que logo trataremos. A súa voz chéganos, ao longo dos séculos, coa mesma forza humán, entranabre e virxe, con que Cerceo a modulara. Por voltas coidamos escoitar a voz desgarrada de Rosalía no desterro.

De cantas vegadas soa nos Cancioeiros o laio da saudade (C. B. 135 e C. V. 119, 181, 220, 527, 758 e 964), en ningunha ollámola xurdir coa forza espresiva con que Eanes Cerceo fixo verbo tremante ista loita anguriosa ante o vencello telúrico, que aferra ó home ao chan, e os azos do esprito, que teima de voar lonxe. É o anxeo migratorio do home céltico afrontado á súa perene morriña, atal que unha mortíña superada arreo, unha morte pequena a cada intre, unha anguria longa, cuasi doce, coma un adianto da beatitude da morte grande.

Don Duarte de Portugal faría logo o estudo dista nosa saudade no «Leal Conselleiro», e chegaría tamén a aquela solprendente distinción entre a saudade leda e a saudade triste.

Agora me quero eu xa espedir  
da terra e das xentes que í son,  
ú mi Deus tanto de pesar mostrou,  
e esforcar mui ben meu coraçom,  
e, ar pensar de me ir allur guarir,  
e a Deus gradesco porque me én vou.

Ca a meu grado, ú me eu daquí partir  
con seus desexos, non me veerán  
chorar nen ir triste, por ben que eu  
nunca preseese; nen me poderán  
dicer que eu torto faço en foxir  
daquí, ú me Deus tanto pesar deu.

Pero das terras haberei soidade,  
de que me ora hei a partir despagado;  
e sempre í tornará o meu cuidado  
por quanto ben vi eu en elas xa,  
ca xa por al nunca me veerá  
nullo home ir triste nen desconortado.

E ben digades, pois me én vou, verdade,  
se eu das xentes algún sabor había  
ou das terras en que eu guarecía:  
por aquesto era todo e non por al;  
mais ora xa nunca me será mal  
por me partir delas e me ir mia via.

Ca sei de mi  
quanto sufrí  
e encobrí  
en esta terra de pesar.

Cómo perdí  
e despéndí  
vivendo aquí  
meus días, pósome eu queixar.

E cuidarei  
e pensarei  
quanto aguardei  
o ben que nunca pude hachar.

Esforzarme hei  
e prenderei  
cómo guarrei  
consello agora, a meu cuidar.

Pesar  
de hachar  
lugar;  
probar  
quero eu ver se poderei.

¡O sen  
de alguén,  
ou ren  
de ben,  
me valla, se o en mi hei!

¡Valer  
poder,  
saber  
dicer

ben me posa, que eu de ir hei!

¡De haber  
poder,  
pracer  
prender

posa eu, pois esto cobrarei.

Así querrei  
buscar  
viver

outra vida que probarei,  
e meu descordo acabarei.

(C. A. 389.)

Mia señor fremosa, direivos unha ren:  
¡vós sodes mia morte, e meu mal, e meu ben!  
E mais, ¿por qué volo hei eu xa mais a dicer?  
¡Mia morte sodes, que me facedes morrer!

Vós sodes mia morte e meu mal, mia señor  
e quanto eu no mundo hei de ben e de saabor.  
E mais, ¿por qué volo hei eu xa mais a dicer?  
¡Mia morte sodes, que me facedes morrer!

Mia morte e mia coita sodes, non ha í al,  
e os vossos ollos mi facen ben e mal.  
E mais, ¿por qué volo hei eu xa mais a dicer?  
¡Mia morte sodes, que me facedes morrer!

Señor, ben me facen sóo de me catar.  
E mais, ¿por qué volo hei xa mais a dicer?  
¡Mia morte sodes, que me facedes morrer!

(C. A. 386.)

## MARTIN CODAX

(Século XIII)

É chamado tamén Martín de Vigo, por ter nascido nesta cidade, naquíl cativo Vigo de Redondela, curruncho marifeiro de catro casas, onde apousaban e tomaban folgo nos tempos do troveiro os pescadores redondeláns.

Da súa vida non fica mais noticia que a insistente alusión do poeta ao lugar nativo; por ela próbanos un afervoado amor ás cousas todas do seu chan: o mar, a eirexa, o adro. Sabemos, asemade, que Martín Codax era xograr; gañaría a vida cantando e trovando nas cortes de Alfonso III de Portugal e o seu homónimo o rei Sabio de Castela, pois semella que tería vivido por aquil tempo. Codax superou o homildoso mester de xograr, escadando o de trovador, que lle daría nos circos poéticos unha mais outa estima social. Das súas relacións cos demais cantores do seu tempo, somentes nos fica a cita que dél fai o tamén troveiro de romaxes Martín de Xinzo.

O mestre Cotarelo Valledor fixo o análise filolóxico do apelativo Codax, rematando por afirmar: "Por tanto, namentras outra cousa non se amostre, entendo que "Codax=Codaz", debe lerse Codas. Asina, Martín Codas significará Martín Codias, ou, como di o castelán, Martín Cortezas". Leixemos que os filólogos estuden o caso.

Niste senso, o apelido tería valor de alcume, asegún era adoitado antre os xograres, e aludiría en certo modo á condición mendicante do poeta, de xeito parello ao que acontece co seu coterraneo Mendiño.

Murguía, e moitos trais dél, teñen confundido, sen razón algunha, ao xograr vigués co trovador Martín Moxa, que chegou a Portugal dende terras de Aragón, e cúa lira cortesán non ten a mais pequena semellanza coa inxel inspiración popular de Martín Codax.

Sete cantigas de amigo compuxo o poeta vigués (C.V. 884-90=C. B. 1278-84). En cinco delas fala o trovador do mar de Vigo e noutra lembra o sagrado, isto é o adral, onde beillaba o corpo delgado da namorada. Unha ditosa conxunción das verbas faría xa pra sempre que a voz amigo, de tan fondo valor humán, rimase formal e moralmente co ben gañado prestixio amical e acolledor de Vigo, a cidade galega mais aberta aos roteiros universaes. Ben é certo que ista tónica lle foi asinalada pola inqueda presenza do mar, onde a cidade terá sempre os seus mais outos destíños. Martín Codax sabiao xa, e por iso canta arreo o engado das vagas, enfeitadas de venustas tradicións, brosladas de escumas amorosas, animadas de pálpitos cordiaes. Niste senso, o cantor de Vigo

apresentase coma o persoeiro e adiantado de un fato escolleito de trovadores do mar, que dan aos nosos Cancioeiros relevo e corido atrántico, que é tanto coma decir ecuménico. Con il están Roi Fernández, Paio Gómez Charriño, Xohan Zorro, Bolseiro, Mendiño, etc.. Mais non se pense que cadaquén non teña, niste concerto mariñeiro, a súa propia fala persoal; por contra, coidamos nós que o cancioeiro mariñán do medioevo galego ten, coma nota da maior estima, a súa atráinte variedade de estilos e formas, dentro da obrigada unidade temática.

Pra Codax o mar é un elemento vivo, co que a namorada dialoga, un mar levado e forte, cheo de masculinidades; non presta tan soio de fondo da paisaxe poética, senón que se aparece nela coma protagonista da mesma paixón, consustanciado co home, ca natureza, co "vicus" veciño e os montes lonxanos. Un mar que cica-ves non teña parella nos Cancioeiros, pola súa esgrevia persoalidade dramática.

A poesía de Martín Codax, nascida por e para o pobo, chega deica nós avivecida polo prestixio da popularidade. Certo que a fortuna viu da súa man co felis descubrimento do libreiro Vindel, que atopou o caderno das cantigas do troveiro coa súa orixinal notazón musical. Mercede a iste hachado ditoso, hoxe é Codax o único poeta medieval de quen—agás o Rei Sabio—nos é dado gostar música e letra das suas cantigas. Logo, outra non menos ditosa circunstancia deu sobexo remate á cadea afertunada: a Coral Polifónica de Pontevedra cantou con mestría insuperable algunhas de istas cantigas; grabáronse discos, e hoxe a voz anterga do troveiro vigués anda a poñer arrepiós nos ares do mundo.

Compre supor que Martín Codax escribise mais que as sete composicións conecidas. O devantito Martín de Xinzo dirixelle unha incompreta cantigas, na que di:

Nunca eu vi mellor ermida nen mais santa

.....

Martín Codax, esta non hacho fechada...

(C. V. 882.)

e nistas verbas coidamas nós ollar a alusión a algunha outra poesía de Codax, na que figurase que as portas da ermida que cantaba non se deschoian pra il.

Cantos teñen estudado con algún vagar a figura e a obra diste trovador, concordan en considerar a unidade poemática das sete cantigas. Diste parecer son Vesteiro Torres, Said Armesto, Vindel, Oviedo y Arce, etc.. Dona Carolina Michaëlis desinte de tal opinión, coindando trátase somentes de sete esceas isoladas de un soi amor. En vardade, isto é o que mais pode asemellar a un pequeno poema, en que cada parte ven a ser unha fina estampa parcial, referida a un conxunto de tema unifor-

me. Derradeiramente, a esperta sensibilidade do poeta Iglesia Alvaríño viu en axuda da cabal interpretación da obra de Martín Codax, postulando unha puntuación das cantigas, que temos por moi axeitada e que seguimos fielmente eiquí. No seu criterio, a namorada fala ás ondas do mar, ás amigas, á irmá, nunha contina e anguriosa pregunta. De tal xeito, “temos á vista en toda a obra de Martín Codax isa fremente interrogación—di Iglesia Alvaríño—na que reside ao meu ver a súa fina e misteriosa vaguedade. Feitas istas cancións de tópicos de escola—engade—, coma as Coplas de Jorge Manrique ou “La Ballade des Dames” de Villón, duas maravillas de logares comúns, de “verbas aladas”, coma se diz na Iliada, son, coma istas, radicalmente inefabls”.

No orde das cantigas seguimos nós o trazado por Oviedo y Arce.

Eno sagrado, en Vigo,  
bailaba corpo belido:  
¡amor hei!

En Vigo, eno sagrado,  
bailaba corpo delgado:  
¡amor hei!

Bailaba corpo belido  
que nunca houbera amigo:  
¡amor hei!

Bailaba corpo delgado,  
que nunca houbera amado:  
¡amor hei!

Que nunca houbera amigo,  
ergas no sagrado, en Vigo:  
¡amor hei!

Que nunca houbera amado,  
ergas en Vigo, no sagrado:  
¡amor hei!

(C. V. 889 = C. B. 1283.)

¡Ai, ondas que eu vin veer!,  
¿se me saberedes dicer  
por qué tarda meu amigo  
sen mi?

¡Ai, ondas que eu vin mirar!,  
¿se me saberedes contar  
por qué tarda meu amigo  
sen mi?

(C. V. 890 = C. B. 1284.)

Mia irmana fremosa, ¿treides comigo  
a la igrexa de Vigo, ú é o mar salido,  
e miraremolas ondas?

Mia irmana fremosa, ¿treides de grado  
a la igrexa de Vigo, ú é o mar levado,  
e miraremolas ondas?

A la igrexa de Vigo, ú é o mar salido,  
o verá i, mia madre, o meu amigo  
e miraremolas ondas.

A la igrexa de Vigo, ú é o mar levado,  
e verá i, mia madre, o meu amado  
e miraremolas ondas.

(C. V. 886=C. B. 1280.)

¡Ai, Deus!, ¿se sabe ora meu amigo  
como eu senlleira estou en Vigo  
e vou namorada?

¡Ai, Deus!, ¿se sabe ora meu amado  
como eu en Vigo senlleira maño  
e vou namorada?

Como eu senlleira estou en Vigo,  
e nullas guardas non hei comigo  
e vou namorada.

Como eu en Vigo senlleira maño  
e nullas guardas migo non trago  
e vou namorada.

E nullas guardas non hei comigo,  
ergas meus ollos que choran migo,  
e vou namorada.

E nullas guardas migo non trago,  
ergas meus ollos que choran ambos,  
e vou namorada.

(C. V. 887=C. B. 1281.)

Ondas do mar de Vigo,  
¿se vistes meu amigo  
e—¡ai, Deus!—se verá cedo?

Ondas do mar levado,  
¿se vistes meu amado  
e—¡ai, Deus!—se verá cedo?

¿Se vistes meu amigo,  
o por qué eu suspiro,  
e—¡ai, Deus!—se verá cedo?



¿Se vistes meu amado,  
por qué hei gran cuidado,  
e—¡ai, Deus!—se verá cedo?

(C. V. 884 = C. B. 1278.)

Mandado hei comigo  
ca ven meu amigo,  
¿e irei, madre, a Vigo?

Comigo hei mandado  
ca ven meu amado,  
¿e irei, madre, a Vigo?

Ca ven meu amigo  
e ven sano e vivo,  
¿e irei, madre, a Vigo?

Ca ven meu amado  
e ven vivo e sano,  
¿e irei, madre, a Vigo?

Ca ven sano e vivo  
e d-El Rei amigo,  
¿e irei, madre, a Vigo?

Ca ven vivo e sano  
e d-El Rei privado,  
¿e irei, madre, a Vigo?

(C. V. 885 = C. B. 1279.)

Quantas sabedes amar amigo,  
¿treides comigo a lo mar de Vigo  
e bañarnos hemos nas ondas?

Quantas sabedes amar amado,  
¿treides comigo a lo mar levado  
e bañarnos hemos nas ondas?

¿Treides comigo a lo mar de Vigo,  
e veremolo meu amigo  
e bañarnos hemos nas ondas?

¿Treides comigo a lo mar levado,  
e veremolo meu amado  
e bañarnos hemos nas ondas?

(C. V. 888 = C. B. 1282.)

## ALFONSO X, O SABIO

(1221-1284)

Nasceu en Toledo o 23 de Santos de 1221; era fillo de Don Fernando III, e de Dona Beatris de Suabia. Pasou parte da súa nenez en Galicia.

En 1249, o infante casou en Valadolide con Dona Violante de Aragón, filla de Don Xaime o Conquistador. O 30 de Maio de 1252 morre Don Fernando III, e pasa a cinguir a coroa de Castela e de León Don Alfonso, X do seu nome, apodado o Sabio. Tíña daquela trinta e un anos; o seu reinado abranguería xustamente outros tantos. Non é de estranar que en tan longa xeira de goberno, Alfonso X caíra en graves erros, que habían dar sombra aos seus grandes acertos. Loitas internas, disensións familiares, guerra cos mouros, pretensións á coroa de Alemaña e do Sacro Imperio Romano, conflitos con Portugal e Inglaterra, goberno interior, falla de diñeiro, etc., todo isto inza de preocupacións e inquedanzas a seus longos días de gobernante. Moito se ten menospreciado a valía de Don Alfonso coma Rei, habéndoselle botado en cara o seu afervoadado amor polas estrelas, a música e a poesía.

Nos derradeiros anos da súa vida, Alfonso X sufriu a punxente mágoa de ollar erguerse contra dil ao seu segundo fillo, o infante Don Sancho—logo Sancho IV—. Don Alfonso morría en Sevilla o 4 de abril de 1284, de un tristeiro «dolor de ánimo»—din as crónicas—, cicaves acrescentado por non poder perdoar ao infante rebelde, a quen unha falsa nova daba daquela por morto.

A tarefa científica e literaria de Alfonso X, xa seña persoal, xa por il inspirada, é verdadeiramente xigantesca. O seu estudo está fora diste logar, onde sómentes debémos facer un rápido análise do seu «Libro de Cantigas de Santa María», moimento cume da lírica piadosa galega.

Niste precioso Cancioeiro, sen parellas nas letras neolatinas, o Rei Sabio verte o seu espírito en dúas grandes devocións: a devoción á Virxe María—única señor a quen il canta—e a devoción á fala galega—única língoa en que canta—. A língoa de Castela, que Don Alfonso vitalizou no mesmo cerne, coa seiva da súa sabenza e talento literario de artista escolleito, serve nas mans suas pra a prosa lanzal e firme dos tratados históricos e científicos. Mais cando matina en poetizar os mirages da Virxe, en dar expresión lírica ao seu devoto sentimento, non dubida en acorrer á fala galega, chea de delicadezas e matices, enfeitada de musicales sons, madurecida nas coitas do amor e nos arroutos da paixón.

Enchen o «Libro de Cantigas de Santa María» catrocentas vinte composicións, nas que o Rei troveiro refire miragres da Virxe ou fai a súa loubanza. Cicais non todas señan da autoría súa; compre supor que, concededores do seu traballo, os trovadores mais enlevados, tanto da corte castelán coma da portuguesa, puñesen de brindar ao monarca o relato poético de algún miragre famoso por eles conecido ou de algunha tradizón local de primitivo e campesio sabor. Antre tales troveiros é cuásique segura a partillación de Airas Nunes, mestre da escola compostelán. Xeralmente as cantigas de Virxe son relatos de tipo lírico-narrativo, en que se contan miragres, tradicións e lendas, tomados das mais diversas fontes nacionais e estranxeiras, ben de obras escritas, ben da tradición oral, e, aínda, da mesma persoal vivenza do autor. De dez en dez cantigas, tópase unha de loubor, ao xeito das cantigas de amor.

No tocante ás formas métricas, Alfonso X tentounas todas; o seu Cancioeiro Marial é un animado mostraro de metros e ritmos, dende o verso de catro silabas deica o de dazasete, dende o sinxelo pareado ás combinacións estróficas mais complexas e sorprendentes. Toda cantiga comenza cun refrán, que vai logo ao final de cada estrofa, e é coma a síntese ou moralexa do miragre que se narra.

«Alfonso non atinxiu a orixinalidade. Frase por frase, aínda verba por verba, pode atoparse todo en escritos devanceiros; mais a orixinalidade non é virtude medieval. E o Rei Sabio ten outra orixinalidade: a do esforzo» (García Solalinde). Non embargantes, si é certo que Alfonso X foi procurar fora de si a meirande parte dos temas, non é menos verdadeiro que en moitas das súas cantigas non fallan os ares balsamados da inspiración. «Abondan nas «Cantigas» trazos encantadores de vida popular; en moitas delas vése mais o pobo que o Rei, que nos fala con sinceridade da maldade dos esbirros e usu-reiros, da incompetenza dos físicos e dos enganos dos xudeos» (Aubrey Bell). «As Cantigas de «Santa María» son sabidamente un dos mais primorosos moimentos da língoa e literatura galego-portuguesa» (Rodríguez Lapa).

A mais das composicións relixiosas, Alfonso X leixounos trinta cantigas profanas, na meirande parte de escárneo e maldicer, e de contido moral ou político, que lles empresta hoxe aos nosos ollos un rubido valor documental. O espírito irónico acádase nistas cantigas coa amenidade do discurso e a perfección métrica, de sorte que resultan cicaves as mais escorreitas e graciosas composicións do xénero. Poremos coma exemplo o mesmo que utiliza Aubrey Bell ao afiuzar que a cantiga «non ven al mayo», C. V. 74, é unha descripción de loita, tan impetosa e aguda, que somentes no «Poema del Cid» se lle pode atopar paralelo.

Outra das súas composicións, na que apenas se ten

parado mentes, é a n.º 63 do C. V. que, polo seu fondo sentimento persoal, non cadra ben con ningún dos xéneros tradicioaes. «Cantiga de dór» deberíase chamar iste fermoso poemíña do Rei Sabio, pois é atal que un salaio de desespero perante as traicións e acedias da vida; cantiga de dór de un rei que sinte no peito a espiña das fraquezas humáns e, denantes de seguir gobernando ás xentes, prefire gobernar unha nao polo mar libérrimo, «e ir coma mercadeiro algunha terra buscar». Oucense eiquí os acentos precursores do noso fecundo romantismo, espresador do voandeiro afán, do desespero abraiante da saudade racial.

Por iso poido dicer con enteira razón Fitzmaurice Kelly que Alfonso X «sobrevive por algunha cousa mais que o simple virtuosismo: pola sua sinxeleza e sincero entusiasmo, enteiramente afastados da afectación ao uso antre os seus contemporáneos».

En resume, Don Alfonso X é autor de catrocentas vinte cantigas relixiosas—426, contando as repeticións—, mais outras trinta profanas, todas en galego; outra nun imperfecto castelán (C. B. 363), unha tensión en proenzal, con Arnaldo de Narbona (C. B. 477), e aínda un sóio verso de outra en castelán (C. B. 372).

*Esta é de loor de Santa Maria, como é frefosa et boa et ha gran poder.*

Rosa das rosas et Fror das frores.  
Dona das donas, Señor das señores.

Rosa de beldade e de parecer  
et Fror de alegría et de prazer;  
Dona en mui piadosa seer,  
Señor en toller coitas et doores.

Rosa das rosas et Fror das frores.  
Dona das donas, Señor das señores.

Atal Señor debe home muito amar,  
que de todo mal o pode guardar,  
et pódelle os pecados perdoar  
que faz no mundo per maos sabores.

Rosa das rosas et Fror das frores.  
Dona das donas, Señor das señores.

Debémola muito amar et servir,  
ca puña de nos guardar de falir;  
des í dos erros nos faz repentir,  
que nós facemos come pecadores.

Rosa das rosas et Fror das frores.  
Dona das donas, Señor das señores.

Esta Dona que teño por Señor  
et de que quero seer trobador,  
se eu por ren poso haber seu amor  
dou ao demo os outros amores.

Rosa das rosas et Fror das frores.  
Dona das donas, Señor das señores.

(E. 10=T. 10=Tol. 10.)

*Como Santa María fece estar o monxe trecentos anos  
ao canto da pasariña, porque lle pedia que lle mostrase  
qual era o ben que habían os que eran en Paraíso.*

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

E daquesto un gran miragre vos quero eu ora contar,  
que fezo Santa María por un monxe, que rogar  
lle ía sempre que lle mostrase qual ben en Paraíso ha,

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

E que o vise en sa vida ante que fose morrer.

Et por ende a Groriosa vedes qué lle foi facer:  
fezlo entrar en unha horta, en que muitas veces xa

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Entrara; mais aquel dia fez que unha fonte hachou  
mui crara et mui fremosa, et cabo ela se asentou;  
et, pois lavou mui ben sas maos, dise: —¡Ai, Virxen! ¿qué  
[será?

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

¿Se verei do Paraíso, o que che eu muito pidí,  
algún pouco de seu viço ante que saia daqui,  
et que sábaia do que ben obra qué galardón haberá?

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Tan toste que acabada hoube o monxe a oraçón,  
oíu unha pasariña cantar logo en tan bon son,  
que se escaeceu sendo et, catando sempre alá,

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Atan gran sabor había daquel canto e daquel lais,  
que grandes trecentos anos estevo así ou mais,  
cuidando que non estivera senón pouco, como está

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Monxe algunha vez no ano, quando sal ao verxeu;  
des í foise a pasariña, de que foi á él mui greu,  
et diz: —Eu daquí irme quero, ca oimais comer querrá

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

O convento. E foise logo et hachou un gran portal,  
que nunca vira, et dise: —¡Ai, Santa María, ¡al!  
Non é este o meu moesteiro; ¿pois que de mi se fará?

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Des í entrou na eigrexa, et houberon gran pavor  
os monxes quando o viron, et demandulle o prior,  
dicendo: —Amigo, ¿vós quen sodes ou qué buscades acá?

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Dise él: —Busco meu abade, que agora aquí leixei,  
et o prior et os frades, de que mi agora quitei  
quando fui a aquela horta; ¿ú seen, quen mi o dirá?

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Quando esto oíu o abade, téveo por de mal sen,  
et outrosí o convento; mais desque souberon ben  
de como fora este feito, diseron: —¡Quén oirá

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Nunca tan gran maravilla como Deus por éste fez  
polo rogo de sa Madre, Virxen Santa de gran prez!  
E por aquesto a loemos; ¿mais quen a non loará

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

Mais de outra cousa que sexa? Ca, par Deus, gran de-  
[reito é,  
pois quanto nós lle pedimos nos dá seu Fillo, a la fé,  
por ela, et aquí nos mostra o que nos depois dará.

Quen a Virxen ben servirá  
a Paraíso irá.

(E. 103 = T. 103 = Tol. 93.)

### *Esta é de loor de Santa María.*

Dicede, ¡ai, trovadores!

¿a Señor das señores

por qué a non loades?

Se vós trobar sabedes,

a por que Deus habedes,

¿por qué a non loades?

A Señor que dá vida  
et é de ben comprida,  
¿por qué a non loades?

A que nunca nos mente  
et nosa coita sente,  
¿por qué a non loades?

A que é mais que boa  
et por qué Deus perdoa,  
¿por qué a non loades?

A que nos dá conorte  
na vida et na morte,  
¿por qué a non loades?

A que faz o que morre  
vivo e que nos acorre,  
¿por qué a non loades?

(E. 260.)

*Esta é como Santa María acrecentou o viño na cuba  
en Daconada, unha aldea que é preto de Palença.*

A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

E desta razón miragre mui fremoso vos direi,  
que mostrou Santa María, como eu en verdat hachei,  
na eigrexa Daconada, unha aldea que eu sei,  
que é preto de Palença; et oídeme a lecer.

A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

Ena sa festa de agosto mui gran xente ven alí  
por oír todalas horas, et é costumado así:  
que traguen í pan i viño en carretas, et ben í  
o dan por seu amor dela a quen o quer receber.

A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

Onde aveo, non ha muito tempo, que se í axuntou  
gran xente a aquela festa, et cada un puñou  
en facer grande alegría: quen soube luitar, luitou,  
et quen soube chacotares bóos, í os foi dicer.

A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

Outros ar corrían vacas que facían pois matar,  
que cocían en caldeiras grandes et fanas dar  
a pobres que as comesen. En todo esto, a lacerar  
hoube per forza o viño, ca dél foi grande o beber.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

E pero que ben comían, non tiñían que era ren,  
se daquele bóo viño non bebesen a seu sen;  
et por ende foi minguando; ca aqesto sempre avén:  
que de ú tollen e non poñen que ha sempre a falecer.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

Onde unha gran cuba chea de viño pararon tal  
que, se non foi a madeira, en ela non ficou al.  
Entonce diseron todos: —Se nos a Virxen non val,  
con coita deste bon viño nos poderemos perder.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

E por ende aquela xente se quisera ir entón;  
mas chegou un home bóo, que lles dise esta razón:  
—Vaamos catar a cuba et tirémolle o tapón  
mais de fondo, e per ventura pode í algún pouco haber.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

Entón logo aquela xente aa cuba se chegou,  
et o que lles dise aqesto ben per cima a catou  
et hachóua toda chea et a todos la mostrou,  
et por ende a Virxen santa filláronse a béeicer.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

E os que ante choraban começaron de riir  
et beberon daquel viño et xuraron, sen mentir,  
que nunca atal beberan; et os enfermos guarir  
foron, quantos dél beberon, et pois mui saos seer.  
A que Deus abondou tanto que quiso dela nacer  
ben pode abondar as outras cousas et facer crecer.

(E. 351 = F. 57.)

*Depois que El Rei fez estas cinco cantigas das cinco  
festas de Nostro Señor, fez estas outras cantigas de  
miragres de Santa María. Esta primeira é das Maías.*

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Por én roguemos a Santa María  
que a seu Fillo rogue todavía  
que El nos guarde de erro e de folía.

¡Ben veñas, Maio!

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con toda saúde,  
porque loemos á de gran vertude,  
que a Deus rogue que nos sempre axude



contra o demo e de si nos escude.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, et con lealdade,  
porque loemos á de gran bondade  
que sempre haxa de nós piedade  
et que nos guarde de toda maldade.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con muitas riquezas  
et nós roguemos á que ha nobrezas  
en si mui grandes, que nos de tristezas  
guarde e de coitas et ar de avolezas.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, coberto de fruitas;  
e nós roguemos á que sempre duitas  
ha sas mercedes de facer én muitas,  
que nos defenda do demo e sas luitas.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con bóos sabores;  
et nós roguemos et demos loores  
aa que sempre por nós pecadores  
roga Deus que nos guarde de doores.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con vacas et touros;  
et nós roguemos á que ha os tesouros  
de Xeso-Cristo, e que aos mouros  
cedo confonda et brancos et louros.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, alegre e sen saña;  
e nós roguemos á quen nos gaaña  
ben de seu Fillo que nos dé tamaña  
força, que saian os mouros de España.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con muitos gaodos;  
et nós roguemos á que os pecados  
faz que nos sexan de Deus perdoados,  
que de seu Fillo nos faça privados.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con bóa verao;  
et nós roguemos á Virxen de chao  
que nos defenda de home mui vilao  
et de atrevudo e de torpe alvardao.  
¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con pan e con viño;  
et nós roguemos á que Deus miniño

trouxo en seus brazos que nos dé camifio  
porque sexamos con ela festiño.

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, manso e non sañudo;  
e nós roguemos á que noso escudo  
é que nos guarde de louco atrevudo  
de home enaio et descoñecido.

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, alegre e fremoso;  
por ende á Madre do Rei grorioso  
roguemos que nos guarde do noxoso  
home e de falso et de mentiroso.

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

Ben veñas, Maio, con bóos manxares;  
e nós roguemos en nosos cantares  
á santa Virxen, ante os seus altares,  
que nos defenda de grandes pesares.

¡Ben veñas, Maio, et con alegría!

(Tol.)

Non me poso pagar tanto  
do canto  
das aves, nen de seu son,  
nen de amor, nen de ambiçón,  
nen de armas, ca hei espanto,  
por quanto  
mui perigoosas son;  
como é de un bon galeón  
que me alongue muito axifia  
deste demo da campiña,  
ú os alacraes son,  
ca dentro no corazón  
sentí deles a espiña.

E xuro par Deus lo santo  
que manto  
non traguerei, nen grafión,  
nen terrei de amor razón,  
nen de armas, porque quebranto  
e chanto  
ven delas toda a sazón;  
mais traguerei un dormón,  
e irei pela marifia  
vendendo aceite e fariña,  
e fuxirei do poçón  
do alacrá, ca eu non  
lli sei outra meecifia.

Nen de lançar a tabolado  
pagado  
non son, se Deus me ampar,  
ar nen de bafordar  
e andar de noite armado,  
sen grado  
o faço, e a roldar,  
ca mais me pago do mar  
que de seer cabaleiro,  
ca eu fui xa mariñeiro,  
e quérome oimais guardar  
do alacrá, e tornar  
ao que me foi primeiro.

E direivos un recado:  
pecado  
ora xa me í pode enganar  
que me faza xa falar  
en armas, ca non me é dado;  
doado  
me é de ar en razoar;  
pois las non hei a probar,  
ante quero andar sinlleiro  
e ir como mercadeiro  
algunha terra buscar,  
ú me non posan culpar  
alacrá negro nen veiro.

(C. V. 63.)

Como eu en día de Pascoa quería ben comer  
así quería bon son lexeiro de dicer  
pera meestre Xohan.

Así como quería comer de bon salmón,  
así quería ao avaxello mui pequena paixón,  
pera meestre Xohan.

Así como quería comer que me soubese ben,  
así quería bon son «et seculorum amen»,  
pera meestre Xohan.

Así como eu bebería bon viño de Ourens,  
así quería bon son de que «cum te potens»,  
pera meestre Xohan.

(C. V. 73.)

Quen da guerra levou cabaleiros  
e a sa terra foi guardar diñeiros,  
non ven al maio.

Quen da guerra se foi con maldade  
e a sa terra foi comprar herdade,  
non ven al maio.

O que da guerra se foi como emigo  
pero non veo quando ha preito sigo,  
non ven al maio.

O que traguía o pano de liño  
pero non veo polo San Martiño,  
non ven al maio.

O que traguía [enteiro] o pendón,  
e vendudo é sempre á traición,  
non ven al maio.

O que traguía o pendón sen oito  
e a sa xente non daba pan coito,  
non ven al maio.

O que traguía o pendón sen sete,  
e cinta ancha, e mui gran topete,  
non ven al maio.

O que traguía o pendón sen tenda,  
por quanto agora sei de sa facenda,  
non ven al maio.

O que se foi comendo dos martiños  
e a sa terra foi beber los viños,  
non ven al maio.

O que con medo fuxiu da fronteira,  
pero traguía pendón sen caldeira,  
non ven al maio.

O que roubou ós mouros malditos  
e a sa terra foi roubar cabritos,  
non ven al maio.

O que da guerra se foi con espanto  
e a sa terra ar foi armar manto,  
non ven al maio.

O que da guerra se foi con gran medo  
contra sa terra esparxendo vedo,  
non ven al maio.

O que traguía pendón de cadarço,  
macar non veo no mes de março,  
non ven al maio.

O que da guerra foi por retraído,  
macar en Burgos fez pintar escudo,  
non ven al maio.

(C. V. 79.)

## PAYO GOMEZ CHARIÑO

(1225?-1295)

Cotarelo Valledor, que esgotou o tema da personalidade e da obra de Charifio, coida con fundamento que nasceu en Pontevedra arredor do ano 1225. Era fillo de Don Gonzalo Gómez Charifio e de unha dona da familia dos Mariño, cuio nome de pía iñórase.

Casou Don Paio con Doña María Xiráldez Maldonado. Residiu nos primeiros anos da súa vida en Pontevedra, e logo de ser nomeado «primeiro señor de Rianxo» pasou a morar na vila do seu señorío, acenado polo feitizo do mar, que o levou a estar presente en totalas outas empresas mariñeiras do seu tempo.

De tal xeito, Don Paio Gómez Charifio partillou na conquista de Sevilla, no ano 1248, reinando Fernando III. Nunha tal cita de grandes destiños, Galicia enteira fíxose notar en corpo e ialma. Os nobres todos, os bispos e cregos, os fidalgos e os vilaos, os tafures e os aventureiros, misturados afeito cos nosos trovadores e xograres, topáronse alí. Cando o Almirante Bonifaz rescibiu do rei a encomenda de acadar a armada, Gómez Charifio, señor de Rianxo, acorreu á empresa común, cos pulos variles dos seus vintatrés anos. Gobernando unha das naos, entrou Charifio río arriba; a historia di que foi él o primeiro en arremeter contra a ponte de barcas de Triana, e quer aínda que fose tamén o primeiro en escadar as muradelas de Sevilla, partíndose unha perna no arriscado feito.

Supónse que Charifio assistiu dempois ao desembarco de Cádiz (1263) e ao cerco de Alxeciras (1278). Nos tempos de ben gañado lecer andaría polas cortes de Castela e Portugal, onde era obrigada a estada de todo troveiro, con mais razón se era fidalgo.

Gómez Charifio seguiu o bando de D. Sancho cando o infante, por demais inquedo, tentou termar as rendas do goberno do reino. Rubido logo Don Sancho ao trono por dereito propio, Charifio foi nomeado Almirante do Mar; o seu valimento foi tal que, na emposta da pelerinaxe do rei a Compostela en 1286 e a estadia da comitiva rexia en Pontevedra, do 18 ao 26 de Agosto, conseguiu do monarca varios privilexios pra a cidade da súa nacencia, que logo muito honraron a lembranza do trovador-mariñeiro.

Mais pouco dempois, á morte do valido Don Gómez García, Abade de Valadolide, troveiro tamén, perde Charifio o seu posto de Almirante, tornando ao retiro de Rianxo, onde cantaría os engados do mar e faría escárneos políticos. Pesia todo, Don Sancho IV tñíalle estima,

e cando se finou o novo valido, Don Lope Diaz de Haro, tornóu Charifio á corte, no 1288. Dende alí partilla nalguns feitos de armas; volve a bulir e intrigar e é nomeado en 1292 Adiantado Maior de Galicia.

A política, que acenaba ao espírito inqueda do trovador, viria ser a causa do seu fin fadal. Morto moi novo Don Sancho, desatáronse as cobizas antre D. Alonso da Cerda, Don Pedro de Aragón e o Infante Don Xohan, que sospiraba pola croa de un novo reino de Galicia. Charifio tomou o partido do derradeiro, quen lle confirmou os empregos que tiña e fixoo alcaide de Zamora. Os enredos e liortas proseguían no entanto; un día do outono de 1295, estando Charifio unha debesa de Cibdá Rodrigo na compañía do Infante, foi apuñalado turdiamente polo seu sobriño terceiro Rui Pérez Tenorio, irmán do trovador Men Rodríguez de Tenorio. Charifio viu de tal xeito, por mor das sinrazóns políticas, morrer violentamente a mans de un seu parénte, cando, alcanzados os 70 anos, tiña ben gaño o folgo ao achego da terra.

Foi sepultado no convento de San Francisco, de Pontevedra. No fermoso sartego, vése aida hoxe esta sabida lenda:

AQUI:IAZE:EL MUI NO	BLE:CAUALLERO:PAYO
GUOMEZ:CHARINO:EL PRI	MEIRO:SEÑOR:DE RRIAN
JO:QUE GUANO:A SEUILLA	SIENDO:DE MOROS:Y LOS:
PREUILEIOS:DESTA	UILLA:ANO DE I...

«De vintaoito cantigas consta o acervo poético de Charifio: once no «Cancioeiro da Ajuda» e vinte nos italiáns, das cáes tres son comúns. Repártense nos tres xéneros consagrados: cantares de «amor», cantares de «amigo» e cantares de «bulras»; ou seña, en resume:

- 19 cantares de amor (8 de refrán).
- 6 cantares de amigo.
- 3 cantares de escárneo.

«Charifio pertesce, sen dúbida, aos grandes cantores do mar, ciclo fecundo nos Cancioeiros, coma inspirados nunha terra de litoral longo e vario, cuías costas e cuías rias rifan en grandiosidade e fermosura. Non debería agardarse menos de un trovador Almirante.

Catro notabres poetas de inspiración oceánica conta o apógrafo de Roma: Xohan Zorro, Martín Codax, Mendiño e Paio Gómez, e tres, polo menos, son galegos.

O mar que inspirou a Paio Gómez na primadeira da súa vida ao compor as cantigas que a amada poidese entoar soando o adufe, continuou inspirándolle ao navegar deica a Andalucía, espoto aos perigos de Neptuno e Marte; inspiroulle nos pazos dos poderosos e na corte dos Reis, rodeado de ambicións e de asexanzas, e aínda poido inspirarlle, posto ao termo dos seus longos días, desenganado dos vaivéns da fortuna e da inconstanza dos homes. Nuns tempos e noutros, a súa sensibilidade ar-

tística incrinóuse aos temas musicaes, cantados polos marifeiros nos barcos e nos peiraos, e con ambos ampáros acertou a tecer as aladas cantigas que son a frol e gala da súa actividade poética.

«Nobre é a fisonomía literaria deste home de mar, positiva a inspiración da súa musa aristocrática, de grande simpatía seu xenio melancónico, gostoso de temas sinxelos e sentimentaes, e de outro interés os recursos poéticos con que derrama notabre orixinalidade aínda sobre tópicos manidos e asuntos resobados. Como é adoitado noutros troveiros, seus cantares de «amigo» sobre-sean pola frescura e vida que lles empresta o celme francamente popular e, dentro deles, as melancónicas cantigas, a modo de barcarolas, de novidade encantadora, esquisito refrexo das súas empresas marifeiras, e a súa especial característica na escola galego-portuguesa, tan ricaz en matices cando fuxe da servil imitanza das rimas proenzaes» (A. Cotarelo Valledor).

Quantos hoxe andan eno mar aquí  
cuidan que coita no mundo non ha  
se non do mar, nen han outro mal xa.  
Mais doutra guisa acontece hoxe a mí:  
coita de amor me faz escaecer  
a mui gran coita do mar, e teer

pola maior coita de quantas son  
coita de amor a quen a Deus quer dar.  
E é gran coita de morte a do mar,  
mais non é tal, e por esta razón  
coita de amor me faz escaecer  
a mui gran coita do mar, e teer

pola maior coita, per boa fé,  
de quantas foron, nen son, nen serán.  
E estes outros que amores non han  
dicen que non, mais eu direi qual é:  
coita de amor me faz escaecer  
a mui gran coita do mar, e teer

por maior coita a que faz perder  
coita do mar que faz muitos morrer.

(C. A. 251.)

As frores do meu amigo  
briosas van no navío.

E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

As frores do meu amado  
briosas van en o barco.  
E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

Briosas van no navío  
pera chegar ao ferido.  
E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

Briosas van en o barco  
pera chegar ao fosado.  
E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

Pera chegar ao ferido  
servir mí, corpo belido.  
E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

Pera chegar ao fosado  
servir mí, corpo loado.  
E vánse as frores  
daquí ben con meus amores.  
Idas son as frores  
daquí ben con meus amores.

(C. V. 401=C. B. 817.)

¡Ai Santiago, padrón sabido,  
vós me adugades o meu amigo!  
Sobre mar ven quen frores de amor ten.  
¡Mirarei, madre, as torres de Xeen!  
¡Ai Santiago, padrón probado,  
vós me adugades o meu amado!  
Sobre mar ven quen frores de amor ten.  
¡Mirarei, madre, as torres de Xeen!

(C. V. 429=C. B. 843.)

Diséronme hoxe, ¡ai amiga!, que non  
é meu amigo Almirante do mar,  
e meu corazón xa pode folgar  
e dormir xa; e por esta razón  
o que do mar meu amigo sacou  
sáqueo Deus de coitas que afogou.



Mui ben é a mi, ca non andarei  
triste por vento que vexa facer,  
nen por tormentas non hei de perder  
o sono, amiga; mais se foi El Rei  
o que do mar meu amigo sacou,  
sáqueo Deus de coitas que afogou.

Mui ben é a mi, ca xa cada que vir  
algún home da fronteira chegar  
non hei medo que me diga pesar;  
mais, porque me él fez ben sen llo pedir,  
o que do mar meu amigo sacou  
sáqueo Deus de coitas que afogou.

(C. V. 424 = C. B. 838.)

De quantas cousas en o mundo son  
non vexo eu ben qual pode semellar  
al Rei de Castela e de León  
se non unha qual vos direi: o mar.  
O mar semella muito aqieste Rei,  
e aquí en deante vos direi  
en quaes cousas, segundo razón.

O mar dá muito, e creede que non  
se pode o mundo sen él gobernar,  
e pode muito e ha tal razón  
que o non pode ren apoderar.  
Des í o mar é temudo que non sei  
quen o non tema, e contarvos hei  
aínda mais e xulgade entón:

En o mar cabe quanto í quer caber,  
e mantén muitos, e outros í ha  
que o mar quebranta e que faz morrer  
enxerdados, e outros ha a quen dá  
grandes herdades e muito outro ben.  
E todo esto que vos conto, avén  
al Rei, se o souberdes coñocer.

E da mansedume vos quero dicer  
do mar: non ha conto, e nunca será  
bravo nin sañado, se llo facer  
outro non fecer; e sofrer vos ha  
todalas cousas; mais se en desdén  
ou por ventura algún louco o ten,  
con gran tormenta os fará morrer.

Estas mañas, segundo o meu sen,  
que o mar ha, ha El Rei; e por én  
se asemellan, quen o ben entender.

(C. A. 256.)

NUNO PEREZ

(¿Mediados do s. XIII?)

Debeu nascer na beiramar da ría de Pontevedra, pois canta a romaxe de San Cremenzo, que aínda no día de hoxe é conecido polo «Santo do mar». A cativa ermida, trocada agora en romántica ruína cobexada de verdor, apousa nun illote, antre Bueu e Marín, perto da ribeira de Santa María de Ardán. Non é, pois, arriscado supor que o troveiro tivera visto a luz nos arredores do lugar que lembra nas suas cantigas.

No C. V. o seu apelido figura Trez, asegún a lectura de T. Braga, feita sobre a edición diplomática de Monaci. Mais o investigador portugués dubida no traslado; cica-ves coupese a interpretación por Fernández, abreviado no apógrafo de Roma. De certo, algúns autores téñeno lido elsi.

Figura neboenta a de iste bo troveiro, de quen xa está dito que nin o nome sabemos en verdade. É de supor que teña vivido na metade do século XIII, a vulgar polas semellanzas de estilo con os outros cantores galegos de santuarios mariñás, que na meirande parte pertescen a iste tempo.

Nuno Pérez somentes leixou catro cantigas de amigo. Non comprían mais pra a sua groria literaria.

Pra o P. Placer isas catro belidas pezas forman unha pequena historia amorosa. O poeta «pinta en versos de ouro todosos estados psicolóxicos de un corazón bandeado polo amor».

Des quando vos fostes daquí,  
meu amigo, sen meu pracer,  
hoube eu tan gran coita des í  
qual vos ora quero dicer:  
que non feceron des entón  
os meus ollos se chorar non,  
nen ar quis o meu corazón  
que fecesen, se chorar non.

E, desque me eu sen vós hachei,  
sol non me soube consellar  
e mui triste por én fiquei,  
e con coita grande e pesar:  
que non feceron des entón  
os meus ollos se chorar non,  
nen ar quis o meu corazón  
que fecesen, se chorar non.

E fúí eu facer oraçón  
a San Clemenço e non vos vi,  
e ben des aquela sazón,  
meu amigo, avéome así:  
que non feceron des entón  
os meus ollos se chorar non,  
nen ar quis o meu coraçón  
que fecesen, se chorar non.

(C. V. 805 = C. B. 1200.)

¡San Clemenço do mar,  
se mi dél non vingar,  
non dormirei!

¡San Clemenço señor,  
se vingada non for,  
non dormirei!

¡Se vingada non for  
do falso e traedor,  
non dormirei!

(C. V. 806 = C. B. 1201.)

Non vou eu a San Clemenço  
orar e faço gran razón,  
ca él non mi tolle a coita  
que trago no meu coraçón,  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

Non vou eu a San Clemenço  
nen él non se nembra de mi,  
nen mi aduz o meu amigo,  
que sempre amei desque o vi,  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

Ca, se él me adusese  
o que me faz penada andar,  
nunca tantos estadaes  
arderan ante o seu altar;  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

Ca, se él me adusese  
o por que eu moiro de amor,  
nunca tantos estadaes  
arderan ante o meu señor;  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

Pois eu en mia voontade  
de o non veer son ben fis,  
que porrei par caridade  
ante él candeas de París;  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

En mi toller meu amigo  
fillou comigo perfia,  
por ende arderá, vos digo,  
ante él lume de Boxía;  
nen mi aduz o meu amigo  
pero llo rogo e llo digo.

(C. V. 807=C. B. 1202.)

Estábame en San Clemenço,  
ú fora facer oraçón,  
e dísemi o mandadeiro,  
que mi prougue de coraçón:  
—Agora verrá aquí voso amigo.

Estábame en San Clemenço,  
ú fora candeas queimar,  
e dísemi o mandadeiro:  
—Fremosa de bon semellar,  
agora verrá aquí voso amigo.

Estábame en San Clemenço,  
ú fora oraçón facer,  
e dísemi o mandadeiro:  
—Fremosa de bon parecer,  
agora verrá aquí voso amigo.

E dísemi o mandadeiro,  
que mi prougue de coraçón;  
porque viu que me pracia  
ar dísemi outra vez entón:  
—Agora verrá aquí voso amigo.

E dísemi o mandadeiro:  
—Fremosa de bon semellar.  
Porque viu que mi pracia  
ar começoume a falar:  
—Agora verrá aquí voso amigo.

E dísemi o mandadeiro:  
—Fremosa de bon parecer.  
Porque viu que mi pracia  
ar começoume a dicer:  
—Agora verrá aquí voso amigo.

(C. V. 808=C. B. 1203.)

## PERO DE ARDIA

(¿Mediados do s. XIII?)

Non fixada deica agora a patria de iste trovador, pe-sía a algúns intentos de localizala ermida de Santa Mar-ta, que íl cantou, temos por moi probabel que o lugar do seu nacemento teña sido a aldea de Ardia, no concello e freiguesía de San Martiño do Grove (Pontevedra). A ermida que o troveiro lembra cicais fose a que nos seus tempos existiría na veciña freiguesía de Noalla, onde per-siste o culto á Santa nunha anterga imaxe que se vene-ra na parroquial.

Fora de istas conxeturas non sabemos res da súa vida, que cicais se teña desenrolado baixo o influxo literario da corte eclesiástica compostelán.

Nos apógrafos recóllense cinco cantigas de amigo de Pero de Ardia (C. V. 709-13=C. B. 1118-21). O feito de non aparecer cultivando ningún outro xénero define o seu vencellamento á escola tradicional galega, que o mes-mo trovador decrara, ao utilizar paremias e decires po-pulares, botando man de «un verbo antigo», que serve a modo de sentenza nunha das súas cantigas.

Deul-o sabe, coitada  
vivo mais ca soía,  
ca se foi meu amigo  
e ben vi, quando se ía,  
que se perdería migo.

E diséralle eu, ante  
que se de min quitase,  
que se veese cedo  
e, se alá tardase,  
ca se perdería migo.

E diséralle eu, ante  
que se de min partise,  
que, se muito quisesse  
viver ú me non vise,  
ca se perdería migo.

(C. V. 711=C. B. 1120.)

Asafiouse o meu amigo  
a mi, porque non guisei  
como falase comigo;  
Deul-o sabe, non ousei,  
e, por én, se quiser, ande  
safiudo e non mi o demande;  
quanto él quiser, atanto ande  
safiudo e non mi o demande.

Enviar quero eu, belida,  
a meu amigo que sexa  
en Santa Marta na ermida  
migo ledo e í mi vexa,  
se quiser, e, se non, ande  
sañudo e non mi o demande;  
quanto él quiser, atanto ande  
sañudo e non mi o demande.

Depoilo tive eu guisado  
que se él foi daquí sañudo,  
e atendí seu mandado  
e non o vi, e perdudo  
é comigo e alá xi ande  
sañudo e non mi o demande;  
quanto él quiser, atanto ande  
sañudo e non mi o demande.

Sei que non sabe a mia maña,  
pois que me enviar non quer  
mandado, e er xi me asaña;  
cá verá, se me eu quiser,  
mais non quero eu, e él ande  
sañudo e non mi o demande;  
quanto él quiser, atanto ande  
sañudo e non mi o demande.

(C. V. 712 = C. B. 1120.)

## AYRAS CORPANCHO

(¿Mediados do s. XIII?)

Somentes podemos postular o seu orixe galego, non tanto polo alcume e a cita que fai da romaxe de Sant-Yago, coma pola sua estilística, nidiamente emparentada co «tempero» dos cantores composteláns.

O apodo revélanos o seu mester de xograr, por ser adoitado que eles fosen conecidos por un alcume.

Corpancho está representado non Cancioeiros con oito fermosas cantigas de amigo (C. V. 257-65=C. B. 656-63). É o único troveiro que nos fala de un xeito non incidental da romaxe a Compostela. Outros, coma Pedro Amigo de Sevilla (C. V. 689), Charriño (C. V. 459), Airas Nunes (C. V. 454 e 455), Esquíu (C. V. 903), Xohan Airas (C. V. 1078) e Pero da Ponte (C. V. 1182), lembran a romaría, o padroado, o ambiente da cidade santa; algúns outros—Bonaval e os citados Pedro Amigo e Xohan Airas—percorren os frolicos arredores e dánnos as suas coridas visións da campía vizosa e verdegaia. Corpancho, por contra, fai aposta o longo camiño—ben que seña o feito posto na persoa da amiga—, aparelhando o espírito con devota arela (C. V. 265).

Chegades vós, aí amiga, de ú é meu amigo  
e con él falastes, mais eu ben vos digo  
que falarei vosco todo aqueste día,  
pois falastes con quen eu falar quería.

De ú é meu amigo ben sei que chegades  
e con él falastes, mais per mi creades  
que falarei vosco todo aqueste día,  
pois falastes con quen eu falar quería.

Gran ben é con vós, muito én que vos diga;  
pois con él falastes, creades, amiga,  
que falarei vosco todo aqueste día,  
pois falastes con quen eu falar quería.

(C. V. 257=C. B. 656.)

Madre belida, meu amigo vi,  
non lli falei e con él me perdí,  
e moiro agora, queréndolli ben;  
non lle falei, ca o tive en desdén;  
moiro eu, madre, queréndolli ben.

Se lle eu fiz torto, lacerarmi o hei  
con gran dereito, ca lli non falei,  
e moiro agora, queréndolli ben;  
non lli falei, ca o tive en desdén;  
moiro eu, madre, queréndolli ben.

Madre belida, idelli dicer  
que faça ben e me veña veer;  
e moiro agora, queréndolli ben;  
non lli falei, ca o tive en desdén;  
moiro eu, madre, queréndolli ben.

(C. V. 259 = C. B. 658.)

Por facer romaría puxe én meu corazón  
a Sant-Yago un día, por facer oraçón  
e por veer meu amigo logo í.

E se fecer bon tempo e mía madre non fór,  
querrei andar mui leda e parecer mellor,  
e por veer meu amigo logo í.

Quero eu ora mui cedo probar se poderei  
ir queimar mias candeas con gran coita que hei,  
e por veer meu amigo logo í.

(C. V. 265 = C. V. 663.)



## XOHAN DE CANGAS

(¿Mediados do s. XIII?)

Natural de Cangas de Morrazo (Pontevedra). As suas cantigas falan da ermida de San Mamede do Mar, na abra de Aldán, non lonxe da sua marifeira vila nadal.

Era xograr. Non se teñen outros datos da sua vida, que coidamos teña escorrido acarón dos pazos galegos, pormediados do século XIII.

Somentes conecemos hoxe tres cantigas de amigo deste troveiro. Nas tres lembra a ermida de San Mamede e fai aínda lixeira enmenta das ribeiras do mar. As cantigas de Xohan de Cangas forman coas de Martín Codax e Mendiño un precioso tríptico mariñán e romeiro da ría de Vigo. Os tres sinten o feitizo das vagas, encol da motivación relixiosa, e limitan, cunha brétema mareira de recendos líricos, os tres puntos cardinaes da terra que apreixa á ría.

En San Mamede, ú sabedes  
que vistelo meu amigo,  
hoxe houbera a seer migo;  
mía madre, fe que debes,  
leixédesmi o ir veer.

O que vistes ese día  
andar por mi mui coitado  
chegóume ora seu mandado;  
madre, por Santa Maria,  
leixédesmi o ir veer.

Pois él foi de atal ventura  
que sofreu tan muito mal  
por mi, e ren non lli val,  
mía madre, e por mesura,  
leixédesmi o ir veer.

Eu serei por él coitada  
pois él é por mi coitado;  
se de Deus haxades grado,  
madre ben aventurada,  
leixédesmi o ir veer.

(C. V. 873=C. B. 1267.)

Fui eu, madre, a San Mamede, ú me cuidei  
que veese o meu amigo, e non foi í;  
por mui fremosa que triste me én partí,  
e dixi eu como vos agora direi:

pois í non ven, sei unha ren:  
por mi se perdeu, que nunca lli fiz ben.

Quando eu a San Mamede fui e non vi  
meu amigo, con qué quisera falar  
a mui gran sabor nas ribeiras do mar,  
sospirei no corazón e dixi así:

pois í non ven, sei unha ren:  
por mi se perdeu, que nunca lli fiz ben.

Depois que fiz na ermida oraçón  
e non vi o que mi quería gran ben,  
con gran pesar fillóuxime gran tristen  
e dixi eu logo así esta razón:

pois í non ven, sei unha ren:  
por mi se perdeu, que nunca lli fiz ben.

(C. V. 874=C. B. 1268.)

Amigo, se mi gran ben queredes,  
ide a San Mamede a veerme edes:  
hoxe non mi mençades, amigo.

Pois mi aquí ren non podeades dizer,  
ide ú haxades comigo lecer:  
hoxe non mi mençades, amigo.

Serei vosco en San Mamede do Mar,  
na ermida, se mi o Deus aguisar:  
hoxe non mi mençades, amigo.

(C. V. 875=C. B. 1269.)

## FERNAN RODRIGUEZ DE CALLEIROS

(¿Mediados do s. XIII?)

A rúbrica do C. V. que encerta as composicións de Rodríguez de Calleiros ofrez a noticia da súa condición de fidalgo: «En esta folla adeante se comezan as Cantigas de amigo que feceron dous cabaleiros, et o primeiro é Fernán Rodríguez de Calleiros.»

Non fican outros rastros da súa vida, agás a nota anecdótica dos amores cunha doncela que querían casar con outro: «Fernán Rodríguez de Calleiros, que entendía en unha doncela et traguía a esta doncela preito de a casaren con Fernán Roíz Corpodelgado, e ela dise que non quería, e por esto fez este cantar Fernán Rodríguez, e diz así.»

Dado seu carácter de cabaleiro debeu vivir nas cortes da Península, nas que terásese singularizado pola gracia fresqueira do seu estilo popular.

Ten oito cantigas de amigo (C. V. 227-34=C. B. 626-32) e tres de escárneo e maldicer (C. V. 938-40) a modo de epigramas, onde trunfa o inxenioso xogo das verbas.

Antre as cantigas de amigo é de notar aquela en que a nai tenta substituír no amor á súa filla, aínda non tendo a composición o senso parodístico que, nun intre de ledó acerto, deu Xulián Bolseiro á súa (C. V. 777), onde a nai dóese de que a filla non lle leixa ter amigo.

A voltas de falidos intentos, Calleiros acerta na pura líña do paralelismo e no resorte doado da gracia.

¿Qué farei agora, amigo,  
pois que non queredes migo  
viver,  
ca non poso eu al ben querer?  
En gran coita me leixades,  
se vós allur ir cuidades  
viver,  
ca non poso eu al ben querer.  
Se aquesta ida vosa  
fór, non sei eu como posa  
viver,  
ca non poso eu al ben querer.  
Matarme hei, se mi o dicesdes  
que vós ren sen mi podedes  
viver,  
ca non sei eu al ben querer.

(C. V. 228=C. B. 627.)

Madre, pasou per aquí un cabaleiro  
e leixoume namorada e con marteiro.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi os busquei;  
outros me lle dei.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

Madre, pasou per aquí un fillodalgo  
e leixoume así penada, como eu ando.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi os busquei;  
outros me lle dei.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

Madre, pasou per aquí quen non pasase  
e leixoume así penada, mais leixase.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi os busquei;  
outros me lle dei.

¡Ai, madre, os seus amores hei!

(C. V. 233=C. B. 632.)

Dunha doncela ensañada  
sóo eu maravillado  
de como foi razoada  
contra mi en outro día,  
ca mi dise que quería  
seer ante mal tallada  
que haber «corpo delgado».

(C. V. 938.)

## MEN RODRIGUEZ DE TENORIO

(Segunda metade do s. XIII)

Fidalgo galego. Tíña o seu funduxe no solar de San Pedro de Tenorio, en Cotobade (Pontevedra).

Estirpe lendaria a dos Tenorios, o seu apelido comenza eiquí a facer méritos na estima das mentes sinxelas. Men Rodríguez partillou, sendo novo ainda, na demanda que perante Fernando IV de Aragón apresentou o Arcebispo contra o Concello de Compostela. Dempois emigrou o troveiro a Sevilla, e alí foi almoraxife polo ano 1277. Da súa estadía en Portugal, onde afincou a familia que leva o seu apelido, deixou unha leda nota na reseña do xantar en cas do Rei (C. V. 1084), endereitada ao xograr cortesán Esteban da Guarda.

Seu irmán, Roi Pérez Tenorio, deu morte ao Almirante do mar Paio Gómez Chariño. O xenio alporizado da familia daría un novo froito en outro Tenorio, homónimo do trovador que, en 1357 foi entregado ao rei de Castela por D. Pedro de Portugal, en troque dos asesinos da raíña galega Dona Inés de Castro, e foi xustizado por razón de unha «pelea que fué en Toro entre algunos caballeros», asegúñ as verbas do cronista López de Ayala.

Destiño dos Tenorios sería, pois, andar vencellados ás tráxicas lendas peninsulares, de longa proxenie literaria. Primeiramente, un Men Rodríguez de Tenorio, afincado en Sevilla, encerta, co seu xenio argalleiro e as suas cantigas amorosas, a lenda do "burlador"; logo, Roi Pérez Tenorio dá morte ao valido de Castela; no final, outro Men Rodríguez de Tenorio enrédase no tráxico fin da fermosa dona galega que reinou dempois de morta.

O espolio poético de Rodríguez de Tenorio está representado no C. V. por seis cantigas de amor (7-12), catro de amigo (317-20), dúas de escárneo (1083-84) e unha tonsón (14). As mais distas composicións repítense no C. B. e no C. A.

Ainda que foi cultivador de todos os xéneros, a súa filiación é nidamente cortesán. As cantigas de amigo páganse de un proenzalismo que non lles cadra; as de amor, un tanto rixidas, proban o gosto decadente do seu tempo. Mais soltura teñen os escárneos e maldiceres.

Quando me eu mui triste, de mia señor  
mul fremosa, sen meu grado, quitei  
e se ela foi e eu mesquiño fiquei,  
nunca mi valla a mi Nostro Señor  
se eu cuidase que tanto vivera  
sen a veer, se ante non morrera.

Alí ú dela quitei os meus  
ollos, e me dela triste partí,  
se cuidase viver quanto viví  
sen a veer, nunca mi valla Deus  
se eu cuidase que tanto vivera  
sen a veer, se ante non morrera.

Alí ú me eu dela quitei, mais non  
cuidei que tanto podese viver  
como viví sen a poder veer;  
ca Nostro Señor nunca mi perdon  
se eu cuidase que tanto vivera  
sen a veer, se ante non morrera.

(C. V. 12.)

—Amigo, pois mi dicesdes  
ca mi queredes mui gran ben,  
quando ora vos fordes de aquí,  
dicédemi, ¿qué faredes?

—Señor fremosa, eu volo direi:  
tornarme hei cedo ou morrerei.

—Se Nostro Señor vos perdon,  
pois aquí sodes coitado,  
quando fordes alongado,  
por Deus, ¿qué faredes entón?

—Señor fremosa, eu volo direi:  
tornarme hei cedo ou morrerei.

(C. V. 318=C. B. 717.)

## ESTEBAN COELLO

(2.<sup>a</sup> metade do s. XIII — Comén do XIV)

Antre nós ténselle coma nado en Ribadeume, concello de Capela (Pontedeume), mais é doado que haxa erro na interpretación da localidade «Riba do Homen», que é a patria fixada no «Nobiliario», pra iste troveiro.

Teófilo Braga informa que foron seus pais Pero Anes Coello e María Esteves Teixeira. «Foi casado con Dona María Mendes, de quen tivo un fillo, tamén trovador, cuílas cantigas non chegaron a ser recollidas na colección da Vaticana. No «Cancioeiro da Ajuda» tópase ista referencia:

O sen, e mais vos ende diría:  
Xohan Coello sabe que é así.

(Ed. Trovas e Cantares, núm. 179.)

«É probabel que iste nome perteza a un trovador mais antergo; Doña María Mendes casouse en segundas nupcias co trovador Martín Pérez Albín» (T. Braga). Compre, non embargantes, tomar istes informes con reserva, pois as probas documentaes das vidas dos troveiros son coasique sempre escuras.

«Foi pai ou irmán de Pero Coello, o xustizado de 1360, coma un dos asasinados de D.<sup>a</sup> Inés de Castro» (H. Cidade).

Viveu, pois, antre a segunda metade do século XIII e os primeiros anos do XIV.

«Da mais pura tradición galega» dí Teófilo Braga ser a vea poética de Coello. Sendo isto verdade, é mester reconecer que nisa pura tradición o poeta acertou a enxertar a frol nova da sua polida mestría, o seu senso musical das verbas, a dozura infinda da sua paisaxe espritoal.

Xa que non na cantidade, na calidade é Coello un dos mais grandes poetas dos nosos Cancioeiros. Nas duas cantigas de amigo que de il conecemos, as delicadas figuras femeninas diséñanse con vida propia nun fondo esvaído de encantamento. A estampa da moza que fía ten forte poder evocador: namentras fía sentada, canta cantigas de amigo; unha voz—¿a do poeta?—interrompe o seu cantar, e ela responde apenas ca ironía de un verbo antigo, que val por un ledo sorriso.

A outra cantiga da namorada é un convite ao xuntoiro amante dos corpos no río, e traí á mente relembros do antergo prestixio xunguidor das augas. O escaerio de ría ben pode ser o da terra natal do poeta.

Sedía la fremosa seu sirgo torcendo,  
sa voz manseliña fremoso dicendo  
cantigas de amigo.

Sedía la fremosa seu sirgo labrando,  
sa voz manseliña fremoso cantando  
cantigas de amigo.

—Par Deus de Cruz, dona, sei eu que habedes  
amor mui coitado, que tan ben dicesdes  
cantigas de amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sei eu que andades  
de amor mui coitada, que tan ben cantades  
cantigas de amigo.

—Abuitor comestes, que adeviñades...

(C. V. 321 = C. B. 720.)

Se hoxe o meu amigo  
soubese, iría migo:  
eu al río me vou bañar  
[e] al mare.

Se hoxe él este día  
soubese, migo iría:  
eu al río me vou bañar  
[e] al mare.

¡Quén lli disese atanto,  
ca xa fillei o manto!:  
eu al río me vou bañar  
[e] al mare.

(C. V. 322 = C. B. 721.)



MARTIN PEREZ ALBIN

(Segunda metade do s. XIII)

Debeu nacer arredor de 1250, sendo fillo do fidalgo portugués D. Pero Soares de Pousada, chamado Alvim na bisbarra de Basto, e de Dona Maria Esteves. Casou con Dona Margarita Pires; tñia o seu solar en Riba de Vizela.

Foi medio irmán de Xohán de Lobeira, tamén trovador, que se supón devanceiro do probabel autor do «Amadís». Estiveron os dous irmáns vencellados á casa do Infante Don Alfonso, señor de Portalegre e Lourifián, segundo fillo de Alfonso III, o Boloñés. Viveu, pois, encol da corte poética de Don Denis.

Pérez Albin somentes compuxo cantigas de amor (C. V. 643-49=C. B. 1053-59). Son composicións de un feito persoal, celmoso, emotivo, nas que trunfa un sentimento amoroso de boa lei, afastado da xeral artificialidade do xénero e portador de un certo lecer e descanso, pormedias da monótona repetición dos adoitados lugares comúns.

«O lector que vai folleando con man distraída as páxinas do C. V. non pode leixar de reparar nas poesías de Martín Pérez Albin. Iste poeta conseguiu dar expresión nova á súa «coita de amor», e nunha das súas composicións céntraa con intensidade pouco vulgar nos ollos que se alongan da vista do ben amado... Ista linda composición podería ser incruída nas fontes da famosa cantiga de Xohan Rodrigues de Castelo-Branco, «partíndose» de unha dona, e publicada no Cancioeiro Xeral de García de Resende, en 1516» (Da Costa Pimpão).

Señor, non poso eu xa per nulla ren  
os meus ollos deses vosos partir  
e, pois así é, que agora de ir  
han ú vos non vexan, sei eu mui ben  
que non poden os meus ollos veer,  
ú vos non viren, de al veer pracer.

E non poso eu os meus ollos quitar  
deses vosos, que viron por meu mal,  
e, pero me ende eu nunca atendí al,  
tal ventura mi quis a min Deus dar  
que non poden os meus ollos veer,  
ú vos non viren, de al veer pracer.

E non poso eu partir os ollos meus  
deses vosos, nen o meu corazón  
nunca de vós e, pois, mia señor, non  
atendí ende al, creede esto por Deus,  
que non poden os meus ollos veer,  
ú vos non viren, de al veer pracer.

Pois que al non desexan a veer,  
Deus vos llis mostre cedo a seu pracer.

(C. V. 645 = C. B. 1055.)

Señor fremosa, que de corazón  
vos serví sempre e servo e servirei,  
por muito mal que eu levo e levei  
por vós, teño eu que sería razón  
de mi facerdes haber algún ben  
de vós, señor, por quanto mal mi ven.

Do voso tallo e do voso catar  
muito aposto ven a min muito mal  
e, pois de vós nunca pude haber al,  
razón sería xa, a meu cuidar,  
de mi facerdes haber algún ben  
de vós, señor, por quanto mal mi ven.

E a mesura que vos quis dar Deus,  
e mui bon tallo e mui bon parecer,  
son meu gran mal; por mia morte toller  
tempo era xa, lume dos ollos meus  
de mi facerdes haber algún ben  
de vós, señor, por quanto mi mal ven.

(C. V. 649 = C. B. 1057.)

PERO GOMES BARROSO

(2.<sup>a</sup> metade do s. XIII)

No opinión de T. Braga era fillo de D. Gomes Veegas, de Basto, e fora habido da filla de un escudeiro, denantes de se casar o fidalgo con Dona Mor Rodriguez de Candarei. Asegún outros autores, foi neto do tamén trovador Gomes Barroso.

Casou en Toledo, onde morou na corte de Alfonso X, con Dona Chamoá Fernández. Pouco mais sabemos da vida de Pero Gomes Barroso, que, ao que semella, decorreu por longo tempo en Castela.

Ten unha cantiga de escárneo (C. V. 593) e tres de amigo (C. V. 333-35=C. B. 732-34). Interesa sobremaneira aquíl sirventés, onde se amosa o noxo do poeta polos troques do mundo. O tema, de perene vixencia, que non foi Gómez Barroso o único troveiro a tentar, ten nos seus beizos unha forma grácil e doada, xuntamente cun selo de sincero asafiamiento. É Barroso un felis cultor da poesía sentenciosa.

Do que sabía nulla ren non sei,  
polo mundo que vexo así andar;  
e quando í cuido, hei logo a cuidar,  
per boa fé, o que nunca cuidei:  
ca vexo agora o que nunca vi  
e ouço cousas que nunca oí.

Aqueste mundo, par Deus, non é tal  
qual eu vi outro non ha gran sazón,  
e por aquesto no meu corazón  
aquél desexo e éste quero mal:  
ca vexo agora o que nunca vi  
e ouço cousas que nunca oí.

E non receo mia morte por én,  
e Deus lo sabe, e quería morrer,  
ca non vexo de que haxa pracer  
nen sei, amigo, de qué diga ben:  
ca vexo agora o que nunca vi  
e ouço cousas que nunca oí.

E se a mi Deus quisese atender,  
per boa fé, unha pouca razón,  
eu posto había no meu corazón  
de nunca xamais nen un ben facer:  
ca vexo agora o que nunca vi  
e ouço cousas que nunca oí.

E non daría ren per viver í,  
en este mundo, mais do que viví.

(C. V. 593.)

## XULIAN BOLSEIRO

(2.<sup>a</sup> metade do s. XIII)

Non sabemos onde nasceu. Caso de darmos por boa a lectura de Balseiro feita por algúns autores, ademiti-ríamos que tivese nado nunha das once localidades cha-madas Balsa que hai en Galicia.

Foi xograr; pelerifiando o seu mester de xograría an-divo por terras de Sevilla e Portugal arredor do ano 1270. Da sua homildosa condición sabemos pola tensón que fixo con Men Rodríguez de Tenorio, na que iste fidalgo re-mata ameazando ao xogar con darlle un golpe na gorxa, pra que endexamais torne un vilao a se afrontar con il.

Figurou na corte de Alfonso X; alí tomou parte na famosa custión xurdida por unha cantiga que o cabalei-ro portugués Soares Coello adicou a unha «ama», e que encheu por si soia un movido ciclo de escárneos e bulras.

Foi Bolseiro un mestre da cantiga de amigo, de cuio xénero leixou quince belidas composicións (C. V. 771-785=C. B. 1165-1180). En varias de elas píntase un fondo bu-linte de paisaxe mariñán; en outras, a nota de cor da sua vea lírica está no «leit-motiv» das longas noites sen amor. En todas, hai pureza de sentimento e axilidade de espresión.

O diálogo antre a filla e a nai é sempre donairoso, chegando na cantiga 777 do C. V. a termos de churrus-queira orixinalidade. "Nunha hora de feliz inspiración, un xograr ben humorado, Xulián Bolseiro, tivo a idea de facer a parodia do tema [das cantigas de amigo]; invir-teu os papeles de nai e filla, e disa volta resultou unha das mais finas e mais graciosas cantigas do espolio tro-vadoresco" (Rodríguez Lapa).

En verdade, abondaría con ista senlleira mostra do fino humor do troveiro pra facelo dino da lembranza, an-tre a mancha dos que foron fideles aos temas populares e ao esprito da terra.

Bolseiro escribeu ademais duas cantigas de amor (C. V. 667-68=C. B. 1076-77) e duas tensóns: con Men Rodríguez (C. V. 14) e con Xohan Soares (C. V. 786).

Da noite de eire poderan facer  
grandes tres noites, segundo meu sen,  
mais na de hoxe mi veo muito ben,  
ca veo meu amigo  
e, ante que lle enviase dicer ren,  
veo a luz e foi logo comigo.

E, pois me eu eire senlleira deitei,  
a noite foi e veo e durou,

mais a de hoxe pouco a semellou,  
ca veo meu amigo  
e, tanto que a mi falar começou,  
veo a luz e foi logo comigo.

E comecei eu eire de cuidar  
e começou a noite de crecer,  
maila de hoxe non quis asi facer,  
ca veo meu amigo  
e, falando eu con él a gran pracer,  
veo a luz e foi logo comigo.

(C. V. 772 = C. B. 1166.)

Fui hoxe eu, madre, veer meu amigo,  
que me enviou muito rogar por én,  
porque sei eu ca mi quer mui gran ben;  
mais vedes, madre, pois me él vio consigo,  
foi él tan ledo que, desque nací,  
nunca tan ledo home con moller vi.

Quando eu cheguei estaba él chorando  
e non folgaba o seu corazón,  
cuidando en mi, se iría, se non;  
mais, pois me él viu ú me estaba asperando,  
foi él tan ledo que, desque nací,  
nunca tan ledo home con moller vi.

E, pois Deus quis que eu fose ú me él vise,  
dise él, mia madre, como vos direi:  
—¡Vexo eu viir quanto ben no mundo hei!  
E vedes, madre, quando él esto dise  
foi él tan ledo que, desque nací,  
nunca tan ledo home con moller vi.

(C. V. 773 = C. B. 1167.)

Nas barcas novas foise o meu amigo aquí,  
e vexo eu viir barcas e teño que ven í,  
mia madre, o meu amigo.

Atendamos, ai madre, sempre vos quereí ben,  
ca vexo viir barcas e teño que í ven,  
mia madre, o meu amigo.

Non faço eu desaguizado, mia madre, eno cuidar,  
ca non podía muito sen mi allur morar,  
mia madre, o meu amigo.

(C. V. 774 = C. B. 1168.)

Mal me traguedes, ai filla, porque quero haber amigo,  
e pois eu con voso medo non o hei nen é comigo,  
non haxadela mia graça  
e dévos Deus, ai mia filla,  
filla que vos así faça,  
filla que vos así faça.

Sabedes ca sen amigo nunça foi moller viçosa  
e, porque mi o non leixades haber, mia filla fremosa,  
non haxadela mia graça  
e dévos Deus, ai mia filla,  
filla que vos así faça,  
filla que vos así faça.

Pois eu non hei meu amigo non hei ren do que desevo,  
mais, pois que mi por vós veo, miña filla, que o non vexo,  
non haxadela mia graça  
e dévos Deus, ai mia filla,  
filla que vos así faça,  
filla que vos así faça.

Por vós perdí meu amigo por qué gran coita padesco,  
e, pois que mi o vós tollestes e mellor ca vós paresco,  
non haxadela mia graça  
e dévos Deus, ai mia filla,  
filla que vos así faça,  
filla que vos así faça.

(C. V. 777=C. B. 1171.)

Aquestas noites tan longas  
que Deus fez en grave día  
por mi, ¿por qué as non dórmio  
e por qué as non facía  
no tempo que meu amigo  
soía falar comigo?

Porque as fez Deus tan grandes  
non poso eu dormir, ¡coitada!,  
e, de como son sobexas,  
quisérame outra vegada  
no tempo que meu amigo  
soía falar comigo.

Porque as Deus fez tan grandes,  
sen mesura desiguas,  
e as eu dormir non poso,  
¿por qué as non fez ataes  
no tempo que meu amigo  
soía falar comigo?

(C. V. 782=C. B. 1176.)

## AIRAS PAEZ

(Fins do s. XIII-Comén do s. XIV)

Era natural de Santa María de Reza (Ourense) e posiblemente estivera emparentado cos tamén ourensáns Roi Paez de Ribela e Xohan Paez de Tamallancos, troveiros nas cortes de Fernando III e Alfonso X.

Airas Paez serviu a D. Sancho IV coma xograr; eisi, topámolo en agosto de 1293, cando o viaxe de aquí a Molina pra tomar conta do seu herdado señorío, cobrando soldada da casa real. Logo estivo o xograr en Tudela, facendo dende ali viaxes á corte aragonesa, onde polos anos 1303 e 1304, trovou perto de D. Xaime II, de quen recibiu presentes.

De ser certo o que di nunha das suas cantigas, comería o desaforo de publicar o nome da sua "señor" e pagaría dempois, co encerro dela, a coita mortal de a non poder ollar xa mais.

Somentes conecemos catro cantigas diste xograr-troveiro: duas de amor (C. V. 691-92=C. B. 1100-1) e outras duas de amigo (C. V. 891-92=C. B. 1285-87). O meirande mérito do poeta é o de manter, nas derradeiras horas do frolecer lírico galego, o antergo feitizo do tema de romaxe. Postas en comparanza as suas cantigas de amigo coas dos grandes mestres da primera metade do século, por forza hánnos semellar probes, pésia a portaren ainda lume e recendo de festa romeira.

Dicen pela terra, señor, que vos amei,  
e de totalas coitas a vosa maior hei;  
je sempre eu, namorado,  
hei a viver coitado!

Dicen pela terra ca vos amei, señor,  
e de totalas coitas a vosa hei maior;  
je sempre eu, namorado,  
hei a viver coitado!

E de totalas coitas a vosa maior hei,  
e non dórmio a noite, e o dia peor hei;  
je sempre eu, namorado,  
hei a viver coitado!

E de totalas coitas a vosa hei maior,  
e non dórmio a noite, e o dia hei peor;  
je sempre eu, namorado,  
hei a viver coitado!

(C. V. 691=C. B. 1100.)

Maior guarda vos deron ca soían, señor,  
e vivo eu mais penado por vós e hei maior  
coita, que non cuido a guarir;  
señor, se vos guardaren e vos eu non vir,  
non cuido un dia mais a guarir.

Se vós soubésedes a coita que hei maior,  
mui gran dóo haberíades de min, señor,  
ca non poso eu sen vós guarir;  
señor, se vos guardaren e vos eu non vir,  
non cuido un dia mais a guarir.

(C. V. 692=C. B. 1101.)

Por veelo namorado  
que muito ha que non vi,  
irmana, treides comigo,  
ca me dicen que ven í,  
a Santa María de Reça.

Porque sei ca mi quer ben  
e porque ven í cuitado,  
irmana, treides comigo,  
ca sei que ven í de grado  
a Santa María de Reça.

Por veelo namorado  
que por mi gran mal levou,  
treides comigo, ai irmana,  
ca mi dicen que chegou  
a Santa María de Reça.

(C. V. 892=C. B. 1287.)



## XOHAN MENDES DE BRITEIROS

(Derradeiro 4.º do s. XIII - Primeiro do s. XIV)

Non está ben acrarado se o apelido debiera lerse Briteiros ou Besteiros, pois nos apógrafos italiáns figuran confusas as grafías.

Besteiros é apelido fidalgo de Galicia, e consta que o troveiro era de nobre solar. T. Braga, Storck e J. J. Nunes decidense pola lectura segunda: Dona Carolina Michaelis, e outros especialistas portugueses, pola primera. Cicais teñan razón os derradeiros; polo pronto, no "Censal do Cabido da Sé do Porto", páx. 318, aparece como testemuña un "Xohan Meendiz de Briteyros", nunha carta dada por D. Denis en 1304, figurando tamén un nome igoal noutra carta rexistrada no "Livro dos Bens de don João Portel", pax. XCII, do ano 1274.

De ser iste fidalgo luso a mesma persoa que o troveiro, tería sido coetáneo de D. Denis, e irmán de Afonso Mendes de Briteiros, o trovador que —atal que Airas Paez— fallou as leis do amor cortés, descubrindo o nome da súa dona (C. A. 198).

Leixóunos sete cantigas de amor (C. V. 444-49; 453=C. B. 858-63; 867) e tres de amigo (C. V. 450-52 =C. B. 864-66).

Hai naquilas un raro valor humán, que xurde do trasfundo das verbas, baixo o artificioso feitío do xénero, na mesma liña de sinceridade seguida por Pérez Albin. As cantigas de amigo, que cuásique desbotan o paralelismo, partillan, non embargantes, diste mesmo senso íntimo, que lles presta acentos de cousa sentida e verdadeira. O desvario do sen, as visións dos sonos, a coita amorosa, non semellan nos beizos do poeta froitos da imaxinación, senon fondas queixas de amante, guindadas ao ar ceibes de impetizos literarios.

¡Qué perto esteve de me facer ben  
Nostro Señor, e non mo quis facer,  
quanto entendeu que podía morrer  
por vós, señor, que logo non morrí!  
Matándome El, fecérame ben í,  
tal que tevera, que me era gran ben.

Ante me quis leixar perder o sen  
por vós, señor; des í, soubo alongar  
meu ben, que era en mi a morte dar,  
e quis que xa sempre eu vivese así  
en gran coita, como sempre viví,  
e que me houbese perdido o meu sen.

E vexo eu que mal corazón me ten  
Nostro Señor, así El me perdon:  
non me deu morte, que de corazón  
lle roguei sempre e muito lla pedí,  
mais deume vida, a pesar de mi,  
desexando á que me en pouco ten.

Atal ventura quis El dar a mi:  
fezme veervos, e ar fezo logo í  
a vós que non desedes por mi ren.

(C. V. 448=C. B. 862.)

Señor, comigo non poso torcer  
nen con este cativo corazón,  
que vos non haxa millor a querer  
de quantas cousas eno mundo son;  
e, señor, é desvairada razón

ú eu, por ben que vos quero, por én  
non haber ben de vós per nulla ren.

Xa meus dias así hei a pasar,  
en amando mais que outro amador  
vós, mia señor, que sempre eu soube amar  
e servir mais que outro servidor;  
e razón é desvairada, señor,

ú eu, por ben que vos quero, por én  
non haber ben de vós per nulla ren.

E razón era, señor, de algún ben  
haber de vós, de ú me tanto mal ven.

(C. V. 446=C. B. 860.)

¡Deus, qué leda que me esta noite vi,  
amiga, en un soño que soñei!  
Ca soñaba en como vos direi,  
que me dicía meu amigo así:

—Falade, amiga, ai meu lume e meu ben.

Non foi no mundo tan leda moller  
en soño, nen no podía seer,  
ca soñei que me veera dicir  
aquele que me mellor que a sí quer:

—Falade, amiga, ai meu lume e meu ben.

Desde me espertei houí gran pesar  
ca en tal soño había gran sabor,  
con o rogarme, por Nostro Señor,  
o que me sabe mais que sí amar:

—Falade, amiga, ai meu lume e meu ben.

E pois me espertei foi a Deus rogar  
que me sacase aqeste soño a ben.

(C. V. 451=C. B. 865.)

## PERO MEOGO

(2.<sup>a</sup> metade do s. XIII-Comén do s. XIV)

Dona Carolina Michaelis supón, polo apelido —Moogo ou Meogo—, que iste troveiro fose un monago ou monxe, que tiña leixado o mosteiro pra seguir a arxilada vida xograreira. Non embargantes, abondan as testamuñas documentaes de un Pero Meogo, frade ou crego, certamentes, mais que, lonxe de ter vivido afastado do seu mester, traballou arreo na cura de almas.

De tales documentos dan testemuña Murguía, Martínez Salazar, Vaamonde Lores, Villa-Amil y Castro, Filgueira Valverde, Bouza-Brey, e aínda fica sin citar un outro moi interesante, que se garda na biblioteca escu-rialense.

¿Son todos istes datos referintes a unha mesma persoa? Dificultoso parez. O que xuzgamos posibre é que o travador seña o Pero Meogo de Banga, que, por ser nado nas vizosas terras do Riveiro, levaría á súa poesía a imaxe arcádica da verde paisaxe e os sons cantareiros das augas.

Por outra parte, o apelido Meogo cicais res teña que ver coa profesión monástica. Pra o noso entender, cadra millor no senso de “mediano” ou “do medio”, nunha xerazón de tres ou mais irmáns. Niste mesmo significado de medianeiro tópase no medievo a nominación de “rua meoga”.

Os sons da súa lira non son tampouco, nen moito menos, os de un apicarado goliardo ou frade apóstata. Por contra, aínda que seña no campo do amor mundano, a poesía de Meogo pórtanos un a modo de anuncio da diviña anguria lírica de San Xohan de la Cruz, desenrolándose nunha paisaxe de cervos apacibres, mainas fontenlas e mestos herbaes, en contraponto coa fonda inquedanza do espírito aceso. Hai en Meogo certas lembranzas bíblicas, no fondal do seu sentimento, nas imaxes e no escaerío que, á par de probarnos a formación relixiosa do autor, permítennos axeitar o lonxano paralelo co místico castelán.

Fose o que for da vida de Pero Meogo, o mais importante dela —a súa poesía—chegóu puro e nído deica nós. E non nos cansaremos de gradescer a Deus o miragre, pois miragre do arte lírico son as nove cantigas de amigo do troveiro.

Non é somentes a paisaxe —fontes, prados, soutos, cervos e cervas, vales e montes—, presente adoito na poesía de Meogo; nin a permanente visión da muller belida de dourados cabelos; nin o sentimento amoroso, coma orballado de recendos campesios, que a inza por enteiro; nin a saudade, nin a tristura, nin os noxos da namorada; non é

ningún dos elementos isolados das súas trovas o que define a poesía de Meogo. É, sin mais, a esenza lírica dunha raza e dunha terra, a razón de ser espritoal de un pobo, que se fixo verbo no peito tremante do troveiro.

Se non sona a herexía, diremos que Pero Meogo é o meirande lírico galego de todos os tempos.

As súas nove cantigas de amigo forman a modo de un solo poema, que Filgueira Valverde ordeu con bo tino, e que cicais “teña o seu orixe no: “Sicust cervus desiderat ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus”, de tan fondo ronsel na iconografía e na literatura do medioevo”. Seguindo tal criterio, damos aquí a obra íntegra de Pero Meogo no seu lóxico orde argumental.

Por mui fremosa que sañuda estou  
a meu amigo, que me demandou  
que o fose eu veer  
a la fonte ú os cervos van beber.

Non faço eu torto de mi lle asañar,  
por se atrever e de me demandar  
que o fose eu veer  
a la fonte ú os cervos van beber.

Afeito me ten xa por sandía,  
que él hoxe non ven, mais envía  
que o fose eu veer  
a la fonte ú os cervos van beber.

(C. V. 790=C. B. 1185.)

A meu amigo, a que preito tallei  
con voso medo, madre, mentirlle hei,  
e, se non for, asañarse ha.

Talleille eu preito de o ir veer  
ena fonte ú os cervos van beber  
e, se non for, asañarse na.

E non hei eu de lli mentir sabor,  
mais mentirlle hei con voso pavor.  
e, se non for, asañarse ha.

De lli mentir nen un sabor non hei;  
con voso medo a mentirlle haberei  
e, se non for, asañarse ha.

(C. V. 789=C. B. 1184.)

Preguntarvos quero eu, madre,  
que mi digades verdade,  
¿se ousará meu amigo  
ante vós falar comigo?

Pois eu migo hei seu mandado,  
querria saber de grado

¿se ousará meu amigo  
ante vós falar comigo?

Irei, mia madre, a la fonte  
ú van os cervos do monte,

¿se ousará meu amigo  
ante vós falar comigo?

(C. V. 795=C. B. 1190.)

Levou-se a louçana,  
levouse a belida;  
vai lavar cabelos  
na fontana fría,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

Levou-se a belida,  
levouse a louçana;  
vai lavar cabelos  
na fría fontana,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

Vai lavar cabelos  
na fontana fría;  
pasa seu amigo  
que lli ben queria,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

Vai lavar cabelos  
na fría fontana;  
pasa seu amigo  
que a muito amaba,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

Pasa seu amigo  
que lli ben queria;  
o cervo do monte  
a augua volvia,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

Pasa seu amigo  
que a muito amaba;  
o cervo do monte  
volvia a augua,  
leda dos amores,  
dos amores leda.

(C. V. 793=C. B. 1188.)

Enas verdes herbas  
vi andalas cervas,  
meu amigo.

Enos verdes prados  
vi os cervos bravos,  
meu amigo.

E con sabor delas  
lavei mias garcetas,  
meu amigo.

E con sabor delos  
lavei meus cabelos,  
meu amigo.

Desde los lavei,  
de ouro los liei,  
meu amigo.

Desde los lavara,  
de ouro los liara,  
meu amigo.

De ouro los liei  
e vos asperai,  
meu amigo.

De ouro las liara  
e vos asperara,  
meu amigo.

(C. V. 794 = C. B. 1189.)

—Digades, filla, mia filla belida:  
¿por qué tardastes na fontana fria?  
—Os amores hei.

—Digades, filla, mia filla louçana:  
¿por qué tardastes na fría fontana?  
—Os amores hei.

Tardei, mia madre, na fontana fría;  
cervos do monte a augua volvían.  
Os amores hei.

Tardei, mia madre, na fría fontana;  
cervos do monte volvían a augua.  
Os amores hei.

—Mentís, mia filla, mentís por amigo;  
nunca vi cervo que volvese o río.  
—Os amores hei.

—Mentís, mia filla, mentís por amado;  
nunca vi cervo que volvese o alto.  
—Os amores hei.

(C. V. 797 = C. B. 1192.)

Fostes, filla, eno bailar  
e rompestes í o brial:  
pollo cervo í ven,  
esta fonte seguídea ben;  
poilo cervo í ven.

Fostes, filla, eno loir  
e rompestes í o vestir:  
pollo cervo í ven,  
esta fonte seguídea ben;  
poilo cervo í ben.

E rompestes í o brial  
que fecestes ao meu pesar:  
poilo cervo í ven.  
esta fonte seguídea ben;  
poilo cervo í ven.

E rompestes í o vestir  
que facestes apesar de min:  
poilo cervo í ven,  
esta fonte seguídea ben:  
poilo cervo í ven.

(C. V. 796=C. B. 1191.)

—Tal vai o meu amigo  
con amor que lle eu dei  
come cervo ferido  
de monteiro de El Rei.

Tal vai o meu amigo,  
madre, con meu amor  
come cervo ferido  
de monteiro maior.

E, se él vai ferido,  
irá morrer al mar;  
sí fará meu amigo  
se eu dél non pesar.

—E guardádevos, filla,  
ca xa un atal vi  
que se fez mui coitado  
por guaañar de mi.

E guardádevos, filla,  
ca xa un vi atal  
que se fez mui coitado  
por de min guaañar.

(C. V. 791=C. B. 1186.)

## PEDRO AMIGO DE SEVILLA

(Primeiro 4.º do s. XIII-1302 ?)

Foi nado na terra de Betanzos. O apelido cádralle somentes en virtude da súa temporeira vecifianza en Sevilla, onde ollámolo figurando de testemuña na derradeira vontade de Xohan Fernández, datada en 1285. Iste Xohan Fernández era irmán do xograr Gonzalo Rodríguez, e no seu testamento leixa unha manda a prol do mosteiro de Monfero. Murguía observa certamente que iste feito ben pode probar a patria común de testador e testamenteiro. O mais curioso é que a tal sospeita está cásiqúe probada nun documento no que non reparou Murguía nin nada depois d'el: é a confirmación dos privilexos de Monfero feita por Alfonso X, datada en Sevilla no 1261, cuos notabres galeguismos chamaron a atención de Martínez Salazar —que foi quen deu a conecer o documento— e cuio escribano resulta ser Xohan Fernández. Moitas son as coincidencias, pra non ademitir a posibilidade de que o troveiro conecese en Sevilla ao seu coteráneo, o notario real, que escribe co seu natural léxico a confirmación dos privilexios da súa terra, da que non se esquence na hora da morte.

Pois o xa certo é que Pedro Amigo de Sevilla aparez en outros instrumentos legais, publicados tamén por Martínez Salazar, coma residente na bisbarra betanceira. En 1260 Xohan Pérez vende en Cendaie e Golmar os seus bens “por quanta herdade comprou et gaanou Pedro Amigo clerigo”; no ano seguinte asiste coma home bo a lectura do devandito privilexio de Monfero, e de tal xeito figura en nome “da feegregia dAmbroa: Pedro Amigo clerigo”; e, en fin, en 1275, concrétase mais a súa vecifianza, pois nesa data firma como testemuña nunha venta de Marina Iohanes, da facenda que tiña en Val Marín e Escanoi, termos da freiguesia de San Tirso de Ambroa, e neste documento aparez como “Pedro Amigo clerigo dEscanoy”.

Parez probado, polo tanto, que Pedro Amigo, nado na bisbarra de Betanzos, foi crego en San Tirso de Ambroa entre 1260 e 1275. Daquela dataría a súa amizade co troveiro Pero de Ambroa, da que falamos ao tratar diste. Logo, vémolos xa en Sevilla en 1285; alí tivo amizade cos tamén betanceiros Gonzalo Rodríguez, xograr, e o seu irmán Xohan Fernández, notario real. Mais tarde, según documentos descubertos por García Blanco, polo ano de 1288, foi coengo en Oviedo “e compañero de la iglesia de Salamanca”, onde testou en 1302, legando a súa viola “a Pedro Loçano, joglar et que diga un pater noster por mi alma cada día que con ella violar”.



Do paso de Pedro Amigo por Compostela, onde cicáis se teña demorado algún tempo, acarón do propicio ambiente literario, temos nota certa na súa fermosa pastorela. Pode ser que ali tensoara co compostelán Xohan Vázquez, naquil vivo diálogo onde falan ambos da xeira de Beaucaire e do "fecho del Imperio", que termaba daquela o interés das xentes (C. B. 1550).

Ténse luxado a lembranza do troveiro, xulgándoo coma apóstata. Coidamos que tal cousa está moi lonxe da verdade. Certo que a súa vida —ao menos polo que leixan adiviñar as súas propias composicións— non escorre por canles de nidia moralidade. "As tensións de Pedro Amigo con Vasco Peres, Lourenzo e Xohan Baveca, as cantigas de escarnio que fixo contra os derradeiros e Pero de Ambroa, Pero Bodiño e Pedro Ordóñez, e, mais que nada, as alusións a soldadeiras e coteifas —á propia Balteira, unha Elvira, Mariña Mejouchi, Mayor García, Sancha Díaz— móstrannos o ambiente en que desenrolou a súa actividades poética Pedro Amigo. Por certo que a alusión reiterada de Ambroa (C. V. 1128) á entrada do segre nunha ermida vella:

Unha ermida vella que hachou  
e entrou dentro, e pois que í entrou  
de saír dela non é presado,

non solo non debe suporse referencia a unha conversión de Pedro Amigo, como quixo C. Michaelis, senón que, dentro da tesis de Menéndez Pidal de que se trata duns amores serodios, pode conxeturarse, relacioando o testo das cantigas 1128, 1129 e 1130, como o escarnio de un entendemento de Pedro Amigo cicáis ca propia Balteira, xa de retorno de Ultramar". (Filgueira Valverde).

A obra lírica de Pedro Amigo de Sevilla fórmana oito cantigas de amor, quince de escárneo e maldicer, once de amigo e unha tensión. Iste oito número de composicións acollidas nos Cancioeiros revela a categoría do poeta. Compre destacar, de tan varia laboura, a beleza das composicións de sentir popular, cuio engado soupo o troveiro misturar coa gracia quente da regueifa e unha certa emoción silandeira de romaxe. Esta poesía débelle nacer da alma a Pedro Amigo nos tempos apacibres do seu curato en Ambroa. Logo, o vivir arxilado da corte levaríao polos vieiros recortados da cantiga de amor ou polas bravas congostras do maldicer.

"Rexo contraste ca vida a co resto da obra de Pedro Amigo, as súas cantigas amorosas, e especialmente unhas que poidemos chamar verdadeiras "cancións de amiga", dannos unha idea das súas esgrevias calidades de poeta.

"A pastorela... ten ca de Xohan Airas unha rara some llanza, que, escedendo da comunidade xenérica, chega deica un detalle tan miudo como a localización, non xa

en Compostela, senón nas mesmas beiras do Sar. As dúas cantigas sirven pra revelarnos que as pastoras desta terra gozaron, na poética do noso medioevo, de unha sona de "ben razoadas", de ensinadas e de dicretas, comparabre, salvada a diferenca dos xéneros, ca das serranas de Avila e Toledo, pra os líricos casteláns. A romaxe a SantYago dá, nas dúas composicións, o motivo para o encontro do viaxeiro e da pastora, e fai xurdir un diálogo onde trunfan, ó par, as razóns da moza e o amor do entendedor. Pódese ben coardar que estas dúas pastorelas e algunha outra, como a de Joan de Aboin, que alude ó "camifio francés", nos restan como exempros de unha longa literatura hoxe perdida, que tivera motivos somellantes, sobre a mesma localización". (F. Valverde).

Moiro, amiga, desexando  
meu amigo, e vós no voso  
mi falades, e non poso  
estar sempre en esto falando;  
¿mais queredes falar migo?  
¡Falemos no meu amigo!

Queredes que todavía  
eno voso amigo fale  
vosco e, se non, que me cale,  
e non poso eu cada día;  
¿mais queredes falar migo?  
¡Falemos no meu amigo!

Amiga, sempre queredes  
que fale vosco, e falades  
no voso amigo e cuidades  
que poso eu; non o cuidades;  
¿mais queredes falar migo?  
¡Falemos no meu amigo!

Non habedes de al cuidado,  
sol que eu vosco ben diga  
do voso amigo e, amiga,  
non poso eu nen é guisado;  
¿mais queredes falar migo?  
¡Falemos no meu amigo!

(C. V. 816 = C. B. 1211.)

Quando eu un día fuí en Compostela  
en romaría, vi unha pastor  
que, pois fui nado, nunca vi tan bela,  
nen vi outra que falase millor,  
e demandéille logo seu amor  
e fiz por ela esta pastorela.

Díxelle eu logo: —Fremosa poncela,  
¿queredes vós min por entendedor,  
que vos darei boas toucas de Estela  
e boas cintas de Rocamador  
é doutras doas, a voso sabor,  
e fremoso pano pera gonela?

E ela dise: —Eu non vos quería  
por entendedor, ca nunca vos vi,  
se non agora, nen vos fillaría  
doas que sei que non son pera mi,  
pero cuido eu, se as fillase así,  
que tal ha no mundo a qué pesaría.

E, se veese outra, ¿qué lli diría,  
se me disese: «ca per vós perdí  
meu amigo e doas que me traguía»?  
Eu non sei ren que lli disese alí;  
se non fose esto de que me temo í,  
non vos digo ora que o non faría.

Dixe eu: —Pastor, sodes ben razoada,  
e pero creede, se vos non pesar,  
que non est hoxe outra no mundo nada,  
se vós non sodes, que eu sábia amar,  
e por aquesto vos veño rogar  
que eu sexa voso home esta vegada.

E dise ela, come ben ensinada:  
—Por entendedor vos quero fillar  
e, pois for a romaría acabada,  
aquí, de ú son natural, do Sar,  
cuidome eu, se me queredes levar,  
irme hei vosco e fico vosa pagada.

(C. V. 689 = C. B. 1098.)

Xohan Baveca e Pero de Ambroa  
começaron facer sa tençón,  
e saíronse logo de razón  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa;  
e, porque xa non souberon seguir,  
nunca quedaron pois en departir  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa.

Xohan Baveca e Pero de Ambroa  
ar foron outra razón começar;  
¿sobre qué houberon de pelexar  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa?  
Sobre la terra de Xerusalén,  
que dician que sabían mui ben  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa.

Xohan Baveca e Pero de Ambroa  
ar departiron logo no Gran-Can,  
e pelexaron sobre esto de pran  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa;  
dicendo: —¡Ora verremos qual é!  
E leixei eu así, per boa fé,  
Xohan Baveca e Pero de Ambroa.

(C. V. 1198.)

Un cantar novo de amigo  
querrei agora aprender  
que fez ora meu amigo,  
e cuido logo entender  
no cantar que diz que fez  
por mi, se o por mi fez.

Un cantar de amigo ha feito  
e, se mi o diser alguén  
dereito, como él é feito,  
cuido eu entender mui ben  
no cantar que diz que fez  
por mi, se o por mi fez.

O cantar este é mui dito,  
pero que o eu non sei,  
mais, pois mi o houberen dito,  
cuido eu que entenderei  
no cantar que diz que fez  
por mi, se o por mi fez.

(C. V. 819=C. B. 1214.)

## XOHAN DE GAIA

(Fins do s. XIII-1.<sup>a</sup> metade do s. XIV)

O "Nobiliario" do Conde D. Pedro informa que iste "mui bon trovador e mui saboroso" era fillo dun crego, chamado Esteban Anes, fillo á sua vez de Xohan Anes de Gaia, trovador coma o seu neto e "cabaleiro de boa palabra e muito saboroso".

Foi escudeiro e xograr. Alcanzou os derradeiros tempos da escola lírica galego-portuguesa, sendo a sua unha das mais serodias voces que nela se escoitan.

Da sua estadia na corte dánnos razón duas cantigas de escárneo e maldecir que escribiu: unha dirixida ao Bispo de Viseu, D. Miguel Vivas, aragonés, a quen trouxera consigo a santa nai de Alfonso IV, da que foi o Bispo privado; e outra contra un certo alfaiate que D. Denis fixo cabaleiro, e trocou o seu nome vulgar de Vicente Domínguez polo mais soante de Xohan Fernández de San Nicolao.

Ten iste troveiro tres cantigas de amor (C. V. 1044, 1059 e 1060=C. B. 1434, 1449 e 1450), mais outras tres de escárneo (C. V. 1043, 1058 e 1062). No C. V. figura ainda con outra cantiga de amor (1061), que no C. A. aparece baixo o rubro de Nuno Rodrigues de Candarei.

"Iste escaso peculio... non sería bastante pra deter a nosa atención, apesares do seu mérito non inferior ao dos outros, senón fosen as alusións das rúbricas que acompañan algúns dos seus versos satíricos. Xohan de Gaia acorre unha vegada a un refrán lírico de "bailada"

Vós habedelos ollos verdes.  
Matarme edes con eles,

e outra a un refrán "de vilaios", de sentido escuro, aunque nél descóbrase intención parodística" (Da Costa Pimpao).

O refrán de "bailada" popular foi seguido por Xohan de Gaia na sua cantiga contra o Bispo Vivas; o de vilaios, na que fixo a un alfaiate, e diz:

ó pe dunha torre  
balla corpo e xollo;  
vedes o cos, ai cabaleiro.

Os dous teñen rubido intrés pra o estudo das fontes populares da lírica medieval, e por iso facemos copia deles aquí. Polo demais, Xohan de Gaia é menos satírico que venusto; o amor ten boas razóns na sua lira. Escollamos duas de isas belidas trovas amorosas.

Vexo eu mui ben que por amor  
que vos hei me queredes mal,  
e quérovos eu dicer al:  
per boa fé, ai, mia señor,  
que me queirades mal, por én  
xa vos eu sempre quererrei ben.

E, mia señor, per boa fé,  
pois soubestes que vos amei  
me desamastes, eu o sei,  
mais por Deus, que no ceo sé,  
que me queirades mal, por én  
xa vos eu sempre quererrei ben.

Meu coraçón non se partiu,  
pois vos viu, de vos muito amar,  
e vós tomastes en pesar,  
e par Deus, que nunca mentiu,  
que me queirades mal, por én  
xa vos eu sempre quererrei ben.

¡Señor, sempre vos quererrei ben,  
atá que moira ou perça o sen!

(C. V. 1044 = C. B. 1434.)

Meus amigos, pois me Deus foi mostrar  
a mia señor, que quero mui gran ben,  
trobei eu sempre polo seu amor  
e meu trobar nunca me valeu ren  
contra ela; mais vedes qué farei:  
pois me non val trobar por mia señor,  
oimáís quero eu xa leixar o trobar,

E buscar outra razón, se poder,  
per que posa esta dona servir,  
e veerei se me fará sequer  
algunha ren, per que posa partir  
mui grandes coitas do meu coraçón;  
e sei que así me consellará  
o meu amigo, que me gran ben quer.

Ca, de outra guisa, non poso haber í  
consello xa per esta razón tal,  
ca eu, amigos, da morte preto estou,  
se mi a esto Nostro Señor non val;  
pero da morte hei sabor, a la fé,  
ca, se morrer, dirán que me matou  
a mellor dona que eu nunca vi.

(C. V. 1060 = C. B. 1450.)

## ESTEBAN DA GUARDA

(Fins do s. XIII-1.<sup>a</sup> metade do s. XIV)

Aragonés; nativo con seguranza na localidade daquilo reino que leva o seu apelido, chegou a Portugal coma paxe de doña Isabel, a "Raíña Santa".

Vivía aínda polo ano 1347, tendo alcanzado longa vida. Foi un dos troveiros privados de D. Denis e de D. Alfonso IV, asegúñase se lee no C. V.; ocupou tamén outros empregos na corte. Alí coñeceu, tratou e rifou poéticamente cos máis enlevados persoaxes.

As rúbricas das súas cantigas de escárneo están ategadas de notas ilustrativas, a respecto dos seus coñecimentos e relacións: "Esta cantiga... foi feita a un meestre de leis...; ... a un xuíz que non ouvía ben; ... a un galego que se preçaba de trobar; ... a un doutor que se meteiu por seu mesexeiro...; ... a un que fora privado de El Rei; ... a un escudeiro; ... a un vilao rico; ... a un xograr que se preçaba de estrólogo", etc., etc.

Airas Pérez Vuiturón satirizou o mal xenio de Esteban da Guarda:

Don Esteban, tan de mal talán  
sodes, que non podeades de peior.

(C. V. 1085.)

Men Rodríguez de Tenorio tamén dá conta de iste "mal talán", ao referir coma zorregou nun criado seu (C. V. 1083).

"A sátira de Esteban da Guarda é meramente persoal" (Rodríguez Lapa).

"Sendo un dos poetas máis serodios, as súas cantigas preceden [nos Cancioeiros] ás dos máis anterigos, o que fai sospeitar da súa presenza na confección do cancioeiro vello, do Conde de Barcelos. O certo é que un e outro —o valido e o Conde— usaban os mesmos temas satíricos" (C. Pimpao).

Na cantiga 930 do C. V., Esteban da Guarda alude a Merlín; a cita, xunta coas outras que nos Cancioeiros se fan a Tristán e Iseu, Brancafror e Frores, a Besta Ladrador, etc., axudará ao estudo da introducción das lendas bretonas na literatura galega.

O aragonés marmura acotío; ten unha pena solta e firente, que mesmo semella o bico de un ave de presa. Non adoita descer á chocalla, pero fai máis dano cos seus encirrados maldiceres, sempre fallos de piedade, que outros cultivadores do xénero coas súas verbas luxadas. O probe crego Martín Vázquez, medio xograr, medio astrólogo, famento arreo, foi unha das vítimas propicias do maldicer de Esteban da Guarda.

Escreveu cinco cantigas de amor (C. V. 220-25=C. B. 619-24), unha de amigo (C. V. 362=C. B. 779), vintasete

de escárneo e maldicer (C. V. 904-932) e unha tensión con un certo D. Iosep (C. V. 920), cicais xudeo e cicais nado en Allariz, tallador de impostos.

Pois a todos aborrece  
este xograr aborrido,  
de tal moller e marido  
que a min razón parece  
de tragner per seu pediolo  
o fillo doutro no colo.

Pois ela trague camisa  
de sirgo mui ben labrada  
e vai a cada pousada  
por algo, non é sen guisa  
de tragner per seu pediolo  
o fillo doutro no colo.

Como Pero da Arruda  
foi da muller axudado,  
non é mui desaguisado,  
pois lle ésta fez tal axuda,  
de tragner per seu pediolo  
o fillo doutro no colo.

(C. V. 911.)

Ora é xa Martín Vásques certo  
das planetas que traguía erradas,  
Mars e Saturno mal aventuradas,  
cuio poder trax en sí encuberto;  
ca per Mars foi mal chagado en pelexa  
e per Saturno cobrou tal egrexa,  
sen prol nen unha, en logar deserto.

Outras planetas de boa ventura  
hachou per veces en seu calandairo,  
mais das outras que lle andan en contrario,  
cuio poder aínda sobre él dura,  
per unha delas foi mui mal chagado  
e pela outra cobrou priorado,  
ú ten laceira en logar de cura.

Él rapou barba e fez gran coroa,  
e cerceou seu topete espartido,  
e os cabelos cabo do oído,  
cuidando haber per í egrexa boa;  
mais Saturno lla guisou de tal renda  
ú non ha pan nen viño de oferta  
nen de herdade millo pera boroa.

E, pois él é prior de tal prebenda,  
convén que leixe a cura e atenda  
a capela igual da sa pesoa.

(C. V. 931.)



## XOHAN ZORRO

(Fins do s. XIII-1.<sup>a</sup> metade do s. XIV)

Desconecemos a sua patria. Foi xograr, e coma tal viaxou por Portugal e Castela, demorándose longamente no pais irmán. La Iglesia e T. Braga coidan que varias das suas cantigas, onde fala da armada que prepara o Rei portugués, refírense á que D. Alfonso IV aprestou, en xuntanza coa de D. Alfonso XI de Castela, pra a batalla do Salado (1340), en cuia lide é doado que estivese presente o troveiro. De certo, as continas alusións da "amiga" ao alongamento do namorado, que fora servir na armada do Rei, dan pé á sospeita, pois é sabido que os trovadores adoitaban referir nas cantigas de amigo certos pasos autobiográficos, maiormente aqueles seus honrosos feitos de armas.

É de supor que, a semellanza do que acontez con outros xogrades, o apelido de Zorro fose un alcuño ou nome de guerra; dise xeito, cicais aludise a un certo matiz da sua psicoloxía. Non sería o seu o primeiro caso, na nómína dos xogrades, de unha tal simpatía por algún aspecto do mundo animal.

Xohan Zorro non escribiu mais que cantigas de amigo; son nove pezas fermosas, que colocan ao seu autor no cumio da poesía galego-portuguesa (C. V. 751-761=C. B. 1148-1158).

"Ten unha particularidade que o afasta dos demais segreles: o marcado desprezo pola moda pacega. Cultivou con ostentación, e cicais de un xeito coásique escrusivo, o xénero popular.

Con un certo aquil de infuso epicureismo, mol Anacreonte dos Cancioeiros, fai entrar os elementos da paisaxe nas suas trovas" (Fernández del Riego).

"As canción encadeadas de Zorro, un dos mais talentosos de todos estes troveiros, falan de Lisboa, dos navíos do Rei, e do mar. Nista serie de "barcarolas" (C. da Vat. 751-60), e na sua ledizosa «ballada» procurou Zorro evidentemente a sua inspiración en fontes populares" (Aubrel F. G. Bell).

A semellanza, ou coasi identidade, antre ista ballada e a do crego compostelán Airas Nunes (C. V. 462), proba que, de non ser imitanza directa de aquil, os dous terían ido a se inspiraren nunha fonte común da poesía do pobo, e demostra, de camiño, que aínda nos epígonos da escola se mantiña vivo o prestixio do sentimento lírico popular.

Xohan Zorro forma con Martín Codax e Gómez Charriño o triángulo equilátero no que apousa o máis abuído

da nosa poesía mariñeira medieval. Triángulo armoñoso, de liñas xustas e ben proporcionadas, mais no que cada elemento ten a súa propia individualidade, que o define: Codax, o contemporativo; Charriño, o activo; Zorro, o descriptivo.

Pela ribeira do río  
cantando ía la dona virgo  
de amor:

—Veñan as barcas polo río a sabor

Pela ribeira do alto  
cantando ía la dona dalgo  
de amor:

—Veñan as barcas polo río a sabor.

(C. V. 757=C. B. 1155.)

Mete El Rei barcas no río forte;  
quen amigo ha, que Deus llo amostre:  
¡alá vai, madre,  
e hoxe hei suidade!

Mete El Rei barcas na Estremadura;  
quen amigo ha, que Deus llo aduga:  
¡alá vai, madre,  
e hoxe hei suidade!

(C. V. 758=C. B. 1156.)

En Lixboa, sobre lo mar,  
barcas novas mandei labrar,  
¡ai, mia señor belida!

En Lixboa, sobre lo ler,  
barcas novas mandei facer,  
¡ai, mia señor belida!

Barcas novas mandei labrar  
e no mar as mandei deitar,  
¡ai, mia señor belida!

Barcas novas mandei facer  
e no mar as mandei meter,  
¡ai, mia señor belida!

(C. V. 754=C. B. 1151-52.)

—Cabelos, los meus cabelos,  
El Rei me enviou por elos;  
madre, ¿qué llis farei?  
—Filla, dádeos a El Rei.

—Garcetas, las mías garcetas,  
El Rei me enviou por elas;  
madre, ¿qué llis farei?  
—Filla, dádeas a El Rei.

(C. V. 756=C. B. 1154.)

Per ribeira do río  
vi remar o navío,  
e sabor hei da ribeira.

Per ribeira do alto  
vi remar o barco,  
e sabor hei da ribeira.

Vi remar o navío;  
í vai o meu amigo,  
e sabor hei da ribeira.

Vi remar o barco;  
í vai o meu amado,  
e sabor hei da ribeira.

í vai o meu amigo;  
querme levar consigo,  
e sabor hei da ribeira.

í vai o meu amado;  
querme levar de grado,  
e sabor hei da ribeira.

(C. V. 753=C. B. 1150.)

Quen vise andar fremosiña,  
como eu vi, de amor coitada,  
e tan muito namorada  
que, chorando, así dicía:

—¡Ai, amor, leixédesme hoxe  
de so lo ramo folgar  
e depois treidevos migo  
meu amigo demandar!

Quen vise andar a fremosa,  
como eu vi, de amor chorando  
e dicendo e rogando,  
por amores, esta glosa:

—¡Ai, amor, leixédesme hoxe  
de so lo ramo folgar  
e depois treidevos migo  
meu amigo demandar!

Quen lli vise andar facendo  
queixumes de amor de amigo,  
que amor ha sempre sigo,  
e chorando, así dicendo:

—¡Ai, amor, leixédesme hoxe  
de so lo ramo folgar  
e depois treidevos migo  
meu amigo demandar!

(C. V. 751=C. B. 1148.)

## DON DENIS, DE PORTUGAL

(1261-1325)

Nasceu en Lisboa o 9 de outono de 1261 e finóuse o 7 de xaneiro de 1325. Era fillo de D. Alfonso III, grande protector das artes e das letras, e de doña Beatriz de Castela, sendo por liña materna neto de outro esgrevio rei trovador: D. Alfonso X.

Tivo por mestres a Aimeric d'Ebrard, crego moi sabido da Aquitania, Bispo en Coimbra dende 1279, e Domingos Anes Jardo, non menos ilustre, que foi Bispo de Evora e Lisboa. O pai de D. Denis, que xa da sua parte recibera unha fonda educación, esmerouse na do seu fillo e herdeiro.

“Nos dominios lingüístico, cultural e literario, D. Denis desempeñou en Portugal un papel que somentes pode ser comparado ao de seu abó, Alfonso X, de Castela. Foi don Denis quen determinou que na lingua vulgar portuguesa, e non na latina, coma se costumaba, se escribisen os procesos e actos xudiciaes. Foi D. Denis o fundador da Universidade portuguesa. O diploma da fundación ten a data de 1.º de marzal de 1290 e nela declara o rei non somentes téla fornecido dabondo de doutores en tolas artes —“nom solum copia doctorum in omni Arte munimus”— senón téla tamén fortalecido con moitos privilexios —“sed etiam multis privilegiis roboramus”—.

“A tradición atribúe aínda á sua iniciativa as traducións que no seu tempo se fixeron, coma as das “Partidas”, a da “Crónica Xeral” e a do “Libro”, “Xeografía” ou “Crónica do Mouro Rasis”, que tería sido emprendida polo seu capelán, Xil Pérez. Da relación portuguesa, perdida, é conecida a versión española” (Da Costa Pimpao).

Logo falaremos da obra poética de D. Denis. Coma rei —foi el o 6.º monarca de Portugal—, a sua laboura somentes mereceu ben da posteridade. Na sua mocidade, sendo aínda príncipe, amostrou grande talento político en diversas misións perto da corte de Castela, onde brilou pola sua simpatía e intelixencia.

Casou coa infanta dona Isabel, filla de Pedro III de Aragón, e tivo nela unha Santa que, coma tal, rubiu aos altares. Entre outras mágoas non cativas, a raíña sofreu o renovado aldraxe que lle inferían os adoitados atafegos amorosos do rei trovador. Froitos de tales amores ilícitos foron os dous bastardos, D. Alfonso Sánchez, Conde de Albuquerque, e D. Pedro Alfonso, Conde de Barcelos, ambos poetas, coma o pai. A tradición di que o singular casamento de D. Denis e dona Isabel, viuse a celebrar, por certas custións diplomáticas, no castelo de Sobroso, acollidora terra de Pontevedra.

D. Denis, único rei do seu nome, semella que nacera baixo o fado da paradóxica singularidade. Poeta por riba de todo, o pobo chamoulle "O Labrador"; namorado, tivo unha muller santa; rei prudente, rifou acotío co seu propio fillo, o futuro Alfonso IV; amante das letras, houbo de abandonalas as veces pra por man no arranxo de graves desmáns e custións relixiosas, que abalaban seu país. Foi D. Denis un home polifacético, prudente e sabio; dos 64 anos da súa vida, 46 adicounos ao non doado oficio de gobernar.

D. Denis foi —depois de Alfonso X— o mais fecundo poeta da escola galego-portuguesa. Conécense hoxe 138 cantigas suas, divididas en 76 de amor, 52 de amigo e 10 de escárneo e maldicer. E aínda lle foi atribuído un "Cancioneiro da Virxen", a imitanza do que compuxo seu abó.

D. Denis é o poeta do amor, nas dúas formas enxebres da nosa lírica medieval. Da súa figura téñese escrito tanto, que nin resumindo eiquí nunha liña cada xuízo autorizado, poderíamos dar cabida ás mais ilustres opinións. Non embargantes, compre citar a de un mestre dos nosos días, o profesor Rodrigues Lapa, que, en tres verbas precisas, califica a D. Denis de "delicado artista popularizante". Matinando niste cabal xuízo, teremos nidiamente representada a persoalidade lírica do rei portugués.

Non ademite contra que D. Denis é un dos mais inspirados troveiros, un artista de corpo enteiro, cuia vea lírica, inesgotable e vizosa, ampárase no fino sentimento poético e no solprendente dominio de recursos. Matinemos, por exemplo, nas suas fermosísimas "albas"; o caudal artístico fornécello o eterno tema do amor, no que era mestre esperimentado; no seu cultivo D. Denis acorre ás formas lanzales, cheas de ar e lume, do paralelismo popular. Se por voltas cai na tentación proenzal, coma cando dí

Quero eu en maneira de proenzal  
facer agora un cantar de amor,

il mesmo denuncia o non costumado do caso, coa espresión "agora", que fala ben craro da momentánea concesión. Non é que D. Denis desconecese a poética allea, que, certamente, cultivou; o que resulta disa súa decraración é que cando escribía "en maneira de proenzal", facíao de propósito, sin o virxinal pulo de quen soio canta o que sinte, e non o que pensa.

De outra parte, convén non esquecer que nos tempos de D. Denis xa a maré, outrora bruante, do noso lirismo comenzaba a devalar. Daquela, morreran os grandes mestres, e as que arrodean ao rei trovador son figuras de segundo orde, no cadro total dos Cancioeiros. A perda de unha primacía era patente xa; somentes D. Denis tiraba da súa lira os derradeiros sons ben concertados,

armoñosos, quentes, de unha tradición poética que se ía esvaíndo manseliramente, sen remedio. D. Denis inzóuna aínda, por uns anos, cos xigantescos folgos do seu peito amante; atrás d'él, nin en Portugal, nin en Galicia, nin en Castela, ficarían mais que sombras, ecos vagos, voces tristesiras, todo coma mergullado nunha brétema anterga, que tarde espaxearía pola forza de un novo sol.

Unha escolma da poesía de D. Denis é tarefa comprometida. Se non pode dezmar, sen grandes perigos de erro, unha obra maxistral coma é a súa. Na imposibilidade de recoller unha nutrida mostra da súa produción nos tres crásicos xéneros, daremos preferenza ás composicións onde millor se amose o enxebre realismo subxectivo—que é cuasique unha antinomia—do noso lirismo neboento e doce. “Realismo, xa se sabe —remataremos, con verbas de Da Costa Pimpão—que non ten res que ver coa anotación pormiuda da realidade esterna, mais que non por iso é menos merecente de atención, visto que corresponde a unha interpretación fidel da psiquis femenina (que é unha realidade), tal coma ela xurdiu no noroeste e no occidente da Península, e se mantivo polos séculos adiante. No solpor medieval da poesía lírica galego-portuguesa, en franca evolución do gosto, D. Denis apreixou os elementos espallados na poesía dos mais, coma se tentase leixar á posteridade unha definición poética e integral da nosa psicoloxía amorosa”.

Unha pastor se queixaba  
muito estando noutro día,  
e sigo medés falaba  
e choraba e dicía,  
con amor que a forçaba:  
—¡Par Deus, vite en grave día,  
ai, amor!

Ela se estaba queixando,  
come moller con gran coita,  
e que a pesar, des quando  
nacera, non fora doita,  
por én dicía chorando:  
—¡Tu non és se non mia coita,  
ai, amor!

Coitas lli daban amores  
que non lle eran se non morte;  
e deitouse antre unhas flores  
e dise con coita forte:  
—¡Mal ti veña per ú fores,  
ca non és se non mia morte,  
ai, amor!

(C. V. 102 = C. B. 519.)

Señor, en tan grave día  
vos vi que non podería  
mais; e por Santa María,  
que vos fex tan mesurada,  
doédevos algún día  
de min, señor ben tallada.

Pois sempre ha en vós mesura  
e todo ben e cordura,  
que Deus fez en vós feitura  
qual non fez en moller nada,  
doédevos, por mesura,  
de min, señor ben tallada.

E, por Deus, señor, tomade  
mesura, por gran bondade  
que vos El deu, e catade  
qual vida vivo coitada,  
e algún dóo tomade  
de min, señor ben tallada.

(C. V. 153=C. B. 550.)

—Ai, flores, ai flores do verde pino,  
¿se sabedes novas do meu amigo?  
¡Ai, Deus, e ú é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,  
¿se sabedes novas do meu amado?  
¡Ai, Deus, e ú é?

¿Se sabedes novas do meu amigo,  
aquele que mentiu do que pós comigo?  
¡Ai, Deus, e ú é?

¿Se sabedes novas do meu amado,  
aquele que mentiu do que me ha xurado?  
¡Ai, Deus, e ú é?

—¿Vós preguntades polo voso amigo?  
E eu ben vos digo que é sano e vivo.  
—¡Ai, Deus, e ú é?

—¿Vós preguntades polo voso amado?  
E eu ben vos digo que é vivo e sano.  
—¡Ai, Deus, e ú é?

—E eu ben vos digo que é sano e vivo,  
e será vosco ante o prazo saído .  
—¡Ai, Deus, e ú é?

—E eu ben vos digo que é vivo e sano,  
e será vosco ante o prazo pasado.  
—¡Ai, Deus, e ú é?

(C. V. 171=C. B. 568.)

Unha pastor ben tallada  
cuidaba en seu amigo  
e estaba, ben vos digo,  
per quanto eu vi, mui coitada,  
e dise: —Oimáis non é nada  
de fiar per namorado  
nunca moller namorada,  
pois que mi o meu ha errado.

Ela traguía na mao  
un papagai mui fremoso,  
cantando mui saboroso,  
ca entraba o verao,  
e dise: —Amigo louçao,  
¿qué faría per amores,  
pois me errastes tan en vao?  
É caeu antre unha flores.

Unha gran peça do día  
xoube alí, que non falaba,  
e a veces acordaba,  
e a veces esmorecía;  
e dise: —¡Ai, Santa María!  
¿qué será de min agora?  
E o papagai dicía:  
—Ben, por quanto eu sei, señora.

—Se me queres dar guarida,  
—dise a pastor—di verdade,  
papagai, por caridade,  
ca morte me é esta vida.  
Dise él: —Señor mui comprida  
de ben, e non vos queixedes,  
ca o que vos ha servida  
erguede o ollo, e veelo edes...

(C. V. 137=C. B. 534.)

—¿De que morredes, filla, a do corpo belido?

—Madre, moiro de amores que mi deu meu amigo,  
¡Alba é, vai liero!

—¿De que morredes, filla, a do corpo louçano?

—Madre, moiro de amores que mi den meu amado.  
¡Alba é, vai liero!

Madre, moiro de amores que mi deu men amigo,  
quando vexo esta cinta que por seu amor cingo.  
¡Alba é, vai liero!

Madre, moiro de amores que mi deu meu amado,  
quando vexo esta cinta que por seu amor trago.  
¡Alba é, vai liero!



Quando vexo esta cinta que por seu amor cingo,  
e me nembra, fremosa, como falou comigo.

¡Alba é, vai liero!

Quando vexo esta cinta que por seu amor trago,  
e me nembra, fremosa, como falamos ambos.

¡Alba é, vai liero!

(C. V. 170=C. B. 567.)

Levantóuse a belida,  
levantóuse alba,  
e vai lavar camisas  
eno alto.

Vailas lavar alba.

Levantóuse a louçana,  
levantóuse alba,  
e vai lavar delgadas  
eno alto.

Vailas lavar alba.

E vai lavar camisas  
—levantóuse alba—;  
o vento llas desvia  
eno alto.

Vailas lavar alba.

O vento llas desvia  
—levantóuse alba—;  
meteuse alba en ira  
eno alto.

Vailas lavar alba.

Ó vento llas levaba  
—levantóuse alba—;  
meteuse alba en saña  
eno alto.

Vailas lavar alba.

(C. V. 172=C. B. 569.)

Amado e meu amigo,  
¡valla Deus!,  
vede la frol do pifio  
e guisade de andar.

Amigo e meu amado,  
¡valla Deus!,  
vede la frol do ramo  
e guisade de andar.

Vede la frol do piño,  
¡valla Deus!  
selade o balociño  
e guisade de andar.

Vede la frol do ramo,  
¡valla Deus!  
selade o bel cabalo  
e guisade de andar.

Selade o balociño,  
¡valla Deus!  
treidevos, ai amigo,  
e guisade de andar.

Selade o bel cabalo,  
¡valla Deus!  
treidevos, ai amado,  
e guisade de andar.

(C. V. 173=C. B. 570.)

—Non poso eu, meu amigo,  
con vosa soidade  
viver, ben volo digo;  
e por esto morade,  
amigo, ú mi posades  
falar e me vexades.

Non poso ú vos non vexo  
viver, ben o creede,  
tan muito vos desexo;  
e por esto vivede,  
amigo, ú mi posades  
falar e me vexades.

Nací en forte ponto;  
e, amigo, partide  
o meu gran mal sen conto;  
e por esto guaride,  
amigo, ú mi posades  
falar e me vexades.

—Guarrei, ben o creades,  
señor, ú me mandades.

(C. V. 184=C. B. 578.)

## XOHAN, XOGRAR

(Fins do s. XIII-1.<sup>a</sup> metade do s. XIV)

Conecemos a sua condición de xograr pola nómina do apógrafo da Vaticana, onde se engade o dato de ser "morador en León". Non sabemos se León sería tamén a patria do troveiro; o certo é que alí morou, e non sería por moito tempo, pois Xohan, coma bo xograr, andivo de corte en corte: en Portugal, deica a morte de D. Denis; en Valadolide, no tempo da minoridade de D. Alfonso XI. Do seu demorado contacto coa vida pacega, a mellor testemuña está nas suas propias composicións.

Xohan sería un dos xograres de homildoso berce que, por honra do arte, xa que non por arte da honra, rubiría á estima dos nobres e reis, a cuia sombra viveu cantando.

Pra algúns críticos, Xohan simboliza o devalar da lírica galega, coma exempro tipo do xograr cortesán, que canta en loubor dos señores que lle dan de comer. Polo demais, non hai por qué maxinar que a sua verba non fose sentida, e moito recorda á que, un século atrás, fixera soar, en bo estilo elexiaco, Pero da Ponte. Estilo e poética que fican nidiamente definidos na cantiga adicada a Alfonso XI, doéndose da morte do seu abó, o rei don Denis. Nila ócense os fortes acentos de un sentido pranto, pesia o xuízo que doña Carolina Michaelis fai do poema, calificándoo de "incluso e banalísimo". En verdade, nin é mais vanal que as elexias do mestre Pero da Ponte, nin tan insulso coma unha boa parte de poesía cortesán dos Cancioeiros. En troques, ten ritmo e gracia, a par do seu simbólico contido funeral, que ben pode ser apricado a toda unha groriosa cultura poética.

Na outra cantiga sua que conecemos o xograr incensa ao novo rei, D. Alfonso IV, ao infante D. Pedro (logo Pedro I), e ao Conde de Barcelos, fillo do rei morto e irmán do rei posto. O cativo espolio do poeta non conquire, de certo, grande outura, mais representa ben o intre literario.

Os namorados que troban de amor  
todos debían gran dóo facer,  
e non tomar en sí nen un pracer,  
porque perderon tan bóo señor  
come El Rei Don Denis de Portugal,  
de qué non pode dicer nen un mal  
homen, pero sexa profszador.

Os trobadores que pois ficaram  
eno seu reino e no de León,  
no de Castela e no de Aragón,  
nunca, pois de sa morte, trobaron;  
e dos xograres vos quero dizer  
nunca cobraron panos nen haber,  
e o seu ben muito desexaron.

Os cabaleiros e cidadaos  
que deste Rei habían diñeiros,  
e outrosí donas e escudeiros,  
matarse debían con sas maos,  
porque perderon tan bon señor,  
de que én poso eu ben dizer sen pavor  
que non ficou de al nos cristaos.

E mais vos quero dizer deste Rei  
e dos que dél habían ben facer:  
debíanse deste mundo a perder  
quando ele morreu, per quanto eu vi e sei,  
ca él foi Rei asaz mui prestador,  
e saboroso, e de amor trobador;  
¡todo seu ben dizer non poderel!

¡Mais tanto me quero confortar  
en seu neto, que o vai semellar  
en facer feitos de muito bon Rei!

(C. V. 708.)

## DON AFONSO SANCHES

(c. 1289-1329)

Fillo bastardo de D. Denis e de dona Aldonza Rodrigues da Tella. Foi o preferido de seu pai, que lle deu o título de Conde de Albuquerque.

Tomou parte nos loitas familiares, promovidas polos ciumes do seu irmanastro, o futuro Alfonso IV, por mor de aquela preferenza paterna, que o infante temía podese mermar os seus dereitos. Nistas loitas, somentes era quén de por certa paz e sosego a santa muller de D. Denis, Isabel de Aragón.

O grande agarimo do rei por D. Afonso Sanches tiña orixe, antre outras razóns, no amor ás artes e no culto ás letras que o Conde herdara do seu pai.

D. Afonso Sanches leixou nove cantigas de amor, dúas de amigo, tres de maldicer, e unha tensión amorosa con Vasco Martins de Resende, onde non soio se revelou "verdadeiro poeta", senón "perfecto concededor da escola proenzal" (J. J. Nunes).

"Do escaso peculio existente, merez enmenta especial a típica cantiga de amigo (C. V. 368 e C. B. N. 784), sentido salaio de amor semellante a tantos outros dos nosos cancioeiros, e en que a suxestión producida pola intensidade temática, substitúe... á variedade espresiva". (Da Costa Pimpao).

Nunha das súas cantigas —fai notar xustamente Vitorino Nemesio— ten de rexeitarse o atrevimento de supor un inferno que sería tolerable, sempre que níl estivese a amada. Non embargantes, licencias máis atrevidas aínda lénse adoitado nos Cancioeiros.

Vedes, amigos, qué de perdas hei  
desque perdí por meu mal mia señor:  
perdí ela, que foi a ren millor  
das que Deus fez, e quanto servido hei  
perdí por én; e perdí o riir,  
perdí o sen e perdí o dormir;  
¡perdí seu ben que non atenderei!

(C. V. 21=C. B. 410.)

Quando amiga meu amigo veer,  
en quanto lle eu preguntar ú tardou,  
falade vós nas doncelas entón;  
e no sembrante, amiga, que fecer,  
veeremos ben se ten no corazón  
a doncela por qué sempre trobou.

(C. V. 367=C. B. 783.)

Dicia la fremosiña:

—¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor ferida!

¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor ferida!

Dicia la ben tallada:

—¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor coitada!

¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor ferida!

¡Cómo estou de amor ferida!

¡Ai, Deus, val!

Non ven o que ben quería.

¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor ferida!

¡Cómo estou de amor coitada!

¡Ai, Deus, val!

Non ven o que muito amaba.

¡Ai, Deus, val!

¡Cómo estou de amor ferida!

(C. V. 368=C. B. 784.)

## DON PEDRO AFONSO

( † 1354)

Foi o outro fillo natural de D. Denis, habido de dona Gracia Froes de Torres Vedras; é mais conecido polo seu título de Conde de Barcelos. Coma o seu irmán, herdou do rei "Labrador" o amor ás letras, mais non a sua outa inspiración.

O grande mérito literario do Conde de Barcelos está no pulo por il dado á nacente prosa, ordeando o famoso "Nobiliario" que leva o seu nome, na formación de un "Libro de Cantigas" —por maliaxe, perdido— e na axuda emprestada aos troveiros, de que fica testemuña na estrofa que lle adica o xograr Xohan (C. V. 707).

Don Pedro viaxou por Castela, na compañía do seu pai, polo ano 1304. Casou tres veces: con dona Branca Pires de Sousa, dona María Ximénez Coronel e dona Teresa Anes de Toledo. Perseguido polo seu irmán Alfonso IV, acudiu á corte de Alfonso XI, onde foi gasallado. No seu testamento, datado en Lalín (Beira) a 30 de marzo de 1350, deixa "o seu libro das Cantigas al rey de Castela"; mais, téndose finado o rei denantes que o conde, tan precioso códice tería ido a parar a outras mans, perdéndose de pois.

Morreu D. Pedro no año 1354, e con ista data péchase a xeira venturosa da escola lírica galego-portuguesa, na que, asegún o sabido decir do Marqués de Santillana, "qualesquier decidores e trovadores destas partes, agora fuesen castellanos, andaluçes o de la Extremadura, todas sus obras componian en lengua gallega o portuguesa».

Escasa é a obra poética do Conde de Barcelos e cativo o seu valor. Non eran prendas suas a orixinalidade nin tan siquer o gosto abuído. O mesmo "Nobiliario" ten pouco de persoal, sendo ás vegadas copia fidel do "Lívro velho das Línhagens". Mais tiña o conde un desintresado afán de compilador, un xuízoso senso de cronista, unha boa vontade de soldado das letras.

Leixou catro cantigas de amor (C. V. 210-13=C. B. 608-10 bis), e seis de escárneo e maldicer (C. V. 1037-42), con longas e curiosas rúbricas. Ten certa gracia solta pra a sátira, que fai con humor fino, intelectual, riseiro, onde se revela o seu espírito superior.

Prácenos pechar con algunhas mostras de ista racial vea satírica, en beizos de un nobre lusitano, a escolma que encertamos cunha cantiga de amigo, na persoa de un rei da terra irmán.

Natura das animallas  
que son dunha semellança  
é de faceren crianças,  
mais desque son fodimallas;  
vexo ora estrano tallo,  
qual nunca cuidei que vise:  
que empreñase e parise  
a camela do bodallo.

As que son dunha natura  
xúntanse a certas sazoas  
e facen sas criacións;  
mais vexo xa criatura  
onde eu non cuidei veela,  
e por én me maravillo  
de bodallo facer fillo  
per natura na camela

As que son per natureza  
corpos dunha parecenza  
xúntanse e facen nacença;  
esto ha sa dereiteza,  
mais non cuidei en mia vida  
que camela se xuntase  
con bodallo e empreñase,  
e demais seer dél parida.

*Esta cantiga de cima foi feita a unha dona de orden,  
que chamaban Moor Martins, por sobrenome Camela, e a  
un homen que había nome Xohan Martiz, por sobrenome  
Bodallo, que era tabalion de Braga.*

(C. V. 1040.)

Mandei pedir noutro día  
un alao a Pai Varela,  
pera unha mia cadela,  
e dise él que mi o daría;  
e, per como mi o él dá,  
eu ben cuido que verrá  
quando aquí veer Mesía.

Outrosí, Pero Marifío  
dous sabuxos mi ha mandado,  
lá da terra do condado,  
e diseme un seu minifío  
que ben certo fose eu disto:  
pois veer o Ante-Cristo  
verrá con él per camiño.



Eu non foi home de siso  
ú me as promesas facían,  
dubidando que verrían,  
e entóllaseme riso  
de que o foi dubidando,  
pois sei xa que verrán quando  
for todos no Paraíso.

(C. V. 1041.)

Martín Vasques noutro día,  
ú estaba en Lixboa,  
mandou facer gran coroa,  
ca vío per estroloxía  
que habería igrexa  
grande, qual a él desexa,  
de mil libras en valía.

E diz que vío na estrela,  
pero que a non domande,  
de haber egrexa mui grande  
ca non egrexa mesela;  
ca de pequena non cura,  
ca lle sería loucura  
dél haber a curar dela.

E diz que vío na lua  
que habería sen contenda  
egrexa de mui gran renda,  
ca non pequena e nua;  
e porque lle vai tardando,  
él vaise muito agravando  
porque llé non dan nenhua.

Él a cercou na espera,  
qual planeta ten por doa,  
que lla outorgase pesoa...

*Esta cantiga suso escripta, que se comenta, se xuntou a as que no outro dia fez o Conde a un xograr que habia nome Martín Väsques, e prezäbase que sabia de estroloxia e non sabia en nada, e colleu ahí vaidade na mao ca habia de haber egrexa de Millans ou de Silves e xuntou infantes e mandou facer coroa e con cabalería foise a Alem-Doiro e non hube nemigalla, e o Conde fezlli esta cantiga.*

(C. V. 1042.)



GLOSARIO DAS VOZES

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[Illegible text, likely a list of entries or a preface]

*Esta cartilla é para ensinar a ler e escrever, e contém as primeiras letras do alfabeto, e as palavras que se escrevem com ellas. É obra de João de Deus, e foi impressa em Lisboa no anno de 1726. É a primeira cartilla de que se tem noticia em Portugal.*

## GLOSARIO

### DAS VOCES ANTERGAS, CONTIDAS NAS CANTIGAS DESTA ESCOLMA

- ABAIXAR.** Abater, afundir.  
**ABORRIDO.** Aborrescido.  
**ABUITOR.** Bóitor (cast. «buitre»)  
**ACOMENDAR.** Encomendar.  
**ACORDAR.** Espertarse.  
**ADUBAR.** Arranxar, aquelar unha cousa.  
**ADUCER.** Traguer, recadar, levar.  
**ADUFE.** Pandeiro mourisco.  
**ADUGO** (de «aducer»). Levo.  
**ADUSE** (de «aducer»). Trouxo  
**ADUZ** (de «aducer»). Trai.  
**AFAN.** Penalidade, traballo, ancelo.  
**AFEITO** (adv.). A oito, sen folgos, a seguir; de feito.  
**AGUISAR.** Dispor, perparar, acertar.  
**AL.** O demais, outra cousa.  
**ALAO.** Especie de can (cast. «alano»)  
**ALFARAZ.** Cabalo lixeiro, slazán.  
**ALGUR.** Algures, nalgunha parte.  
**ALONGAR.** Afastar, alonxar.  
**ALLUR.** Noutra parte.  
**ALVARDAO.** Bufón, bobo, parvo.  
**AMENAS.** Almaeas.  
**AMPAR** ou **EMPAR.** Ampare.  
**ANASAL.** Nasal, peza do elmo que protexía o nariz.  
**ANIMALLAS.** Alimañas, animaes.  
**ANTE** (prep. e adv.). Dediante, diante, denantes.  
**ANTEXO.** Engullo, desgosto, xenreira.  
**APARELLAN.** Aparellando, perparando as armas.  
**APOS.** Dempois, detrás.  
**AR, ER** (adv.). Afnda, ademais, tamén. Emprégase asemade no senso de outra cousa, novamente, a mais, con valor reforzativo.  
**ARRIÇAR.** Gafiar forza, carraxe  
**ASAÑADO.** Encirrado, magoado, disgustado.  
**ASAÑAR.** Encirrar, disgustar, indispor.  
**ASSAZ.** Dabondo.  
**ATA** (prep.). Hastra, delca.  
**ATAL, ATAES.** Tal, tales de tal condizón ou modo, tal como.  
**ATAN.** Tan, tanto, tanto como.  
**ATANTO.** Vid. ATAN.  
**ATENDER.** Agardar.  
**AVAN.** Diante.  
**AVANTAR.** Medrar, adiantar.  
**AVEN** (de «avir»). Acontez.  
**AVEO** (de «avir»). Advíu, aconteceu, sucedeu.  
**AVERRIA** (de «avir»). Acontecería.  
**AVESAS** (adv.). Tortamente, ao rivés.  
**AVIIR.** Advir, acontecer, suceder.  
**AVILAR.** Envilecer, rebaixar, despreciar.  
**AVOLEZA.** Vilanía, ruindade.  
**BAFORDAR.** Lidar ou xogar canas enriba do bafordo.  
**BAFORDO.** Taboado que se puña na praza pra os xogos e danzas.  
**BAIO.** Cabalería de cor baio, ou branco-marelo.  
**BAIOCINO.** Cabalíño baio.

BARAÇA. Corda, cinta; atado do cabelo.

BARALLAR. Enredar, rifar.

BARATAR. Tratar, proceder.

BARDON. Albarda de palla, que vai por debaixo da sela.

BEEICER ou BENEICER. Bendicer.

BEL, BELIDO. Fermoso, belo.

BENEIGA. Bendíga.

BODALLO. Leitón, cria de porco.

BOXIA. Buxía, cidade da Berberia onde se facían as candeas que levan o seu nome.

BRAADADOR. Berrador, carpídor.

BRAGAL. Lenzo ordinario, pano groseiro.

BRIAL. Adobío feminino de seda fina, que vai da cintura aos pés.

BULLAFRE. Miñato, ave de rapíña.

CA (conx. e prep.). Que, porque.

CABO. Perto, acarón.

CADA QUE. Cada vegada que; cando, sempre que.

CADAQUEN. Cada un, cada un que.

CADARÇO. Cadarso, seda basta; camisa do capulíño de seda; cinta estreita de seda basta.

CADA Ú. Cada vegada que.

CAMELA. Femia do camelo (Cast. «camella»).

CARNAÇAL. Carniceiro, carnívoro.

CAS. Casa, en cas.

CATAR. Ollar, gardar, tomar conta.

CAXON. Mal, desastre, dano.

CEBEIRA. Cebada.

CENDAL. Tela fina usada nos adobíos femininos.

CHACOTARES. Bulras, xogos, chascos.

CHANTO. Pranto, choro.

CHAPEL. Chapeo, elmo.

CHUFAR. Criticar, maldicer, mocar.

CHUS. Máis.

CITOLAR. Tocar a citola ou outro instrumento de corda propio dos xograres.

COBRAR. Gañar, conquistar, merecer.

COCHOES. Porcos.

COITO. Cocido.

COLO. Regazo.

COMA. ¿Comba, espaldar?

COME (adv.). Coma, do mesmo xeito.

COMETER. Acometer, atacar.

COMPANON. C o m p a ñ e i r o, acompañante.

CONORTE ou CONORTO. Consoio, conforto, axuda.

CONTRA. Acaron, deica a.

COR. Corazón.

COROA. Tonsura, croa.

COS, EN COS. A corpo, en saio (isto é, sin manto que encubra as formas).

COTEIFE. Cabaleiro vilao.

COUSIR. Considerar, matinar.

CRAS. Mañán, noutro día.

CUIDAR. Coidar, pensar, matinar, sospellar.

CURARSE. Importarse, preocuparse, ter coidado.

CUSTA. Pago, recompensa.

ÇERAME. Escerame, manto ou capa grande.

ÇAFOU (de «çafar»). Fuxiu, celbouse.

DECER. Baixar, abaixar.

DELGADA. Lenzo fino.

DEMANDAR. Pescudar, pedir, procurar, degoirar.

DEOSTAR. Infamar, denostar.

DEPARTIR. Conversar, falar.

DES. Dende.

DES I. Dende entón, dende alí, daquela.

DESCONORTAR. Desesperar, esconsolar, desanimar.

DESIGUADO. Desigoalado, mal medido.

DESMENTIDO. Mentirán, falso  
 DESMESURA. Descortesia, desaforo.  
 DESPAGADO. Insatisfeito, abandonado.  
 DESPENDER. Gastar.  
 DESQUE. Dende que, no intre, cando.  
 DESVAIRAR. Desvariar, perder o senso ou razón.  
 DISE. Dixo.  
 DOA. Don, regalo, presente.  
 DOITO, ou DUITO. Costumado, ensinado, afeito.  
 DOMANDAR. Vid, demandar.  
 DON. Mercede, favor.  
 DOO. Dor, coita, sentimento.  
 DORMIO. Durmo.  
 DORMON. Dorna grande, barcaza, barco á vela.  
 DULTANÇA. Dúbdida.

EDES. Habedes ou tedes.  
 EIRE. Onte.  
 EIXALÇAR. Eisalzar, loar, enlevar.  
 EMIGO. Nemigo.  
 ÊN, ENDE: Endebén, por ende, por conseguinte, de alí.  
 ENADA ou EADA (de «eadir»). Engada, acrescente.  
 ENAIO ou EAIO («inaniu»). Vao, presumido.  
 ENDOADO (adv.). Non doado, inútilmentes.  
 ENDURAR. Sofrer, padecer, endurecer na dor.  
 ENFINTA. Engano, drola, finximento.  
 ENMENTAR. Nomear, lembrar, falar.  
 ENO, A. En o, en a; no, na.  
 ENSAI. Especte de tecido fino.  
 ENSANADO. Vid, ASAÑADO.  
 ENTENEDOR. Amante, namorado.  
 ENTENDER. Manter relacións amorosas.  
 ENTENSAR. Contender, pelexar  
 ENTOLLAR. Antollar.  
 ENTOUCAR. Poñer a touca.  
 ENXERDAR ou EXERDAR.

Desherdar, afastar de un ben.  
 ERGAS. Agás, a non ser, se non.  
 ESCAECER. Esquencer.  
 ESMORECER. Desfalecer, desmaiar.  
 ESPADARRON. Espada grande, espadón.  
 ESPARTIDO. Con os cabelos divididos por unha raia.  
 ESTADAL. Facha de cera, cirio.  
 ESTREBEIRAR. Andar dabalado, cabalgar.

FAL (de «fallir»). Falece, falla.  
 FALIR. Falecer, errar, fallar.  
 FARCILLON. Pasador da fibela por onde se mete a correa dempois de afibelar (Según Morais).  
 FE QUE. A fe que, abofé.  
 FERIDO. Asalto, loita.  
 FESTINO (adv.). Apresa, lixeiro.  
 FEZ ou FEX. Fixo.  
 FIR. Finar, morrer, acabar.  
 FILLAR. Tomar, apañar, terminar.  
 FILEXIVOS. Tomádevos.  
 FIS. Certo, seguro.  
 FIZ ou FIX. Fixen.  
 FODIMALLAS. Adulto.  
 FOI. Fun.  
 FOL. Tolo, louco, esvariado.  
 FOLIA. Tolemia, disparate.  
 FOSADO. Hoste. Tropa.  
 FREIRA. Monxa.  
 FRUME. Río.  
 FUSTO. Mango de pau.

GAADOS. Gandos.  
 GARCETAS. Trenzas do cabelo.  
 GASALLADO ou GASALLO. Agasallado, consolo, pracer.  
 GONELA. Manto de pel ou seda, sen mangas; túnica.  
 GUAANAR. Gañar.  
 GUARDAR. Gardar, afastar, impedir, vixiar.

**GUARECER** ou **GUARIR**. Curar, sanar, mellorar; vivir ledó.

**GUISA**. Xeito, modo, maneira; porte, estilo.

**GUISAR**. Ordear, dispor, preparar.

**GRACIR**. Agradescer.

**GRADO**. Consentimento, gosto; vontade, gratitude, sorte.

**GRADOEDES**. Ben habedes, tendes por ben.

**GRANON**. Guedella, barba; animal ou persoa guedelluda.

**GREU**. Dificultoso, arriscado, custoso.

f. **Alí**, **aló**; por iso, **niso**, a ise respecto.

**INQUIRE**. ¿Procura?

**LACEIRA**. Maliaxe, traballo, penalidade.

**LACERAR**. Sofrer, doer, danar, enfermar; escasear.

**LECER**. Folgo, ledicia, vagar, consolo.

**LEDO**. Alegre, felís.

**LER**. Praia, areosa; costa. Existe unha curiosa polémica arredor da escura palabra «ler» ou «lez». Recentemente, Elza Pacheco, que traballa na ed. crítica do C. da Biblioteca Nal. de Lisboa (C. B.), desbotou aínda ambas lecturas, afuzando que o códice di «lés» e supondo que a voz deriva de lates; polo significado de latitude ou anchura podería apricarse á idela de pralal, areosa.

Carré Alvarellos publicou un traballo defendendo a lección «ler» e acrarando que se trata de unha verba celta alusiva ao mar; o prof. Rabanal Alvarez abonda no mesmo pensamento.

No «Cancioeiro da Poesía Céltiga», de J. Pokorny, figura unha poesía irlandesa do

século XI tidoada «Canción ó Mar», que comenza:

«Un forte trebón alporiza a [superficie de «Ler».

Unha nota de Pokorny di o seguinte: «Ler: Deus do Mar, Rei Lear de Shakespeare».

A palabra, desbotada agora da fala viva, atópase adolto nos trovadores, e aínda tornamos atopala en data tardía nunha redondilla galego-portuguesa que D. Alfonso Enriquez (finado en 1429) intercala no seu «Testamento» («Cancionero de Palacio», X., Musaffa, n.º 311).

**LEVAR**. Erger, levantar; levar.

**LIERO**: «O termo «liero» nao está bem explicado e é posível que esteja estropiado; mas nao há dúvida que o sentido é «ligeiro», «apresado». (R. Lapa).

**LLI**. Lle, lla, llo.

**LOIR**. Brincar, xogar.

**LONGADO**. Afastado, alongado, ausente.

**LOUÇAO**. Fermoso, ledó.

**LOUVAMIANTE**. Loubador, falagueliro, adulator.

**MACAR**. Anque, aínda que.

**MAISON**. Morada, casa.

**MANDADO**. Recado, razón, aviso.

**MANSELINO** (adv.). Pasenllo, a modo, mainamentes, devagaríño.

**MAO** (de «maer», «manere»). Estou, fico.

**MARTEIRAR**. Martirizar, atormentar.

**MARTEIRO**. Tormento.

**MARTINO**. ¿Pato de San Martiño? O senso da verba na cantiga 79 do C. V. é dubidoso. «Ou lémos «con medo dos martiños» e aquí «martinho» significaría qualquer espécie de cavaleiros mou-

- ros; ou bem «comendo dos martinhos» e, segundo Dofia Carolina Michaëlis, «martinho» significaría «pato que se come pelo S. Martinho» (R. Lapa).
- MASEIRA. Artesa pra amasar.
- MASESTES (de «maer»). Quedaste, estiveste.
- MASI (de «maer»). Quedel, fique, estiven.
- MATREIRA. Persoa retranqueira, astuta.
- MESELO. Mesquifio, probe, desventurado.
- MEDÉS («met ipse»). Mesmo.
- MENÇADES. Mintades.
- MENTRE. Namentres, en tanto.
- MESQUINO. Miserento, desgraçado, cativo.
- MESURA. Bondade, honestidade; mercede, compaixón.
- MIA. Mifia.
- MIGO. Conmigo.
- MILGRANADA: Granada, froito de mil grans.
- MOL. Dondo, brando.
- MUA. Mula, acémia.
- MUITO, TAN MUITO. Tanto.
- NEGRAL. Negro, negrexento.
- NEMBRAR. Lembrar.
- NEN UN. Ningún.
- NULLO. Ningún.
- NUU, NUA. Ispido, encolro.
- OI. Hoxe.
- OIMAIŠ. De hoxe en diante, pra sempre xamais. (Consevamos a ortografía orixinal distas duas verbas en desuso).
- ORA. Agora.
- ORPELADO. Franxado de ouro.
- OUÇO (de «oir»). Oio, escolto.
- OUTREN. Outra persoa.
- PAGARSE. Aledarse, satisfarse, cumprir un ancelo.
- PAR (prep.). Por.
- PAR. Igoal, semellante, parceiro.
- PARECER. Faciana, presenza, continente.
- PARTIR. Separar, afastar, impeitizar, rematar.
- PASO (adv.). Pasenifio, pouco a pouco.
- PASTOR. Pastora nova; moceira.
- PEDIOLO. Sifificado desconecido. ¿Pedicha, pedichón? No C. B. lése «pedrolo».
- PER. Por.
- PERA (prep.). Pra, para.
- PERÇA, PERÇO. Perda, perdo.
- PERDON (de perdonar). Perdóne.
- PERFACER. Facer totalmente, levar a termo un empeño.
- PERFIA. Porfia, anguria, degaro.
- PERO. Non embargantes, anque, mais.
- PERPONTO: Especie de capa que chegaba á cintura.
- PESOA. Persoa, ninguén.
- PETEIRA. ¿Peito?
- POÇON. Pezofia, veneno.
- POIS (adv.). Dempois, logo.
- POLO, A. Contración da prep. «por» e os art. «lío», «la».
- PONCELA. Doncela.
- PONTEIRO. De ponta afiada, aguzado.
- POS. Após, dempois.
- PÓS (de «poer»). Puxo.
- POSO (de «poder»). Podo.
- PRACENTEANTE: Persoa adicada a compracer a outra; compracente.
- PRAN, A PRAN, DE PRAN. En verdade, con seguranza, de cheo.
- PREITO. Acordo, custión, asunto.
- PRES (adv.). Perto, acarón.
- PRES (de «prender»). Tomou.
- PRETO. Perto, á par.
- PRIX (de «prender»). Tomel.
- PROFAÇADOR. Calofnador, maldicente.



PROFAZAR. Caloñar, satirizar, maledicer.

PROL. Pro, proveito, favor, ventaxa.

PROUGUER, APROUGUER (de «pracer»). Pracera ou pracese.

PUNAR. Tentar, degoirar, procurar, insistir, desexar.

QUE (optativo): Mais, que, aínda que.

QUE (pron.). Quén.

QUIS, QUIX (de «querer»). Quixen, quixo.

QUITAR. Afastar, partir, separar.

QUÍTES. Libres, desobrigados.

RACES. Tecidos de Raz.

REN. Res, nada; cousa.

RETRAER. Afastar, retirar, re-  
fugar.

RÍSO. Risa, bulra.

RIXO. Forte, arriscado.

ROLDAR. Vixiar, rondar.

SA. Sua.

SABEDOR. Meigo, nigrumante.

SABIA (de «saber»). Saiba.

SABOR. Pracer, contentamen-  
to, gosto.

SABOROSO. Pracenteiro, com-  
pracente.

SABUXO. Sabuío, especie de  
can (cast. sabueso).

SAGRAÇON. Consagración.

SAIAM. Saíón, carrasco.

SANDEU, SANDIO. Tolo, par-  
vo, estraviado.

SANDICE. Tolemia, doudice.

SAÑA. Noxo, raiba, disgosto.

SAÑUDO. Asañado, encirrado,  
nemistado.

SÉ (de «seer»). É ou está.

SEDIA (de «seer»). Estaba.

SEER. Ser ou estar.

SEESTRO. Sinistro, posto á  
man esquerda.

SEGUNDO. Conforme, asegún.

SELA. Montura de cabalería.

SELAR. Pofier a sela.

SELEGON. Peiorativo de sela,  
sela grande e mal feita.

SEMELLAR. Parecer da face  
ou do corpo; imitar.

SEN. Sentido, quixo, siso.

SENLEIRO, SINLEIRO. Solo,  
isolado.

SEÑOR. Goa forma masculina  
de dono, emprégase, referido  
á Virxe ou á amada, pra es-  
presar a servidume do amor.

SERVIR. No propio senso de  
servidume, é sinónimo de  
amar.

SEVE (de «seer»). Foi, estivo.

SEXO (de «seer»). Estou.

SI (adv.). Así, así.

SIGO. Consigo.

SIAN (de «seer»). Estaban,  
pousaban.

SIRGO. Trenzado de flo.

SO, SOB. Baixo, debaixo.

SOBEXO. Abondoso, sobrado,  
por demais.

SOBRAÇADO. Posto baixo o  
brazo.

SOIDADE, SUIDADE. Saudade.

SOL. Somentes, siquera, tan  
siquer.

SOO. Solo, senlleiro.

SUEIRA. Sudadeira, galdrapa.

TAFULARIA. Lugar onde xogan  
os tafules.

TALLADO. Cortado, conforma-  
do de corpo, formado, feito.

TALLAR. Cortar, conformar.

TALLO. Estatura; por esten-  
sión, corpo.

TANTO QUE. No intre.

TENÇON. Regueifa poética.

TIGO. Contigo.

TODAVIA. Toda vez, sempre;  
aínda que, non embargantes.

TOLLER. Quitar, tirar, coller,  
levar.

TOPETE. Arrinque do cabelo;  
guedella de enriba da fronte.

TORNAR. Espantar, voltar.

TORTO. Engano, inxustiza, da-  
no.

TOSTE. Cedo, axiña.

TREÇON. Traidoría.

**TRAUTAR.** Emprender.  
**TREBELLAR.** Folgar, brincar.  
**TREDO.** Treidor.  
**TREIDES, TREIDEVOS.** Vinde, vindevos.  
**TRISTEN.** Tristura, coita.  
**TROSQUIAR.** Chamorrar, tosquiar; cortar o pelo ou lan aos animais.

**VIÇO.** Vizo, regalo, luxo; vigor, forza.  
**VIÇOSO.** Regalado, ceibe.  
**VIIR.** Vir, chegar.  
**VILTANÇA.** Vilania, afronta.  
**VISON.** Aparición, visión do ceo.  
**VOLVER.** Remexar, dar volta a unha cousa; tornar.  
**VOSCO.** Convosco.

Ú. Onde, cando.

**VEER.** Ver, ollar.  
**VEGADA.** Vez, ocasión.  
**VEIRO.** De cor varío.  
**VEO** (de «viir»). Viu.  
**VERAO.** Vran.  
**VERRA** (de «viir»). Virá.  
**VIARAZ.** Certo mifato ou ave de presa.

**XAXUAR.** Xenunar.  
**XE, XI.** Partícula espletiva, adoitada para encher e dar eufonía ao verso.  
**XEOLLEIRA.** Xionlleira, peza da armadura que emparaba os xionllos.  
**XOUBE.** Xace.

**ZARELLON.** Pano groseiro.

- CARLOS ALONSO.** *Resumo do dicionario de palabras galegas.*—Madrid, E. Aguado, 1911.  
 —*Contribución de la literatura gallega en la Edad Media.*—Madrid, F. de Selva, 1912.  
**CARLOS ALONSO DE LOS RIOS.** *Estudio de la poesía gallega.*—Buenos Aires, Ed. de los Amigos Argentinos, 1929.  
**CASTRO ALONSO.** *Estudio de la poesía gallega.*—Madrid, Espasa Calpe, 1941.  
**CORTA SEMPÉR.** A. J. *«Canción del Rey D. Sancho, Poeta del amor, de la guerra y de la gloria».*—Lima, Librería Central, 1945.  
**COSTANZO VALLEJO.** A. *«Estudio de la poesía gallega».*—Madrid, Espasa Calpe, 1941.  
 —*«Diccionario de Pape Miqueo Barrio. Análisis y estudio»* (Sigo III). *Yoda crítica con introducción sobre el poeta, su obra y su personalidad.*—Madrid, Visión del Sur, 1944.  
**COXONDO FREIXO.** A. *«El amor gallego».*—Barcelona, Ed. Albatros, 1914.  
 —*«Diccionario de bibliografía de escritores»*. Vol. I.—Buenos Aires, Ed. de los Amigos Argentinos, 1911.  
**FRANCO DE LOS RIOS.** F. *«Estudio de la poesía gallega».*—Vigo, Ed. Gallega, 1911.  
**FIGUEROA.** Fernando de. *«Historia Literaria de Portugal siglos XI-XII».*—Buenos Aires, Espasa Calpe, 1941.  
**FILGUEIRA VALLEJO.** J. *«El amor en la poesía de los trovadores».*—A Coruña, Ser, 1941.  
 —*«Contribución de la literatura gallega».*—Madrid, E. Aguado, 1911.

1907-1908  
 1909-1910  
 1911-1912  
 1913-1914  
 1915-1916  
 1917-1918  
 1919-1920  
 1921-1922  
 1923-1924  
 1925-1926  
 1927-1928  
 1929-1930  
 1931-1932  
 1933-1934  
 1935-1936  
 1937-1938  
 1939-1940  
 1941-1942  
 1943-1944  
 1945-1946  
 1947-1948  
 1949-1950  
 1951-1952  
 1953-1954  
 1955-1956  
 1957-1958  
 1959-1960  
 1961-1962  
 1963-1964  
 1965-1966  
 1967-1968  
 1969-1970  
 1971-1972  
 1973-1974  
 1975-1976  
 1977-1978  
 1979-1980  
 1981-1982  
 1983-1984  
 1985-1986  
 1987-1988  
 1989-1990  
 1991-1992  
 1993-1994  
 1995-1996  
 1997-1998  
 1999-2000  
 2001-2002  
 2003-2004  
 2005-2006  
 2007-2008  
 2009-2010  
 2011-2012  
 2013-2014  
 2015-2016  
 2017-2018  
 2019-2020  
 2021-2022  
 2023-2024  
 2025-2026  
 2027-2028  
 2029-2030  
 2031-2032  
 2033-2034  
 2035-2036  
 2037-2038  
 2039-2040  
 2041-2042  
 2043-2044  
 2045-2046  
 2047-2048  
 2049-2050  
 2051-2052  
 2053-2054  
 2055-2056  
 2057-2058  
 2059-2060  
 2061-2062  
 2063-2064  
 2065-2066  
 2067-2068  
 2069-2070  
 2071-2072  
 2073-2074  
 2075-2076  
 2077-2078  
 2079-2080  
 2081-2082  
 2083-2084  
 2085-2086  
 2087-2088  
 2089-2090  
 2091-2092  
 2093-2094  
 2095-2096  
 2097-2098  
 2099-2100  
 2101-2102  
 2103-2104  
 2105-2106  
 2107-2108  
 2109-2110  
 2111-2112  
 2113-2114  
 2115-2116  
 2117-2118  
 2119-2120  
 2121-2122  
 2123-2124  
 2125-2126  
 2127-2128  
 2129-2130  
 2131-2132  
 2133-2134  
 2135-2136  
 2137-2138  
 2139-2140  
 2141-2142  
 2143-2144  
 2145-2146  
 2147-2148  
 2149-2150  
 2151-2152  
 2153-2154  
 2155-2156  
 2157-2158  
 2159-2160  
 2161-2162  
 2163-2164  
 2165-2166  
 2167-2168  
 2169-2170  
 2171-2172  
 2173-2174  
 2175-2176  
 2177-2178  
 2179-2180  
 2181-2182  
 2183-2184  
 2185-2186  
 2187-2188  
 2189-2190  
 2191-2192  
 2193-2194  
 2195-2196  
 2197-2198  
 2199-2200  
 2201-2202  
 2203-2204  
 2205-2206  
 2207-2208  
 2209-2210  
 2211-2212  
 2213-2214  
 2215-2216  
 2217-2218  
 2219-2220  
 2221-2222  
 2223-2224  
 2225-2226  
 2227-2228  
 2229-2230  
 2231-2232  
 2233-2234  
 2235-2236  
 2237-2238  
 2239-2240  
 2241-2242  
 2243-2244  
 2245-2246  
 2247-2248  
 2249-2250  
 2251-2252  
 2253-2254  
 2255-2256  
 2257-2258  
 2259-2260  
 2261-2262  
 2263-2264  
 2265-2266  
 2267-2268  
 2269-2270  
 2271-2272  
 2273-2274  
 2275-2276  
 2277-2278  
 2279-2280  
 2281-2282  
 2283-2284  
 2285-2286  
 2287-2288  
 2289-2290  
 2291-2292  
 2293-2294  
 2295-2296  
 2297-2298  
 2299-2300  
 2301-2302  
 2303-2304  
 2305-2306  
 2307-2308  
 2309-2310  
 2311-2312  
 2313-2314  
 2315-2316  
 2317-2318  
 2319-2320  
 2321-2322  
 2323-2324  
 2325-2326  
 2327-2328  
 2329-2330  
 2331-2332  
 2333-2334  
 2335-2336  
 2337-2338  
 2339-2340  
 2341-2342  
 2343-2344  
 2345-2346  
 2347-2348  
 2349-2350  
 2351-2352  
 2353-2354  
 2355-2356  
 2357-2358  
 2359-2360  
 2361-2362  
 2363-2364  
 2365-2366  
 2367-2368  
 2369-2370  
 2371-2372  
 2373-2374  
 2375-2376  
 2377-2378  
 2379-2380  
 2381-2382  
 2383-2384  
 2385-2386  
 2387-2388  
 2389-2390  
 2391-2392  
 2393-2394  
 2395-2396  
 2397-2398  
 2399-2400  
 2401-2402  
 2403-2404  
 2405-2406  
 2407-2408  
 2409-2410  
 2411-2412  
 2413-2414  
 2415-2416  
 2417-2418  
 2419-2420  
 2421-2422  
 2423-2424  
 2425-2426  
 2427-2428  
 2429-2430  
 2431-2432  
 2433-2434  
 2435-2436  
 2437-2438  
 2439-2440  
 2441-2442  
 2443-2444  
 2445-2446  
 2447-2448  
 2449-2450  
 2451-2452  
 2453-2454  
 2455-2456  
 2457-2458  
 2459-2460  
 2461-2462  
 2463-2464  
 2465-2466  
 2467-2468  
 2469-2470  
 2471-2472  
 2473-2474  
 2475-2476  
 2477-2478  
 2479-2480  
 2481-2482  
 2483-2484  
 2485-2486  
 2487-2488  
 2489-2490  
 2491-2492  
 2493-2494  
 2495-2496  
 2497-2498  
 2499-2500  
 2501-2502  
 2503-2504  
 2505-2506  
 2507-2508  
 2509-2510  
 2511-2512  
 2513-2514  
 2515-2516  
 2517-2518  
 2519-2520  
 2521-2522  
 2523-2524  
 2525-2526  
 2527-2528  
 2529-2530  
 2531-2532  
 2533-2534  
 2535-2536  
 2537-2538  
 2539-2540  
 2541-2542  
 2543-2544  
 2545-2546  
 2547-2548  
 2549-2550  
 2551-2552  
 2553-2554  
 2555-2556  
 2557-2558  
 2559-2560  
 2561-2562  
 2563-2564  
 2565-2566  
 2567-2568  
 2569-2570  
 2571-2572  
 2573-2574  
 2575-2576  
 2577-2578  
 2579-2580  
 2581-2582  
 2583-2584  
 2585-2586  
 2587-2588  
 2589-2590  
 2591-2592  
 2593-2594  
 2595-2596  
 2597-2598  
 2599-2600  
 2601-2602  
 2603-2604  
 2605-2606  
 2607-2608  
 2609-2610  
 2611-2612  
 2613-2614  
 2615-2616  
 2617-2618  
 2619-2620  
 2621-2622  
 2623-2624  
 2625-2626  
 2627-2628  
 2629-2630  
 2631-2632  
 2633-2634  
 2635-2636  
 2637-2638  
 2639-2640  
 2641-2642  
 2643-2644  
 2645-2646  
 2647-2648  
 2649-2650  
 2651-2652  
 2653-2654  
 2655-2656  
 2657-2658  
 2659-2660  
 2661-2662  
 2663-2664  
 2665-2666  
 2667-2668  
 2669-2670  
 2671-2672  
 2673-2674  
 2675-2676  
 2677-2678  
 2679-2680  
 2681-2682  
 2683-2684  
 2685-2686  
 2687-2688  
 2689-2690  
 2691-2692  
 2693-2694  
 2695-2696  
 2697-2698  
 2699-2700  
 2701-2702  
 2703-2704  
 2705-2706  
 2707-2708  
 2709-2710  
 2711-2712  
 2713-2714  
 2715-2716  
 2717-2718  
 2719-2720  
 2721-2722  
 2723-2724  
 2725-2726  
 2727-2728  
 2729-2730  
 2731-2732  
 2733-2734  
 2735-2736  
 2737-2738  
 2739-2740  
 2741-2742  
 2743-2744  
 2745-2746  
 2747-2748  
 2749-2750  
 2751-2752  
 2753-2754  
 2755-2756  
 2757-2758  
 2759-2760  
 2761-2762  
 2763-2764  
 2765-2766  
 2767-2768  
 2769-2770  
 2771-2772  
 2773-2774  
 2775-2776  
 2777-2778  
 2779-2780  
 2781-2782  
 2783-2784  
 2785-2786  
 2787-2788  
 2789-2790  
 2791-2792  
 2793-2794  
 2795-2796  
 2797-2798  
 2799-2800  
 2801-2802  
 2803-2804  
 2805-2806  
 2807-2808  
 2809-2810  
 2811-2812  
 2813-2814  
 2815-2816  
 2817-2818  
 2819-2820  
 2821-2822  
 2823-2824  
 2825-2826  
 2827-2828  
 2829-2830  
 2831-2832  
 2833-2834  
 2835-2836  
 2837-2838  
 2839-2840  
 2841-2842  
 2843-2844  
 2845-2846  
 2847-2848  
 2849-2850  
 2851-2852  
 2853-2854  
 2855-2856  
 2857-2858  
 2859-2860  
 2861-2862  
 2863-2864  
 2865-2866  
 2867-2868  
 2869-2870  
 2871-2872  
 2873-2874  
 2875-2876  
 2877-2878  
 2879-2880  
 2881-2882  
 2883-2884  
 2885-2886  
 2887-2888  
 2889-2890  
 2891-2892  
 2893-2894  
 2895-2896  
 2897-2898  
 2899-2900  
 2901-2902  
 2903-2904  
 2905-2906  
 2907-2908  
 2909-2910  
 2911-2912  
 2913-2914  
 2915-2916  
 2917-2918  
 2919-2920  
 2921-2922  
 2923-2924  
 2925-2926  
 2927-2928  
 2929-2930  
 2931-2932  
 2933-2934  
 2935-2936  
 2937-2938  
 2939-2940  
 2941-2942  
 2943-2944  
 2945-2946  
 2947-2948  
 2949-2950  
 2951-2952  
 2953-2954  
 2955-2956  
 2957-2958  
 2959-2960  
 2961-2962  
 2963-2964  
 2965-2966  
 2967-2968  
 2969-2970  
 2971-2972  
 2973-2974  
 2975-2976  
 2977-2978  
 2979-2980  
 2981-2982  
 2983-2984  
 2985-2986  
 2987-2988  
 2989-2990  
 2991-2992  
 2993-2994  
 2995-2996  
 2997-2998  
 2999-3000  
 3001-3002  
 3003-3004  
 3005-3006  
 3007-3008  
 3009-3010  
 3011-3012  
 3013-3014  
 3015-3016  
 3017-3018  
 3019-3020  
 3021-3022  
 3023-3024  
 3025-3026  
 3027-3028  
 3029-3030  
 3031-3032  
 3033-3034  
 3035-3036  
 3037-3038  
 3039-3040  
 3041-3042  
 3043-3044  
 3045-3046  
 3047-3048  
 3049-3050  
 3051-3052  
 3053-3054  
 3055-3056  
 3057-3058  
 3059-3060  
 3061-3062  
 3063-3064  
 3065-3066  
 3067-3068  
 3069-3070  
 3071-3072  
 3073-3074  
 3075-3076  
 3077-3078  
 3079-3080  
 3081-3082  
 3083-3084  
 3085-3086  
 3087-3088  
 3089-3090  
 3091-3092  
 3093-3094  
 3095-3096  
 3097-3098  
 3099-3100  
 3101-3102  
 3103-3104  
 3105-3106  
 3107-3108  
 3109-3110  
 3111-3112  
 3113-3114  
 3115-3116  
 3117-3118  
 3119-3120  
 3121-3122  
 3123-3124  
 3125-3126  
 3127-3128  
 3129-3130  
 3131-3132  
 3133-3134  
 3135-3136  
 3137-3138  
 3139-3140  
 3141-3142  
 3143-3144  
 3145-3146  
 3147-3148  
 3149-3150  
 3151-3152  
 3153-3154  
 3155-3156  
 3157-3158  
 3159-3160  
 3161-3162  
 3163-3164  
 3165-3166  
 3167-3168  
 3169-3170  
 3171-3172  
 3173-3174  
 3175-3176  
 3177-3178  
 3179-3180  
 3181-3182  
 3183-3184  
 3185-3186  
 3187-3188  
 3189-3190  
 3191-3192  
 3193-3194  
 3195-3196  
 3197-3198  
 3199-3200  
 3201-3202  
 3203-3204  
 3205-3206  
 3207-3208  
 3209-3210  
 3211-3212  
 3213-3214  
 3215-3216  
 3217-3218  
 3219-3220  
 3221-3222  
 3223-3224  
 3225-3226  
 3227-3228  
 3229-3230  
 3231-3232  
 3233-3234  
 3235-3236  
 3237-3238  
 3239-3240  
 3241-3242  
 3243-3244  
 3245-3246  
 3247-3248  
 3249-3250  
 3251-3252  
 3253-3254  
 3255-3256  
 3257-3258  
 3259-3260  
 3261-3262  
 3263-3264  
 3265-3266  
 3267-3268  
 3269-3270  
 3271-3272  
 3273-3274  
 3275-3276  
 3277-3278  
 3279-3280  
 3281-3282  
 3283-3284  
 3285-3286  
 3287-3288  
 3289-3290  
 3291-3292  
 3293-3294  
 3295-3296  
 3297-3298  
 3299-3300  
 3301-3302  
 3303-3304  
 3305-3306  
 3307-3308  
 3309-3310  
 3311-3312  
 3313-3314  
 3315-3316  
 3317-3318  
 3319-3320  
 3321-3322  
 3323-3324  
 3325-3326  
 3327-3328  
 3329-3330  
 3331-3332  
 3333-3334  
 3335-3336  
 3337-3338  
 3339-3340  
 3341-3342  
 3343-3344  
 3345-3346  
 3347-3348  
 3349-3350  
 3351-3352  
 3353-3354  
 3355-3356  
 3357-3358  
 3359-3360  
 3361-3362  
 3363-3364  
 3365-3366  
 3367-3368  
 3369-3370  
 3371-3372  
 3373-3374  
 3375-3376  
 3377-3378  
 3379-3380  
 3381-3382  
 3383-3384  
 3385-3386  
 3387-3388  
 3389-3390  
 3391-3392  
 3393-3394  
 3395-3396  
 3397-3398  
 3399-3400  
 3401-3402  
 3403-3404  
 3405-3406  
 3407-3408  
 3409-3410  
 3411-3412  
 3413-3414  
 3415-3416  
 3417-3418  
 3419-3420  
 3421-3422  
 3423-3424  
 3425-3426  
 3427-3428  
 3429-3430  
 3431-3432  
 3433-3434  
 3435-3436  
 3437-3438  
 3439-3440  
 3441-3442  
 3443-3444  
 3445-3446  
 3447-3448  
 3449-3450  
 3451-3452  
 3453-3454  
 3455-3456  
 3457-3458  
 3459-3460  
 3461-3462  
 3463-3464  
 3465-3466  
 3467-3468  
 3469-3470  
 3471-3472  
 3473-3474  
 3475-3476  
 3477-3478  
 3479-3480  
 3481-3482  
 3483-3484  
 3485-3486  
 3487-3488  
 3489-3490  
 3491-3492  
 3493-3494  
 3495-3496  
 3497-3498  
 3499-3500  
 3501-3502  
 3503-3504  
 3505-3506  
 3507-3508  
 3509-3510  
 3511-3512  
 3513-3514  
 3515-3516  
 3517-3518  
 3519-3520  
 3521-3522  
 3523-3524  
 3525-3526  
 3527-3528  
 3529-3530  
 3531-3532  
 3533-3534  
 3535-3536  
 3537-3538  
 3539-3540  
 3541-3542  
 3543-3544  
 3545-3546  
 3547-3548  
 3549-3550  
 3551-3552  
 3553-3554  
 3555-3556  
 3557-3558  
 3559-3560  
 3561-3562  
 3563-3564  
 3565-3566  
 3567-3568  
 3569-3570  
 3571-3572  
 3573-3574  
 3575-3576  
 3577-3578  
 3579-3580  
 3581-3582  
 3583-3584  
 3585-3586  
 3587-3588  
 3589-3590  
 3591-3592  
 3593-3594  
 3595-3596  
 3597-3598  
 3599-3600  
 3601-3602  
 3603-3604  
 3605-3606  
 3607-3608  
 3609-3610  
 3611-3612  
 3613-3614  
 3615-3616  
 3617-3618  
 3619-3620  
 3621-3622  
 3623-3624  
 3625-3626  
 3627-3628  
 3629-3630  
 3631-3632  
 3633-3634  
 3635-3636  
 3637-3638  
 3639-3640  
 3641-3642  
 3643-3644  
 3645-3646  
 3647-3648  
 3649-3650  
 3651-3652  
 3653-3654  
 3655-3656  
 3657-3658  
 3659-3660  
 3661-3662  
 3663-3664  
 3665-3666  
 3667-3668  
 3669-3670

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AMOR MEILAN, M.: «El trovador Pedro de Ver no fué bearnés, sino lucense», in B. A. G., T. XV, pp. 46-50.
- BELL, Aubrey F. G.: «A Literatura Portuguesa (Historia e Critica)». Trad. de Agostinho de Campos e J. G. de Barros Cunha.—Coimbra, Imp. da Universidade, 1931.
- BRAGA, Teóphilo: «Cancioneiro portuguez da Vaticana». Edição crítica, restituída sobre o texto diplomático de Halle.—Lisboa, Imp. Nacional, 1878.
- CARRE ALDAO, Eugenio: «Literatura Gallega».—Barcelona. Ed. Maucci, 1911.
- «Influencias de la Literatura Gallega en la Castellana».—Madrid, F. Beltrán, 1915.
- CASAS, Alvaro de las: «Antología de poetas gallegos».—Buenos Aires, Ed. Sopena Argentina, 1939.
- CIDADE, Hernani: «Poesía Medieval. I: Cantigas de Amigo» (Ordenação, prefacio e notas de...).—Lisboa, Portugalia Editora, 1941.
- COSTA PIMPAO, A. J. da: «Cantigas d'El-Rei D. Dinís», Prefacio, selecção, notas e glossário de...—Lisboa, Livraria Clássica, 1942.
- COTARELO VALLEDOR, A.: «Encol do nome de Martín Codax», in «Nos», núm. 109.—Ourense 15 de Xaneiro de 1933.
- «Cancionero de Payo Gómez Charifio, Almirante y Poeta (Siglo XIII)». Texto crítico con introducción, notas, glossario, apéndices y bibliografía, por...—Madrid, Victoriano Suárez, 1934.
- COUCEIRO FREIJOMIL, A.: «El Idioma Gallego».—Barcelona, Ed. Alberto Martín, 1935.
- «Diccionario Bio-Bibliográfico de escritores». Vol I.—Santiago, Ed. de los Bibliófilos Gallegos, 1951.
- FERNANDEZ DEL RIEGO, F.: «Manual de Historia de la Literatura Gallega».—Vigo, Ed. Galaxia, 1951.
- FIGUEIREDO, Fídelino de: «Historia Literaria de Portugal (Siglos XII - XX)».—Buenos Aires, Espasa - Calpe, 1948.
- FILGUEIRA VALVERDE, J.: «A paisaxe no Cancioneiro da Vaticana».—A Cruña, Lar, 1927.
- «Cancioneirifio de Compostela».—«Nos», A Cruña, 1931.

- «Nuevos Rastros documentales de juglares gallegos», in Cuadernos de Est. Gallegos, Fasc. I.—Santiago, 1944.
- «El planto en la historia y en la literatura gallega», in Cuad. Est. Gall., Fasc. IV.—Santiago, 1945.
- «Lírica medieval gallega y portuguesa», in Historia General de las Literaturas Hispánicas, Vol. I. pp. 545 - 642.—Barcelona, Ed. Barna, 1949.
- GARCIA BLANCO, M.: «Poesía juglaresca y juglares. Nuevos datos para la biografía de Pedro Amigo». Rev. de Fil. Esp. T. XXIV, pp. 363 - 371.—Madrid, 1937.
- FITZMAURICE - KELLY, J.: «Historia de la Literatura Española, desde los orígenes hasta el año 1900».—Madrid, La Esp. Moderna.
- GARCIA DE LA RIEGA, C.: «Literatura Gallega. El Amadís de Gaula».—Madrid, E. Arias, 1909.
- G. SOLALINDE, A.: «Antología de Alfonso X el Sabio».—Buenos Aires, Espasa - Calpe, 1946.
- GONZALEZ BESADA, A.: «Cuadro de la literatura gallega en los siglos XIII y XIV».—Pontevedra, Luis Carragal, 1886.
- «Historia crítica de la Literatura Gallega. Edad antigua».—La Coruña, Martínez Salazar, 1887.
- IGLESIA, Antonio de la : «El idioma gallego. Su antigüedad y vida».—La Coruña, Latorre y Martínez, 1886.
- IGLESIA ALVARINO, A.: «Las canciones de Martín Codax», in «Anuario de Vigo», núm. XII.—Vigo, 1951.
- MAGARIÑOS NEGREIRA: Alfonso do Cotón, humorista». In «Nos», núm. 33.—Ourense, 15 Setembro, 1926.
- MARTINEZ SALAZAR, A.: «Documentos Gallegos de los siglos XIII al XVI».—La Coruña, Imp. Casa de la Misericordia, 1911.
- MENENDEZ PIDAL, R.: «La primitiva poesía lírica española», in «Estudios literarios».—Buenos Aires, Espasa - Calpe, 1938.
- «Poesía árabe y poesía europea».—Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1941.
- «Poesía juglaresca y juglares. Aspectos de la historia literaria y cultural de España».—Buenos Aires, Espasa-Calpe, segunda Ed., 1945.
- MICHAELIS DE VASCONCELOS, C.: «Cancioneiro da Ajuda». 2 vols.—Halle, 1904.
- MURGUIA, MANUEL : «Los trovadores gallegos».—La Coruña, Imp. Ferrer, 1905.
- NEMESIO, Vitorino: «A poesía dos trovadores (Séculos XII-XV)». Selecção e prefacio de...—Lisboa, Ed. Inst. Alta Cultura, 1950.
- NUNES, J. J.: «Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses». Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário.—Coimbra, Imp. da Universidade, 1926.





## INDICE DE NOMES DE PESSOAS

- AFONSO, D. PEDRO, 196.**  
**AIRAS, XOHAN, 27.**  
**ALFONSO X, 44, 127.**  
**AMBROA, PERO DE, 68, 69,**  
**70, 105, 176, 177.**  
**AMIGO DE SEVILLA, PEDRO,**  
**70, 173.**  
**ANES SOLAZ, PERO, 55.**  
 Anrique, Infante Don, 111.  
 Araña, Xohán, 108.  
**ARDIA, PERO DE, 146.**  
**ARMEA, PERO DE, 79.**  
 Arruda, Pero da, 181.
- BAVECA, XOHAN, 69, 70,**  
**104, 176, 177.**  
 Bodallo, 197.  
**BOLSEIRO, XULIAN, 161.**  
**BONAVAL, BERNAL DE, 18, 19**  
 «Brancafrol e Flores», 97.
- Camela, 197.  
**CANGAS, XOHAN DE, 150.**  
 Chelra, 108.  
**CODAX, MARTIN, 122, 123.**  
**COELLO, ESTEBAN, 156.**  
 Coello, Xohán, 156.  
 Cor de León, 38.  
**CORPANCHO, AYRAS, 148.**  
 Crespa, Mariña, 43.
- DENIS, DON, 185, 192.**  
 Díaz, Lopo, 46.  
 Domingo, Don, 82.
- EANES CERCEO, NUNO, 119.**  
**EANES DO COTON, AFONSO,**  
**35, 37, 38, 39.**  
**EANES DO VINAL, GONZALO,**  
**109.**  
**ESQUIO, FERNANDO, 47, 87.**
- Farazón, Martín de, 107.  
**FERNANDES, ROI, 71.**
- FERNANDES DE ELVAS, ES-**  
**TEBAN, 65.**  
**FERNANDES TORNEOL, NU-**  
**NO, 59.**  
 Fernández, Xohán, 102.  
 Fernando, Don (de Aragón),  
 26.  
 Fernando III, Don, 42, 44.  
 Ferrelra, Pero, 108.  
 Froián, Xohán de, 108.
- GAIA, XOHAN DE, 178.**  
 García, Pero, 33.  
**GARCIA BURGALÉS, PEDRO,**  
**76, 78.**  
**GARCIA DE GUILLADE, XO-**  
**HÁN, 93, 94, 96, 97.**  
 Gastón, Don, 26.  
 Gato, Lopo, 108.  
 Genta, María, 48.  
**GOMES BARROSO, PERO, 160**  
**GOMEZ CHARINO, PAYO, 138.**  
 Gran-Can, 177.  
**GUARDA, ESTEBAN DA, 180.**
- Lopes, Orraca, 38.  
**LOPES DE BAYAM, ALFON-**  
**SO, 106.**  
**LOPO, 66, 75.**  
**LOURENZO, 90, 93.**
- Mafomede, 43.  
 Marcos, Don Martín, 45.  
 María, Dona, 33, 47.  
 Mariño, Pero, 197.  
 Mariz, Xohán, 197.  
 Martins, Moor, 197.  
 Meira, Martín de, 108.  
**MENDES DE BRITTEIROS, XO-**  
**HÁN, 166.**  
**MENDINO, 117.**  
**MOXA, MARTIN, 51.**  
**MEOGO, PERO, 168.**



NUNES, AIRAS, 23.

Pachacho, 108.

PADROCELOS, MARTIN DE, 62.

PAES DE RIBELA, ROI, 46.

PAEZ, AIRAS, 164.

PEREZ, NUNO, 143.

PEREZ ALBIN, MARTIN, 158.

Picandón, 101.

PONTE, PERO DA, 37 38, 39.

Queimado, Roi, 77.

REQUEIXO, XOHAN DE, 114.

RODRIGUEZ DE CALLEIROS, FERNAN, 152.

RODRIGUEZ DE TENORIO, MEN, 154.

Roldán, 105.

SANCHES, D. AFONSO, 194.

SANCHO I, O VELLO, 17.

Santiago (Apóstol), 141.

Sapo, Meen, 108.

SERVANDO, XOHAN, 82.

SOARES, MARTIN, 74.

SOARES COELLO, XOHAN, 101.

Varela, PaI, 197.

Vasques, Martín, 181, 198.

Vela, Don, 26.

Velpello, 107, 108.

VER, PEDRO DE, 49.

VIVIAEZ, PERO DE, 112.

XINZO, MARTIN DE, 98.

Xohán, mestre, 136.

XOHAN, XOGRAR, 192.

ZORRO, XOHAN, 182.

## INDICE

### DE NOMES DE LOGARES

- Alem-Doiro, 198.  
Andalucía, 43.  
Aragón, 26, 193.  
Arcos, 46.  
Basto, 108.  
Beleña, 46.  
Beira, 108.  
Bonaval, 20, 21.  
Boxia, 145.  
Braga, 197.  
Burgos, 137.  
Cabreira, 108.  
Cambrai, 30.  
Castela, 26, 27, 28, 142, 193.  
Cistel, 26.  
Compostela, 175.  
Crecente, 29, 31.  
Daconada, 132.  
Doiro, 27, 30.  
Espanña, 134.  
Estela, 176.  
Estremadura, 183.  
Gaia, 27, 30.  
Guarda, 17.  
Lampai, 27, 30.  
León, 26, 27, 142, 193.  
Lixboa, 183, 198.  
Lombardia, 26.  
Longos, 107.  
Lugo, 89.  
Mars, 181.  
Milláns, 198.  
Miño, 27, 30.  
Mompiller, 105.  
Mourón, 110.  
Navarra, 26.  
Nogueira, 57.  
Olmedo, 59.  
Ourens, 136.  
Palença, 132.  
París, 145.  
Portugal, 27, 29, 192.  
Roan, 108.  
Rocamador, 176.  
Roma, 45, 102.  
Ronçavales, 105.  
San Clemenço do Mar, 144,  
145.  
San Fagundo, 79.  
San Felices, 79.  
San Leuter, 67.  
San Mamede do Mar, 150, 151  
San Salvador de Valongo, 63,  
64.  
San Servando, 82, 83, 84,  
85, 86.  
San Simón (Illa de), 118.  
San Simón de Valdeprados,  
112.  
Santa Cecilia do Soberal, 99,  
100.  
Santa María, 50.  
Santa María de Reça, 165.  
Santa María do Faro, 114,  
115, 116.  
Santa Marta, 147.  
Santiago, 26, 89, 149.  
Sar, 29, 176.  
Saturno, 181.  
Sevilla, 43, 72.  
Silves, 198.  
Toledo, 38, 59, 82.  
Tudela, 26.  
Ultramar, 69.  
Veladolide, 57.  
Vigo, 124, 125, 126.  
Vila Anrique, 47.  
Vizcaya, 47.  
Xeén, 141.

101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851. 852. 853. 854. 855. 856. 857. 858. 859. 860. 861. 862. 863. 864. 865. 866. 867. 868. 869. 870. 871. 872. 873. 874. 875. 876. 877. 878. 879. 880. 881. 882. 883. 884. 885. 886. 887. 888. 889. 890. 891. 892. 893. 894. 895. 896. 897. 898. 899. 900. 901. 902. 903. 904. 905. 906. 907. 908. 909. 910. 911. 912. 913. 914. 915. 916. 917. 918. 919. 920. 921. 922. 923. 924. 925. 926. 927. 928. 929. 930. 931. 932. 933. 934. 935. 936. 937. 938. 939. 940. 941. 942. 943. 944. 945. 946. 947. 948. 949. 950. 951. 952. 953. 954. 955. 956. 957. 958. 959. 960. 961. 962. 963. 964. 965. 966. 967. 968. 969. 970. 971. 972. 973. 974. 975. 976. 977. 978. 979. 980. 981. 982. 983. 984. 985. 986. 987. 988. 989. 990. 991. 992. 993. 994. 995. 996. 997. 998. 999. 1000.

## INDICE DE PRIMEIROS VERSOS

|     |   |     |
|-----|---|-----|
| 20  | A Bonaval quero eu, mia señor, ir             | 101 |
| 98  | A do mul bon parecer                          | 99  |
| 19  | A dona que eu amo e teño por señor            | 88  |
| 47  | A doncela de Vizcaia                          | 101 |
| 115 | A Faro un día irei,                           | 149 |
| 169 | A meu amigo, a que preito tallei              | 153 |
| 30  | A por quén perço o dormir                     | 111 |
| 132 | A que Deus abondou tanto que quisu dela nacer | 105 |
| 57  | A que vi antre as amenas                      | 105 |
| 83  | A San Servando en oraçon                      | 111 |
| 84  | A San Servando foi meu amigo                  | 101 |
| 50  | A Santa Maria fiz ir meu amigo                | 101 |
| 26  | A Santiago en romaría ven                     | 131 |
| 38  | A unha vella quis eu trobar                   | 151 |
| 119 | Agora me quero eu xa despedir                 | 84  |
| 105 | — Ai, amiga, hoxe falou comigo                | 104 |
| 103 | ¡Ai, Deus, a Vól-o digo!:                     | 111 |
| 50  | ¡Ai, Deus!, qué dóo que eu de mí hei,         | 11  |
| 125 | ¡Ai, Deus! ¿Se sabe ora meu amigo             | 101 |
| 96  | ¡Ai, dona fea!, fóstevós queixar              | 111 |
| 17  | ¡Ai, eu, coitada, cómo vivo                   | 111 |
| 188 | — Ai, flores, ai flores do verde pino         | 14  |
| 20  | — Ai, fremosifa, se ben haxades               | 101 |
| 41  | — Ai, madre, o que me namorou                 | 101 |
| 63  | Ai, meu amigo, coitada                        | 111 |
| 37  | — Ai, meu amigo e meu lume e meu ben,         | 111 |
| 124 | ¡Ai, ondas que eu vin veer!,                  | 111 |
| 141 | ¡Ai Santiago, padrón sabido,                  | 111 |
| 99  | ¡Ai, virtudes de Santa Cecilia!,              | 111 |
| 190 | Amado e meu amigo,                            | 101 |
| 34  | Ameivos sempre, amigo,                        | 111 |
| 92  | Amiga, desde meu amigo vi,                    | 111 |
| 114 | Amiga, ¡quén hoxe houbese                     | 111 |
| 110 | Amigas, eu of dicer                           | 111 |
| 95  | Amigo, non poso eu negar                      | 111 |
| 155 | — Amigo, pois mi dicedes                      | 111 |
| 31  | Amigo, quando me levou                        | 111 |
| 151 | Amigo, se mi gran ben queredes                | 111 |
| 52  | Amigos, cuido eu que Nostro Señor             | 111 |
| 88  | Amor, a ti me veño ora queixar                | 111 |
| 54  | Amor, de vós ben me poso loar                 | 111 |
| 163 | Aquestas noites tan longas                    | 111 |
| 61  | Aquí vexo eu, filla, o voso amigo             | 111 |
| 140 | As frores do meu amigo                        | 111 |

- 50 Asafeimevos, amigo,  
 146 Asañouse o meu amigo  
 115 Atender quero eu mandado  
 24 — Ballade hoxe, aí filla, que pracer vexades  
 24 Ballemos nós xa todas tres, aí amigas,  
 133 ¡Ben veñas, Malo, et con alegría!  
 74 Cabaleiro, con vosos cantares  
 183 — Cabelos, los meus cabelos,  
 148 Chegades vós, aí amiga, de ú é meu amigo,  
 48 Comendador, ú me eu quitei  
 136 Como eu en día de Pascoa quería ben comer  
 99 ¡Cómo vivo coitada, madre, por meu amigo,  
 80 Con gran coita sol non poso dormir  
 161 Da noite de eire poderan facer  
 142 De quantas cousas en o mundo son  
 189 —¿De qué morredes, filla, a do corpo belido?  
 143 Des quando vos fostes daqui  
 26 Desflar enviaron ora de Tudela  
 107 Deu ora El Rei seus difeiros  
 146 Deul-o sabe, coitada  
 167 ¡Deus, qué leda que me esta noite vi,  
 160 Do que sabia nulla ren non sei,  
 131 Dicede, ¡ai, trobadores!  
 164 Dicen pela terra, señor, que vos amel,  
 56 Dicia la ben tallada  
 195 Dicia la fremosiña:  
 171 —Digades, filla, mia filla belida  
 21 Dise a fremosa en Bonaval así:  
 67 Diséronme agora do meu namorado  
 141 Diséronme hoxe, ¡ai amiga!, que non  
 153 Dunha doncela ensañada  
 57 E non est a de Nogueira  
 183 En Lixboa, sobre lo mar,  
 150 En San Mamede, ú sabedes  
 171 Enas verdes herbas  
 124 Eno sagrado, en Vigo,  
 145 Estábame en San Clemenço  
 56 Eu belida non dormía,  
 62 Eu lonçana, en quanto eu viva for,  
 102 Falei un día, por me barallar  
 65 —Farei eu, filla, que vos non vexa  
 85 Filla, o que queredes ben  
 66 —Filla, se gradoedes,  
 75 Foi un día Lopo xograr  
 34 Foise o meu amigo a cas de El Rei  
 172 Fostes, filla, eno ballar  
 20 ¡Fremosas a Deus grado tan bon día comigo  
 84 Fui eu a San Servando por ver meu amigo  
 151 Fui eu, madre, a San Mamede, ú me culdei  
 116 Fui eu, madre, en romaría  
 103 Fui eu, madre, lavar meus cabelos  
 162 Fui hoxe, madre, veer meu amigo,  
 63 Gran sazón ha, meu amigo,  
 64 Ide hoxe, aí meu amigo, ledo a San Salvador

- 85 Irse quer o meu amigo:  
 59 Levade, amigo, que dormides as mañanas frias;  
 190 Levantouse a belida,  
 170 Levouse a louçana,  
 148 Madre belida, meu amigo vi,  
 65 —Madre, chegou meu amigo hoxe aquí.  
 153 Madre, pasou per aquí un cabaleiro  
 72 —Madre, quero hoxe eu ir veer  
 165 Maior guarda vos deron ca sofan, señor,  
 163 Mal me traguedes, ai filla, porque quero haber  
 amigo,  
 46 Mala ventura me veña,  
 126 Mandado hei comigo  
 197 Mandei pedir noutro día  
 48 María Genta, María Genta da saia çintada  
 43 Mariña Crespa, sabedes fillar  
 198 Martín Vasques noutro día  
 183 Mete El Rei barcas no río forte  
 28 Meu señor rei de Castela,  
 104 Meus amigos, non poso eu mais negar  
 179 Meus amigos, pois me Deus foi mostrar  
 125 Mía irmana fremosa, ¿treides comigo  
 83 Mía madre belida, e non me guardedes  
 121 Mía señor fremosa, direivos unha ren:  
 175 Molro, amiga, desexando  
 45 ¡Morto é Don Martín Marcos! ¡Ai, Deus, se é  
 verdade!  
 93 —Muito te vexo, Lourenço, quelxar  
 162 Nas barcas novas foise o meu amigo daqui  
 197 Natura das animallas  
 135 Non me poso pagar tanto  
 100 Non mi digades, madre, mal, e ir hel  
 99 Non poso eu, madre, ir a Santa Cecilia  
 191 —Non poso eu, meu amigo,  
 77 ¿Non vos nembra, meu amigo,  
 144 Non vou eu a San Clemenço  
 32 O meu amigo non pode haber ben  
 31 O meu amigo novas sabe xa  
 42 O mui bon rei que conquis a fronteira  
 25 Oí hoxe eu unha pastor cantar  
 125 Ondas do mar de Vigo,  
 73 Ora começa o meu mal  
 181 Ora é xa Martín Vásques certo  
 84 Ora van a San Servando  
 70 Ora vexo eu que est aventurado  
 80 ¡Ora vos podese eu dicer  
 192 Os namorados que troban de amor  
 33 Os que dicen que veen ben e mal  
 32 Par Deus, mía madre, houbestes gran pracer  
 67 Par Deus, señor, muito aguisado hei,  
 183 Pela ribeira do río  
 29 Pelo souto de Crecente  
 97 Per boa fé, meu amigo,  
 103 Per boa fé, mui fremosa, sañuda

|     |   |        |
|-----|---|--------|
| 184 | Per ribeira do río                        | 88     |
| 37  | Pero da Ponte, nun voso cantar            | 92     |
| 105 | Pero de Ambroa prometeu de pran           | 901    |
| 33  | Pero García me dise                       | 971    |
| 181 | Pois a todos aborrece                     | 841    |
| 42  | Pois de mia morte gran sabor habedes      | 20     |
| 112 | Pois nosas madres van a San Simón         | 841    |
| 116 | Pois vós, filla, queredes mui gran ben    | 27     |
| 113 | —Por Deus, amiga, puñade en partir        | 261    |
| 64  | Por Deus que vos non pés                  | 281    |
| 149 | Por facer romaría puxe én meu corazón     |        |
| 169 | Por mui fremosa que sañuda estou          |        |
| 53  | Por quanto eu vexo                        | 841    |
| 165 | Por veelo namorado                        | 711    |
| 25  | Porque no mundo mengóu a verdade          | 84     |
| 47  | Preguntade un ricohome                    | 100113 |
| 169 | Preguntarvos quero eu, madre,             | 841    |
| 194 | Quando, amiga, meu amigo veer,            | 841    |
| 86  | Quando eu a San Servando                  | 22     |
| 110 | Quando eu sobí nas torres sóbelo mar      | 241    |
| 175 | Quando eu un día fui en Compostela        | 271    |
| 72  | Quando eu vexo las ondas                  | 821    |
| 154 | Quando me eu mui triste, de mia señor     | 22     |
| 126 | Quantas sabedes amar amigo,               | 121    |
| 140 | Quantos hoxe andan eno mar aquí           | 101    |
| 89  | —¿Qué adubastes, amigo,                   | 81     |
| 44  | ¡Qué ben se soube acompañar               |        |
| 60  | ¡Qué coita tamaña hei a sofrer,           | 22     |
| 30  | ¡Qué de ben me ora podía facer            | 231    |
| 152 | ¿Qué farei agora, amigo,                  | 241    |
| 52  | ¡Qué grave coita que me é dicer           | 261    |
| 166 | ¡Qué perto esteve de me facer ben         | 291    |
| 44  | Quen a sesta quiser dormir                | 29     |
| 130 | Quen a Virxen ben servirá                 | 101    |
| 136 | Quen da guerra levou cabaleiros           | 77     |
| 184 | Quen vise andar fremosiña,                | 291    |
| 97  | Quero eu, amigas, o mundo loar            | 22     |
| 21  | Rogarvos quero eu, mia madre e mia señor, |        |
| 77  | Roi Quelmado morreu con amor              |        |
| 129 | Rosa das rosas et Fror das frores         | 10     |
| 144 | ¡San Clemenco do mar,                     | 241    |
| 95  | Sañudo andades, amigo,                    | 27     |
| 38  | Se gradoedes, amigo,                      | 121    |
| 157 | Se hoxe o meu amigo                       | 24     |
| 82  | Se meu amigo a San Servando for           | 97     |
| 21  | Se veese o meu amigo a Bonaval e me vise  | 94     |
| 71  | Se vos non pesar ende,                    | 81     |
| 157 | Sedia la fremosa seu sirgo torcendo       | 22     |
| 107 | Sedia xí don Velpello en unha sa maisón   | 22     |
| 118 | Sedíame eu na ermida de San Simón         | 77     |
| 111 | Sei eu, donas, que deitado é daquí        | 841    |
| 167 | Señor, comigo non pose torcer             | 22     |
| 42  | Señor do corpo delgado                    | 24     |
| 188 | Señor, en tan grave día                   | 101    |

|     |   |
|-----|---|
| 78  | —Señor, eu quero ora de vos saber       |
| 92  | Señor fremosa, oi eu dicer              |
| 159 | Señor fremosa, que de coraçon           |
| 158 | Señor, non poso eu xa per nulla ren     |
| 81  | Sexo eu, fremosa, con mui gran pesar    |
| 172 | —Tal vai o meu amigo                    |
| 91  | Tres moças cantaban de amor             |
| 61  | Triste anda, mia madre, o meu amigo     |
| 83  | Triste ando eu, belida, e ben volo digo |
| 96  | Un cabalo non comeu                     |
| 177 | Un cantar novo de amigo                 |
| 92  | Unha moça namorada                      |
| 189 | Unha pastor ben tallada                 |
| 187 | Unha pastor se queixaba                 |
| 88  | Valamos, irmana, valamos dormir         |
| 194 | Vedes, amigos ,qué de perdas hei        |
| 47  | Ven un ricohome das truitas             |
| 179 | Vexo eu mui ben que por amor            |
| 49  | —Véxovos, filla, tan de coraçón         |
| 28  | Vi eu donas,señor , en cas de El Rei    |
| 61  | Vi eu, mia madre, andar                 |
| 40  | —¿Vistes, madre, o escudeiro            |
| 176 | Xohan Baveca e Pero de Ambros           |
| 69  | —Xohan Baveca, fé que vós debedes,      |
| 102 | Xohán Fernández, o mundo é tornado      |

Índice de persoas ..... 213

Índice de lugares ..... 217

Índice de primeiros versos ..... 217

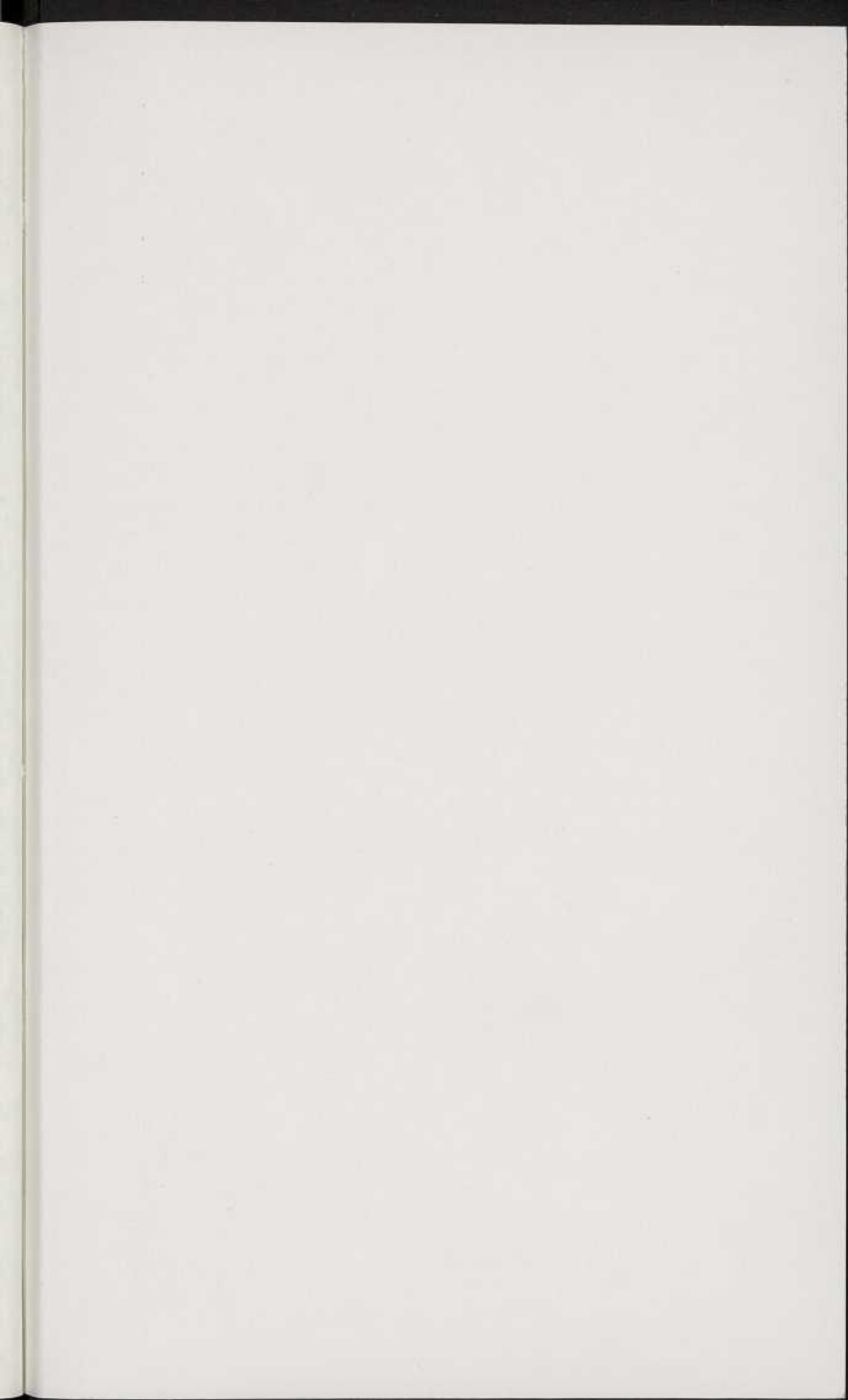


|     |   |     |
|-----|---|-----|
| 184 | — | 28  |
| 185 | — | 29  |
| 186 | — | 30  |
| 187 | — | 31  |
| 188 | — | 32  |
| 189 | — | 33  |
| 190 | — | 34  |
| 191 | — | 35  |
| 192 | — | 36  |
| 193 | — | 37  |
| 194 | — | 38  |
| 195 | — | 39  |
| 196 | — | 40  |
| 197 | — | 41  |
| 198 | — | 42  |
| 199 | — | 43  |
| 200 | — | 44  |
| 201 | — | 45  |
| 202 | — | 46  |
| 203 | — | 47  |
| 204 | — | 48  |
| 205 | — | 49  |
| 206 | — | 50  |
| 207 | — | 51  |
| 208 | — | 52  |
| 209 | — | 53  |
| 210 | — | 54  |
| 211 | — | 55  |
| 212 | — | 56  |
| 213 | — | 57  |
| 214 | — | 58  |
| 215 | — | 59  |
| 216 | — | 60  |
| 217 | — | 61  |
| 218 | — | 62  |
| 219 | — | 63  |
| 220 | — | 64  |
| 221 | — | 65  |
| 222 | — | 66  |
| 223 | — | 67  |
| 224 | — | 68  |
| 225 | — | 69  |
| 226 | — | 70  |
| 227 | — | 71  |
| 228 | — | 72  |
| 229 | — | 73  |
| 230 | — | 74  |
| 231 | — | 75  |
| 232 | — | 76  |
| 233 | — | 77  |
| 234 | — | 78  |
| 235 | — | 79  |
| 236 | — | 80  |
| 237 | — | 81  |
| 238 | — | 82  |
| 239 | — | 83  |
| 240 | — | 84  |
| 241 | — | 85  |
| 242 | — | 86  |
| 243 | — | 87  |
| 244 | — | 88  |
| 245 | — | 89  |
| 246 | — | 90  |
| 247 | — | 91  |
| 248 | — | 92  |
| 249 | — | 93  |
| 250 | — | 94  |
| 251 | — | 95  |
| 252 | — | 96  |
| 253 | — | 97  |
| 254 | — | 98  |
| 255 | — | 99  |
| 256 | — | 100 |

## INDICE XERAL

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Limiar ... ..                     | 7   |
| Proloquio do colector ... ..      | 11  |
| Escolma ... ..                    | 17  |
| Glosario ... ..                   | 201 |
| Bibliografía consultada ... ..    | 209 |
| Indice de persoas ... ..          | 213 |
| Indice de logares ... ..          | 215 |
| Indice de primeiros versos ... .. | 217 |

REMATOUSE DE IMPRENTAR  
NOS TALLERES DO «FARO  
DE VIGO» O DIA 31 DE  
XANEIRO DO ANO 1953.





ESCOLMA  
DE  
POESIA  
GALGA

I



BIBLIOTECA

GALAXIA





9 788498 650976



EDITORIAL GALAXIA